

SISTEMAS DE GESTÃO
E AÇÕES DO NÚCLEO GESTOR
A experiência do Programa
Idiomas sem Fronteiras

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

REITORA Sandra Regina Goulart Almeida

VICE-REITOR Alessandro Fernandes Moreira

EDITORA UFMG

DIRETOR Flavio de Lemos Carsalade

VICE-DIRETORA Camila Figueiredo

CONSELHO EDITORIAL

Flavio de Lemos Carsalade (PRESIDENTE)

Ana Carina Utsch Terra

Antônio de Pinho Marques Júnior

Antônio Luiz Pinho Ribeiro

Camila Figueiredo

Carla Viana Coscarelli

Cássio Eduardo Viana Hissa

César Geraldo Guimarães

Eduardo da Motta e Albuquerque

Élder Antônio Sousa e Paiva

Helena Lopes da Silva

João André Alves Lança

João Antônio de Paula

José Luiz Borges Horta

Lira Córdova

Maria de Fátima Cardoso Gomes

Renato Alves Ribeiro Neto

Ricardo Hiroshi Caldeira Takahashi

Rodrigo Patto Sá Motta

Sergio Alcides Pereira do Amaral

Sônia Micussi Simões

CAED-UFMG

DIRETORA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Eliane Marina Palhares Guimarães

DIRETORA ADJUNTA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA DA UFMG

Maria das Graças Moreira

COORDENADORA DA UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB/UFMG

Sônia Maria Nunes Viana

DENISE MARTINS DE ABREU-E-LIMA
WALDENOR BARROS MORAES FILHO
CHRISTINE NICOLAIDES
GLADYS QUEVEDO-CAMARGO
ELAINE MARIA SANTOS
ORGANIZADORES

SISTEMAS DE GESTÃO
E AÇÕES DO NÚCLEO GESTOR
A experiência do Programa
Idiomas sem Fronteiras

(EDITORAufmg)

© 2021, Os autores
© 2021, Editora UFMG

Este livro, ou parte dele, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização escrita do Editor.

COORDENAÇÃO EDITORIAL	Jerônimo Coelho
DIREITOS AUTORAIS	Anne Caroline Lana da Silva
COORDENAÇÃO DE TEXTOS	Lira Córdova
PRODUÇÃO GRÁFICA	Warren Marilac
PRODUÇÃO EDITORIAL	Michel Gannam
PREPARAÇÃO DE TEXTOS	Lúcia de Salvo Oliveira e Michel Gannam
REVISÃO DE PROVAS	Vinícius Fernandes
FORMATAÇÃO E CAPA	Sérgio Luz

S623 Sistemas de gestão e ações do núcleo gestor : a experiência do Programa Idiomas sem Fronteira / Denise Martins de Abreu-e-Lima ... [et al.], organizadores. - Belo Horizonte : Editora UFMG, 2021.

408 p. : il.

Outros organizadores: Waldenor Barros Moraes Filho, Christine Nicolaides, Gladys Quevedo-Camargo, Elaine Maria Santos.

ISBN: 978-65-5858-032-4

Inclui bibliografia.

1. Ensino a distância. 2. Linguagem - Política governamental.
3. Programa Idiomas sem Fronteiras (Brasil). I. Abreu-e-Lima, Denise Martins de. II. Moraes Filho, Waldenor Barros. III. Nicolaides, Christine. IV. Quevedo-Camargo, Gladys, 1964-. V. Santos, Elaine Maria.

CDD: 371.5

CDU: 37.018.43

Ficha catalográfica elaborada por Vilma Carvalho de Souza – Bibliotecária – CRB-6/1390.

EDITORA UFMG

Av. Antônio Carlos, 6.627 | CAD 2 | Bloco 3
Campus Pampulha | 31270-901
Belo Horizonte-MG | Brasil
Tel. +55 31 3409-4650 | Fax +55 31 3409-4768
www.editoraufmg.com.br | editora@ufmg.br

CENTRO DE APOIO À EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA DA UFMG (CAED-UFMG)

Av. Antônio Carlos, 6.627 | Unidade Administrativa III
Térreo | Sala 115 | Campus Pampulha 31270-901
Belo Horizonte-MG | Brasil Telefax +55 31 3409-5526
ead@ufmg.br

AGRADECIMENTOS

À Andifes, por ter tomado a iniciativa de propor para a SESu a criação do GT Inglês sem Fronteiras.

À SESu-MEC e à Capes, por terem possibilitado que o IsF se concretizasse.

Aos gestores governamentais e institucionais, que acreditaram na dimensão do programa e deram força e estrutura para que ele acontecesse.

Aos parceiros internacionais e nacionais, que investiram esforços e confiaram no potencial do programa para que ele tivesse força em todos os idiomas.

Aos membros do Núcleo Gestor, especialistas, consultores e técnicos, que abraçaram o desafio da gestão nacional, com sentimento de orgulho do que o programa pode proporcionar a milhares de brasileiros e estrangeiros.

Aos coordenadores gerais e pedagógicos, especialistas de línguas estrangeiras, que, pela ousadia e compromisso, criaram a rede que temos hoje, sabendo que é ela a força maior do programa.

Aos que fizeram o IsF se modificar e evoluir por meio de suas críticas e sugestões, por permitirem que pudéssemos ponderar sobre questões pertinentes ao ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras no Brasil.

Aos professores do IsF, pela dedicação com que participaram da formação do programa, aprendendo e ensinando com paixão de quem quer fazer a diferença.

Aos alunos do IsF, nossa razão de existir, por prestigiarem as ações do programa e terem usufruído dessa oportunidade.

A todos vocês, dedicamos este livro, pois ajudaram a construir a história do IsF.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	
<i>Os organizadores</i>	11
Parte 1	
SISTEMAS DE GESTÃO DO NÚCLEO GESTOR DO PROGRAMA IDIOMAS SEM FRONTEIRAS	
SISTEMAS DE GESTÃO E AÇÕES DO NÚCLEO GESTOR	
A experiência do Programa Idiomas sem Fronteiras	
<i>Denise Abreu-e-Lima</i>	
<i>Waldenor Barros Moraes Filho</i>	
<i>Virgilio Pereira Almeida</i>	
<i>Avram Stanley Blum</i>	17
O USO DE AMBIENTES E FERRAMENTAS VIRTUAIS PARA A CRIAÇÃO DA REDE DE ESPECIALISTAS DO PROGRAMA IDIOMAS SEM FRONTEIRAS	
<i>Gabriela Rossetti Montini</i>	
<i>Denise Abreu-e-Lima</i>	65
Parte 2	
OS PROCESSOS DE GESTÃO PEDAGÓGICA DO PROGRAMA IDIOMAS SEM FRONTEIRAS	
ORIENTAÇÃO ON-LINE DE PROFESSORES DE INGLÊS DO ISF	
Princípios norteadores e proposta pedagógica	
<i>Valeska Virginia Soares Souza</i>	
<i>Adriana de Carvalho Kuerten Dellagnelo</i>	
<i>Junia de Carvalho Fidelis Braga</i>	101

CATÁLOGO DE CURSOS DO ISF
Unidade nacional
Junia de Carvalho Fidelis Braga
Valeska Virgínia Soares Souza
Adriana de C. Kuerten Dellagnelo 123

O CATÁLOGO NACIONAL DE CURSOS ISF
Uma análise inicial das ofertas
Ana Raquel Aires Montenegro
Waldenor Barros Moraes Filho
Denise Abreu-e-Lima 143

O IMPACTO DO ISF-INGLÊS NA FORMAÇÃO
DE ESPECIALISTAS E PROFESSORES DE INGLÊS
NA GESTÃO PEDAGÓGICA DO PROGRAMA
Elaine Maria Santos
Rodrigo Belfort Gomes 167

O TESTE TOEFL ITP NO CONTEXTO DO PROGRAMA
IDIOMAS SEM FRONTEIRAS E O DESENVOLVIMENTO
DO NÍVEL DE PROFICIÊNCIA EM LÍNGUA INGLESA
Tatiana Vasconcelos Brick
Mário Nunes 195

Parte 3

O PROGRAMA IDIOMAS SEM FRONTEIRAS E AS PROPOSTAS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E DE COMPARTILHAMENTO DE EXPERIÊNCIAS

PROGRAMA IDIOMAS SEM FRONTEIRAS E
O CURSO DE DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL A DISTÂNCIA
PARA PROFESSORES ISF-INGLÊS
Avram Stanley Blum
Denise Abreu-e-Lima
Mateus Mariano Duarte Marques
Ákila Júnía Arruda Arcanjo 225

O DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS DOS PROFESSORES ISF-INGLÊS Um breve panorama nacional <i>Tatiana Vasconcelos Brick</i> <i>Waldenor Barros Moraes Filho</i>	245
O PROJETO LETRAS SEM FRONTEIRAS PILOTO Impactos para a formação docente em língua estrangeira <i>Mariana Pérez</i> <i>Viviane Bagio Furtoso</i> <i>Denise Abreu-e-Lima</i>	279
OS ENCONTROS INTERNUCLI NO PROGRAMA IDIOMAS SEM FRONTEIRAS Encontros e intersecções <i>Elaine Maria Santos</i> <i>Rodrigo Belfort Gomes</i> <i>Beatriz Gama Rodrigues</i> <i>Eva Caroline da Cunha</i> <i>Mariana Pérez</i> <i>Sérgio Ifa</i> <i>Vânia Soares Barbosa</i>	307
EXPANDINDO O PROGRAMA ISF PARA PROFESSORES DE INGLÊS DA ESCOLA BÁSICA Experiências, impactos e possibilidades <i>Mariana Pérez</i> <i>Ana Carolina Bastos</i>	345

Parte 4
IMPACTO DAS AÇÕES DO PROGRAMA NA FORMAÇÃO
ACADÊMICO-CIENTÍFICA DAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS
CREDENCIADAS AO PROGRAMA

DELINEANDO OS LEGADOS DO PROGRAMA IDIOMAS SEM FRONTEIRAS NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DA ÁREA DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS <i>William Kirsch</i> <i>Marine Laísa Matte</i> <i>Simone Sarmento</i>	365
INTEGRAÇÃO DE LÍNGUA E CONTEÚDO NO CONTEXTO DO IDIOMAS SEM FRONTEIRAS <i>Simone Sarmento</i> <i>Ana Luiza Pires de Freitas</i> <i>Laura K. Baumvol</i>	389
SOBRE OS AUTORES	405

APRESENTAÇÃO

Este é o quarto livro do Programa IsF que apresenta o desenvolvimento, a abrangência e o impacto do Programa Idiomas sem Fronteiras (IsF) nas comunidades acadêmicas de muitas instituições de ensino superior brasileiras. Neste volume especificamente, o foco é descrever e refletir sobre as decisões e as ações relativas à gestão que se mostraram necessárias para o funcionamento do programa do ponto de vista do Núcleo Gestor, propriamente dito, das equipes de coordenação pedagógica e do impacto na formação dos alunos-professores e na comunidade acadêmico-científica das universidades, sempre sob a ótica do movimento nacional.

O Programa Idiomas sem Fronteiras, iniciado em 2012 como Inglês sem Fronteiras, foi ampliado para abranger outros idiomas em 2014. Por se tratar de um programa nacional, a unidade desejada só é alcançada com uma uniformidade de práticas e ações, de modo que modelos sejam disponibilizados e padrões possam ser construídos. Trabalhar o ensino de línguas de forma local implica soluções locais e resultados mais facilmente coletados. No entanto, quando estabelecemos uma rede de especialistas em caráter nacional, as soluções não podem ser fragmentadas, para que os resultados possam ser compartilhados, é necessário que novos planejamentos sejam conduzidos de maneira coletiva e integrada, o que não é possível sem que um sistema de gestão esteja interconectado, e seus fundamentos sejam amplamente conhecidos pela comunidade. Em decorrência do sucesso do desenho de gestão, a sua divulgação é de suma importância, tanto para que os passos percorridos sejam registrados, quanto para que os resultados obtidos e os ajustes feitos auxiliem a comunidade

acadêmica que participa do programa, bem como todos os pesquisadores interessados em conhecer um pouco mais sobre o IsF ou que desenvolvam projetos similares.

Para a melhor compreensão do sistema de gestão que foi gerado para o IsF, é importante destacar que toda a gestão do programa foi feita de modo que fosse possível cadastrar ementas e cursos, abrir turmas, fazer inscrição, ensalamentos e listagem de alunos contemplados nos cursos, administração de diários de classe, impressão de certificados, bem como cadastro, inscrição e resultados de provas TOEFL ITP, entre outras tantas ações e relatórios que foram criados desde 2012. Os acompanhamentos locais feitos pelos coordenadores dos NuCLis auxiliaram nesse processo de gestão nacional, com o compartilhamento de práticas e de experiências e desdobramentos que culminaram em projetos adicionais que enriqueceram o IsF. Assim, cada texto pôde cobrir o sistema que foi desenhado para cada parte do programa, merecendo, dessa forma, uma atenção e análise especial.

Para demonstrar o trabalho executado pelo Núcleo Gestor IsF, este livro apresenta o resultado de ações e projetos organizados pelos especialistas de língua estrangeira e os técnicos especialistas que atuaram no âmbito da gestão nacional. Também reportaremos duas experiências exitosas de dois NuCLis do Brasil que devem ser tomadas como exemplo de gestão local. O livro está dividido em quatro partes, ficando a primeira responsável por discutir os “Sistemas de gestão do Núcleo Gestor do Programa Idiomas sem Fronteiras”. No primeiro texto, foi feita a apresentação dos sistemas de gestão utilizados pelo IsF e as ações do Núcleo Gestor que foram capazes de auxiliar os coordenadores de cada NuCLi a melhor administrar as suas unidades. Foram discutidos os percursos pelos quais o programa passou e as soluções apresentadas e compartilhadas com as 141 instituições de ensino superior brasileiras afiliadas, tendo em vista sempre o objetivo

de trabalhar com a internacionalização e o contexto acadêmico, a partir de projetos de formação de qualidade e de ações que visam a melhoria de proficiência linguística da comunidade acadêmica contemplada. No segundo texto, apresentamos os ambientes e ferramentas virtuais que foram responsáveis pela criação da rede de especialistas do IsF.

A segunda parte aborda os processos de gestão pedagógica do IsF. Nessa seção, há cinco textos em que serão descritos: a orientação on-line realizada pela equipe de especialistas de inglês do Núcleo Gestor; o trabalho realizado para unificar os cursos propostos no IsF-Inglês em um catálogo nacional; a apresentação e a análise de resultados obtidos pelo sistema de gestão sobre a oferta de cursos do catálogo nacional, discutidas regionalmente; a experiência bem-sucedida de gestão pedagógica do NuLi da UFS; e a avaliação da aplicação dos testes TOEFL ITP em conjunto com outras ações do programa.

Na terceira parte do livro, “O Programa Idiomas sem Fronteiras e as propostas de formação de professores e de compartilhamento de experiências”, há cinco textos: um narrando a experiência do Curso de Desenvolvimento Profissional a distância para os professores IsF-Inglês; a pesquisa realizada como dissertação de mestrado em que se descrevem as competências dos professores do IsF-Inglês desenvolvidas com a experiência no programa; a descrição do projeto-piloto de intercâmbio de professores de língua estrangeira proposto pelo Núcleo Gestor – o Letras sem Fronteiras; os laços criados pela rede de especialistas e o impacto do programa na formação acadêmico-científica dos professores por intermédio dos encontros promovidos – InterNuLis; e o compartilhamento de outra experiência exitosa de um NuLi na integração e inclusão de professores de inglês da educação básica nas ações do IsF da UFPB.

Na quarta e última parte do livro, “Impacto das ações do programa na formação acadêmico-científica das universidades

brasileiras credenciadas ao programa”, há dois artigos que abordam o impacto do IsF na produção acadêmico-científica e a integração de língua e conteúdo (Língua Estrangeira como Meio de Instrução, LEMI) no contexto do programa. Esperamos que essas experiências possam inspirar e motivar mais especialistas a nos auxiliar neste movimento nacional.

Os organizadores

Parte 1

SISTEMAS DE GESTÃO DO NÚCLEO GESTOR DO
PROGRAMA IDIOMAS SEM FRONTEIRAS

DENISE ABREU-E-LIMA
WALDENOR BARROS MORAES FILHO
VIRGILIO PEREIRA ALMEIDA
AVRAM STANLEY BLUM

SISTEMAS DE GESTÃO E AÇÕES DO NÚCLEO GESTOR

A experiência do Programa Idiomas sem Fronteiras

Introdução

O Programa Idiomas sem Fronteiras¹ permitiu que especialistas da área de ensino e aprendizagem de idiomas pudessem, pela primeira vez, ser responsáveis pela organização e gestão de um programa em âmbito nacional. Se, por um lado, é desejável que programas específicos, como o IsF, sejam geridos por especialistas da área, por outro, deve-se considerar que não necessariamente os especialistas tenham conhecimento de gestão para fazê-lo. Vale lembrar que o programa foi iniciado por uma proposta da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes) à Secretaria de Educação Superior (SESu) do Ministério da Educação (MEC) à época da implementação do Programa Ciência sem Fronteiras – CsF (Brasil, 2011), do governo federal, como uma das soluções para auxiliar a comunidade acadêmica na proficiência em inglês. Para desenhar o que viria a

se tornar o Programa IsF, a SESu instituiu o Grupo de Trabalho – Inglês sem Fronteiras (GT) pela Portaria 105/2012 (MEC, 2012), composto por dois especialistas de 10 universidades, um de língua inglesa e outro de Educação a Distância (EaD), universidades essas que demonstrassem *expertise* em ambas as áreas. Esse grupo de especialistas, então, pode compreender as dificuldades enfrentadas no CsF e desenhar ações que pudessem auxiliar não somente o CsF, mas também outros programas de mobilidade acadêmica. Em reuniões consecutivas durante o ano de 2012, o GT articulou junto às agências de fomento, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), soluções que subsidiaram o CsF para atingir as principais metas do programa.

Nas reuniões do GT, ficou claro que, para gerenciar um programa nacional, com tantas universidades envolvidas, seria necessário verificar, no escopo do grupo, quem possuía conhecimento das especificidades dessas instituições, bem como quem já tivesse alguma experiência em gestão. Formava-se à época o primeiro Núcleo Gestor (NG), composto por 3 membros: um presidente e dois vices, sendo um vice representante da área de língua inglesa e outro de EaD. A presidente tinha formação específica nas duas áreas e também já havia sido presidente do Fórum de Coordenadores da Universidade Aberta do Brasil (UAB) por duas gestões; o vice de língua inglesa, havia ocupado inúmeros cargos de gestão, tendo sido presidente do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Graduação (ForGrad) por duas gestões; e o vice de EaD, além de coordenador UAB, já havia participado dos comitês do Fórum de Coordenadores UAB e de outros cargos de gestão de sua instituição.

A ideia era permitir que especialistas, com experiência em gestão, pudessem organizar as ações e articular com a SESu, a Secretaria Executiva do MEC, a Capes e o CNPq, a definição da estrutura e as formas de implantação do programa. Foram nove meses de

intenso trabalho para se conseguir um formato que pudesse atender às exigências dos governantes e às necessidades do CsF, levando em consideração a visão da área de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras e de formação de professores. Em dezembro de 2012, era lançado, dessa forma, o Programa Inglês sem Fronteiras, reunindo ações das agências e também propostas pelo GT.

Só foi possível avaliar a dimensão do trabalho e dos esforços a serem despendidos na gestão do programa quando nos encontramos totalmente imersos no contexto da gestão administrativa federal. Nem mesmo as experiências anteriores poderiam dar ao NG alguma noção do que ele enfrentaria nos sete anos em que esteve em funcionamento sob a tutela do governo federal em meio a turbulências políticas, greves das instituições e mudanças de gestores.

Não é nossa intenção dizer que todas as ações implementadas pelo NG foram bem-sucedidas e que foram totalmente planejadas, pois seria presunção de nossa parte. Ainda estamos aprendendo e, com certeza, há muito a ser feito e melhorado para que o programa tenha mais efetividade e mais organicidade. É importante, assim, relatar o processo de implantação e gerenciamento do IsF, pois a falta de relatos sobre essas experiências acaba por não mostrar a possibilidade de se aprender fazendo, de se mostrarem caminhos que podem ser seguidos por outros programas que venham a surgir.

O objetivo deste livro, portanto, é compartilhar os percursos e as soluções encontradas para os desafios que se apresentaram na gestão de um programa que reuniu 141 Instituições de Ensino Superior (IES) Brasileiras, 10 parceiros internacionais, mais de 400 especialistas e 1.200 professores de idiomas em formação, de 7 idiomas, distribuídos em todo o território nacional. Neste texto, abordaremos como o Núcleo Gestor foi composto ao longo dos sete anos, que tipo de ferramentas utilizamos para organizar as ações, como organizamos e compartilhamos as informações e quais

podem ser os próximos passos para que a rede criada possa continuar atuando no Brasil, em parceria com especialistas estrangeiros, para permitir o acesso da comunidade acadêmica a uma formação de qualidade, buscando a melhoria de sua proficiência linguística.

Parâmetros de gestão administrativa

Antes de abordarmos o que foi realizado no programa, vale salientar alguns pontos que podem facilitar a compreensão do que poderia ter sido feito no programa antes que ele fosse desenhado. Apesar da experiência em gestão, nenhum dos membros do NG tinha formação específica em gestão pública. Ao longo do processo de implantação das ações, tivemos contato com especialistas da área, que puderam compartilhar informações e orientações importantes que deveriam ter sido levadas em consideração antes da formação do NG e do próprio desenho. Não vamos nos ater a detalhes técnicos específicos, mas é importante compartilhar algumas reflexões para que outros especialistas que decidam se aventurar no âmbito da gestão pública possam se beneficiar da nossa experiência.

Embora o NG não tenha pautado as ações de implementação do programa em parâmetros teórico-conceituais específicos para o desenho e políticas públicas, a configuração do IsF seguiu modelos clássicos de desenvolvimento de projetos. Não obstante, publicações sobre concepção e implantação de políticas públicas a que o NG teve acesso ao longo da execução do programa sinalizam alinhamento com relação à metodologia adotada.

Uma dessas publicações é o manual de avaliação de políticas públicas do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – Ipea (2018)². Em nosso ponto de vista, esse e outros manuais da série são instrumentos importantes para se pensar e planejar um

programa no âmbito da gestão pública. Um dos pontos mais relevantes apresentados no documento de avaliação *ex post* está no modelo lógico do fluxo de avaliação executiva a respeito da política pública implementada. Segundo o referido manual,

de modo sucinto, o modelo lógico é formado por cinco componentes – insumos, processos, produtos, resultados e impactos – e exige a lógica casual entre eles, explicitando os mecanismos por meio dos quais visa-se obter os resultados e impactos indicados a curto, médio e longo prazos. Isso permite testar a consistência do encadeamento lógico desses componentes, orientando e identificando fragilidades para a execução com foco nos resultados e impactos pretendidos (Ipea, 2018b, p. 59).

Esse modelo lógico pode ser assim apresentado pela Figura 1:

Figura 1 - Componentes do modelo lógico



Fonte: Ipea, 2018b, p. 59.

De acordo com a avaliação realizada do Programa IsF, pode-se indicar o seguinte quadro:

Quadro 1 - Modelo lógico do Programa IsF

Insumos	Processos	Produtos	Resultados	Impactos
Portaria nº 30/2016	Editais de credenciamento de IES como NuLi-HsF	Criação e aparelhamento de NuLi-HsF nas IES	Institucionalização de NuLi-HsF e articulação com os Centros de Idiomas nas IES	Fortalecimento da política de internacionalização da Educação Superior
Recursos de custeio e capital	Descentralização de recursos de custeio e capital às universidades federais e estaduais no âmbito da Ação PDU Internacionalização	Criação e aparelhamento de NuLi-HsF nas IES	Institucionalização de NuLi-HsF e articulação com os Centros de Idiomas nas IES	Fortalecimento da política de internacionalização da Educação Superior
Sistema IsF-Gestão	Inscrição da comunidade acadêmica em cursos presenciais e on-line e nas avaliações diagnósticas de proficiência linguística; Gestão das ofertas pelas IES	Oferta de vagas e ajuste de cursos por IES; Inscrição dos candidatos para realização de cursos e testes; Acesso à informação sobre os locais dos cursos presenciais e de aplicação de testes; Classificação e seleção dos candidatos para cursos presenciais e testes; Formação e ocupação das turmas dos cursos; Gerenciamento de pessoal docente e administrativo de cada NuLi-HsF; Acompanhamento acadêmico-administrativo dos alunos dos cursos; Emissão de relatórios gerenciais e de acompanhamento sobre as ações da política	Otimização do gerenciamento das ofertas de cursos pelas IES, monitoramento pelo Núcleo Gestor do Programa IsF e emissão de relatórios gerenciais e de acompanhamento e apoio à avaliação das ações da política	Proporcionar informações precisas e em tempo real e possibilitar a gestão mais eficiente das ações da política

Cursos presenciais e on-line de idiomas estrangeiros	Editais de processo seletivo para participação da comunidade acadêmica em cursos presenciais e on-line de idiomas estrangeiros	Oferta de cursos presenciais (alemão, espanhol, francês, inglês, italiano, japonês); Oferta de cursos on-line (alemão, italiano e inglês); Oferta de tutoria para cursos on-line de idiomas estrangeiros	Aumento da proficiência da comunidade acadêmica em idiomas estrangeiros	Aperfeiçoamento linguístico da comunidade acadêmica em idiomas estrangeiros
Cursos presenciais de português como língua estrangeira (PLE/A)	Editais de processo seletivo para participação da comunidade acadêmica em cursos presenciais de PLE/A	Oferta de cursos presenciais de PLE/A	Formação e capacitação de estrangeiros em língua portuguesa e aumento da sua proficiência em PLE/A	Aperfeiçoamento linguístico de estrangeiros em PLE/PLA, em sintonia com outros programas governamentais de mobilidade internacional como MARCA e PEC-G
Acordos de cooperação técnica e memorandos de entendimento com parceiros internacionais e privados para apoio à operacionalização das ações da política	Parcerias para realização de ações da política em conjunto com parceiros internacionais	Acordos de cooperação técnica e memorandos de entendimento celebrados, visando a execução de ações	Oferta de cursos e testes não envolvendo repasse de recursos financeiros; Apoio e fomento à mobilidade internacional da comunidade acadêmica	Ampliação da participação da comunidade acadêmica em programas de mobilidade internacional; Fortalecimento das licenciaturas e da formação de professores de idiomas estrangeiros
Aquisição de testes de proficiência em inglês (TOEFL ITP e TOEIC Bridge) via contratação direta por inexigibilidade de licitação	Editais de aplicação de testes de proficiência/nivelamento linguístico	Aplicação de testes de proficiência/nivelamento linguístico (inglês)	Avaliação diagnóstica do nível de proficiência em inglês da comunidade acadêmica; Nivelamento linguístico da comunidade acadêmica	Proporcionar panorama da proficiência em inglês da comunidade acadêmica nas IES brasileiras

Concessão de bolsas, via Capes, a coordenadores gerais e pedagógicos IsF	Nomeação de coordenadores gerais e pedagógicos pelas IES	Formação de rede de coordenadores IsF para troca e compartilhamento de experiências sobre internacionalização do ensino superior	Gestão dos NuLi-IsF e participação/execução da formação inicial e continuada de professores de Letras – LI	Aumento do número de professores capacitados para atuar no exercício da docência de idiomas estrangeiros
Concessão de bolsas, via Capes, a professores IsF de Letras – Língua Inglesa (LI)	Processo seletivo de professores bolsistas de Letras – LI ou LE para atuarem nos NuLi-IsF e na oferta de cursos	Formação de professores pré-serviço de Letras – LI como residência docente	Formação inicial e continuada de professores de Letras – LI para atuação no mercado profissional e na Educação Básica	Aumento do número de professores capacitados para atuar no exercício da docência de idiomas estrangeiros

Fonte: Relatório executivo do Programa IsF.

O quadro anterior, apesar de não abranger todas as ações do IsF, confirma a sintonia entre o modelo lógico apresentado no manual do Ipea e a efetiva implementação do programa.

O Idiomas sem Fronteiras se desenvolveu com base em um constante e profícuo diálogo entre o NG, os especialistas das instituições de ensino credenciadas, órgãos governamentais e demais parceiros, a partir do projeto base elaborado pelo grupo de trabalho original, em uma perspectiva dinâmica e articulada *bottom-up* e *top-down*. Diante desse cenário, algumas metas foram previstas desde o início da implementação do programa, mas outras acabaram surgindo ao longo do percurso, não tendo sido totalmente desenhadas no início do programa. Uma delas, a principal no ponto de vista do NG, foi referente à formação de professores. Os documentos iniciais não apontavam diretamente para isso. Não porque não era desejo dos especialistas, mas porque não era o foco principal do governo à época. Com o passar dos anos e da implementação do IsF, essa ação não pôde ser ignorada e nem deixar de ser registrada nos documentos oficiais. Essa oficialização só veio a ocorrer na terceira versão da portaria, que

confirmava a inclusão dos idiomas e ampliava o escopo de atuação do programa (Brasil, 2016a).

Outro documento que se mostrou importante para o NG foi um resumo executivo produzido por Williamson (2015)³ sobre como organizar ações em países que enfrentam situações de desafio para implementar programas de administração. Esse trabalho de Williamson vem compor uma série de iniciativas da *Overseas Development Institute* (ODI)⁴, um *Think Tank*⁵ destinado a prover soluções e ideias, por meio de pesquisas e parcerias, para enfrentar desafios, desenvolver soluções e promover mudanças em locais que mais necessitam de ajuda. Nesse documento, Williamson sugere um roteiro de dez passos a serem seguidos para que uma política pública seja efetiva. São eles:

1. Inicie com um problema e uma oportunidade, não com uma solução que dê conta de tudo;
2. Compreenda o problema e o espaço para a solução pretendida;
3. Dê pequenos passos, mas saiba aonde quer chegar;
4. Inicie os processos e sistemas de forma correta e os mantenha;
5. Aprenda e adapte-se para não cair em armadilhas;
6. Decida quando, o que e como formalizar;
7. Conecte os pontos;
8. Não tente implementar sozinho;
9. Aqueles que têm autoridade promovem e protegem o ambiente para a mudança;
10. Busque e adapte orientações externas.⁶

Mais uma vez, mesmo sem acesso a esse documento antes da efetiva implementação do IsF, a dinâmica do programa reflete todos os passos descritos:

1. **Inicie com um problema e uma oportunidade, não com uma solução que dê conta de tudo.** O GT e o NG do programa tinham consciência de que apesar de a área de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras (LE) bem como a de formação de professores de LE estivessem carentes de propostas governamentais, tínhamos que nos ater à necessidade específica do governo com a qual havíamos sido chamados a contribuir: auxiliar os candidatos do Programa Ciência sem Fronteiras (CsF) impedidos de participar da mobilidade por falta de proficiência linguística. Houve várias discussões com os colegas especialistas à época, insatisfeitos com o foco inicialmente proposto, mas entendemos ser aquela uma oportunidade para podermos demonstrar, com o passar do tempo, a necessidade de ações sustentáveis de longo prazo visando colaborar com o desenvolvimento da proficiência linguística da comunidade acadêmica e investir no que julgássemos ser necessário para mudanças estruturantes no ensino de LE no país. Outra questão deve ser mencionada: muito embora soubéssemos que a estratégia para o enfrentamento do desafio linguístico deveria envolver a Educação Básica, não tínhamos condições nem espaço político para propor ações que envolvessem toda a complexidade da educação no Brasil, haja vista que o escopo em que poderíamos atuar se limitava à Educação Superior (ES).
2. **Compreenda o problema e o espaço para a solução pretendida.** Um mapeamento da situação do ensino de língua estrangeira no ensino superior possibilitou a compreensão mais aprofundada do problema que deveria ser enfrentado. Como apontado, teríamos que atuar na Educação Superior e, ainda, compreender que a SESu tem um escopo específico – as universidades federais. Embora as universidades estaduais e os institutos federais sejam instituições públicas de ensino

superior (Ipes), eles respondem a setores de fomento e regulação distintos das universidades federais. A SESu fomenta as universidades federais, sendo as universidades estaduais de responsabilidade dos respectivos governos estaduais; já os institutos federais são fomentados por outra secretaria no âmbito do MEC – a Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (Setec). Durante os primeiros quatro anos do programa (2013-2016), atuamos exclusivamente nas universidades federais, sendo possível o ingresso das demais Ipes na segunda fase do programa (2017-2019), após articulações com os setores envolvidos.

3. **Dê pequenos passos, mas saiba aonde quer chegar.** O NG sabia, desde o início, que deveria se concentrar nas questões emergenciais como: 1) prover mais acesso dos acadêmicos para realizarem os testes de proficiência, já que os locais de aplicação eram limitados em território nacional, dificultando o fluxo de inscrições para o CsF, especialmente para os alunos em situação socioeconômica desfavorável; 2) auxiliar os estudantes em mobilidade na orientação e na preparação linguística para obterem os resultados desejados; e 3) prepará-los para a vivência em ambientes acadêmicos no exterior. Mas, vale acrescentar, sabíamos que seria necessário envolver questões mais estruturantes como a de formar novos profissionais para atuarem nesse campo, discutir e conscientizar sobre a importância de uma política linguística institucional que desse conta das demandas do público local e também criar uma rede de especialistas que pudessem colaborar nacionalmente para a proposição de estratégias visando o enfrentamento dos desafios apresentados. Tudo isso foi sendo construído, com muita paciência e negociação, ao longo das gestões governamentais nos sete anos de programa⁷.

4. **Inicie os processos e sistemas de forma correta e os mantenha.** A gestão governamental logo compreendeu que não era possível gerenciar um programa com a complexidade e abrangência do IsF sem um robusto sistema de gestão de processos, que permitisse visibilidade e transparência dos resultados de forma nacional e unificada. Um detalhado mapeamento de ações, com fluxogramas exaustivos, balizou o planejamento para definição de processos e sistemas com equipe interdisciplinar, envolvendo o NG e especialistas de TI do MEC. O resultado foi a gradual implementação de um Sistema de Gestão para acompanhamento de todas as ações do programa. Os processos e o Sistema de Gestão IsF foram institucionalmente indicados nas portarias do programa e na Portaria Normativa que instituiu o Sistema de Gestão IsF nº 25, de 25 de novembro de 2013.
5. **Aprenda e adapte-se para não cair em armadilhas.** A capacidade de adaptação torna-se fundamental, especialmente no contexto político-administrativo vivenciado nos sete primeiros anos do programa, com frequentes mudanças nos cargos de liderança política com poder decisório, falta de recursos, greves nas instituições credenciadas e alterações de equipe. Posicionamentos rígidos por parte do NG poderiam pôr em risco não só o espaço conquistado pelas instituições envolvidas e pela área de LE até então, como também a própria continuidade do programa. A construção de uma política pública, em um cenário instável, requer flexibilidade e capacidade de adaptação para responder a imprevistos pontuais, de modo a não comprometer o objetivo maior da política em implementação. Outro aspecto a considerar envolvia compreender as dificuldades que um programa nacional impunha às gestões em rede, muitas vezes engessando-as nas abordagens que poderiam trazer melhores resultados

locais, apesar de inviáveis nacionalmente. Essa perspectiva de adaptabilidade e de construção dinâmica caracterizou a concepção de um Sistema de Gestão implementado em etapas, sendo continuamente melhorado conforme *feedback* dos usuários até o momento presente.

6. **Decida quando, o que e como formalizar.** A formalização é importante, mas, de acordo com Williamson (2015), se ela depender do alto escalão, pode demorar e dificultar o processo de implementação de uma ação. Podemos perceber isso nos acordos internacionais com os parceiros – os Memorandos de Entendimento (MoU) – que são assinados pelo ministro da Educação e pelos gestores de alto escalão dos parceiros internacionais. As mudanças de gestão, da parte brasileira ou da parte estrangeira, acabaram por impor limitações ao processo de ampliação do programa. Um exemplo disso foram as parcerias para o IsF-Espanhol, que com tantas alterações tiveram os inícios adiados para ocasiões politicamente mais propícias. O mesmo pode-se dizer da portaria de bolsas da Capes, concedidas aos coordenadores e professores do programa. Muito embora fosse da responsabilidade do NG e da Capes formalizarem via portaria a regulamentação das bolsas do programa, após a entrega da minuta à Capes, por questões de alinhamento interno da equipe da Capes sobre valores e tipos de concessão, até o presente momento, ela não foi formalizada. Outra formalização que não foi considerada em sua fase final de assinatura ministerial foi a ampliação da portaria do programa, incluindo a possibilidade de concessão de bolsas para os outros idiomas. A portaria já havia sido aprovada em todas as instâncias internas e com sinalização favorável da Capes, uma vez que não envolveria ampliação orçamentária em si, mas realinhamento dentro do próprio orçamento

destinado ao programa. Saber como, quando e com quem formalizar as ações e procedimentos tornaram-se questões imprescindíveis para a gestão do programa. Naturalmente, o NG compreende que nada pode ser feito sem a concretização de acordos e estabelecimento de regras, tanto em nível local junto às reitorias, como em nível nacional junto aos gestores governamentais. Sabedores da necessidade de formalização institucional de políticas linguísticas por parte das IES participantes do IsF, o NG inseriu no Edital de Recredenciamento a exigência de aprovação por órgão competente em cada IES de uma Política Linguística Institucional. Tanto o cronograma quanto a metodologia para a formalização desse e de outros documentos (por meio de modelos de editais, ofícios etc.) foram definidos por editais ou por orientações complementares compartilhadas em tempo real por meio de sistemas de comunicação próprios do programa.

7. **Conecte os pontos.** Como são diferentes atores e gestores responsáveis pela execução de um programa nacional, com parcerias internacionais, é importante que se relacionem e se interconectem as diferentes perspectivas e mudanças a serem implementadas por todos os atores envolvidos. É essencial, portanto, a construção de consensos e o compartilhamento de concepções e objetivos, especialmente em um programa de cobertura nacional e com tantos *stakeholders*. Assim, tornou-se fundamental aprender a focar nos pontos de consenso, enquanto, em algumas ocasiões, foi necessário adiar etapas, que, apesar de importantes, poderiam enfraquecer ou desviar os esforços para se atingir o objetivo final. Uma dessas etapas, no caso do IsF, diz respeito à formação de professores de Idiomas da Educação Básica. Mesmo sabendo que a Portaria IsF indicava ser essa uma ação desejável e fundamental, o NG, apesar dos esforços nesse sentido, teve que adiar a

implementação dessa ação, uma vez que envolvia secretarias estaduais de educação, a Secretaria de Educação Básica (SEB) e diferentes compreensões dos especialistas sobre o foco da proposta. Importante é se ter em mente o que é preciso para conectar uma ação à outra e dar força para que o movimento se fortaleça e cresça a passos seguros, com a rede devidamente articulada.

8. **Não tente reformular sozinho.** O primeiro passo acertado do NG foi justamente o de contar com os especialistas da área de LE desde o primeiro momento. Eles são os pesquisadores que vêm, ao longo de muitos anos de estudo e pesquisa, verificando e analisando as necessidades e soluções implementadas no âmbito de ensino-aprendizagem de LE no Brasil. Qualquer contribuição de especialistas externos seria inócua se não considerasse o conhecimento produzido pelos especialistas brasileiros. Nesse sentido, muito embora não tenha sido explicitado na primeira Portaria do Programa 1.466/2012 (Brasil, 2012), na segunda versão da Portaria do Programa 973/2014 (Brasil, 2014), procuramos deixar isso bastante claro no artigo 6º, inciso I, onde se lê: “Os convênios, acordos de cooperação, ajustes ou outros instrumentos congêneres deverão necessariamente: I. Incluir especialistas dos departamentos dos Idiomas das IES nos processos de planejamento e implementação propostos”. Muito embora processos *top-down* possam dar diretriz e força, se não forem articulados com os parceiros, as chances de as diretrizes serem implementadas são pequenas. O NG sempre trabalhou com os coordenadores locais, em um diálogo dinâmico, tanto a distância, por meio das plataformas virtuais de comunicação, como presencialmente, por meio dos encontros anuais realizados pelo programa. O apoio dos parceiros internacionais também foi fundamental para que tivéssemos congruência

e ritmo na manutenção das ações, independentemente da vontade individual de um ou outro gestor.

9. **Aqueles que têm autoridade promovem e protegem o espaço para a mudança.** Qualquer mudança, quando envolve um sistema, um paradigma ou, principalmente, um programa nacional, precisa de permissão, decisão e compromisso para acontecer. Os itens 6 e 8 acima mostram por si só a importância de termos tomadores de decisão comprometidos e envolvidos nesse processo. De acordo com Williamson (2015, p. 7), “quando a autorização explícita é buscada, os gestores precisam compreender as implicações; senão, a autorização pode ser concedida no papel, mas não na prática, e o comportamento não será modificado.” Não foram poucas as vezes que o NG teve que enfrentar situações que, muito embora as decisões tenham sido tomadas, pouco pôde ser feito em termos de sua implementação, pois ou não houve consciência suficiente sobre os esforços a serem despendidos para que ela surtisse o efeito desejado ou as condições necessárias para que isso ocorresse não foram estabelecidas. Infelizmente, os diversos gestores, apesar dos compromissos assumidos institucionalmente, por questões de envolvimento ou por limitações externas, acabam por ofertar pouca proteção e espaço limitado para que a mudança possa realmente acontecer. Ou seja, para que as mudanças se consolidem, é fundamental o envolvimento institucional dos gestores e de toda a rede, em uma forte relação de confiança e de compromissos assumidos que se estabeleça em sintonia com a legislação, com os conceitos articulados e com as práticas locais.

10. Busque e adapte os conselhos externos. Neste quesito, o NG buscou se articular com os parceiros externos e internos para compreender as dificuldades enfrentadas e propor alternativas para adequação do programa diante das situações prementes. Principalmente na questão do gerenciamento do IsF, sendo esse modelo de gestão compartilhada (MEC-IES-NG-especialistas) algo novo para o Brasil, especialmente na área de LE, o NG buscou aconselhamento com as equipes da Associação Internacional Tesol e da *Languages Canada*, por exemplo, para compreender como essas instituições têm mantido suas gestões coesas e eficientes ao longo dos tempos. Por serem associações que congregam programas e ações em âmbito nacional e internacional, e de grandes proporções, com fins para ensino de LE, foi muito esclarecedor o intercâmbio de experiências e as decorrentes sugestões sobre possíveis soluções que poderiam ser adaptadas à estrutura do Programa IsF e à realidade dos especialistas brasileiros.

O objetivo aqui de utilizar os pontos apontados por Williamson (2015) foi o de contextualizar e dar mais visibilidade a algumas das situações enfrentadas pelo NG durante o processo de gestão. Como já mencionado, tivemos contato com esses documentos, tanto brasileiros como estrangeiros, depois de já termos iniciado o programa, o que poderia ter sido mais facilitado caso tivéssemos tido orientações dessa natureza previamente. Acreditamos que conhecer esses e outros aspectos relativos à gestão de grandes programas, antes de se iniciar qualquer processo de construção de uma política pública, pode resultar na racionalização de esforços, no fortalecimento do grupo gestor e em um menor dispêndio de energia.

A gestão de pessoas no Programa IsF

Um programa não é feito somente de leis, documentos e portarias. Por mais que eles deem as diretrizes e legalidade ao que se quer implementar, qualquer ação planejada só é possível quando pessoas se envolvem, compreendem seu papel e se articulam para transformar as metas em realidade. O Programa IsF é uma rede de profissionais, especialistas, que se uniram para uma missão coletiva, hercúlea (ao se pensar nos desafios propostos pelo programa), de se promover uma mudança estruturante no ensino de LE no país, com o foco na internacionalização. Já mencionamos aqui como foi organizada a primeira versão do NG do programa. Entretanto, ao se incluírem novos idiomas no programa, ampliando-o de Inglês sem Fronteiras para Idiomas sem Fronteiras, fez-se necessário ampliar o NG para que pudéssemos ter um diálogo com especialistas de todas as LE incluídas, a saber: alemão, espanhol, francês, inglês, italiano, japonês e português para estrangeiros.

O procedimento do NG inicial, para compor o grupo de gestão, foi semelhante ao desenvolvido para o inglês: organizava-se uma reunião entre representantes indicados pelos reitores das 10 universidades federais mais representativas no ensino daquele idioma ou com representantes de todas elas, no caso das línguas com pouca oferta de cursos de Letras, como foi o caso do alemão, do italiano e do japonês. Nessa reunião, a pauta era sempre a mesma: apresentávamos as ações do programa (oferta de cursos on-line, presenciais e administração de testes de nivelamento/proficiência) aos representantes, compartilhávamos as dificuldades e situações enfrentadas pela equipe de inglês e discutíamos a organização da LE em questão no Brasil, com o objetivo de traçar estratégias que pudessem dar estrutura para a participação no IsF. Verificávamos a possibilidade de articulação com parceiros estrangeiros

e em que medida a contribuição poderia ser agregada às ações já desenvolvidas pelos especialistas em suas IES.

A preocupação era garantir uma relação horizontal entre as partes, brasileira e estrangeira, em que a contribuição seria sempre bem-vinda, desde que se respeitasse a *expertise* brasileira e envolvesse condições para estimular o desenvolvimento e a valorização dos profissionais locais. Essas reuniões eram realizadas no âmbito do MEC e, após o desenho das ações, discutia-se como os especialistas poderiam implementá-las. Foram dois anos (2014-2015) nesse processo com os seis outros idiomas. Todas as ações executadas no programa até então tiveram caráter-piloto, sendo que, somente em 2017, ao abrir o processo de credenciamento das universidades federais e credenciamento das universidades estaduais e municipais no programa, é que se conseguiu a institucionalização de um programa plurilíngue.

Em 2016, com o lançamento da nova portaria do programa (Brasil, 2016a), institui-se o NG em seu formato ampliado (art. 4º): “um presidente; um vice-presidente com especialidade para ensino de tecnologias para educação e ensino de idiomas; um vice-presidente para cada um dos idiomas contemplados no âmbito do programa”. Seguem, no Quadro 2, os participantes do NG no âmbito da presidência:

Quadro 2 - Composição do NG

Cargo	Nome	Período
Presidência	Denise Martins de Abreu-e-Lima (UFSCar)	2012-2019
Vice-Presidência (EaD)/ tecnologias e ensino de idiomas	Wagner Corradi (UFMG)	2012-2014
	Rafael Vetromille Castro (UFPeI)	2014-2015
	Waldenor Barros Moraes Filho (UFU)	2015-2019
Vice-Presidência IsF – Inglês	Waldenor Barros Moraes Filho (UFU)	2012-2014
	Simone Sarmiento (UFRGS)	2014-2015
	Virgílio Pereira Almeida (UnB)	2015-2019
Vice-Presidência IsF – Alemão	Thiago Vitti Mariano (UFPR)	2015-2016
	Paulo Soethe (UFPR)	2016-2018
	Thiago Vitti Mariano (UFPR)	2018-2019
Vice-Presidência IsF – Espanhol	Massilias Dias (UFC)	2015-2019
Vice-Presidência IsF – Francês	Heloisa Albuquerque Costa (USP)	2016-2019
Vice-Presidência IsF – Italiano	Alessandra Caramori (UFBA)	2015-2019
Vice-Presidência IsF – Japonês	Luiz Gardenal (UFPR)	2016-2019
Vice-Presidência IsF – Português	Leandro Dlniz (UFMG)	2015-2018
	Viviane Bagio Furtoso (UEL)	2018-2019

Fonte: Dados do NG.

Ainda no âmbito do NG, a Portaria nº 30 (Brasil, 2016a) inclui representantes indicados pelas Secretarias de Educação Básica (SEB), Educação Profissional e Tecnológica (Setec), Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (Secadi) e Capes. Entretanto, nem sempre foi possível contar com esses representantes, ou por falta de interesse e conhecimento dessas Secretarias sobre as ações do programa, ou por frequente mudança de gestão

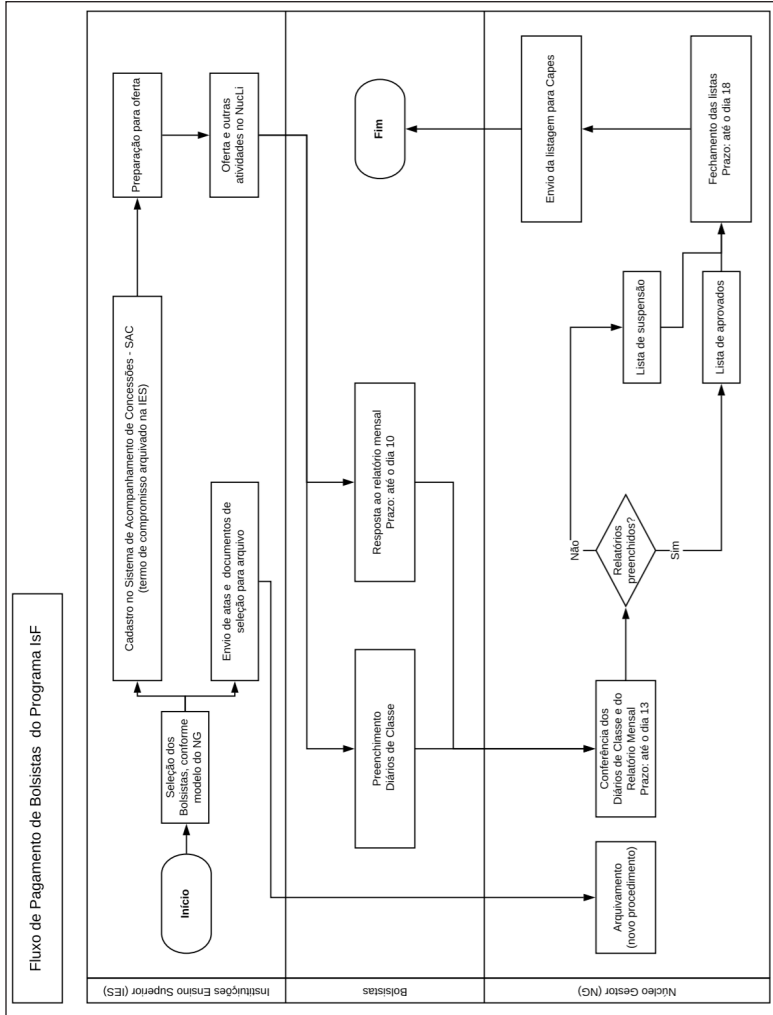
e consequentes alterações nas equipes internas. Várias reuniões foram realizadas com o NG composto pelos representantes dos idiomas, tanto virtual como presencialmente. Todas elas visavam o alinhamento das ações do programa, discussão sobre os desafios enfrentados pelos idiomas e soluções apresentadas por um idioma que poderiam beneficiar não somente um, mas todos os demais.

A gestão do programa não seria possível somente com a atuação da presidência, uma vez que os especialistas envolvidos participaram voluntariamente das ações de gestão, conforme explicitado nas portarias de nomeação, e ainda acumulavam todas as suas funções e atividades acadêmicas em suas respectivas IES.⁸ Era necessário, assim, contar com o apoio técnico de especialistas que pudessem dar sustentação à operacionalização das ações em nível nacional. Nessa equipe técnica, foram organizadas consultorias específicas na área de avaliação de sistemas, organização jurídica, organização de plataformas de comunicação e informação de dados e fluxos de trabalho, com produção de relatórios gerenciais que fornecessem dados e orientações ao NG sobre as ações tomadas e os resultados obtidos⁹. Além disso, tivemos a colaboração de alguns ex-professores bolsistas do IsF-Inglês que atuaram na gestão específica dos fluxos de trabalho da rede, todos eles muito comprometidos com o IsF em um trabalho de equipe que proporcionou harmonia e desenvolvimento sistemático das tarefas rotineiras do programa.

Inicialmente, o IsF foi considerado um programa especial, piloto, ligado diretamente ao gabinete do secretário da SESu (2012-2015). Com a criação da Coordenação-Geral de Assuntos Internacionais do Ensino Superior (Cgaies), vinculada diretamente ao gabinete do secretário da SESu, tanto o IsF como outros programas e ações de internacionalização¹⁰ passaram a compor o conjunto de ações da Cgaies. Desde sua criação, já foram nomeados quatro coordenadores para gestão da coordenadoria.

Um dos maiores desafios para a gestão do programa sempre foi a troca frequente, não somente dos gestores governamentais, mas também dos coordenadores gerais e pedagógicos do IsF. A criação de fluxos de trabalho para gerenciar os dados e os cadastros nos diferentes sistemas passou por diversas versões, mas todos eles dependiam de respostas específicas dos coordenadores que, muitas vezes, por não serem tão letrados digitalmente, dificultavam o trabalho da equipe. A troca de informações, cadastro de senhas e orientação para uso dos sistemas do programa sempre foram difíceis de administrar. Coordenadores antigos, muitas vezes, não passavam as orientações para uso dos sistemas e, mesmo quando o faziam, a própria gestão do programa na IES, complexa por conta das diferentes ações e idiomas, acabava por tornar a curva de aprendizagem mais longa. Durante os anos de 2017 e 2018, tivemos mais de 400 coordenadores especialistas cadastrados no programa. Desde o início das atividades, foram mais de 1.200 professores de todos os idiomas. Com os professores bolsistas Capes, o NG tinha uma preocupação ainda maior no controle da gestão, devido à prestação de contas aos órgãos de fomento. Nesse sentido, seguimos um fluxo muito específico, como demonstrado na Figura 2:

Figura 2 - Fluxo de pagamento de professores bolsistas IsF-Ingles



Fonte: Dados do NG.

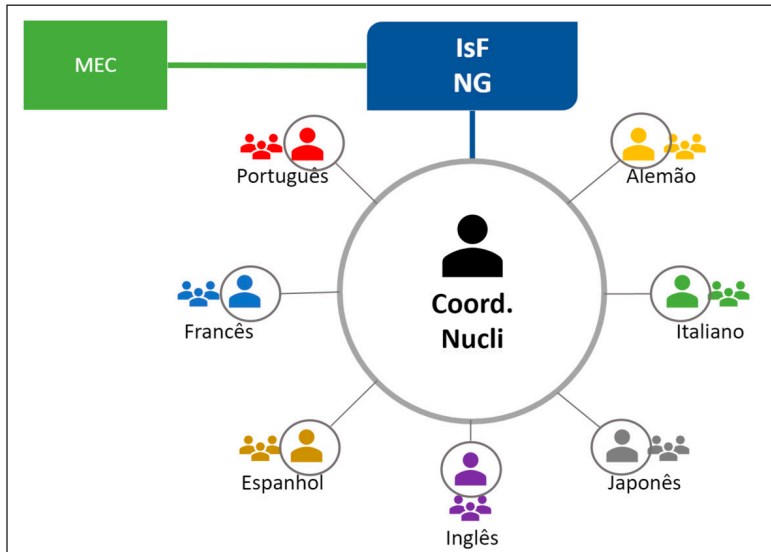
Esse fluxo mostrou-se eficaz, pois, além de o NG ter ofertado às IES um modelo de documento de seleção para os bolsistas, unificando os parâmetros de seleção nacionalmente, comunicava-nos os *links* dos relatórios por WhatsApp e alertava-nos para os prazos de resposta. Em 2017, e também em 2019, o programa foi submetido a auditorias e garantimos a padronização de procedimentos e parâmetros nas seleções, a conformidade com os critérios estabelecidos para o perfil dos bolsistas e o consequente pagamento das bolsas dentro dos padrões definidos, para posterior prestação de contas. Só recebia bolsa quem respondia ao relatório mensal de atividades e, por termos adotado procedimentos regulares e registros adequados, obtivemos aprovação de nossos processos. Infelizmente, isso não foi suficiente para a manutenção das bolsas, pois os cortes orçamentários foram gerais e englobaram as ações do programa, indistintamente.

A gestão de recursos humanos nos Núcleos de Língua (NucLis) também se mostrou bastante diversa, isso porque, localmente, cada coordenador deveria articular com seus gestores a composição e o apoio da equipe que auxiliaria o coordenador-geral no NucLi. Dependendo das possibilidades e prioridades da gestão, alguns NucLis tinham equipes bem organizadas e funcionais, sendo que, em outros, essa equipe era praticamente inexistente, sobrecarregando o trabalho dos coordenadores gerais e pedagógicos.

A boa implementação de qualquer programa nas IES deve levar em conta a demanda de trabalhos e serviços que estejam além do potencial dos especialistas envolvidos. O sucesso de qualquer ação inclui uma boa administração e um fluxo que permita que cada um execute aquilo para o qual foi designado.

De uma forma geral, o desenho do NG e dos NucLis IsF pode ser visualizado da seguinte forma:

Figura 3 - Estrutura de gestão de pessoas do Programa IsF



Fonte: Núcleo Gestor IsF.

Na Figura 3, a interlocução entre os coordenadores pedagógicos e o geral tinha como princípio a administração do Nucli: as necessidades de infraestrutura, de apoio logístico e financeiro e questões específicas locais. Em âmbito do idioma, os coordenadores pedagógicos das diferentes línguas mantinham relação direta com seus pares e com o vice-presidente daquele idioma no programa para alinhamento das diretrizes e das soluções a serem implementadas em seus contextos locais. Assim, outra rede de interlocução se criava, permitindo que o vice-presidente pudesse trazer as necessidades daquele idioma para serem discutidas nas reuniões do NG.

Muito embora o desenho demonstre uma organicidade nessa relação, nem sempre a interlocução se mostrava bem-sucedida. A gestão de pessoas é um processo delicado e o IsF trazia para a

mesma mesa de discussões especialistas que não se relacionavam diretamente, seja por questões históricas dos idiomas no Brasil e no contexto acadêmico, seja por questões pessoais, dificultando o equilíbrio das interações. Outro ponto que se mostrou muito difícil foi o de defender uma equanimidade entre os idiomas, tendo somente o IsF-Inglês sido financiado pelas bolsas Capes. Como dito anteriormente, essa não foi uma escolha do NG, que envidou todos os esforços para que se pudesse incluir, no mesmo orçamento, a distribuição das bolsas para todos os idiomas, conforme prioridades e necessidades de implementação e alavancagem das ações. Apesar de termos avançado, conseguindo em algum momento convencer os gestores governamentais que seria preciso apenas definir critérios mais específicos para redistribuição das bolsas e fazer mais com o mesmo orçamento, a nova portaria não foi assinada. Vale dizer que as interações entre esses diferentes grupos só foi possível graças à utilização de plataformas e ferramentas virtuais, que será tema do segundo texto deste livro.

Sistema de Gestão IsF¹¹

O Sistema de Gestão IsF foi criado por decisão ministerial e priorizado em sua execução por conta do CsF (Brasil, 2011). Esse foi um momento muito oportuno para que o programa ganhasse força para sua estruturação. A Secretaria Executiva determinou que o Escritório de Processos do MEC, setor dedicado a orientar e desenhar as etapas e fluxos de programas e projetos prioritários do ministério, dedicasse atenção ao desenho do sistema. O vice-presidente de ensino de tecnologias e idiomas foi o responsável por acompanhar e assistir os técnicos e especialistas de Tecnologia de Informação do MEC na descrição dos requisitos do Sistema. Acompanhado pela presidente do programa, em inúmeras

reuniões ao longo dos 7 anos para tomada de decisões, o Sistema pôde se estabelecer como ferramenta principal na gestão dos atores e das ações envolvidas no programa. O Sistema foi oficializado em novembro de 2013, pela Portaria 25/2013 (MEC, 2013), e garantiu que as ações do programa, ofertas de cursos on-line e presenciais e a aplicação de testes pudessem ser utilizadas, concomitantemente, por milhares de usuários.

Um grande diferencial desse Sistema é que ele tem sua base de dados das comunidades acadêmicas credenciadas no programa totalmente atualizada pelas próprias IES. No levantamento de requisitos, foi verificado que o MEC não detém nenhuma base atualizada sobre os dados das IES, pois o Censo (Inep) apresenta sempre uma defasagem de um a dois anos, o que impediria os novos ingressantes das IES de participarem das ações do programa. Assim, ficou decidido que a IES se responsabilizaria por disponibilizar seus dados atualizados em tempo real nessa base, para que a comunidade pudesse se inscrever nas ações do IsF. Vale dizer que algumas IES, por conta de suas procuradorias jurídicas, só permitiram o *upload* de informações discentes, sendo que a dos servidores deveria ser feita após consulta formal a sua comunidade. Como essa consulta não é frequente, muitos acabaram por não ter acesso a cursos e testes gratuitos ofertados ao longo do programa.

Para permitir melhor compreensão sobre o que o Sistema permite fazer, apresentaremos o menu de acesso às ações. Como há dois perfis importantes para gerenciamento global – o de gestor e o de coordenador (geral e pedagógico) –, organizamos as figuras de modo a se contemplarem as diferenças de gestão da informação. Todos os participantes do programa, seja como coordenador ou professor, para terem acesso aos Sistemas do IsF, precisam ter um *e-mail* do programa (nome.sobrenome@programaisf.pro.br). Isso

permite que possamos ter melhores condições de gerenciar a rede e autorizarmos, de forma mais segura, a participação nos ambientes.

Para exemplificação do menu geral do Sistema, faremos o recorte da sua visualização inicial das ações que podem ser executadas pelo gestor IsF e pelos coordenadores (geral e pedagógico). Na figura 4, pode-se ver como os menus se apresentam nos diferentes perfis de acesso:

Figura 4 - Menu de tarefas do Sistema de Gestão IsF - perfil gestor/coordenador

GESTOR ISF		
Cursos Presenciais	▼	
Cursos On-line	▼	
Testes	▼	
Relatórios de Gestão	▼	
Acompanhamento		
Agência Certificadora		
Cadastro de Pessoas		
Certificados		
Chamada		
Consultar por CPF		
Lançar Proficiência		
Documento		
Exames		
Homologar Credenciamento		
Idiomas		
Moderação de Acesso		
Pré-cadastro		
Relatório de Processamento		

COORDENADOR GERAL		
Cursos Presenciais	▼	
Cursos On-line	▼	
Testes	▼	
Relatórios de Coordenação	▼	
Cadastro de Salas		
Cadastro de Pessoas		
Carga de Dados		
Credenciamento		
Lançar Proficiência		
Moderação de Acesso		

COORDENADOR PEDAGÓGICO		
Cursos Presenciais	▼	
Cursos On-line	▼	
Testes	▼	
Relatórios de Coordenação	▼	
Cadastro de Salas		
Cadastro de Pessoas		
Lançar Proficiência		
Moderação de Acesso		

Fonte: Sistema de Gestão IsF.

Nessas funcionalidades, percebe-se que o Gestor IsF tem acesso a mais recursos, pois organiza as ações nacionalmente, sendo o coordenador IsF responsável por algumas (poucas) funções a mais do que o coordenador pedagógico. Com relação às ações indicadas no menu de acesso, a saber: cursos presenciais, on-line, testes e relatórios, as funcionalidades podem ser vistas da seguinte forma pelos usuários:

Figura 5 - Menu de acesso - Cursos presenciais



Fonte: Sistema de Gestão IsF.

Nessa figura, pode-se perceber a inclusão também dos professores. Estas são as únicas funcionalidades possíveis para os professores: registrar as atividades complementares, cadastradas previamente pelos coordenadores no Sistema, a serem realizadas pelos professores como oficinas, tutorias, orientações, entre várias possibilidades. Há também a função de registro de faltas, presenças e notas no diário de classe. Uma vez completa essa ação, o professor envia o diário para ser conferido e homologado pelo

coordenador, de modo que, após a aprovação, os certificados são automaticamente gerados para os alunos. O aluno, em sua área específica, tem acesso a seu histórico de participação, incluindo os testes realizados e seus escores, todos os cursos dos quais participou, as fichas dos cursos concluídos, bem como o controle de frequência e notas obtidas. Pretendíamos, em uma etapa posterior, articular esses dados com a Capes, com a universidade e outras agências, de modo a produzir um histórico completo e detalhado do aluno (servidor e professor) que espelhasse seu processo de formação em LE e de internacionalização, envolvendo o conjunto de suas ações de mobilidade.

Figura 6 - Menu de acesso - testes



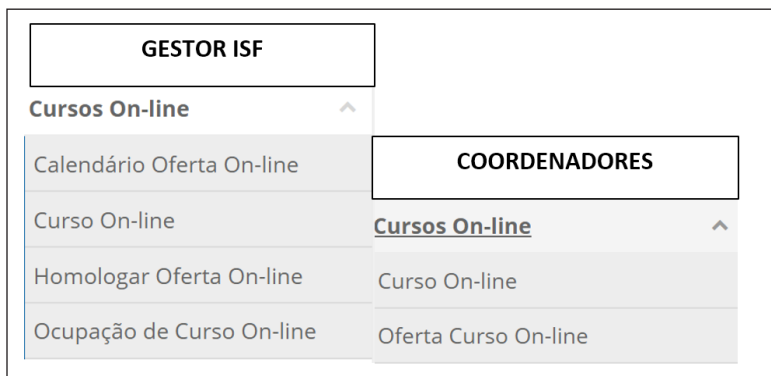
Fonte: Sistema de Gestão IsF.

No menu dos testes, há a opção de ofertar testes de forma aberta para toda a comunidade ou de forma monitorada, ação em que o coordenador inscreve os CPFs dos candidatos, permitindo que somente aquele público tenha acesso à prova. Isso permite, por exemplo, que se consiga reunir um grupo de pessoas na mesma sala, naquele horário específico para aplicação de um exame. Ação importante para quem deseja ofertar os testes para uma turma de alunos de um mesmo curso. O mesmo recurso estava sendo

possibilitado para a oferta de cursos presenciais, permitindo que se faça uma oferta fechada para um grupo específico de alunos, sem a necessidade de ranqueamento e garantindo a unidade do curso, área ou perfil desejado.

Havia, também, a possibilidade de participação de ofertas de cursos on-line, como pode ser visto na Figura 7. Por cursos on-line, entendemos os cursos ofertados a distância, com a obrigatoriedade da figura de um tutor, se não forem autoinstrucionais. O NG sempre esteve consciente da necessidade de oferta de mais cursos on-line, em formato híbrido, para a comunidade acadêmica, haja vista a distância entre os campi das IES e a falta de condições de atender a toda a demanda por cursos e horários de oferta. Houve experiências-piloto que foram desenvolvidas e acompanhadas para saber como podíamos fazer as ofertas em rede, utilizando-se o material desenvolvido pelos especialistas.

Figura 7 - Menu de acesso - Cursos on-line



Fonte: Sistema de Gestão IsF.

Com relação aos relatórios gerenciais, o Sistema de Gestão IsF é uma ferramenta fundamental para que os gestores locais e governamentais possam ter acesso aos dados gerados pelas ações

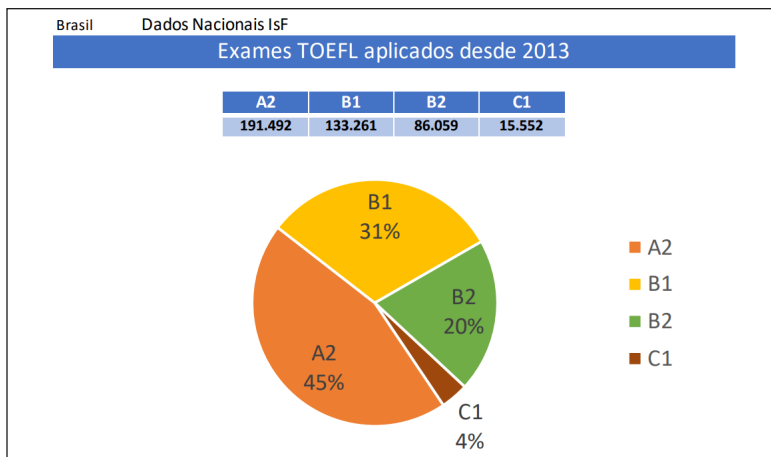
do programa. Exemplificamos as alternativas para geração de relatórios, sendo 28 opções diferentes de relatórios para o gestor e 21 para os coordenadores. Com base nos relatórios obtidos via Sistema, poderemos discorrer um pouco mais sobre a importância dos relatórios gerenciais e a visibilidade dos resultados nacionais, regionais e locais para uma boa administração das ações, o que será tratado no próximo tópico. Entre processos de melhoria, articulação entre equipes de TI e especialistas do programa, entendemos ter sido fundamental e estratégico para a área de LE no Brasil termos desenvolvido um sistema que permita o acompanhamento sistemático e unificado dos esforços e dos empreendimentos realizados pelos especialistas da área no âmbito do programa.

Relatórios gerenciais do Programa IsF

O NG buscou auxiliar os gestores locais, reitorias e NuLis fornecendo relatórios gerenciais anuais sobre as ações do programa e os resultados de cada IES, comparados com as médias regionais e nacionais. O objetivo era dar mais transparência às ações do programa e auxiliar as equipes locais a realizarem um melhor planejamento das ações para o ano seguinte conforme os resultados obtidos. Ao longo dos últimos 4 anos, foram quase 400 relatórios emitidos para todas as IES credenciadas. A geração desses relatórios exige uma organização interna bastante importante, pois deve-se compilar dados, criar tabelas e planilhas e, algumas vezes, solicitar relatórios complementares para a DTI do MEC, pois nem todos os dados são gerados pelos relatórios disponíveis no Sistema do modo como desejávamos. Nesta seção, vamos apresentar os gráficos nacionais somente para se ter uma ideia das informações geradas para as IES:

1. **Exames TOEFL ITP aplicados desde 2013.** Neste tópico, são apresentados o quantitativo de testes aplicados pela IES bem como o quadro de proficiência da comunidade acadêmica que participou da ação. Se houver mais de um campus, o quadro é apresentado por campus possibilitando a visualização do quadro de proficiência de cada um deles. Para tanto, é necessário que a oferta de aplicação do exame tenha sido feita em campus distinto. O gráfico a seguir apresenta o quadro de proficiência das aplicações realizadas de 2013 a 2018.

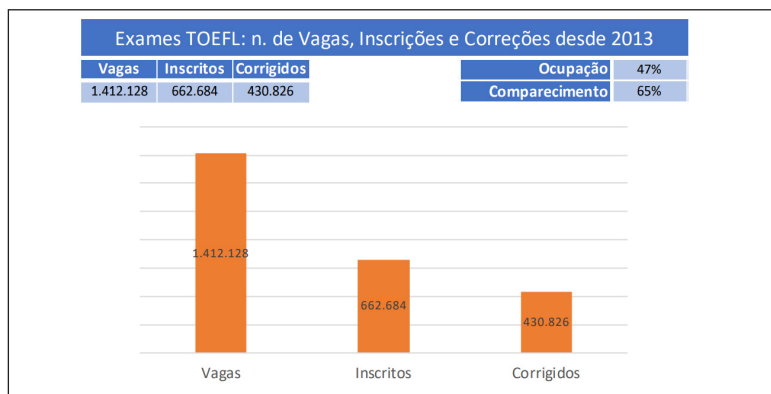
Gráfico 1 - Exames TOEFL ITP aplicados desde 2013



2. **Exames TOEFL: número de vagas, inscrições e correções desde 2013.** Neste tópico, o NG busca demonstrar como foi a oferta, a procura e a taxa de comparecimento para realização da prova. No início do programa, tivemos muita oferta de vagas, muito além da demanda, e elevada taxa de ausência. Ao longo do tempo, fomos avaliando as causas, verificando critérios de participação e ajustando ferramentas no Sistema

que permitiam um melhor aproveitamento das vagas ofertadas. No âmbito do Sistema, por exemplo, implementamos o critério de prioridade para a oferta de salas, fazendo com que o gestor pudesse inscrever todas as salas disponíveis, mas elas só seriam visualizadas pela comunidade se as salas com prioridade anterior já estivessem completas. Esse procedimento visou a otimização dos recursos públicos para que não houvesse uma distribuição irregular nas salas, pois é necessário levar em consideração a disponibilidade de espaço, recursos humanos e custos de aplicação para cada sala que foi aberta para aplicação. A média de comparecimento de cada ano foi aumentando, graças às estratégias adotadas pelas IES e compartilhadas com todos os coordenadores IsF em reuniões presenciais e virtuais. O relatório por IES permitiu que os gestores visualizassem de que forma as taxas haviam decrescido ou não e quais estratégias eles deveriam utilizar localmente para otimização do processo. O resultado nacional pode ser visualizado no Gráfico 2, a seguir:

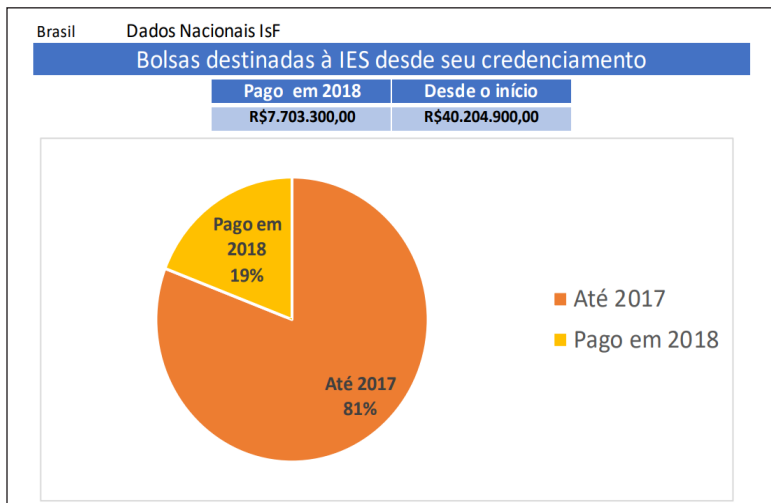
Gráfico 2 - Exame TOEFL - número de vagas, inscrições e correções desde 2013



Fonte: Dados do NG.

3. **Bolsas destinadas à IES desde seu credenciamento.** No momento do credenciamento da instituição ao programa, foram designadas cotas de bolsas de acordo com o tamanho e a demanda de cada NuLi. Com os relatórios, buscamos demonstrar de que forma o NuLi de cada IES estava utilizando as cotas de bolsas concedidas. No Gráfico 3, apresentamos os dados nacionais indicando a utilização no ano de 2017 e 2018. É importante mencionar que, nesta figura, está sendo representado o quantitativo do orçamento referente a 2018 em comparação com o destinado ao programa desde de sua implementação pelo primeiro edital de credenciamento, realizado no segundo semestre de 2013.

Gráfico 3 - Bolsas destinadas à IES desde seu credenciamento



Fonte: Dados do NG.

4. **Orçamento de 2014 a 2018 e previsão 2019.** Para as IES, enviamos, também, o que foi repassado para a matriz orçamentária da instituição em questão ao longo dos anos. Essa informação é importante principalmente para novos reitores e coordenadores que não tinham acesso ao histórico do programa. No Gráfico 4, ilustramos o repasse orçamentário realizado para todas as IES ao longo de cinco anos e a previsão realizada para 2019.

Gráfico 4 - Orçamento de 2014 a 2018 e previsão 2019

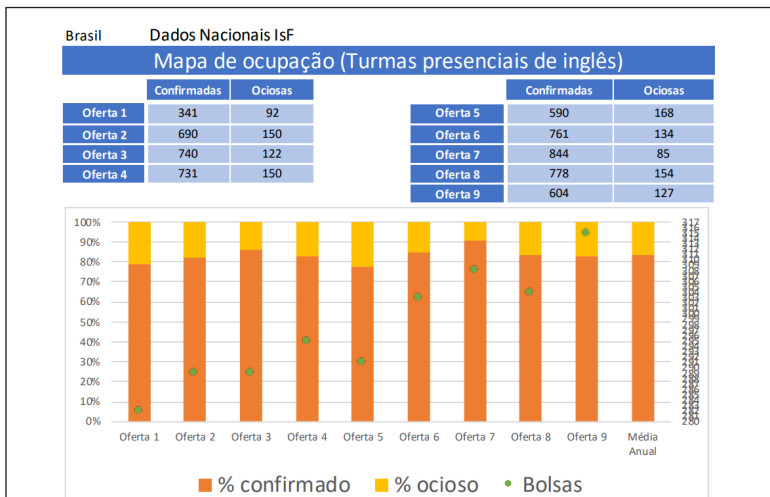


Fonte: Dados do NG.

5. **Mapa de ocupação das turmas presenciais de inglês.** Outro ponto fundamental do gerenciamento local estava na ocupação das turmas. Devido a diversos fatores, nem todas as turmas eram ocupadas, levando a uma ociosidade na oferta. Entretanto, esse poderia ser um acontecimento isolado pelo fato de a oferta acabar coincidindo com o período de férias acadêmicas, ou por questões de pouca divulgação dos cursos

localmente, ou ainda por questões de gestão de oferta para as demandas específicas. São vários fatores que podem ser citados como impeditivos da completude de vagas e turmas. O NG estimulava a reflexão local para que os NuLis pudessem averiguar as causas da ociosidade e, se comprovada a permanência de turmas ociosas por mais de 3 ofertas (em um período de quase 6 meses), então adequar o número de bolsas para a demanda comprovada. No Gráfico 5, temos o quadro geral das ofertas ocorridas no ano de 2018 com o número de turmas confirmadas e ociosas. Vale lembrar também que havia o número mínimo de 10 alunos para confirmação das turmas, sendo que, se não fosse atingido o limite mínimo, as turmas não eram confirmadas, sendo computadas no sistema como turmas ociosas.

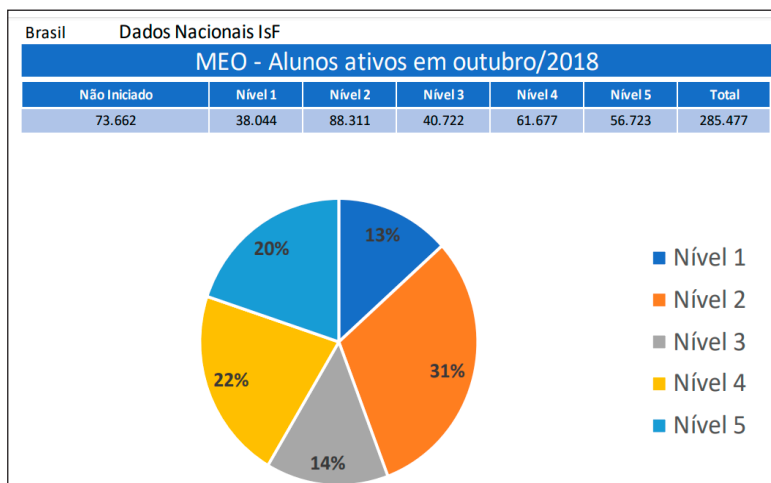
Gráfico 5 - Mapa de ocupação (turmas presenciais de inglês)



Fonte: Dados do NG.

6. **Participação no curso a distância da Plataforma *My English Online* – MEO (National Geographic Learning, 2019).** Uma ação importante do programa foi a oferta gratuita de acesso à plataforma MEO¹², um curso autoinstrucional com cinco módulos ofertado pelo programa. Um dos recursos muito utilizados no programa era o teste de nivelamento do MEO, de modo que, após a sua realização, a nota obtida era aproveitada como comprovação de nível de proficiência do aluno pelo sistema e, assim, o discente passava a ter acesso ao sistema de inscrição nos cursos presenciais. Essa também era uma forma de divulgar aos alunos a possibilidade de uso da ferramenta como autoestudo. A equipe da IES poderia ter uma ideia do nível de proficiência e do número de alunos da instituição que estavam cadastrados no MEO. No Gráfico 6, apresentamos os dados nacionais referentes ao mês de outubro de 2018.

Gráfico 6 - MEO - Alunos ativos em outubro de 2018



7. **Oferta de outros idiomas na IES.** Importante também indicar os resultados da oferta de outros idiomas na universidade, uma vez que o credenciamento do NuLi, em sua maioria, foi para oferta de 3 ou mais idiomas. No relatório da IES, indicávamos os idiomas e o número de turmas ofertadas pelo NuLi local (indicado na coluna - ofertou?) e o coordenador responsável local para cada idioma. A Tabela 1 não apresenta os nomes dos coordenadores porque são dados nacionais.

Tabela 1 - Status da oferta dos demais idiomas do programa

Demais idiomas - Status outubro de 2018			
Idioma	Credenciado	Ofertou?	Coordenador
Alemão	15	71	0
Espanhol	42	166	0
Francês	38	178	0
Italiano	16	76	0
Japonês	6	38	0
PLE	62	302	0

Fonte: Dados do NG.

Ao final do relatório, o NG registrava comentários sobre pontos importantes, como manutenção da cota de bolsas, indicação de reajuste e adequação ao tamanho do NuLi, ampliação (quando os índices indicavam maior demanda do que oferta e turmas sem ociosidade) ou outras sugestões que o NG considerasse relevante para os gestores locais.

Temos certeza de que esse relatório acabou se revelando uma ferramenta importante para a gestão local, bem como permitiu visibilidade nacional. Uma cópia dos relatórios de cada IES era impressa e compartilhada com o coordenador da Cgaies e com o secretário da SESu-MEC.

Relatórios mensais dos bolsistas

Outra ferramenta de gerenciamento das ações do programa que o NG promoveu ao longo desses anos e que fez parte do fluxo de pagamento dos bolsistas foi o relatório mensal dos coordenadores e professores. Inicialmente, esses documentos tinham dois objetivos principais:

1. registrar as ações realizadas pelos bolsistas durante as suas 20 horas semanais de dedicação ao programa conforme seu Termo de Compromisso e;
2. conceder espaço para *feedback* específico sobre as ações do programa, nas quais os participantes podiam indicar os desafios enfrentados para realização das atividades.

Enquanto o programa recebia fomento da Capes, os registros das ações foram vinculados ao pagamento do mês e o *feedback* permitia ao Núcleo Gestor ter ciência de situações diversas e intervir em caso de solicitação de ajuda ou esclarecimento junto às equipes dos NuLis.

Com a interrupção dos pagamentos das bolsas Capes, os relatórios foram modificados para incluir as atividades de todos os idiomas. A ideia é concentrar todas as informações em um banco de dados que possa ser gerenciado por uma equipe específica da rede de especialistas para ser utilizado com fins de pesquisa e estudo. Com esse novo perfil, os objetivos dos relatórios foram:

1. registrar formalmente as atividades realizadas pelos participantes do programa para acompanhamento do NG e;
2. criar um banco de dados sobre as ações do programa, para permitir análise e estudos dos especialistas sobre as respostas às questões apresentadas.

Além de servir como canal de comunicação entre o Núcleo Gestor e todos os coordenadores e professores, os relatórios mensais também se configuraram como um recurso importante para os pesquisadores poderem fazer enquetes e coletar dados. A maioria das perguntas dos relatórios é objetiva e os participantes indicam a instituição em que atuam e se concordam que os dados sejam utilizados em apresentações e publicações do programa, garantindo o anonimato do respondente. Para os coordenadores e professores, as perguntas geralmente envolvem: o tipo de atividade desenvolvida no mês (em uma lista de mais de 30 opções, entre elas reuniões, divulgação, alimentação do Sistema de Gestão IsF, supervisão da equipe administrativa, administração de provas, observação de aulas etc.); se há reconhecimento institucional para o seu trabalho (como recebimento de bolsa, dispensa de carga didática, ou ainda se há reconhecimento do trabalho desenvolvido etc.); se houve troca de coordenadores/professores e como foi o processo de transição, com quais setores as ações do programa puderam ser articuladas; entre outras questões sazonais pertinentes ao trabalho dos especialistas. O relatório mensal é um recurso que permite que se façam enquetes e levantamentos importantes para a condução dos trabalhos do NG, como o que aconteceu, por exemplo, com o Curso a Distância de Desenvolvimento de Professores IsF-Ingês¹³, na medida em que foram incluídas nos relatórios perguntas solicitando sugestões de temas e apresentadores para o curso que estava sendo elaborado pelo NG.

Para criar e distribuir os relatórios, a cada mês, um colaborador externo do Núcleo Gestor revisava as perguntas e gerava um *link* de hipertexto. Ele passava esse link para a gestora das plataformas virtuais da rede IsF que, em seguida, compartilhava com a comunidade IsF. Normalmente, o prazo para preenchimento era entre 7 e 10 dias corridos, a partir do momento em

que os *links* eram divulgados. O NG teve como objetivo tornar essa ferramenta mais robusta e mais organizada, para permitir que pesquisas fossem feitas nacionalmente sem sobrecarregar os coordenadores e professores com questionários semelhantes que pesquisadores normalmente pedem para que compartilhemos. Dessa forma, garantimos economicidade, anonimato, rapidez na coleta dos dados e garantia de resposta, já que a comunidade estava organizada para responder aos questionários mensalmente, como compromisso assumido junto ao IsF.

Portal IsF

Um dos principais meios de divulgação do Programa Idiomas sem Fronteiras é o portal IsF¹⁴. Sua finalidade é informar sobre o programa de maneira unificada em suas diferentes ações e compartilhar várias informações, como tutoriais, histórico do programa, produção acadêmica sobre o IsF e eventos promovidos pelo programa no Brasil. Todo programa governamental desse porte tem que apresentar um portal organizado com informações públicas. O portal do IsF foi desenvolvido pela Diretoria de Tecnologia da Informação do Ministério da Educação em 2014-2015 e atualizado pela coordenadoria de comunicação do IsF, com apoio da DTI do MEC. O Sistema de Gerenciamento de Conteúdo utilizado era o *Joomla!*, uma plataforma dinâmica, porém pouco intuitiva. Inicialmente, a coordenadora de comunicação do IsF assim como a presidente do programa tinham acesso à plataforma restrita do Ministério da Educação (VPN), na qual o site estava hospedado, e conseguiam fazer modificações e atualizações no conteúdo do portal. Com o tempo, esse acesso ficou mais restrito e toda atualização deveria ser solicitada por *e-mail* através de demanda para a DTI. Devido às crescentes demandas e equipes

reduzidas, muitas vezes o portal acabava por não refletir exatamente o que estava sendo feito no programa, tornando-o desatualizado. Várias melhorias também deixaram de ser feitas, muito embora tivessem sido planejadas para implementação.

O portal IsF enfrentou algumas dificuldades em seu desenvolvimento em razão de seu extenso conteúdo e diferentes tipos de informações que seriam publicadas. O processo foi demorado porque, como muitas informações dependiam da colaboração de inúmeras pessoas, reunir esse material levou bastante tempo. Vice-presidentes de cada idioma, parceiros, coordenadores do programa nas universidades, professores e alunos estiveram envolvidos nesse projeto colaborativo.

Desde sua concepção, alguns pontos já foram modificados. Inicialmente, havia várias perguntas e respostas sobre cada idioma, por exemplo, mas em razão das alterações de datas e definições sobre o programa, essa parte foi excluída e resumida no FAQ com perguntas essenciais e que também poderiam ser respondidas para outros idiomas. O acréscimo dos vídeos/animações também foi feito apenas em 2018, a partir da necessidade de explicar pontos importantes de maneira simples e atrativa. O portal do Programa IsF permanece ativo, porém não tem sido atualizado desde maio de 2019 até o momento da elaboração deste texto.

O portal apresenta a seguinte configuração:

1. Histórico do programa: datas e principais ações realizadas;
2. Informações gerais sobre o seu funcionamento: quem pode participar e como participar;
3. Idiomas oferecidos e informações sobre eles: Inglês, Espanhol, Francês, Italiano, Alemão, Japonês e Português para Estrangeiros;
4. Parceiros: entidades e instituições de ensino superior que ofertam os idiomas;

5. Inscrições: como realizar as inscrições para os cursos presenciais, on-line e testes;
6. Editais: todos os editais publicados sobre o programa;
7. Documentos: portarias, memorandos de entendimento, relatórios e manuais para alunos e IES relacionados ao IsF;
8. Depoimentos: professores, coordenadores e alunos falam sobre a importância do IsF para suas vidas e instituições;
9. Notícias: reportagens sobre o programa. Nesse espaço há tanto textos do IsF como reportagens sobre o programa divulgadas em mídias externas;
10. Calendário: agenda de editais, eventos e cursos;
11. Premiações: área destinada a divulgar a participação de membros do IsF (tanto alunos como professores) em eventos de destaque;
12. Relatório nacional: atualizado até novembro de 2018 com números de inscritos gerais, por idioma, professores e quantidade de Exames TOEFL aplicados;
13. Produções e pesquisas: materiais produzidos em todo o país, como artigos, teses de doutorado, dissertações de mestrado, trabalhos de conclusão de graduação envolvendo o Programa Idiomas sem Fronteiras;
14. Galeria de fotos: fotos de eventos promovidos ou que tenham contado com a participação do IsF;
15. Acesso fácil às perguntas frequentes, ao sistema IsF-Aluno e ao *download* para o aplicativo;
16. Tutoriais: animações desenvolvidas pela equipe do IsF, a fim de sanar dúvidas frequentes.

Na primeira versão do portal, era oferecido ao público geral um conjunto de *links* de acesso a portais e materiais de (auto)estudo de língua inglesa. Foram mais de 300 *sites* disponibilizados, após terem sido avaliados por uma comissão de especialistas de inglês

do programa. Por conta de restrições técnicas, esse acesso não foi disponibilizado no novo portal, apesar da insistência dos usuários para que continuássemos a divulgar os *links*. O mesmo trabalho havia sido feito com uma equipe de especialistas de espanhol, mas também não foi divulgado no novo portal. É objetivo do NG que esses *links* de acesso possam ser novamente incluídos no portal do programa, para permitir que usuários tenham condições de estudar línguas estrangeiras, ampliando também para outros idiomas, com materiais avaliados pelos especialistas, garantindo, assim, a idoneidade das informações.

Considerações finais

O objetivo deste texto foi fazer um relato das experiências de gestão do Programa IsF, abordando questões específicas, como gestão de pessoas, uso de sistemas de gestão e fluxos de trabalho para demonstrar a complexidade das ações do programa. Temos consciência de que todo o resultado que obtivemos só foi possível com a participação comprometida de vários especialistas coordenadores e técnicos, dos professores IsF, do apoio que nos foi dado ao longo das gestões governamentais pelas equipes internas do MEC e da Capes, que compreenderam como um programa nacional como o IsF pode dar base e alavancar a internacionalização do ensino superior no Brasil. As dificuldades e os desafios não foram poucos nesses sete anos, mas não nos impediram de avançar na área de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras nem na formação de professores. Há muito a ser feito e, com certeza, teremos que contar com a força da rede de especialistas para permitir que continuemos avançando em prol da educação pública, gratuita e de qualidade, que mantenha a indissociabilidade do tripé ensino-pesquisa-extensão em nossas ações.

Notas

- ¹ O Programa IsF foi criado pela Portaria nº 1.822 (MEC, 2012) como Inglês sem Fronteiras, nomeado como Idiomas sem Fronteiras pela Portaria nº 973 (Brasil, 2014) e ampliado pela Portaria nº 30 (Brasil, 2016).
- ² Avaliação de políticas públicas *ex ante*: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=32688&Itemid=433. Avaliação de políticas públicas *ex post*: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=34504.
- ³ Disponível em: <https://www.odi.org/publications/9877-change-challenging-contexts-how-does-it-happen>. Acesso em: 24 nov. 2020.
- ⁴ Para saber mais sobre ODI, acesse: <https://www.odi.org/about-odi>.
- ⁵ De acordo com o dicionário Merriam Webster, *Think Tank* é um instituto, corporação ou grupo organizado para estudar um assunto específico (como uma questão política ou um problema científico) e prover informações, ideias e aconselhamento. Mais informações sobre *Think Tanks* podem ser encontradas em <https://www.britannica.com/topic/think-tank>.
- ⁶ “1. Start with a problem and an opportunity, not a comprehensive solution; 2. Understand the space for reform; 3. Take small steps, but know where you’re heading; 4. Start processes and systems on the right foot and sustain them; 5. Learn and adapt and you’ll avoid getting trapped; 6. Decide when, what and how to formalise; 7. Join the dots; 8. Don’t try and reform alone; 9. Those in authority provide and protect the space for change; 10. Seek and adapt external advice” (tradução nossa).
- ⁷ Vale considerar que, ao longo de sete anos, o MEC esteve sob a tutela de 10 diferentes ministros e sete secretários de Educação Superior, em três gestões governamentais distintas.
- ⁸ Somente a presidente do Programa pôde estar oficialmente afastada para assumir a função de assessora do Secretário de Ensino Superior de agosto de 2013 a março de 2017, retornando às suas funções acadêmicas a partir de 2017, na UFSCar.
- ⁹ Alguns desses resultados podem ser verificados ao longo deste livro.
- ¹⁰ Tais como o Programa Marca (Mercosur, 2006), as ações do Mercosul, a plataforma Carolina Bori (MEC, 2016), o PEC-G (Brasil, 2013) e o PDU-Internacionalização (ação orçamentária do MEC).
- ¹¹ O Sistema de Gestão pode ser acessado pelo endereço: <http://isfgestao.mec.gov.br>.
- ¹² Para mais informações sobre o MEO, acesse: <https://www.myenglishonline.com.br/home>.

¹³ Essa experiência do NG será relatada no texto “Programa Idiomas sem Fronteiras e o Curso de Desenvolvimento Profissional a Distância para Professores IsF-Inglês”, neste livro.

¹⁴ O portal IsF pode ser acessado pelo endereço: <http://isf.mec.gov.br>.

Referências

BRASIL. Decreto nº 7.642, de 13 de dezembro de 2011. Institui o Programa Ciência sem Fronteiras. *Diário Oficial da União*, Brasília, 14 dez. 2011. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7642.htm. Acesso em: 1º set. 2019.

BRASIL. Decreto nº 7.948, de 12 de março de 2013. Dispõe sobre o Programa de Estudantes-Convênio de Graduação – PEC-G. *Diário Oficial da União*, Brasília, 13 mar. 2013. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2013/Decreto/D7948.htm. Acesso em: 1º ago. 2019.

BRASIL. Portaria nº 1.466, de 18 de dezembro de 2012. Institui o Programa Inglês sem Fronteiras. *Diário Oficial da União*, Brasília, 19 dez. 2012. Disponível em: http://isf.mec.gov.br/ingles/images/pdf/portaria_normativa_1466_2012.pdf. Acesso em: 7 set. 2019.

BRASIL. Portaria nº 22, de 13 de dezembro de 2016. Dispõe sobre normas e procedimentos gerais de tramitação de processos de solicitação de revalidação de diplomas de graduação estrangeiros e ao reconhecimento de diplomas de pós-graduação stricto sensu (mestrado e doutorado), expedidos por estabelecimentos estrangeiros de ensino superior. *Diário Oficial da União*, Brasília, 14 dez. 2016. Disponível em: http://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/22190733/doi-2016-12-14-portaria-normativa-n-22-de-13-de-dezembro-de-2016-22190702. Acesso em: 1º set. 2019.

BRASIL. Portaria nº 25, de 25 de novembro de 2013. Institui o Sistema de Gestão do Programa Inglês sem Fronteiras (IsFGestão). *Diário Oficial da União*, Brasília, 26 nov. 2013. Disponível em: http://isf.mec.gov.br/images/pdf/portaria_normativa_25_2013.pdf. Acesso em: 7 set. 2019.

BRASIL. Portaria nº 30, de 26 de janeiro de 2016a. Amplia o Programa Idiomas sem Fronteiras. *Diário Oficial da União*, Brasília, 28 jan. 2016. Disponível em: http://isf.mec.gov.br/images/2016/janeiro/Portaria_30_IdiomassemFronteiras_2016.pdf. Acesso em: 8 set. 2019.

BRASIL. Portaria nº 973, de 14 de novembro de 2014. Institui o Programa Idiomas sem Fronteiras e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, 17 nov. 2014. Disponível em: http://isf.mec.gov.br/images/pdf/novembro/Portaria_973_Idiomas_sem_Fronteiras.pdf. Acesso em: 25 set. 2019.

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. *Avaliação de políticas públicas: guia prático de análise ex ante*. Brasília: Ipea, 2018a. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=32688&Itemid=433. Acesso em 10/10/2019.

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. *Avaliação de políticas públicas: guia prático de avaliação ex post*. 2018b. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=34504. Acesso em 10 out. 2019.

MEC. Portal IsF. Disponível em: <http://isf.mec.gov.br>. Acesso em: 7 set. 2019.

MEC. Portaria nº 105, de 24 de maio de 2012. Institui o Grupo de Trabalho Inglês sem Fronteiras. *Diário Oficial da União*, Brasília, 25 maio 2012. Disponível em: http://isf.mec.gov.br/images/2015/janeiro/DOU_Portaria_2012.pdf. Acesso em: 7 set. 2019.

MERCOSUR. Programa MARCA. Disponível em: http://programamarca.siu.edu.ar/programa_marca/convocatoria_programa_marca.html. Acesso em: 1º ago. 2019.

NATIONAL GEOGRAPHIC LEARNING. CENGAGE LEARNING. *My English Online*. Disponível em: <https://www.myenglishonline.com.br/home>. Acesso em: 25 set. 2019.

WILLIAMSON, T. *Change in challenging contexts*. How does it happen? London: Overseas Development Institute (ODI), 2015. Disponível em: <https://www.odi.org/sites/odi.org.uk/files/odi-assets/publications-opinion-files/9831.pdf>. Acesso em: 10 out. 2019.

GABRIELA ROSSETTI MONTINI
DENISE ABREU-E-LIMA

O USO DE AMBIENTES E FERRAMENTAS VIRTUAIS PARA A CRIAÇÃO DA REDE DE ESPECIALISTAS DO PROGRAMA IDIOMAS SEM FRONTEIRAS

Introdução

Com a criação do Programa Inglês sem Fronteiras e a consequente ampliação do Programa para Idiomas sem Fronteiras (IsF), Secretaria de Educação Superior em parceria com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pôde-se estabelecer uma política nacional para auxílio nas ações de internacionalização da educação superior do Brasil e promoção de mudança abrangente e estruturante no ensino de idiomas estrangeiros nas universidades brasileiras. O principal objetivo do Programa IsF está disposto no parágrafo primeiro da portaria que o institui, transcrito abaixo:

Art. 1º: Fica instituído o Programa Idiomas sem Fronteiras com o objetivo de propiciar a formação e a capacitação em idiomas de estudantes, professores e corpo técnico-administrativo das Instituições de Educação Superior Públicas e Privadas – IES e de professores de idiomas da rede pública de educação básica, bem

como a formação e a capacitação de estrangeiros em língua portuguesa (Brasil, 2014, p. 11).

Para tornar possível o atingimento desse objetivo, inicialmente como Inglês sem Fronteiras, foi necessária a formação de um grupo de trabalho de especialistas em ensino e aprendizagem de língua inglesa, o qual seria responsável pela elaboração de propostas de ações para inclusão da comunidade acadêmica brasileira na formação em línguas estrangeiras, com foco na língua inglesa. Assim, foi instituído o Grupo de Trabalho para o Inglês sem Fronteiras pela Portaria nº 105, publicada em 24 de maio de 2012.

Em seu artigo segundo, foi definido que o Grupo de Trabalho (GT) seria formado por um representante da SESu e dois representantes especialistas, um em língua inglesa e outro em Educação a Distância (EaD), de cada uma das seguintes universidades federais: Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Universidade de Brasília (UnB), Universidade Federal do Ceará (UFC), Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT) e Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Foram escolhidas universidades cujos departamentos de Letras e setores de Educação a Distância apresentassem destaque em suas atuações e maior experiência em suas respectivas áreas.

A ideia de se instituir um grupo de especialistas, tanto de língua como de EaD, foi justamente para poder propiciar compartilhamento de experiências no ensino de língua inglesa envolvendo ferramentas da EaD que pudessem não só possibilitar o acesso às tecnologias de informação e comunicação (TIC) como também a criação de redes de especialistas para compartilhamento de informações. Levando em consideração as distâncias entre *campi* das

universidades e a concentração de especialistas de línguas em determinados locais, não se poderia prescindir da EaD para que as metas estipuladas pelo programa pudessem ser atingidas.

Gerenciar um programa nacional, com tantos atores envolvidos, é uma tarefa desafiadora. Pela experiência da equipe do GT- Inglês sem Fronteiras, principalmente dos especialistas de EaD participantes do Sistema Universidade Aberta do Brasil¹ (UAB), foi sugerido que a equipe gestora do Programa IsF mantivesse constante contato com as equipes locais das universidades que passassem a compor o programa.

A partir da formação dessa equipe de natureza multirregional, constatou-se a necessidade de implementação de um espaço virtual destinado à comunicação e à gestão das ações do grupo de trabalho, uma vez que reuniões presenciais constantes seriam inviáveis devido a seu alto custo logístico. Essa necessidade permaneceu vigente mesmo após a dissolução do GT-Inglês sem Fronteiras com a ampliação do Núcleo Gestor do programa quando aconteceu a inclusão dos outros idiomas. Todos os especialistas dos idiomas credenciados no IsF representam instituições distintas em estados diferentes, tornando-se necessário o gerenciamento a distância com uso de ferramentas e plataformas virtuais.

Este artigo tem como objetivo explicar quais foram os ambientes e as ferramentas virtuais utilizados no IsF e como foram utilizados para otimizar o trabalho realizado no âmbito do programa, explicitando a composição do NG e das equipes de especialistas e como foi possível manter uma articulação em rede por intermédio de plataformas e redes virtuais.

Composição e diversidade do Núcleo Gestor do programa

Como um dos resultados da atuação do GT, instituiu-se o Núcleo Gestor (NG) do Programa IsF, composto por uma presidente e dois vice-presidentes, todos especialistas em ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras e Educação a Distância e docentes de universidades pertencentes ao GT, cujas principais atividades seriam liderar a definição das ações e escopo de trabalho do Programa IsF, bem como ser o elo entre a SESu e as universidades parceiras. A articulação entre o Núcleo Gestor e o Grupo de Trabalho tornou possível o lançamento, em 2013, do primeiro edital para seleção de universidades federais para atuação como Centros Aplicadores (CA) de exames de proficiência e como Núcleos de Línguas (NuLi) para o ensino presencial de língua inglesa. Como resultado desse edital, 58 universidades federais, presentes em todos os estados brasileiros, foram credenciadas junto ao Programa Inglês sem Fronteiras como centros aplicadores e núcleos de línguas ou apenas centros aplicadores. Cada uma dessas universidades deveria indicar um docente para exercer a função de coordenador-geral do Programa Inglês sem Fronteiras em sua instituição, bem como outro docente para exercer a função de coordenador pedagógico apenas nos casos em que a universidade tivesse sido selecionada para atuação como Núcleo de Línguas, além de Centro Aplicador.

Após a adesão das universidades federais ao Programa Inglês sem Fronteiras e, conseqüentemente, a participação de seus representantes institucionais junto ao grupo de trabalho, fez-se ainda mais necessária e essencial a definição de um ambiente virtual destinado à comunicação e gestão das ações do programa visando o seu funcionamento e crescimento.

As experiências bem-sucedidas com a implementação de ações em três eixos² para o idioma inglês nas universidades credenciadas auxiliaram na consolidação de uma premissa que sempre foi objetivo, posteriormente, para o Programa IsF, já com uma configuração multilíngue: promover políticas linguísticas voltadas para a internacionalização e formação de professores sob o viés do multilinguismo, valorizando não apenas uma, mas diversas línguas estrangeiras, além do português para estrangeiros, para maior difusão da cultura brasileira internacionalmente. Dessa forma, embora o Programa IsF tenha iniciado suas ações com o idioma inglês, a expansão para outros idiomas esteve contemplada desde sua concepção e foi implementada logo após o primeiro credenciamento das instituições de ensino superior. Tal expansão abrangeu não apenas ações para novos idiomas, como o português para estrangeiros, alemão, espanhol, francês, italiano e japonês, mas também a abertura de novos editais de credenciamento para que outras instituições pudessem participar. Sendo assim, além das universidades públicas federais, atualmente também fazem parte do Programa IsF as universidades públicas estaduais, municipais e as instituições de ensino técnico e tecnológico, como os institutos federais e as faculdades de tecnologia do estado de São Paulo, totalizando 141 instituições de ensino superior para compor a rede de especialistas do programa, aumentando, sobremaneira, o número de profissionais da área envolvidos.

Com essa ampliação, houve necessidade, também, da inclusão de outros membros no NG do programa e, para cada idioma, foi indicado um vice-presidente que fosse representativo na especialidade do ensino do idioma; além disso, buscou-se diversificar a gestão pelas regiões brasileiras. Assim, o NG passou a ser composto por todos os idiomas, permitindo melhor visão sobre a realidade de cada língua no país e melhor interação entre os especialistas de cada idioma.

Embora o IsF seja um programa nacional, sempre foram consideradas as especificidades de cada região do país na definição das ações, pois cada instituição credenciada apresenta uma realidade diferente em relação à sua comunidade acadêmica. Por esse motivo, o NG sempre prezou pelo diálogo e pela construção coletiva das ações, valorizando a contribuição de todos os especialistas envolvidos com o programa, já que cada instituição credenciada deveria indicar um docente especialista em ensino-aprendizagem de línguas para ser coordenador IsF localmente e representar a instituição perante o NG. Tais pressupostos reforçam a imprescindibilidade de um espaço de interação entre todos os agentes envolvidos com a gestão do Programa IsF, para criação de uma comunidade em rede por meio do trabalho colaborativo virtual (Santos, 2011).

Escolha e estrutura do ambiente virtual de gestão e comunicação

Desde o ano de 2006, com a criação da UAB, diversas universidades federais iniciaram a oferta de cursos de formação superior na modalidade a distância, o que lhes proporcionou adquirir conhecimento e experiência em tecnologias voltadas para a gestão e para o ensino-aprendizagem a distância e no uso de TIC. Dessa maneira, os especialistas do GT trouxeram consigo essa experiência, auxiliando na escolha de uma plataforma virtual para gestão e comunicação no âmbito do Programa IsF. Como resultado, a plataforma Moodle foi escolhida para a criação do ambiente virtual de comunicação e a gestão do Programa IsF.

Moodle é um acrônimo de Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment, o que significa, em tradução literal livre, um Ambiente Modular de Aprendizagem Dinâmica Orientada a

Objetos. Trata-se de um programa de código aberto, o que possibilita seu uso, estudo, modificação e distribuição sem custo e para qualquer finalidade, por qualquer pessoa ou instituição; portanto, apesar de ter sido concebido inicialmente para fins educacionais, é possível adequá-lo a outras finalidades de acordo com as necessidades de seus usuários. Por ser uma plataforma eletrônica livre, sua programação é desenvolvida colaborativamente por profissionais que compõem uma comunidade virtual, fazendo com que a plataforma esteja constantemente em atualização.

Embora haja diversas plataformas livres, outro aspecto favorável à escolha do Moodle foi a familiaridade que a comunidade acadêmica já havia adquirido com seu uso no contexto da UAB, uma vez que a utilização de tecnologias exige letramento digital e demanda dos usuários um período de adaptação. Assim sendo, os representantes das universidades escolhidos como coordenadores IsF poderiam encontrar apoio local em suas instituições, caso necessitassem de uma orientação mais específica de forma presencial.

O ambiente virtual Moodle pode ser instalado em uma página já existente na internet ou também se pode criar um domínio específico para hospedá-lo, como é o caso do Moodle utilizado pelo Programa IsF, atualmente, que possui domínio próprio: <http://programaisf.pro.br/>.³

Figura 1 - Página inicial Ambiente de Comunicação Interna do IsF



Fonte: Site Programa IsF. Disponível em: <http://programaisf.pro.br/>. Acesso em: 25 nov. 2020.

Para que possa ser utilizado depois de instalado, é necessário que seja realizado o cadastro de usuários, os quais podem ser divididos em várias categorias, sendo as mais utilizadas: *administrador do site*, *moderador* ou *professor*, *participante* ou *estudante*. São essas as categorias utilizadas pelo Programa IsF.

A plataforma possui dois grandes conjuntos de ferramentas que podem ser utilizados, sob uma perspectiva educacional e a critério do professor ou elaborador de um curso, para atender às necessidades e interesses de seu público-alvo. Sob uma perspectiva administrativo-pedagógica, a premissa é a mesma, ou seja, os gestores podem fazer uso das ferramentas disponíveis para melhor atender aos propósitos de gerenciamento das ações de um programa governamental, como é o caso do Programa IsF. Além disso, há diversos recursos para configuração de *layout* e definição sobre como será a participação dos usuários.

O primeiro conjunto de ferramentas é chamado “Recurso”, que permite a disponibilização de informações no ambiente para os usuários. Podem ser chamadas de ferramentas estáticas, pois não permitem interações e não podem ser editadas pelos usuários, que apenas visualizam as informações veiculadas por elas. Na plataforma do programa, os recursos são os documentos oficiais, os tutoriais, os vídeos de orientação, animações, enfim, um conjunto de materiais que possam subsidiar o trabalho dos coordenadores locais. Todos eles são dispostos em salas, sendo uma sala geral para todos os coordenadores de todos os idiomas e em salas específicas, para cada idioma, permitindo que orientações específicas para os idiomas sejam personalizadas.

O segundo conjunto de ferramentas é chamado de “Atividade” e possui um caráter dinâmico, uma vez que suas ferramentas permitem interação, edição e compartilhamento de arquivos além de outros materiais entre os usuários. Por meio das ferramentas desse conjunto, os usuários podem interagir em fóruns, escolher

datas para eventos em enquetes, entregar relatórios e demais documentos. Além disso, a plataforma permite a criação de diversas salas ou ambientes de interação, nos quais podem ser cadastrados apenas os usuários que se desejam, de acordo com um determinado perfil definido. Nesse sentido, como dissemos, foi possível abrir uma sala para cada idioma, para que a especificidade das ações de cada grupo fosse permitida. A imagem a seguir demonstra o ambiente coletivo do Programa IsF, sala em que todos os coordenadores gerais e pedagógicos de todos os idiomas são inseridos, juntamente com todos os membros do Núcleo Gestor.

Figura 2 - Sala Administrativa Geral do Ambiente de Comunicação Interna do IsF

IDIOMAS SEM FRONTEIRAS

Sala Administrativa Geral

Painel > Meus cursos > Adm_Geral > Ofertas

Introdução e Orientações | Gestão de Pessoas, Planejamento e Sistemas | Ofertas | Políticas Linguísticas e Internacionalização | Letras sem Fronteiras

Laboratório +Unidos | Educação Básica | Prêmios IsF | Divulgação e Publicidade IsF | Aba do Núcleo Gestor

Sejam Bem-Vind@s!

Sala Administrativa Geral do Programa IsF

Aprenda a navegar e compreender a nova organização deste ambiente!

Assista primeiro ao Vídeo de Orientação AQUI!

Informações sobre o Ambiente Administrativo Geral

Conheça a equipe do Núcleo Gestor

Canais de Comunicação INTERNA entre Coordenadores e o Núcleo Gestor

Notícias e Comunicados do Núcleo Gestor

Fórum de Notícias do Núcleo Gestor

Divulgação de Eventos do IsF e de outros grupos



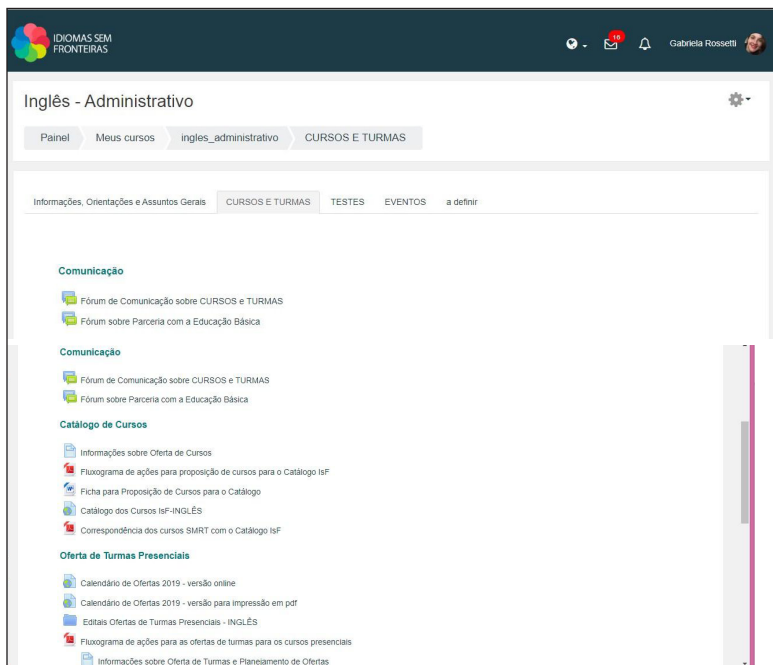
Fonte: Site Programa ISF. Disponível em: <http://programaisf.pro.br/course/view.php?id=7§ion=0>. Acesso em: 25 nov. 2020.

Em relação à comunicação, o Moodle apresenta ferramentas que podem ser configuradas nos formatos síncrono e assíncrono. Comunicação síncrona é aquela que ocorre de forma simultânea entre os usuários, necessitando de agenda e horário predefinidos para que seja possível sua ocorrência, exigindo que acessem o ambiente virtual ao mesmo tempo. Já a comunicação assíncrona ocorre de forma não simultânea entre os participantes, fazendo com que cada um possa ter acesso às informações e interagir em seu próprio tempo. Entre as atividades disponíveis no Moodle voltadas para a interação, aquelas que podem ser utilizadas para a *comunicação síncrona* são *chat* e *Skype*. Para a *comunicação assíncrona*, podem ser utilizadas as ferramentas *diário* e *fórum*.

Faz-se necessário ressaltar que ambas as formas de interação são importantes para o processo comunicacional e possuem aspectos positivos e negativos. A comunicação síncrona é importante para a discussão de temas pontuais, que exijam decisões rápidas, ou para transmitir orientações detalhadas, dando oportunidade aos participantes de resolverem suas dúvidas em tempo real, não sendo necessário aguardar por respostas. Por outro lado, é necessário que todos os usuários estejam disponíveis virtualmente ao

mesmo tempo para que seja possível a comunicação, o que pode ser um fator de dificuldade, dependendo do número de participantes em um ambiente virtual. Já a comunicação assíncrona é adequada a processos comunicacionais de construção do conhecimento ou formação de conceitos que devam ser amadurecidos no decorrer do tempo. Por não exigir que os participantes estejam virtualmente conectados ao mesmo tempo, se houver dúvidas durante o processo, será necessário aguardar por respostas até que o responsável por as fornecer acesse o ambiente virtual. A figura a seguir demonstra a configuração da sala administrativa para o idioma inglês, cujo objetivo é realizar discussões acerca das ações para o referido idioma.

Figura 3 - Sala administrativa do IsF-Ingês



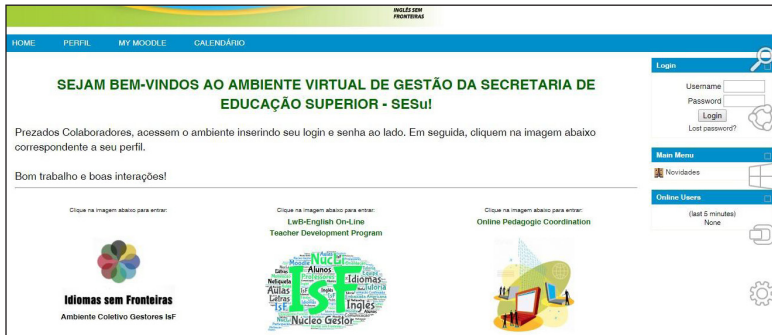
Fonte: Site Programa IsF. Disponível em: <http://programaisf.pro.br/course/view.php?id=3§ion=1>. Acesso em: 25 nov. 2020.

As imagens apresentadas acima referem-se à estrutura atual do Moodle IsF. No entanto, houve fases diversas em relação ao ambiente virtual de gestão do programa, uma vez que sua construção se deu por um processo de experimentação, baseado em conhecimento prévio sobre EaD, somado às necessidades de seu público-alvo. Dessa maneira, o NG busca, constantemente, alinhar a disponibilidade de recursos pessoais e materiais às suas necessidades administrativas e às dos coordenadores.

Desafios relacionados à manutenção do ambiente virtual

Todo ambiente virtual requer uma equipe para estruturá-lo e configurá-lo, além de fornecer suporte técnico sempre que houver necessidade. Entretanto, no caso do Programa IsF, a escolha inicial pela plataforma Moodle foi feita pelo conhecimento técnico que as equipes das IES já tinham dele. Apesar de a equipe de tecnologia da informação do MEC não apresentar especialistas para a atualização do Moodle, era desejável que ele estivesse hospedado no servidor do MEC, dando legitimidade às ações do NG e dos especialistas das IES.

Figura 4 - Ambiente inicial do Moodle IsF hospedado pelo MEC



Fonte: Site SESuMoodle.mec.gov.br. Disponível em: <http://sesumoodle.mec.gov.br/>. Acesso em: 25 nov. 2020.

No entanto, o Programa IsF passou por várias fases de estruturação e, em determinado momento, houve limitações técnicas e de recursos humanos que dificultaram a manutenção do Moodle como plataforma de gestão e comunicação do programa no servidor do MEC. A solução encontrada foi buscar outra plataforma livre, na qual houvesse uma equipe disponível para oferecer apoio; assim, o sistema e-Proinfo foi escolhido.

O e-Proinfo consiste em um ambiente virtual livre e colaborativo, desenvolvido por equipes do Ministério da Educação para o apoio às instituições que desejam ofertar cursos de formação a distância ou outras ações destinadas a processos de ensino-aprendizagem. Portanto, trata-se de um ambiente que possui funcionalidades semelhantes àsquelas encontradas no Moodle: criação de múltiplas salas, formação de grupos entre os participantes, ferramentas para disponibilização de recursos, para discussão coletiva e para execução de atividades.

A principal diferença entre os dois ambientes está na sua apresentação, o que pode facilitar ou dificultar a navegação dos usuários, dependendo de seu grau de letramento digital. As páginas

configuradas para o Moodle se assemelham a páginas de sítios gerais, as quais os usuários estão mais habituados a acessar, como sítios institucionais, por exemplo, tornando a navegação mais intuitiva; no caso do e-Proinfo, as páginas configuradas se assemelham a uma rede social. Além disso, a estrutura de disponibilização de arquivos e dos fóruns possui menos opções de configuração em comparação ao Moodle.

Figura 5 - Ambiente e-Proinfo IsF



Fonte: Site e-Proinfo. Disponível em: <https://bit.ly/3q0jq3>. Acesso em: 25 nov. 2020.

Embora o e-Proinfo seja uma plataforma com diversas características positivas e ferramentas de gestão diferentes das do Moodle, ele proporcionou algumas dificuldades de adaptação para os coordenadores e demais usuários do ambiente virtual do Programa IsF, que haviam se familiarizado mais com a plataforma anterior. De maneira geral, houve uma queda de interação entre os usuários do ambiente virtual em relação ao acompanhamento das ações e participação nas discussões propostas. Soma-se a isso o fato de que as constantes mudanças de gestores no MEC tornaram quase impossível a manutenção de articulações para continuidade e desenvolvimento de ferramentas no e-Proinfo que pudessem

atender às necessidades da rede de especialistas do programa. Assim, houve um esforço do Núcleo Gestor para que fosse retomado o uso do Moodle; atualmente, como mencionado no início deste texto, essa plataforma está vinculada à gestão da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e é mantida por sua equipe da Secretaria de Educação a Distância (SEaD).

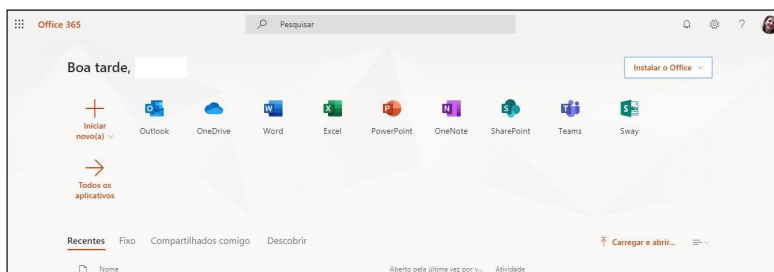
Consoante à concepção de formação do ambiente pessoal de aprendizagem (Segura; Quintero, 2010), em que os indivíduos integram ferramentas viabilizadas pela internet à sua rotina, com o objetivo de apoiar processos de ensino-aprendizagem, as experiências com o uso de ambientes virtuais no âmbito do Programa IsF demonstraram que não existe uma plataforma melhor que outra, mas, sim, aquela com a qual os usuários demonstram maior afinidade e naturalidade, incorporando seu uso nas atividades diárias, o que é, afinal, o objetivo da adoção de uma plataforma virtual para a gestão de um programa como o Idiomas sem Fronteiras. Ou seja, para que um programa nacional possa ser mantido, melhorado e expandido, é necessário que todos os agentes envolvidos participem ativamente de todas as etapas de implementação e melhoria das ações, indicando os resultados e impactos obtidos com a comunidade acadêmica para que, juntamente com os gestores, possam ser pensadas ações de melhoria e desenvolvimento constantes.

A funcionalidade dos ambientes e ferramentas virtuais para o grupo de especialistas

Buscando melhorias e maior articulação entre as ações da equipe do Núcleo Gestor e coordenadores, foram agregadas ao Programa IsF as ferramentas e recursos da Plataforma 365 da Microsoft, que incluem uma conta de endereço eletrônico de domínio @programaisf.pro.br a todos os usuários do programa:

equipe administrativa, coordenadores e professores. Essas contas de e-mail dão acesso on-line às ferramentas tradicionais Microsoft Office (Outlook, Word, Excel, Power Point e Access), além dos serviços OneDrive, SharePoint, Teams, OneNote e Sway. As contas são criadas para os coordenadores no momento que o Núcleo Gestor recebe a documentação oficial da instituição nomeando-os responsáveis pelo programa institucionalmente. Os professores recebem sua conta após confirmação de sua participação no programa por parte de seus coordenadores IsF.

Figura 6 - Ambiente IsF da plataforma 365



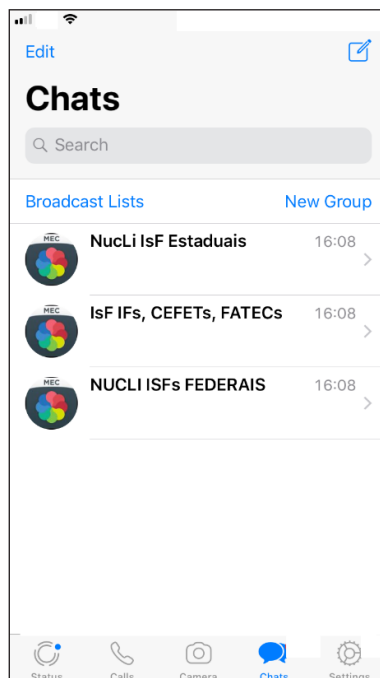
Fonte: Site Office.com. Disponível em: <https://www.office.com>. Acesso em: 25 nov. 2020.

Atualmente, o acesso ao Moodle IsF é concedido apenas após a criação da conta do Office 365, uma vez que todos os usuários do ambiente Moodle IsF são vinculados a ele por meio de seus endereços eletrônicos de domínio @programaisf.pro.br, o que significa que apenas os coordenadores indicados por portaria de suas instituições e os professores indicados por seus respectivos coordenadores podem ter acesso à plataforma específica do programa.

Outra ferramenta incorporada à gestão do Programa IsF foi o aplicativo WhatsApp. Inicialmente, quando o aplicativo começou a ser utilizado em larga escala, o Núcleo Gestor fez seu uso para comunicação durante os encontros nacionais de coordenadores, com o objetivo de agilizar o encaminhamento de informações e

orientações sobre as atividades a serem realizadas. A partir da familiarização dos coordenadores com essa ferramenta, o Núcleo Gestor a adotou como uma das formas de comunicação oficial do Programa IsF. Para isso, foram criados grupos específicos de coordenadores, de acordo com suas funções (se coordenadores gerais ou pedagógicos) e idiomas que coordenam. Assim, atualmente, o Núcleo Gestor gerencia diversos grupos entre sua equipe, de acordo com a área de atuação de cada membro e os seguintes grupos de coordenadores: coordenadores IsF de NuLi das universidades federais; coordenadores IsF de NuLi das universidades estaduais; coordenadores dos Institutos Federais, CEFETs⁴ e FATECs.⁵

Figura 7 - Grupos IsF no WhatsApp



Fonte: Aplicativo WhatsApp.

Após um processo de conscientização e letramento dos coordenadores em relação aos objetivos administrativos dos grupos de WhatsApp do Programa IsF, o aplicativo se tornou uma ferramenta indispensável à distribuição de informações e orientações, bem como à tomada de decisões. Para participar dos grupos, os coordenadores devem ser indicados formalmente para a função de coordenador IsF ou coordenador pedagógico IsF por meio de portaria de sua instituição, de acordo com o processo de indicação de coordenadores estabelecido pelo Núcleo Gestor.

A comunicação como elemento-chave da formação das premissas do Programa IsF

Levando-se em consideração o perfil dos coordenadores IsF, que são a maioria dos usuários do ambiente virtual, é privilegiada a comunicação assíncrona. Ressalta-se que os coordenadores IsF são docentes ativos em suas instituições de origem, o que lhes conferem todas as responsabilidades de tal função, e encontram-se em todos os estados brasileiros, o que gera algumas diferenças de fuso horário. Tais características podem dificultar um processo de comunicação realizado predominantemente de forma síncrona. Além disso, as ações do Programa IsF são construídas de forma colaborativa entre o Núcleo Gestor e coordenadores, tornando as discussões e a necessidade de diálogo processos constantes ao longo do tempo.

Devido à natureza coletiva do trabalho relacionado às ações do Programa IsF, utiliza-se a ferramenta *fórum* como forma de comunicação entre o Núcleo Gestor e os coordenadores. Essa ferramenta reduz o volume de mensagens trocadas, pois, como todos os usuários possuem acesso a todo conteúdo postado, a ocorrência de respostas duplicadas diminui, tendo em vista que uma dúvida

comum a mais de um participante é respondida uma única vez e todos têm acesso à informação. Caso algum participante julgue importante abordar algum tema não contemplado nos tópicos já abertos nos fóruns, é possível fazer uma solicitação ao moderador para que o tópico com o assunto desejado seja criado.

Por se tratar de um programa nacional que envolve especialistas da área de ensino-aprendizagem de línguas, é objetivo do Núcleo Gestor promover a construção de uma comunidade do conhecimento, em outras palavras, uma inteligência coletiva (Lévy, 2007, p. 28-29), em que se preconiza “uma inteligência distribuída por toda a parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências (...), sendo a base e objetivo da inteligência coletiva o reconhecimento e o enriquecimento mútuo das pessoas (...)”. Assim, a construção de uma rede de especialistas que esteja voltada para o fomento de ideias e pressupostos para políticas linguísticas públicas e de internacionalização, para as ações e compartilhamento de soluções locais sobre os problemas enfrentados nacionalmente na promoção da proficiência linguística, é um trabalho focal a que se dedica o Núcleo Gestor.

A criação do ambiente virtual coletivo de interação do Programa IsF viabiliza a formação dessa inteligência coletiva, uma vez que a comunicação estabelecida entre seus participantes torna possível a construção de tal conhecimento, sendo esse outro motivo para a escolha da ferramenta *fórum* como principal forma de comunicação e gestão das ações do Programa IsF. A partir da interação promovida por meio do fórum do Moodle, Drogui (2019) defende o potencial dessa ferramenta em proporcionar aprendizagem e desenvolvimento, desde que haja uma mediação adequada. Por esse motivo, a atuação do Núcleo Gestor no ambiente virtual é sempre constante.

As configurações disponíveis para a ferramenta *fórum* permitem que o Moodle direcione todas as mensagens postadas para o endereço eletrônico dos usuários que fazem parte desses fóruns. Esse recurso permite aos usuários acompanhar o fluxo de mensagens também por seus provedores de e-mail, não sendo necessário acessar o Moodle para verificar as mensagens. Um aspecto negativo dessa funcionalidade é a possível sobrecarga das caixas de e-mail dos participantes com o volume de postagens feitas no ambiente virtual do Programa IsF, pois cada postagem feita significa um novo e-mail recebido. Para minimizar esse problema, é possível acionar a configuração relacionada à forma como as mensagens serão enviadas à caixa de e-mail, como, configurar o recebimento de uma única mensagem de e-mail que contenha todas as postagens daquele dia.

Sabe-se que, em momentos específicos e urgentes, faz-se necessária uma resposta rápida e, para suprir tal necessidade, a equipe do Núcleo Gestor adota o critério de responder às postagens dos participantes em um prazo de 24 horas, nos casos de ações mais urgentes, como as que necessitam de cumprimento de prazo, por exemplo. Dúvidas gerais ou questionamentos que exijam um tempo maior para reflexão e elaboração de orientações são respondidos entre 48 a 72 horas. Esse critério está alinhado com as premissas de interação e tutoria virtual praticadas no EaD.

Como mencionado anteriormente, desde suas origens, o Programa IsF está pautado no diálogo e na construção coletiva do conhecimento, fazendo com que a comunicação eficaz e permanente seja indispensável ao programa e tenha se tornado o cerne do ambiente virtual. Por esse motivo, a configuração de fóruns de interação é tão necessária e relevante.

O modelo de gestão a distância do Programa IsF, pautado na comunicação constante, gera um grande volume de informações que precisa ser processado adequadamente. Dessa forma, os

fóruns de comunicação são reorganizados, anualmente, a partir dos assuntos essenciais ao andamento do programa. Temas recorrentes são mantidos, sendo que discussões antigas são arquivadas e transformadas em documentos, como procedimentos ou sugestões de boas práticas. Sempre que há necessidade de discussões específicas, são abertos novos fóruns, assim como para temas mais recentes. A partir do momento em que os temas são consolidados, as mensagens são arquivadas.

O Catálogo Nacional de Cursos

Uma das ações de maior importância e impacto do Programa IsF é a oferta de aulas presenciais, cujo processo envolve ações no Sistema de Gestão do Programa IsF⁶ por parte dos coordenadores IsF gerais e pedagógicos das instituições credenciadas. Desde sua concepção inicial, o Sistema de Gestão permite que os coordenadores IsF façam cadastro dos cursos que desejam ofertar em suas instituições, com base no perfil de sua comunidade acadêmica e de acordo com os objetivos do programa, e os submetam para análise do Núcleo Gestor, responsável pelo deferimento ou indeferimento dos cursos. Uma vez deferidos pelo Núcleo Gestor, os cursos ficam disponíveis para oferta das aulas presenciais pelas instituições que os cadastraram.

A partir de um levantamento de dados feito em 2016 pela equipe pedagógica do Núcleo Gestor, constatou-se a existência de 1.785 cursos deferidos no Sistema de Gestão IsF desde que a ação de oferta de aulas presenciais foi iniciada, em 2014, sendo que a maior parte desses cursos apresentava muitas semelhanças entre si. Dessa maneira, com o objetivo de unificar as ações de oferta de cursos de acordo com o escopo de atuação do Programa IsF, ou seja, internacionalização e fins acadêmicos, o Núcleo Gestor

instituiu o Catálogo Nacional de Cursos⁷ e realizou as seguintes ações para tal: mapeamento, categorização, tematização e seleção dos cursos existentes a partir de suas ementas e conteúdos programáticos. Esse trabalho foi realizado pela equipe pedagógica do Núcleo Gestor devido ao grande número de cursos e à necessidade de sua compilação, o que exigia uma equipe reduzida, especialmente em razão do tempo disponível para que a ação fosse concluída. No entanto, o objetivo sempre foi envolver os coordenadores e professores IsF de forma ativa, uma vez que são eles os responsáveis pela oferta dos cursos e conhecedores das necessidades e realidade de suas comunidades acadêmicas; sendo assim, a partir dos resultados obtidos por meio da reestruturação dos cursos existentes, as demais etapas da formação do Catálogo Nacional foram realizadas pelos coordenadores em formato exclusivamente a distância, com intermediação do ambiente virtual Moodle, processo que será descrito detalhadamente a seguir. A participação dos professores ocorreu a partir da orientação de seus respectivos coordenadores durante as reuniões pedagógicas nos Núcleos de Línguas, os quais traziam os resultados dessas interações para a coletividade do ambiente virtual.

Verifica-se, portanto, uma materialização do conceito de inteligência coletiva proposto por Lévy (2007), uma vez que a constituição do Catálogo de Cursos foi resultado da colaboração de diversos especialistas em ensino-aprendizagem de línguas que socializaram seus conhecimentos, trata-se de uma prática concreta de compartilhamento de saberes.

A estruturação do catálogo feita pelo Núcleo Gestor foi apresentada presencialmente aos coordenadores em evento nacional do Programa IsF, em novembro de 2016. Na mesma ocasião, foram compartilhados os planos de ensino propostos para os cursos definidos para o catálogo.

Até a primeira quinzena de janeiro do ano seguinte, os coordenadores ficaram responsáveis por conduzir discussões com seus professores do NuLi, durante as reuniões pedagógicas locais, a respeito de referenciais teóricos relacionados às linhas temáticas do catálogo, uma vez que os professores deveriam auxiliar seus coordenadores na definição de conteúdos programáticos e referências bibliográficas, visto que os professores possuem o conhecimento prático de sala de aula com os alunos do Programa IsF. Esse trabalho foi orientado por meio de webconferência feita pelo Núcleo Gestor aos coordenadores.

A partir da segunda quinzena de janeiro de 2017, os coordenadores iniciaram os trabalhos no Moodle. Partindo-se do pressuposto de que os coordenadores possuem sua própria linha de formação, com experiências distintas, cada coordenador poderia escolher os cursos em que desejasse contribuir. Feita a escolha, os coordenadores que optaram pelos mesmos cursos foram agrupados e deveriam propor *conteúdo programático* e *referências bibliográficas* para os cursos escolhidos, sendo que as propostas deveriam ser materializadas em ficha específica de catalogação e categorização elaborada pelo Núcleo Gestor e aprovada pela coletividade de coordenadores. Como a escolha para participação nas discussões acerca dos cursos foi voluntária, alguns grupos foram mais numerosos que outros, sendo que, em todos os casos, em grupos grandes ou pequenos, os coordenadores deveriam escolher um representante responsável pela consolidação das sugestões do grupo. Ao final do período indicado para preenchimento das fichas, cada grupo de coordenadores responsabilizou-se por formatar uma única ficha para cada um dos cursos de sua responsabilidade. Vale ressaltar que os grupos de coordenadores foram acompanhados por membros do Núcleo Gestor, também especialistas nas áreas de atuação dos coordenadores, e que essa participação foi feita com o objetivo de auxiliar na compilação de informações.

O Núcleo Gestor também definiu um prazo para que os grupos de coordenadores entregassem o plano de ensino consolidado para os cursos em que trabalharam ao final das discussões.

Todo processo de discussão e tomada de decisões acerca do conteúdo final das fichas foi feito por meio de discussões em 43 fóruns distintos, sendo um fórum específico por curso. Ao todo, foram registradas 1.336 mensagens trocadas em período inferior a dois meses. Os números comprovam a eficácia do apoio de ambientes virtuais para gestão e tomada de decisões com foco na comunicação e diálogo constantes. Esse processo demonstra que os coordenadores participaram ativamente de todas as etapas propostas, assumindo “responsabilidades em relação à construção dos conhecimentos que buscam” (Oliveira, 2010, p. 108), por meio do suporte fornecido pela ferramenta virtual.

Além da configuração dos fóruns específicos para discussão das fichas dos cursos, foram configurados outros recursos para auxiliar no trabalho dos coordenadores, como textos de orientações e sugestões de leituras relacionadas às linhas temáticas do catálogo. A seguir são apresentadas imagens da página do Moodle IsF em que o trabalho foi realizado.

Figura 8 - Ambiente Moodle-IsF para organização do Catálogo Nacional de Cursos IsF-Ingês

CATALOGO DE CURSOS

Comunicação
(Núcleo_Língua)
Fórum de apoio para atividades do Catálogo de Cursos (Núcleo_Língua)

IMPORTANTE: Escolha de data para participação de webconferência
Prazo: 17/02/2017
(Núcleo_Língua)
? Escolha de data para participação em webconferência sobre o Catálogo de Cursos (Núcleo_Língua)






Orientações de acesso à webconferência - NOVO (Núcleo_Língua)
Orientações de acesso à webconferência (Núcleo_Língua)

Orientações
(Núcleo_Língua)
Orientações para o trabalho com o catálogo de cursos (Núcleo_Língua)

Etapa 1 - Trabalho interno nos NuCLi:
Leituras sobre OCEB e Definição de Conteúdo Programático e Referências Bibliográficas (preenchimento da ficha)
Prazo: até 03 de fevereiro
(Núcleo_Língua)

Materiais para Leitura

(Núcleos_Línguas)

-  Catálogo de Cursos (Núcleos_Línguas)
-  Leitura inicial Q CER: Portal IsF (Núcleos_Línguas)
-  Leituras sobre o Quadro Comum Europeu de Referência (Núcleos_Línguas)
-  Ficha para preenchimento do Conteúdo Programático e das Referências Bibliográficas (Núcleos_Línguas)
-  Exemplo de conteúdos para as fichas (Núcleos_Línguas)









Atividades

(Núcleos_Línguas)

Discussão pedagógica - Grupo 1 (Núcleos_Línguas)





Fórum dos cursos escolhidos por várias IES

(Núcleos_Línguas)

-  3. Variedades da língua inglesa (Cultura - CURSO 3)
-  26. TOEFL iBT: Preparatório (Exames - CURSO 26)
-  27. IELTS: Preparatório (Exames - CURSO 27)
-  30. Produção Oral: debates (Internacionalização - CURSO 30)
-  31. Produção Oral: interações acadêmicas (Internacionalização - CURSO 31)
-  39. Produção Escrita: parágrafos (Internacionalização - CURSO 39)
-  42. Produção Escrita: essay (Internacionalização - CURSO 42)
-  47. Compreensão oral: palestras e aulas (Internacionalização - CURSO 47)









Discussão pedagógica - Grupo 2 (Núcleos_Línguas)

Fórum dos cursos escolhidos por uma IES (Núcleos_Línguas)

-  10. TOEFL iBT: Simulados (Exames - CURSO 10)
-  21. TOEFL iBT: Produção Oral (Exames - CURSO 21)
-  38. Produção Escrita: cartas de apresentação (Internacionalização - CURSO 38)
-  49. Atendimento telefônico (Internacionalização - CURSO 49)

Fórum dos cursos escolhidos por várias IES





(Núcleos_Línguas)

-  1. Mobilidade Acadêmica Internacional: primeiros passos (Cultura - CURSO 1)
-  8. Exames de proficiência: familiarização (Exames - CURSO 8)
-  14. IELTS: Estratégias (Exames - CURSO 14)
-  22. IELTS: Produção Oral (Exames - CURSO 22)
-  33. Produção Oral: recepção de estrangeiros (Internacionalização - CURSO 33)
-  44. Compreensão escrita: artigos científicos (Internacionalização - CURSO 44)
-  51. Inglês para fins específicos: Saúde (Áreas Específicas - CURSO 51)
-  55. Inglês para fins específicos: Tecnologia (Áreas Específicas - CURSO 55)

Discussão pedagógica - Grupo 3

(Núcleos_Línguas)

Fórum dos cursos escolhidos por uma IES (Núcleos_Línguas)

-  17. IELTS: Compreensão Oral (Exames - CURSO 17)
-  23. TOEFL iBT: Produção Escrita (Exames - CURSO 23)
-  40. Produção Escrita: currículo (Internacionalização - CURSO 40)
-  58. Inglês para fins específicos: Área Artística (Áreas Específicas - CURSO 58)

Fórum dos cursos escolhidos por várias IES
(Núcleos_Línguas)

- 2. Diferenças culturais (Cultura - CURSO 2)
- 9. TOEFL ITP: Simulados (Exames - CURSO 9)
- 16. TOEFL iBT: Compreensão Oral (Exames - CURSO 16)
- 25. TOEFL ITP: Preparatório (Exames - CURSO 25)
- 41. Produção Escrita: abstracts (Internacionalização - CURSO 41)
- 45. Compreensão escrita: abstracts (Internacionalização - CURSO 45)
- 53. Inglês para fins específicos: Área Jurídica (Áreas Específicas - CURSO 53)
- 61. Inglês para fins específicos: Humanidades (Áreas Específicas - CURSO 61)

Discussão pedagógica - Grupo 4
(Núcleos_Línguas)

Fórum dos cursos escolhidos por uma IES (Núcleos_Línguas)

- 18. TOEFL ITP: Compreensão Escrita (Exames - CURSO 18)
- 32. Produção oral: entrevistas (Internacionalização - CURSO 32)
- 37. Produção Escrita: e-mails (Internacionalização - CURSO 37)
- 48. Inglês como língua de instrução para docentes (Internacionalização - CURSO 48)

Fórum dos cursos escolhidos por várias IES
(Núcleos_Línguas)

- 4. Comunicação Intercultural (Cultura - CURSO 4)
- 12. TOEFL ITP: Estratégias (Exames - CURSO 12)
- 13. TOEFL iBT: Estratégias (Exames - CURSO 13)
- 19. TOEFL iBT: Compreensão Escrita (Exames - CURSO 19)
- 28. Produção Oral: comunicações acadêmicas (Internacionalização - CURSO 28)
- 43. Compreensão escrita: estratégias (Internacionalização - CURSO 43)
- 46. Compreensão oral: estratégias (Internacionalização - CURSO 46)
- 54. Inglês para fins específicos: Engenharia (Áreas Específicas - CURSO 54)

Fonte: Site SESuMoodle.mec.gov.br. Disponível em: <http://sesumoodle.mec.gov.br/course/view.php>. Acesso em: 25 nov. 2020.

Após conclusão do trabalho com as fichas pedagógicas de todos os cursos definidos para o catálogo, as informações contidas nessas fichas foram cadastradas no Sistema de Gestão IsF⁸. A partir desse cadastro, todos os cursos estão disponíveis para oferta por todos os Núcleos de Línguas, garantindo qualidade e unicidade ao programa em relação aos propósitos de internacionalização e finalidade acadêmica, ao mesmo tempo que são garantidas as especificidades da realidade local dos NuCLis, pois o sistema permite que os coordenadores façam adaptações para suas ofertas, a partir da definição e escolha de avaliações e materiais didáticos, por exemplo.

Ressalta-se que, em 2017, o Programa IsF passou por um processo de credenciamento de novas instituições, sendo que a formação do Catálogo Nacional Isf-Inglês foi fundamental para a

padronização do calendário nacional de ofertas de cursos presenciais, além de facilitar o trabalho dos coordenadores ao realizarem suas ofertas locais.

A existência do Catálogo Nacional não impede a inclusão de novos cursos. Os coordenadores podem realizar propostas de cursos de acordo com os padrões do catálogo em momentos definidos pelo Núcleo Gestor, a partir da identificação de necessidades que ainda não foram abrangidas pelo catálogo.

Importante mencionar que os outros idiomas já iniciaram seus trabalhos compondo com o Catálogo Nacional de Cursos IsF, permitindo que a experiência obtida com o IsF-Inglês pudesse servir de base para os novos processos.

O letramento digital e seu papel no uso de ambientes virtuais

Faz-se importante indicar o perfil dos usuários do ambiente virtual do Programa Idiomas sem Fronteiras, que são, majoritariamente, docentes de línguas estrangeiras das instituições credenciadas. Trata-se de um grupo de usuários heterogêneo, em relação ao letramento digital, que possui formação abrangente, mas apresenta diferentes níveis de experiência no uso de tecnologias. Há o perfil de usuário totalmente digital, habituado a diversas formas de tecnologia, desde o uso ativo de redes sociais até a incorporação dessas tecnologias em suas aulas; e há o perfil de usuário analógico, ainda não totalmente familiarizado com o correio eletrônico, por exemplo. Ressaltamos que a menção a perfis digital e analógico não possui qualquer relação com a data de nascimento dos usuários, mas, sim, com sua facilidade ou desejo em utilizar essas tecnologias. Essas diferenças são resultado do modo como cada docente traça seus objetivos em relação à incorporação das tecnologias de informação, desenvolvendo estilos distintos

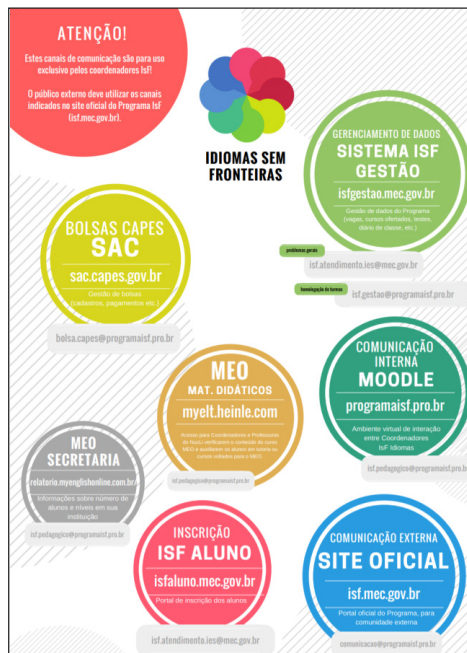
para usá-las (Melo, 2012). Acrescentam-se, também, os problemas advindos da comunicação por escrito, como desconhecimento sobre “netiqueta”, dificuldades em separar elementos subjetivos, como as emoções, durante as discussões dos temas variados, e a compreensão de que o ambiente de gestão difere de uma rede social⁹; foi necessário ao NG dedicar tempo ao formato de redação dos textos de diretrizes e à mediação das postagens nos fóruns de discussões para garantir que o diálogo tivesse sempre um tom objetivo e cordial e fosse possível criar um ambiente propício à formação de uma comunidade de especialista.

Tal heterogeneidade em relação ao letramento digital impôs algumas dificuldades ao Núcleo Gestor do Programa IsF, ao adotar um ambiente virtual para comunicação e gestão das ações, sendo exigido um trabalho constante de conscientização, formação e letramento dos coordenadores. Muito embora seja senso comum a importância de se ter conhecimento de ferramentas digitais de comunicação, os coordenadores apresentaram curvas de aprendizagem distintas, sendo que muitos tinham dificuldades de acompanhar e gerenciar as informações geradas pelos ambientes. A gestão da comunicação torna-se crítica quando os gestores locais não sabem utilizar as ferramentas básicas de categorização de mensagens e demonstram dificuldades em gerir suas caixas de e-mail. As interações trocadas pelos especialistas do programa só evidenciaram essas dificuldades.

O NG percebeu, ao longo desses sete anos de programa, que, com a troca constante de coordenadores gerais e pedagógicos, se não houvesse um histórico das ações e decisões, seria muito difícil o gerenciamento nacional. A insistência no uso das ferramentas acabou se tornando um padrão ou os coordenadores se mantinham ativos ou tinham dificuldades em saber o que precisava ser feito. Há dificuldades, compreensíveis, na inclusão de novas rotinas na vida de professores universitários, já sobrecarregados com as demandas

institucionais. Entretanto, não há como prescindir da organização e da gestão das informações geradas por tantos participantes. Esse é um processo lento de conscientização da comunidade e deve ser levado a sério para que algum resultado surta o efeito desejado ao longo do tempo. Sempre haverá novas pessoas ingressando no programa, sem conhecimento da complexidade do que precisa ser feito e onde deve ser feito. Há vários sistemas que exigem logins e senhas distintos, não por exigência do NG, mas pela configuração das plataformas. Para auxiliar os gestores, o NG organizou as propostas dos diferentes ambientes em um cartaz, facilitando a memorização dos ambientes disponíveis, e-mails de contato e finalidade de cada um deles, como pode ser visto na figura 9:

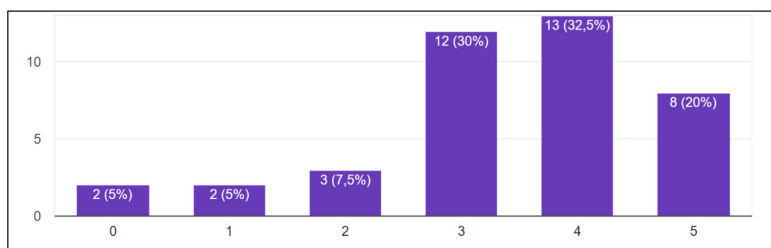
Figura 9 - Cartaz sobre os ambientes virtuais do Programa ISF



Fonte: Núcleo Gestor ISF

Em um levantamento realizado junto aos coordenadores gerais e pedagógicos, o NG pôde evidenciar que um dos efeitos colaterais positivos do programa foi o letramento digital, como pode ser visto no Gráfico 1. Em 2017, em um dos relatórios mensais que os bolsistas deveriam responder, os coordenadores puderam avaliar em que medida o programa contribuiu para seu letramento digital. No total, 82,5% dos respondentes disseram que o IsF teve influência nesse processo de aprendizagem, considerando uma escala Likert, sendo a nota de 0 (nada) a 5 (muito):

Gráfico 1 - Em que medida o Programa IsF influenciou seu letramento digital?



Fonte: Dados do NG.

Apesar das dificuldades apresentadas pelos coordenadores na gestão das plataformas, à medida que iam ganhando mais confiança na navegação e nas informações que poderiam obter em cada uma delas, ampliava-se o suporte que davam aos colegas via WhatsApp, que se mostrou uma ferramenta bastante eficaz sobre questões pontuais, permitindo à comunidade que se ajudasse mutuamente, ganhando muita importância na comunicação entre os representantes e na gestão das questões mais pontuais. Nesse ambiente, por mais que o NG exercesse controle sobre a manutenção de mensagens somente relativas ao programa, a informalidade da comunicação, horizontalização das relações, rapidez de acesso

(sem necessidade de logins e senhas) foram pontos fundamentais para seu uso frequente. De acordo com Santos *et al.* (2017, p. 5):

Outro aspecto relacionado à quebra da hierarquia é a horizontalização das relações e empoderamento daqueles que antes precisavam seguir protocolos formais para solicitar ou expor opiniões. No Whatsapp, todos são “iguais”, estão virtualmente nivelados, e as tratativas passam a ser diretas entre os interessados, de maneira individual ou coletiva.

Entre outros benefícios, o NG acredita que essa ferramenta, aliada a uma plataforma que organize e disponibilize documentos e outras mídias para orientação mais formal, possivelmente pelo OneDrive da Plataforma 365, possa ser uma resposta para a unificação dos sistemas de comunicação do IsF.

Considerações finais

A proposta do Programa Idiomas sem Fronteiras é viabilizar uma mudança estruturante em políticas linguísticas, ensino-aprendizagem e formação de professores de línguas e internacionalização em todo país. Levando-se em consideração a diversidade de contextos do Brasil e a quantidade de pessoas que precisam ser mobilizadas nesse processo de mudança, as atividades do Programa IsF se constituem em um trabalho longo e permanente, o que exige revisão de ações e processos pautada, especialmente, nos resultados da implementação do programa nas comunidades acadêmicas. Além disso, há que se considerarem as mudanças administrativas governamentais, que exigem adaptações a novas realidades. Portanto, seja por um movimento natural, pelo surgimento de novas ferramentas ou por necessidade, o Programa IsF passa por reestruturações constantes.

Com a inserção dos recursos da Plataforma 365 no âmbito do programa, a agilidade na comunicação proporcionada pelos grupos do aplicativo WhatsApp, as dificuldades comuns atreladas à gestão de novos ambientes e as respectivas curvas de aprendizagem, o Núcleo Gestor estuda uma nova forma de organização das plataformas de comunicação, baseando-se, também, nas preferências dos usuários, em uma proposta para facilitar o acesso, diminuir excesso de informações e que possa permitir a união de logins e senhas utilizados nos diferentes ambientes. Assim, é possível manter a comunidade atuando como rede, compartilhando e se ajudando mutuamente na solução de problemas comuns, inerentes a um programa nacional como o IsF. Isso só pode ser possível pelo compromisso que a comunidade de especialistas demonstra ter com o programa e com suas ações em busca de soluções coletivas para democratizar o acesso da comunidade acadêmica à melhoria de sua proficiência linguística.

Notas

- ¹ O Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB) foi criado a partir do Decreto nº 5.800, de 8 de junho de 2006, com o objetivo de fomentar e desenvolver a modalidade de educação a distância nas instituições públicas de ensino superior.
- ² Com o objetivo de promover ações voltadas para a institucionalização de políticas linguísticas para a internacionalização da educação superior brasileira e formação especializada de professores de línguas, o Programa IsF iniciou sua atuação em três eixos: oferta de cursos de língua na modalidade presencial, oferta de cursos de língua na modalidade a distância e aplicação de testes de nivelamento e proficiência.
- ³ A partir do Acordo de Cooperação Técnica nº 04/2019 entre a Secretaria de Educação Superior (SESu) do MEC e a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), estabeleceu-se que a UFSCar é responsável por hospedar e gerir o ambiente virtual Moodle do Programa IsF, bem como os recursos da Plataforma Office 365 da Microsoft destinados ao programa. Informações sobre o uso dos recursos do Office 365 serão apresentadas no decorrer deste texto.

- ⁴ Centro Federal de Educação Tecnológica.
- ⁵ Faculdade de Tecnologia. As FATECs são instituições de ensino localizadas no estado de São Paulo.
- ⁶ Informações sobre o Sistema de Gestão IsF estão disponíveis no primeiro texto deste livro.
- ⁷ O processo de criação e formação do Catálogo de Cursos é apresentado nos textos “Catálogo de Cursos do IsF: unidade nacional” e “O Catálogo Nacional de Cursos IsF: uma análise inicial das ofertas” deste livro.
- ⁸ O Sistema de Gestão IsF, disponível no endereço <http://isfgestao.mec.gov.br/>, foi desenvolvido para gerenciar todas as ações dos Núcleos de Línguas e do programa como um todo. O texto “O Catálogo Nacional de Cursos IsF: uma análise inicial das ofertas”, neste livro, aborda os resultados obtidos com os relatórios dessas ações.
- ⁹ Devido à popularização das redes sociais, é comum que usuários com pouco letramento digital em ambientes virtuais de gestão e educação a distância levem para esses ambientes um comportamento digital semelhante ao utilizado em redes sociais, como, postagem de mensagem no fórum apenas para agradecer pela resposta a alguma dúvida, da mesma forma que um usuário pode agradecer por um comentário em uma postagem feita em sua página pessoal. No ambiente de gestão, atitudes como essa geram um volume desnecessário de mensagens e leva-se um tempo para que os usuários percebam a diferença e entendam que não é falta de consideração deixar de fazer uma postagem no fórum apenas para agradecer por alguma dúvida solucionada.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Portaria nº 973, de 14 de novembro de 2014. Institui o Programa Idiomas sem Fronteiras e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, n. 222, de 17 de novembro de 2014, Seção 1, p. 11-12.

CAPES. *O que é o Sistema UAB e sua legislação*. Fundação CAPES. Disponível em: <https://www.capes.gov.br/uab/o-que-e-uab>. Acesso em: 15 set. 2019.

DROGUI, A. P. Brasil e Argentina: interação no meio virtual e formação (inicial e continuada) de professores de língua espanhola. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 19, n. 1, p. 173-203, jan./mar. 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-63982019000100173&lang=pt. Acesso em: 13 out. 2019.

LÉVY, P. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

MELO, G. C. V. O uso das TIC no trabalho de professores universitários de língua inglesa. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 93-118, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-63982012000100006&lang=pt. Acesso em: 13 out. 2019.

OLIVEIRA, G. P. *Estratégias multidimensionais para a avaliação da aprendizagem em cursos on-line*. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação. Rio de Janeiro: Fundação Cesgranrio, 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3995/399537976007.pdf>. Acesso em: 10 out. 2019.

SANTOS, A. C. B. *et al.* O trabalho mediado por tecnologias da informação e comunicação: uso corporativo do aplicativo WhatsApp. In: ENCONTRO DE ADMINISTRAÇÃO DA INFORMAÇÃO, 6., 2017, Curitiba, *Anais [...]*. Curitiba: EnADI, 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Marcia_Rodrigues16/publication/317336216_O_Trabalho_Mediado_por_Tecnologias_da_Informacao_e_Comunicacao_Uso_Corporativo_do_Aplicativo_Whatsapp/links/5939535b0f7e9b32b71da513/O-Trabalho-Mediado-por-Tecnologias-da-Informacao-e-Comunicacao-Uso-Corporativo-do-Aplicativo-Whatsapp.pdf. Acesso em: 14 out. 2019.

SANTOS, G. L. Ensinar e aprender no meio virtual: rompendo paradigmas. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 37, n. 2, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022011000200007&lang=pt. Acesso em: 14 out. 2019.

SEGURA, J. A.; QUINTERO, L. J. C. *Los Entornos Personales de Aprendizaje (PLEs): una nueva manera de entender el aprendizaje*. [S. l.]: Marfil – Roma TRE Universita degli studi, 2010. Disponível em: <https://digitum.um.es/digitum/handle/10201/17247>. Acesso em: 5 out. 2019.

Parte 2

OS PROCESSOS DE GESTÃO PEDAGÓGICA DO
PROGRAMA IDIOMAS SEM FRONTEIRAS

VALESKA VIRGÍNIA SOARES SOUZA
ADRIANA DE CARVALHO KUERTEN DELLAGNELO
JUNIA DE CARVALHO FIDELIS BRAGA

ORIENTAÇÃO ON-LINE DE
PROFESSORES DE INGLÊS DO ISF
Princípios norteadores e proposta pedagógica

Introdução

O presente texto está estruturado de modo a apresentar a experiência de trabalho de orientação pedagógica on-line que se dá no bojo do Programa Idiomas sem Fronteiras (IsF), especificamente na área de inglês.

Sabidamente, o IsF é um programa de extrema relevância dentre as políticas públicas do país dada a sua finalidade de promover a internacionalização da universidade brasileira que, por sua vez, beneficia-se desse processo, tendo em vista a importância que ele desempenha no compartilhamento do pensamento contemporâneo e, portanto, na formação e transformação de recursos humanos nas mais diversificadas áreas do conhecimento.

Um dos principais desafios da internacionalização, no entanto, é facultar à comunidade universitária o domínio de línguas estrangeiras/adicionais (LEs). É preciso que tenhamos profissionais de LEs que possam, de fato, contribuir para essa demanda. Disso decorre o segundo propósito do Programa IsF, qual seja, a

formação do profissional para docência em LEs. Trata-se de outro desafio, haja vista que a educação, em praticamente todas as áreas do conhecimento, vem se pautando em um ensino tradicional que demanda uma reflexão sobre concepções estereotípicas incorporadas por professores em sua atuação, a despeito de conteúdos teórico-metodológicos dos quais tenham se apropriado ao longo do processo da graduação e, muitas vezes, com eles conflitantes. Estudar essa questão e discutir estratégias de ação potencialmente capazes de romper com esses estereótipos são objetivos que nos mobilizam.

Para tanto, incluímos um breve debate em torno dos conceitos que permeiam as decisões didático-metodológicas que orientam o referido trabalho, bem como apresentamos atividades didáticas provenientes do percurso formativo pelo qual os professores em orientação pedagógica on-line vivenciam.

Princípios norteadores da proposta de orientação pedagógica on-line

Os avanços tecnológicos têm potencializado mudanças significativas no campo da Educação, em especial no contexto da educação de professores de línguas em formação. Nessa linha, a utilização das tecnologias de informação e comunicação apresenta-se como forma de explorar alternativas de construção compartilhada de conhecimento.

Tendo em vista a flexibilidade de utilização desses recursos, o Programa Idiomas sem Fronteiras (IsF) vem lançando mão de diferentes tipos de ferramentas digitais para gerenciar, coordenar e formar futuros professores de inglês, sendo a formação de professores on-line o foco deste texto. A iniciativa de se formarem futuros professores no contexto on-line fomenta novas possibilidades

de práticas, aqui consideradas como um conjunto de ideias, linguagem e tarefas compartilhadas pelos participantes de uma comunidade de prática (Lave; Wenger, 1991; Wenger, 1998).

O desenho pedagógico e as práticas de formação contidas na orientação pedagógica on-line foram inspirados na perspectiva histórico-cultural, em cujo cerne está a compreensão de que o ser humano é de natureza social. Isso implica dizer que o desenvolvimento e a aprendizagem resultam da coletividade, ou seja, das relações intersíquicas que se estabelecem entre os interagentes. Depreende-se daí que as funções psíquicas superiores do ser humano, quais sejam memória, atenção voluntária, percepção e pensamento, são aprendidas e desenvolvidas no bojo das relações sociais. Isso posto, os estudos de base vygotskiana ressaltam que o eixo condutor do processo de desenvolvimento é a apropriação da experiência acumulada histórico-culturalmente, o que insistimos, tem lugar nas vivências e nas interações entre os homens em sociedade. A educação que se pretende conforme essa égide, portanto, é uma atividade que prime pelo compartilhamento dessa historicidade, o qual não pode se limitar à transmissão e reprodução do conhecimento historicamente concebido, mas sim abarcar a (trans) formação, discussão e ampliação desse mesmo conhecimento, de modo que os sujeitos aprendam a pensar sobre os objetos e fenômenos culturalmente produzidos e, assim, construam sua subjetividade de modo informado, reproduzindo aquilo que lhes faz sentido e criando novos objetos e fenômenos com novos traços.

Trazendo essa compreensão para a área de formação de professores, por exemplo, é preciso considerar os artefatos já existentes e os conhecimentos já produzidos na área, riqueza essa que deve ser compartilhada com os novos membros dessa comunidade, não com o intuito de entendê-la como verdade cristalizada, mas com o propósito de fazer valer a criação de gerações precedentes e

tomá-la como ponto de partida para a construção do conhecimento e, eventualmente, para o avanço desse mesmo conhecimento.

Conforme Vygotsky (2001, 2007), um dos maiores legados da linguagem, e o que nos coloca em situação de vantagem qualitativa em relação aos animais, é justamente o fato de podermos socializar as experiências e os conhecimentos já concebidos ao longo da história, de modo que o ser humano não tenha de pensar o que já foi pensado e inventar o que já foi inventado. Contribuir para a apropriação desse capital cultural (Bourdieu, 1998) por parte dos professores do Programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês foi o que moveu a equipe pedagógica ao desenhar a metodologia de trabalho a ser adotada. Assim, a perspectiva de trabalho partiu do pressuposto de que aprender a pensar e usar artefatos culturais requer contato social com o *outro* – na acepção bakhtiniana do termo – mais experiente, pois é a partir dessa interação que os participantes mais novos da comunidade vão desenvolvendo sua percepção, memória, raciocínio, imaginação, a fim de que possam regular sua própria conduta.

Ainda como pressuposto dessa perspectiva teórica e, portanto, do desenho pedagógico ora descrito, está a compreensão de que a aprendizagem é situada, ou seja, se dá por ocasião do engajamento na atividade social de que faz parte. Presume-se, então, que aprender a ser professor acontece em meio a atividades de ensino e aprendizagem relativas à docência, pois é na atividade que significados ganham sentidos e sentidos ganham significados. Promover atividades formativas assim concebidas requer envolver o professor em formação em debates e reflexões que vislumbrem a práxis, ou seja, a unidade entre teoria e prática, de modo que o espaço de formação deve constituir-se em lócus marcado pela relação dialética entre elaborações e construções teóricas, produzidas no âmbito da academia, em vivências e experiências práticas construídas na esfera escolar.

Vale lembrar a importância do papel do mediador na identificação e no reconhecimento do saber docente que o professor em formação traz consigo. Isso porque a construção de sentidos e significados não se dá de forma aleatória. O professor apresenta um nível de desenvolvimento real e um nível de desenvolvimento potencial. É preciso reconhecer esses níveis para que as ações de formação incidam sobre a zona de desenvolvimento proximal (ou iminente) do professor, ou seja, sobre o campo em que o aprendiz apresenta potencialidade para aprender, faltando gatilhos – fornecidos pelo *outro* – que lhe deem subsídios para completar o que se apresenta em fase de consolidação.

A ideia de Vygotsky (2001), de que o conhecimento é inicialmente construído em um nível social e posteriormente em um nível individual, serviu de fundamento básico para o desenvolvimento dos princípios da teoria da aprendizagem situada de Lave e Wenger (1991), sobre a qual nos debruçamos mais especificamente a seguir.

A aprendizagem situada tem despertado o interesse de pesquisadores e formadores por conceber a aprendizagem como processo emergente da participação em práticas sociais. A participação, nos termos de Lave e Wenger (1991) e Wenger (1998), vai além de eventos locais em que pessoas se engajam no cumprimento de atividades, pois trata-se de um processo de participação em práticas de comunidades sociais e construção de identidades em relação a essas comunidades.

Wenger (1998) defende que a aprendizagem situada é uma função da atividade, contexto e cultura em que ela ocorre. Os aprendizes se envolvem em uma comunidade com práticas que contam com três dimensões:

- engajamento mútuo: “a fonte de coerência de uma comunidade é o engajamento mútuo dos participantes” (Wenger, 1998,

p. 73). O que for necessário para viabilizar o engajamento dos participantes de uma comunidade em práticas sempre será considerado um componente essencial da prática;

- empreendimento conjunto: fonte de coesão de uma comunidade e o “resultado de um processo coletivo de negociação que reflete a complexidade do engajamento mútuo”. Esse processo, parte da prática, é definido pelos próprios participantes da comunidade;
- repertório compartilhado: a terceira característica da prática é o desenvolvimento de um repertório compartilhado que se dá ao longo da história da evolução da comunidade quando desse empreendimento conjunto emergem recursos para negociação de significado tais como rotinas, palavras, conceitos, instrumentos, palavras, gêneros, ações etc.

Nessa direção, Lave e Wenger (1991) defendem as comunidades de prática, marcadas pela noção de coletividade, na medida em que focalizam em objetivos e interesses comuns, tendo em vista a aprendizagem (trans)formadora.

Nessas comunidades, segundo os autores, os participantes aspiram ao *status* dos veteranos que atuam na comunidade. Dessa forma, os novatos integram-se à comunidade inicialmente como participantes periféricos e passam a ganhar experiência para que possam fazer o que os veteranos fazem. Para se referir às relações entre os novos e antigos membros de uma comunidade de prática, Lave e Wenger (1991, p. 98) utilizam o conceito de ‘participação periférica legítima’, definida como “um grupo de relações entre pessoas, atividade e mundos, por certo tempo e em relação com outras comunidades de práticas tangenciais e sobrepostas”.

Para Flowerdew (2000), a participação ocorre porque os novatos estão desenvolvendo seu conhecimento por meio das relações estabelecidas com os veteranos, ela é periférica porque os aprendizes

estão às margens da atividade em questão e é legítima porque os novatos são potencialmente membros de uma comunidade de prática. Dessa forma, a participação periférica legítima assegura a evolução e reprodução da prática das comunidades.

Tendo em vista esses princípios norteadores da proposta de orientação pedagógica on-line, buscou-se trazer, para esse contexto, condições que propiciam a formação de uma comunidade de prática, pautada nos interesses dos pares e mediada de forma a fomentar a construção coletiva dos conhecimentos e artefatos concebidos histórico-culturalmente na área de formação de professores de línguas.

Na próxima seção, apresentamos brevemente a proposta da orientação pedagógica on-line, bem como uma amostra de atividades desenvolvidas no âmbito desse contexto.

Visão panorâmica da proposta de orientação pedagógica on-line

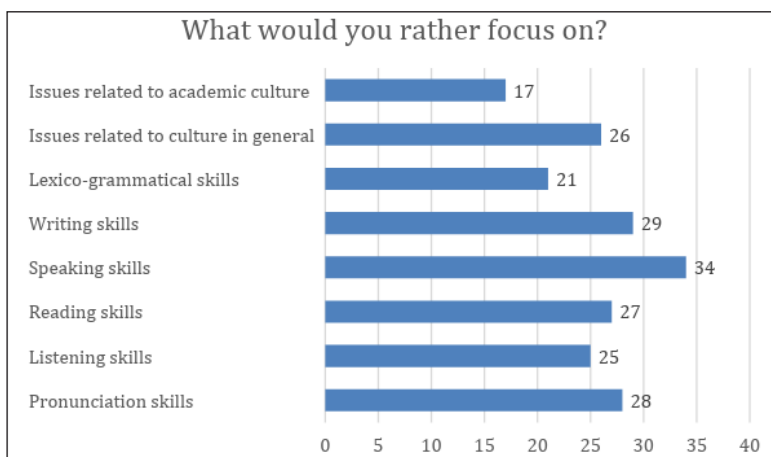
Com o intuito de promover oportunidades de aprendizagem situada e de criar as condições necessárias para se desenvolver uma comunidade de prática nos termos de Lave e Wenger (1991) e de Wenger (1998), as coordenadoras da orientação pedagógica on-line, autoras deste texto, aplicaram um questionário para fazer um levantamento diagnóstico de trinta e nove professores de inglês em formação indicados¹ a participar desse processo.

Esse levantamento nos permitiu conhecer melhor o perfil dos professores: experiência de ensino anterior ao IsF, tempo de docência no IsF, entre outras informações. Face às limitações deste artigo, apresentamos brevemente os resultados da consulta aos professores, no que diz respeito às suas preferências de temas para discussão durante a formação e algumas reflexões sobre o que

esses professores traziam de conhecimento prévio sobre o saber docente, o que consideravam seus pontos fortes e o que entendiam como desafios em suas práticas de ensino de língua inglesa.

Ao serem indagados sobre as habilidades que eles gostariam que fossem abordadas nos encontros pedagógicos, os professores indicaram suas preferências por discutir questões voltadas para habilidades orais. Houve, também, grande interesse por habilidades de leitura e escrita, seguidas pelas léxico-gramaticais e temas relacionados à cultura e à cultura acadêmica. O gráfico a seguir indica as preferências dos respondentes sobre quais habilidades eles gostariam que a orientação pedagógica on-line tivesse como foco.

Figura 1 - Gráfico gerado a partir de questionário semiestruturado



Fonte: Dados coletados pelas autoras.

Vale ressaltar que os itens propostos para essa pergunta do questionário tiveram como base os temas do Catálogo de Cursos do Programa Idiomas sem Fronteiras e as habilidades desenvolvidas nesses cursos. A orientação pedagógica, portanto, foi pautada nas escolhas dos participantes.

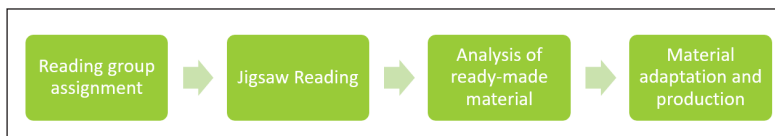
Chamou-nos atenção, por ocasião da aplicação do questionário, quanto ao que os professores entendem como seus pontos fortes, a tendência de valorizar experiências no exterior, conhecimento estrutural e gramatical da língua e capacidade de transmitir conhecimento. Por outro lado, os professores mostram compreender a importância do estabelecimento de boas relações interpessoais com os alunos, bem como do papel da interação no processo de ensino-aprendizagem de línguas.

Essas reflexões foram retomadas nos primeiros encontros de orientação quando as coordenadoras problematizaram uma possível supervalorização de se aprender inglês no exterior, bem como uma concepção tradicional de ensino marcada pela transmissão de conhecimento e circunscrita ao ensino da estrutura e da gramática da língua de forma descontextualizada. As coordenadoras, em contrapartida, validaram a relevância das relações interpessoais em sala de aula e avançaram as discussões relativas ao papel fundante da interação nesse contexto.

Como desafios apontados, destacam-se o ensejo de contemplar os interesses e expectativas dos alunos, a lida com a evasão e o planejamento de atividades motivadoras. De forma análoga, as coordenadoras retomaram essas questões aprofundando os itens pontuados e trazendo uma discussão sobre outros desafios, principalmente no que tange ao desenvolvimento de atividades com vistas à internacionalização, mobilidade acadêmica e ao ensino para propósitos específicos contemplando os interesses da comunidade acadêmica.

De posse desse levantamento, idealizamos e implementamos a proposta de orientação com reuniões semanais via Skype, após dividirmos os professores em grupos de dez a quinze participantes cada. Cada grupo conta com o apoio de uma coordenadora. Essa proposta, intitulada *Exploring How-tos in English teaching: Focus on Academic English and English*, conta com quatro passos, a saber:

Figura 2 - Imagem do fluxo do processo de orientação criado pelas autoras



Fonte: Compilação feita pelas autoras.

1. *Reading assignment*: neste passo, as orientadoras disponibilizam três textos para leitura. Cada professor(a) deve ler pelo menos um dos textos disponibilizados e estar preparado com anotações ou resenhas para a etapa do *Jigsaw Reading*. Os textos escolhidos, com diferentes níveis de complexidade, são denominados *green flag*, textos com sugestões mais práticas; *orange flag*, textos com propostas teóricas e/ou pesquisas empíricas; e *red flag*, textos com articulações teóricas densas e discussões de resultados de pesquisas.
2. *Jigsaw reading*: uma vez preparados para discutir os textos propostos, os professores são, inicialmente, agrupados com os pares que leram o mesmo texto de forma a permitir melhor entendimento dele. Em seguida, esses professores são reagrupados de modo que cada grupo tenha um professor representante de um dos textos para fazer a síntese desse texto para os demais colegas do grupo. Desse modo, todos os professores têm acesso ao conteúdo de todos os textos. Após o *jigsaw reading*, geralmente com duração de quarenta minutos – vinte para cada momento –, todos os participantes se reúnem para o fechamento das discussões.
3. *Analysis of ready-made material*: no terceiro passo da proposta, é solicitado aos professores que analisem atividades voltadas para as habilidades em pauta no momento, disponíveis seja em livros didáticos, na internet ou em outro suporte. Nesse momento, salientamos o foco do Programa na formação para a internacionalização.

4. *Material adaptation and production*: o quarto passo envolve a adaptação ou criação de materiais com foco no desenvolvimento de diferentes habilidades à luz dos textos teóricos discutidos nos passos anteriores. Novamente relembremos o foco do programa, entretanto demos abertura para que atividades encontradas em livros de inglês geral fossem adaptadas para o contexto do Idiomas sem Fronteiras. Essa produção poderia ser feita individualmente ou em pares/trios, dependendo do contexto do grupo e a partir de indicação das orientadoras. A proposta da atividade, após ser apresentada para os pares e receber sugestões de melhoria tanto dos colegas – professores em formação – como da orientadora responsável pelo grupo, passa por um processo de revisão com vistas à elaboração da versão final da proposta, contendo o plano da atividade e os anexos (apresentação em slides, vídeos, áudios etc.).

Ao final desses quatro passos, os participantes apresentam suas propostas para os grupos das duas outras orientadoras para *feedback* e, então, as disponibilizam para uso coletivo.

A orientação pedagógica on-line é mediada via Skype, mas outros recursos tecnológicos são também utilizados para o gerenciamento dos grupos, como o eProinfo, que serviu de espaço para as interações dos grupos no início do processo, o WhatsApp e e-mails. Esses recursos servem também para a comunicação com os coordenadores gerais do NuLis quando necessário.

A construção coletiva de conhecimento, durante o processo de formação dos professores, nos remete às dimensões da prática, nos termos aqui tratados, ao considerarmos a natureza colaborativa da proposta. A realização de cada etapa depende das relações de engajamento e reciprocidade estabelecidas ao longo do processo e é fortalecida pela negociação entre os pares em um processo

interdependente que envolve engajamento e empreendimento conjunto. Esse último conta com escolhas feitas pelos pares, como é o caso dos temas dos encontros, dos materiais escolhidos para serem discutidos em grupo, bem como a criação de um repertório de atividades pedagógicas para ser compartilhado entre professores em formação on-line e também com os professores dos outros NuLis.

É importante salientar que a proposta de orientação pedagógica on-line pode variar dependendo do contexto de cada grupo. Houve momentos em que os participantes dos grupos sugeriram novas leituras sobre os temas, e as coordenadoras observaram a necessidade de mais encontros para uma determinada tarefa ou de encontros individuais para *feedback* de alguns materiais propostos. Sendo assim, a proposta pode ser adaptada, podendo ser reformulada, futuramente, a partir das necessidades dos grupos e pelos seus próprios membros.

Ilustrando a orientação pedagógica on-line: experiência com *Listening*

No intuito de exemplificar a ação de orientação pedagógica on-line descrita na seção anterior, relatamos a experiência vivenciada com o tema de compreensão oral (*listening*), que foi o primeiro abordado nos moldes apresentados anteriormente². O primeiro passo foi atribuir aos grupos os três textos (Figura 3) acerca do tema para leitura e posterior atividade de *Jigsaw Reading*. Como mencionado previamente, cada grupo contava com, pelo menos, três participantes, para que pudessem, primeiramente, se reunir para trocar ideias acerca do texto lido e, posteriormente, se unir a leitores de outros textos para conversarem sobre o que leram, a partir da sumarização do conteúdo ‘conferida’ com os colegas que leram o mesmo texto.

Figura 3 - Slide criado pelas autoras e socializados previamente com os professores em formação para nortear o processo de leitura e Jigsaw

Our first topic: How to teach listening

Green-flagged text:
 LEVY, Stacia. How to teach listening skills: best practices. In: Busy teacher
 <<http://busyteacher.org/14411-how-to-teach-listening-skills-best-practices.html>>.

Orange-flagged text:
 GILAKJANI, A. P.; AHMADI, M. R. A study of factors affecting EFL learners' English comprehension and the strategies for improvement. Journal of Language Teaching and Research, v. 2, n. 5, 2011. p. 977-988.
 <<http://www.academypublication.com/issues/past/jltr/vol02/05/05.pdf>>

Red-flagged text:
 VANDERGRIFT, Larry. Listening to learn or learning to listen? Annual Review of Applied Linguistics, v. 24, 2004. p. 3-25.
 <<http://resourcesforlifeteachers.pbworks.com/f/Listening%2Bto%2BLearn%2Bor%2BLearnin%2Bto%2BListen.pdf>>

Diagram: A circular flow of four green circles connected by arrows in a clockwise direction. The circles contain the following text: "Prior Read", "15-minu te share", "10-minu te present", and "General wrap up".

Fonte: Acervo das autoras.

Em uma primeira experiência, propusemos que os grupos que leram os textos *green flag*, *orange flag* e *red flag* do tema *Listening* se reunissem em salas de *chat* do Skype separadamente durante 15 minutos em um empreendimento conjunto de socializar o que haviam compreendido acerca do texto lido. Na sequência, um membro de cada grupo se reuniu com membros dos outros dois grupos durante 10 minutos também em sala de *chat* do Skype para apresentar aos colegas um resumo do texto que leram. Foi uma oportunidade de engajamento mútuo para construir conhecimento acerca do tema, a partir de leituras distintas. Para finalizar, reunimo-nos em uma sala de *chat* única para o fechamento.


Aprendemos com essa experiência que o tempo de 10 minutos para a segunda parte da tarefa não foi suficiente e que deveria ser ampliado. Outro ponto observado para melhoria foi a necessidade de planejar com cautela quem lideraria a organização dos grupos, fazendo as chamadas via Skype. Por outro lado, foi positivo observar que foi constituído um espaço de formação marcado pela

relação dialética entre elaborações e construções teóricas, propiciadas pela proposta pedagógica.

Na etapa subsequente, quando coletaram atividades ou sequências didáticas disponíveis em livros didáticos e na internet e as analisaram a partir dos textos teóricos lidos, reunimos-nos para socializar a análise feita. Foi necessária a mediação das coordenadoras, a partir de perguntas que os ajudassem a relacionar suas reflexões não apenas com o texto que haviam lido e, conseqüentemente, se apropriado com maior profundidade, mas também com os dois outros textos estudados. Além disso, um ponto de atenção constante foi pedir que sempre tivessem em mente como essas atividades atendiam (ou não) o contexto da internacionalização.

Na parte final da sequência proposta para a orientação on-line, os professores em formação adaptaram ou criaram atividades com foco em *listening*, considerando o contexto de internacionalização. Entendemos ser necessário apresentar um exemplo de atividade para oportunizar que os professores pudessem construir sua subjetividade de modo informado, reproduzindo o que lhes fizesse sentido e produzindo novos objetos como novos traços, considerando, assim, as premissas vygotskianas. Apresentamos esse exemplo na sequência:

Figura 4 - Print screen da primeira parte do exemplo de atividade contendo o foco, os cursos nos quais a atividade poderia ser utilizada, o tempo previsto e os objetivos delineados




**IDIOMAS SEM
FRONTEIRAS**


Activity Plan

FOCUS: Listening skill

COURSES: This activity could be part of the following IsF Menu Courses:
 Intercultural Communication (Comunicação Intercultural)
 Listening comprehension: strategies (Produção Oral: comunicações acadêmicas)
 English for Specific Purposes: Environmental Sciences (Inglês para fins específicos: Ciências Ambientais)
 English for Specific Purposes: Sustainability (Inglês para fins específicos: Sustentabilidade)

Students' expected proficiency level: A2/B1 (Common European Framework)

 **Estimated activity time:** 45-50 minutes

 **Overall aims:** At the end of the activity, students are expected to:

- recognize the features of the genre 'radio news report';
- understand vocabulary related to sustainable energy;
- use different cognitive and metacognitive strategies for listening comprehension;
- express one's own country's context when it comes to sustainable energy.

Fonte: Acervo das autoras.

Na primeira parte do plano de atividade, chamamos atenção para como a atividade refletiu os conceitos de granularidade e de combinação (Wiley; Gibbons; Recker, 2000), já que poderia ser reutilizada em diferentes cursos oferecidos pelo Programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês. Além da especificação da habilidade, foco da atividade e do tempo previsto para que a atividade fosse conduzida, estavam presentes, no plano, os objetivos que norteariam os procedimentos propostos. Esses elementos foram apresentados como necessários em todos os planos de atividades ou de sequências didáticas adaptadas ou produzidas pelos professores em formação.

Figura 5 - *Print screen* da segunda parte do exemplo de atividade contendo os recursos a serem utilizados e o aporte teórico que nortearia o professor

<p>Main resources:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Board and marker; Datashow; Slide presentations; Web; Speakers (sound system); Paper; Smartphones. <p>Teaching premises:</p> <ul style="list-style-type: none"> • It is important to raise metacognitive awareness to help students with listening comprehension. Schema activation helps comprehension if congruent with listening piece. With beginning level listeners, bottom-up cognitive strategies work for long-term language retention and top-down training helps in quick acquisition (VANDERGRIFT, 2004). • Listening involves an active process of deciphering and constructing meaning for both verbal and non-verbal sources. The interactive processing encompasses top-down and bottom-up processes. To practice listening comprehension strategies, learners can become actively involved in controlling their own learning. Combining listening with other skills is a productive teaching method (GILAKJANJ; AHMADI, 2011). • Consider the basics of paying attention, listening to key words and practicing active listening (LEVY, 2017).
--

Fonte: Acervo das autoras.

Na segunda parte do plano de atividade, apresentada na Figura 5 acima, além dos recursos necessários para a condução dos procedimentos, foram apresentadas as premissas a serem consideradas pelos professores em formação. O arcabouço teórico para a redação das premissas partiu dos três textos lidos na primeira parte da sequência da proposta de orientação pedagógica. Ao contrário do terceiro passo – análise de material encontrado em livros didáticos e internet –, no qual os professores em formação partiram da atividade para relacionar com o arcabouço teórico lido, no quarto passo, de produção de material, eles partiram do conhecimento teórico construído para propor uma atividade embasada na teoria estudada.

Os procedimentos a serem seguidos para a atividade proposta encontram-se na terceira parte do plano, em seis passos distintos e inter-relacionados, a saber: 1) atividade de preparação para a compreensão oral; 2) tarefa durante a compreensão oral; 3)

compreensão oral ativa; 4) compreensão oral com transcrição; 5) integração das habilidades de leitura e de fala; 6) tarefa de casa. Esses procedimentos estão ilustrados na Figura 6, a seguir:

Figura 6 - *Print screen* da terceira parte do exemplo de atividade contendo os procedimentos

Procedures:

Step 1: 5 minutes (pre-listening activity)

- **Brainstorming:** Ask students to name different kinds of energy sources. Write them on the board. Then tell them the topic of the class is Sustainable energy and show them the slides with images. Check if they already have prior vocabulary knowledge. If not, teach the words and phrases as needed and ask them to repeat after you.

Step 2: 10 minutes (while-listening activity)

- **Listening for gist and details:** tell your students they will listen to a radio news report. Elicit the characteristics of the genre. If they don't know, explain that the genre is characterized by brief pieces of news broadcast over the radio. Tell them the source of the recorded podcast is Scientific American. To get your students to familiarize themselves with the audio, play it once and ask them to focus on the general idea, and on the order in which the words you have just taught them appear in the radio broadcast. Elicit answers and check them by using the slide with correction.

Step 3: 10 minutes (active listening)

- Ask them how many people speak in the podcast and who they are. Tell them they will listen to it again (twice), and work in pairs. Each pair will come up with a question about the podcast and write it on a piece of paper. Gather all the pieces and then draw questions for the other pairs to answer.

Step 4: 5 minutes (listening with a transcript)

- Project the transcript and let students listen to the podcast for the last time. If any of the questions was not answered correctly, provide clarification. Have them tell you what information they missed before they had the chance to read the transcript.

Step 5: 10 minutes (post-listening activity: reading and speaking)

- **Whole class activity:** Suppose you are an exchange student abroad, and you are asked about Brazil's energy sustainable. What would you know be able to talk about? Below you will find a chart with some information. Use your smartphone and find more information to share with the class. Together we will interweave the information in order to produce a podcast (in the format of a radio news report) to help us in this intercultural communication context.
- You can use the website <https://vocaroo.com/> and get a volunteer to record the news report.

Step 6: Homework assignment (5 minutes)

- Ask students to visit the website Scientific American and choose a podcast to present in the following class. They should report the strategies they used to understand the podcast.

Fonte: Acervo das autoras.

Além de os procedimentos refletirem as premissas teóricas de integrar as abordagens “de cima para baixo” e “de baixo para cima” e da importância das técnicas de compreensão oral ativa, é importante mencionar a contextualização da proposta para o cenário de internacionalização. A tarefa integradora de habilidades propõe que os alunos se coloquem na posição de intercambistas, expressando seu ponto de vista sobre energia sustentável no Brasil. Para acompanhar os procedimentos, o plano ainda contava com a transcrição do áudio e com uma série de *slides* como anexo.

A última parte do plano engloba a proposta de avaliação, que considera uma abordagem formativa, pois prevê o estabelecimento de critérios avaliativos junto com os alunos e, ainda, as referências que se encontravam no texto do plano, tanto nas premissas teóricas como nos procedimentos (Figura 7).

Figura 7 - *Print screen* da quarta parte do exemplo de atividade contendo a avaliação e as referências

Assessment

The assessment will be formative and will include student participation. The resulting homework will serve as summative assessment. The evaluation criteria will be discussed with students beforehand.

REFERENCES:

GILAKJANI, A. P.; AHMADI, M. R. A study of factors affecting EFL learners' English comprehension and the strategies for improvement. **Journal of Language Teaching and Research**, v. 2, n. 5, 2011. p. 977-988. <<http://www.academypublication.com/issues/past/jltr/vol02/05/05.pdf>>

INTAGLIATA, C. Finding Further Places for Solar Panels. **Scientific American**, 2017. <<https://www.scientificamerican.com/podcast/episode/finding-further-places-for-solar-panels/>>

LEVY, Stacia. How to teach listening skills: best practices. In: **Busy teacher** <<http://busyteacher.org/14411-how-to-teach-listening-skills-best-practices.html>>.

VANDERGRIFT, Larry. Listening to learn or learning to listen? **Annual Review of Applied Linguistics**, v. 24, 2004. p. 3-25. <<http://resourcesfortefiteachers.pbworks.com/f/Listening%2Bto%2BLearn%2Bor%2BLearning%2Bo%2BListen.pdf>>

Fonte: Acervo das autoras.

O plano de atividade de compreensão oral, apresentado aos professores e colocado para sua apreciação, propiciou uma ação de formação que incidiu sobre a zona de desenvolvimento proximal (ou iminente), nos termos de Vygotsky (2001). As coordenadoras, como o *outro*, buscaram dar subsídios para o que ainda estava em fase de consolidação: mover-se da análise de material já produzido para a produção do material. Acreditamos que os professores tiveram a oportunidade de vislumbrar o que poderia ser feito para se sentirem mais seguros em adaptar ou produzir seu próprio material.

Essa fase da orientação foi completada individualmente, em pares ou em trios, dependendo do contexto e da orientação de cada coordenadora pedagógica. Os professores em formação produziram mais de 30 atividades distintas, apresentando-as para seus pares (colegas e coordenadora), para sugestões de melhoria e, posteriormente, socializaram a versão final com outros professores em formação no evento '*Road Show*'.

Considerações finais

No intuito de apresentar um panorama da proposta de orientação pedagógica on-line no âmbito do Programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês, percorremos os princípios norteadores, a operacionalização dessa proposta e a experiência vivida com o primeiro tema abordado. Ressaltamos que essa é apenas uma parte das ações da orientação pedagógica on-line da equipe de inglês, pois ainda conduzimos a ambientação dos professores em formação novatos no programa, atividades voltadas para os *webinars* que são transmitidos periodicamente, acompanhamento a partir de dificuldades enfrentadas em termos didático-pedagógicos e

orientação no caso desses professores em formação precisarem de ajuda na apresentação de trabalhos acadêmicos sobre o IsF.

A proposta que está sendo utilizada atualmente constitui-se dinâmica, pois partiu de experiências anteriores em uma abordagem mais macro das habilidades linguísticas e pedagógicas, mudando para a construção de conhecimento a partir do foco em habilidades específicas e ainda podendo sofrer adaptações futuras. Em geral, entendemos o desafio de conduzir a mediação on-line e de propiciar um ambiente favorável à emergência de uma comunidade de prática. As experiências têm nos mostrado os bons resultados, porém sabemos que o processo é contínuo e demanda nossa atenção enquanto coordenadoras e orientadoras para adaptações, considerando as necessidades que emergirem.

Notas

- ¹ Os professores indicados para participar da formação on-line fazem parte de NucLis (Núcleos de Línguas) que não contam com coordenador pedagógico.
- ² É interessante mencionar que os temas produção oral (*speaking*), avaliação (*assessment*), compreensão escrita (*reading*) e produção escrita (*writing*) também foram trabalhados com os professores em formação.

Referências

BOURDIEU, P. *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.

FLOWERDEW, J. Discourse community, legitimate peripheral participation, and the nonnative-English-speaking scholar. *TESOL Quarterly*, v. 34, n. 1, p. 127-150, 2000.

LAVE, J.; WENGER, E. *Situated Learning*. Legitimate peripheral participation, Cambridge: University of Cambridge Press, 1991.

VYGOTSKY, L. S. *A construção do pensamento e da linguagem*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001 [1934].

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes. 2007 [1978].

WENGER, E. *Communities of practice: learning, meaning, and identity*. New York: Cambridge University Press, 1998.

WILEY, D. A.; GIBBONS, A.; RECKER, M. M. A reformulation of learning object granularity. 2000. Disponível em: <http://reusability.org/granularity.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2020.

JUNIA DE CARVALHO DE FIDELIS BRAGA
VALESKA VIRGÍNIA SOARES SOUZA
ADRIANA DE C. KUERTEN DELLAGNELO

CATÁLOGO DE CURSOS DO IsF

Unidade nacional

Introdução

O Programa Idiomas sem Fronteiras – inicialmente denominado Inglês sem Fronteiras – foi elaborado a partir do 1º encontro de representantes das IFES para constituição do grupo de trabalho, em maio de 2012, tendo em vista a necessidade de aprimorar a proficiência em língua inglesa dos estudantes universitários brasileiros e proporcionar-lhes oportunidades de acesso a universidades de países anglófonos por meio do Programa Ciência sem Fronteiras (Sarmiento; Abreu-e-Lima; Moraes Filho, 2017; Ribeiro; Brito, 2018). Para atender a tal demanda, suas ações foram concebidas de modo a incluir a oferta de cursos a distância e cursos presenciais de língua inglesa, a aplicação de testes de proficiência e a criação de um portal de línguas. Desenvolvido pelo Ministério da Educação (MEC), por intermédio da Secretaria de Educação Superior (SESu) em conjunto com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), o Programa tem como principal objetivo incentivar a aprendizagem de línguas, com vistas à mobilidade e à internacionalização das instituições de ensino superior no país.

Após várias reuniões, presenciais e a distância, do grupo de trabalho inicialmente constituído, deu-se, em julho de 2013, um edital de credenciamento das Universidades Federais para atuarem como Centros Aplicadores e Núcleos de Línguas (NucLi). Desde então, essas instituições têm trabalhado em aplicações de testes de proficiência, em atendimento presencial a alunos participantes de cursos on-line disponibilizados pelo MEC e em disponibilização de cursos presenciais, com ofertas regulares a partir de janeiro de 2014.

Cumpre salientar que, para que os cursos presenciais sejam disponibilizados para as comunidades acadêmicas, há um processo de planejamento, análise e avaliação de cada curso a partir de critérios estabelecidos por edital e divulgados para as instituições. Desde a instauração desse processo, 1.785 cursos foram homologados, constando em uma base de dados do Núcleo Gestor (NG) do IsF. Diante da quantidade de cursos propostos e da percepção do NG quanto ao uso de nomenclaturas distintas para cursos similares – quando não equivalentes – e ainda com o intuito de demarcar o escopo do IsF ao uso da língua para fins acadêmicos – em oposição a fins de natureza mais geral –, foi feito um trabalho de unificação e delimitação das 1.785 propostas constantes da base de dados do Programa.

Aí se insere o objetivo deste texto: descrever a metodologia utilizada para mapear, categorizar, tematizar e selecionar cursos a partir de suas ementas e conteúdos programáticos para então compor um Catálogo de Cursos suficientemente abrangente, a partir do qual as instituições participantes do Programa IsF possam selecionar o que lhes é pertinente, tendo em vista o seu contexto de atuação.

Justificativa

O processo de mapear, categorizar, tematizar e selecionar cursos submetidos pelas instituições participantes com vistas à compilação de um Catálogo de Cursos mostra-se pertinente no sentido de aproveitar o capital intelectual produzido pelos coordenadores e professores dos diferentes NuLis em todo o país para um macroproduto de socialização, que certamente beneficia a todos.

Parte-se do conceito de inteligência coletiva (Lévy, 1998), entendido como a inteligência que emerge da colaboração de vários indivíduos, em suas diversidades, que socializam seus conhecimentos. A convergência das diferentes competências e dos conhecimentos dos especialistas que compõem o grupo de coordenadores e professores do IsF se materializa em um produto, que é o Catálogo de Cursos, que passa a ficar à disposição da coletividade dentro da organização. É uma filosofia de colaboração que sai do plano do abstrato para o plano do concreto, em uma prática real de compartilhamento de saberes.

Proposta metodológica

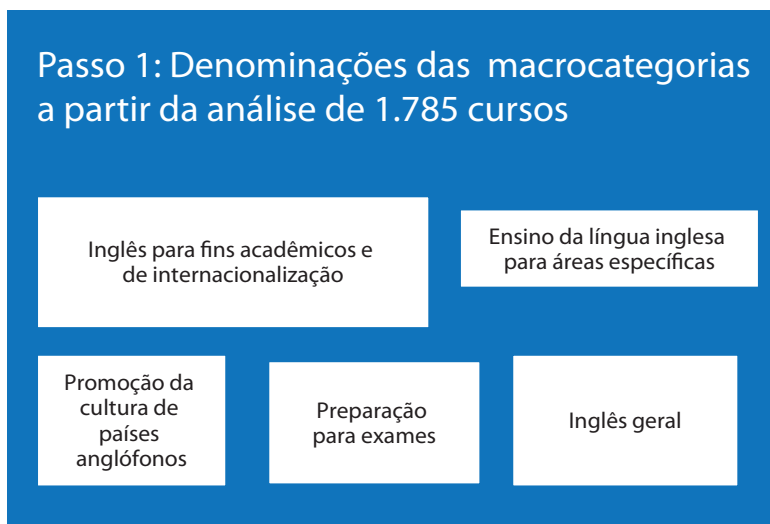
O procedimento metodológico para o mapeamento, categorização, tematização e seleção de cursos contou com uma leitura inicial, que pretendia a ambientação com o cenário de cursos disponíveis, para que uma metodologia pudesse ser delineada.

A proposta metodológica utilizada para a elaboração do Catálogo de Cursos do Programa contou com cinco passos, descritos e ilustrados a seguir:

- Passo 1: o ponto de partida para o cumprimento da tarefa contou com a elaboração de um levantamento de todos os 1.785 cursos disponibilizados na base de dados do Núcleo

Gestor para pré-análise e posterior agrupamento em macrocategorias. Os cursos foram inicialmente compilados em uma planilha Excel, em que constavam o nome do curso, ementa e programa. Deu-se, então, um movimento de análise, em que se buscaram identificar cursos análogos, a partir dos títulos dos cursos, ementários e conteúdos programáticos. Como se pode observar na figura 1, o resultado dessa verificação inicial permitiu o reconhecimento de cinco grandes áreas de atuação dos cursos até então promovidos pelo Programa, quais sejam: 1) Inglês para fins acadêmicos e de internacionalização; 2) Ensino da língua inglesa para áreas específicas; 3) Promoção da cultura de países anglófonos; 4) Preparação para exames; e 5) Inglês geral.

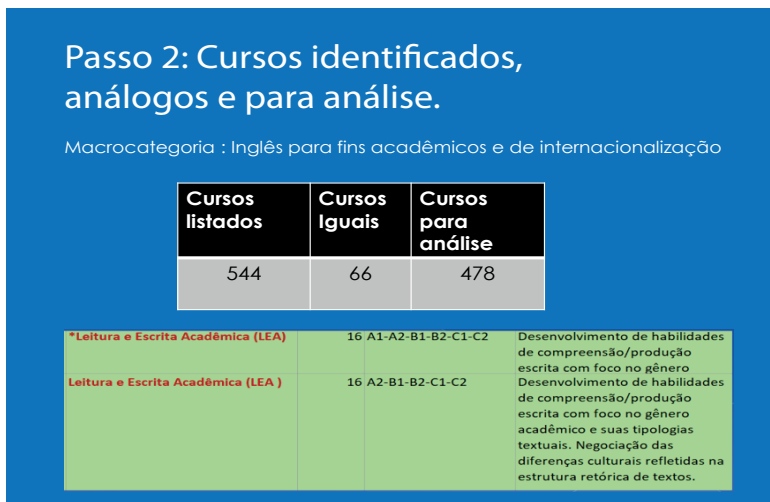
Figura 1- Denominações das macrocategorias



Fonte: Acervo das autoras.

- Passo 2: uma vez dispostos os cursos em suas macrocategorias, o passo seguinte foi dividi-los por carga horária, a saber: 16 horas, 32 horas, 48 horas e 64 horas, sendo que cada grupo foi salvo em aba específica do mesmo documento Excel, para verificação de cursos eventualmente repetidos, com vistas a eliminar tais repetições. A figura a seguir mostra a quantidade de cursos propostos na macrocategoria “Inglês para fins acadêmicos e de internacionalização”, bem como o número de cursos análogos, com diferenças circunscritas aos seus títulos. Ilustram-se, também, dois cursos repetidos de “Leitura e escrita acadêmica (LEA)”.

Figura 2 - Cursos identificados, análogos e para análise



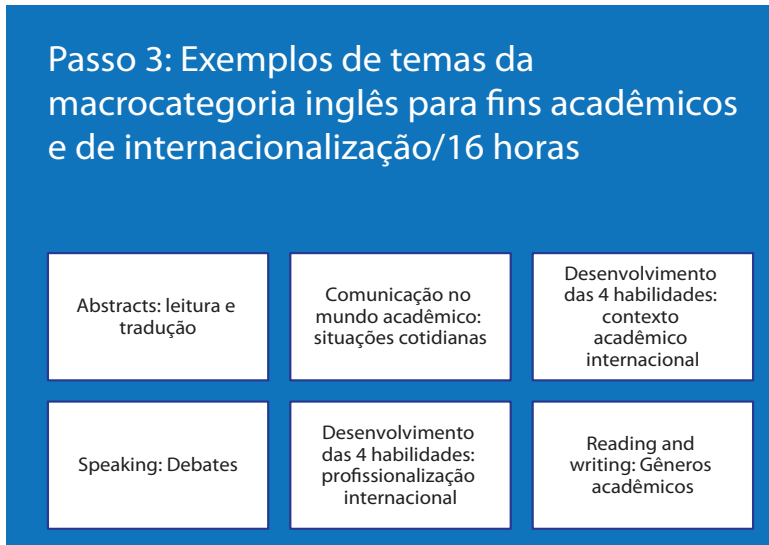
Fonte: Acervo das autoras.

Havia, ainda, casos em que a “diferença” não se limitava somente a títulos, mas também a ementas e/ou conteúdos programáticos. O tratamento foi o mesmo, ou seja, cursos análogos

foram unificados, e os títulos de cursos selecionados para compor o Catálogo foram sempre aqueles que conseguiam abarcar as especificidades de outros. Essa tarefa está descrita no Passo 3 a seguir:

- Passo 3: feita essa primeira refinação em que foram suprimidos cursos repetidos e agrupados em um único e mais abrangente título, o Passo 3 voltou-se à identificação de temas dentro das macrocategorias. A realização desse reconhecimento foi feita a partir de buscas de palavras-chave mais frequentes, constantes nos títulos dos cursos, ementas e conteúdos programáticos. A partir de então, realizou-se uma análise individual de cada curso, seguida de análise em dupla (conjunta) para averiguação da pertinência dos temas dos cursos pré-selecionados. Essa análise levou em consideração aspectos como i) o alinhamento dos cursos com a proposta do Programa, que, a essa altura, já tinha clareza de que se voltava, sobremaneira, à esfera acadêmica; ii) a observância da originalidade das propostas dos cursos; e iii) a inclusão de cursos propostos por todos os NuLis envolvidos no Programa, de modo que todos se sentissem representados no Catálogo. Vale salientar que, nesse passo, foram excluídos mais alguns cursos em função da não recorrência de suas temáticas, o que se identificou por ocasião da busca de palavras-chave anteriormente referidas. Isso posto, os temas foram propostos, também, com base no aspecto “recorrência”. A Figura 3 ilustra os temas encontrados dentro da macrocategoria “Inglês acadêmico e para internacionalização”.

Figura 3 - Exemplos de temas da macrocategoria “Inglês para fins acadêmicos e de internacionalização”



Fonte: Acervo das autoras.

- Passo 4: neste passo, a atenção voltou-se à seleção da ementa mais adequada por curso. Para essa etapa, foi necessária a reorganização da planilha, em ordem alfabética, dessa vez tendo como ponto de partida os temas dentro das suas macrocategorias. A partir daí, todos os cursos com títulos similares que terminaram por ser agrupados foram novamente analisados, a fim de que se pudesse selecionar a ementa que abarcava os conteúdos programáticos apresentados nas mais diversas propostas de um curso determinado. Novamente, essa análise foi realizada individualmente, sendo posteriormente consolidada em dupla. A Figura 4 ilustra a planilha com informação de tema, IES, título do curso, carga horária, QCE e a ementa selecionada para o curso.

Figura 4 - Identificação de ementas

Passo 4: Identificação de ementas

Listening and speaking	UFF	Inglês Acadêmico: Habilidades de Compreensão Auditivas e Oraís	32/A2-B1-B2	Desenvolvimento da proficiência linguístico-comunicativa em inglês, no nível das habilidades auditivas e orais, bem como de capacidades de estudo e vivência acadêmicos.
Listening and speaking	UFF	Inglês para Fins Acadêmicos: Listening and Speaking	32/A2-B1	Desenvolvimento da proficiência linguístico-comunicativa do inglês, bem como de capacidades de estudo e vivência acadêmicos, de estudantes que tenham pelo menos o nível entre o A2 e o B1, do CEF.
Listening and speaking	UFRJ	Desenvolvimento de Habilidades Acadêmicas: Speaking and Listening	32/B1-B2	Desenvolvimento da proficiência de habilidades orais em língua inglesa com vistas ao atendimento das necessidades de compreensão e produção oral, enfocando o domínio dos elementos e ou categorias gramaticais necessários à prática da compreensão e produção orais

Fonte: Acervo das autoras.

- Passo 5: o último passo foi composto pela inclusão de propostas de ajustes e sugestões para melhoria de nome do curso e/ou ementa. Nesse sentido, foram inseridas na planilha marcas vermelhas, indicando sugestão de eliminação, e azuis, de adição, conforme pode-se ver na Figura 5. As planilhas geradas anteriormente foram, por fim, compiladas de modo a gerar uma versão para apresentação ao Núcleo Gestor, por macrocategoria.

Figura 5 - Propostas de ajustes e sugestões para melhoria de nome do curso e/ou ementa

Passo 5: Proposta de ajustes e sugestões para o nome do curso e / ou ementa				
Aula em inglês	UNIFEI	Ministrando sua disciplina em inglês - um passo para a internacionalização	16 A1-A2-B1-B2-C1	O objetivo desse curso é auxiliar o acompanhamento de professores na preparação de suas aulas que podem vir a ser ofertadas na língua inglesa no futuro
Comunicação no mundo acadêmico: situações cotidianas	UNB	Comunicação no Mundo Acadêmico: situações cotidianas	16 A2-B1-B2	Desenvolvimento e prática da habilidade oral em língua inglesa voltados para o ambiente acadêmico.
Desenvolvimento das 4 habilidades: contexto acadêmico internacional	UFPR	Inglês para fins Acadêmicos por meio de Gêneros Discursivos	16 B1-B2	Desenvolvimento de habilidades de leitura, produção de textos e expressão oral em língua inglesa de gêneros que circulem no ambiente acadêmico com vocabulário relevante às áreas de atuação acadêmica e de pesquisa do aluno.
Desenvolvimento das 4 habilidades: introdução ao contexto acadêmico	UFPB	Introdução ao contexto acadêmico em inglês	16 A2-B1-B2-C1	Aprendizagem e desenvolvimento das quatro habilidades (leitura, escrita, escuta e fala) no contexto acadêmico de alunos, servidores e professores, cobrindo abrangendo uma variedade de atividades relacionadas à comunicação institucional no meio universitário com vistas à preparação para atuação no meio acadêmico/profissional.

Fonte: Acervo das autoras.

O trabalho, até o momento relatado, foi realizado por duas profissionais da área, ambas autoras do presente texto, uma das quais já havia sido coordenadora IsF junto a sua instituição, e outra que, propositadamente, era, até então, externa ao Programa. Isso permitiu uma troca genuína em que cada integrante contribuía para o trabalho de forma singular e, ao mesmo tempo, complementar.

Levantamentos preliminares

A presente seção tem por objetivo a apresentação dos resultados preliminares obtidos após o mapeamento, categorização, tematização e seleção dos 1.785 cursos analisados, com vistas à compilação do levantamento e “limpeza” inicial dos cursos, constituída pela junção de propostas análogas e, por via de consequência, pela supressão de cursos repetidos. Os resultados a serem dispostos a seguir foram apresentados ao Núcleo Gestor, a quem coube balizar a catalogação ora proposta e, conjuntamente com as proponentes, definir novos encaminhamentos para a construção da proposta final do Catálogo de Cursos do IsF.

A exposição dos dados será feita consoante as macrocategorias. Há, no entanto, de se lembrar que os passos percorridos em cada uma dessas categorias foram basicamente os mesmos. Conforme mencionado anteriormente, na base de dados do Programa IsF, havia um número excessivo de cursos (1.785). Mediante mapeamento, percebeu-se que muitos desses cursos poderiam ser suprimidos por terem nomes, bem como ementa e conteúdos programáticos, semelhantes. Os cursos foram, então, alvo de uma “limpeza” rigorosa, tendo resultado na exclusão de vários. Em seguida, os cursos restantes foram categorizados em macrocategorias, sendo que o critério para a seleção quanto ao pertencimento a determinada categoria foi a natureza das ementas e dos conteúdos programáticos. Dentro das macrocategorias, foram sugeridas, ainda, tematizações, com a proposta de distribuição dos cursos de acordo com suas temáticas.

Uma vez, brevemente, retomado o método de trabalho para a elaboração do Catálogo de Cursos do IsF, apresentamos, na Tabela 1, os números totais de cursos identificados, análogos e mantidos em cada macrocategoria, e, em seguida, a título de ilustração, a macrocategoria “Inglês para fins acadêmicos e de

internacionalização”, com o detalhamento de alguns cursos dessa categoria.

Tabela 1 - Macrocategorias e cursos identificados, análogos e mantidos

Macrocategorias	Número de cursos identifi- cados	Número de cursos aná- logos	Número de cursos man- tidos
Inglês para fins acadêmicos e de internacionalização	544	66	478
Ensino da língua inglesa para áreas específicas	71	31	40
Promoção da cultura de países anglófonos	156	85	71
Preparação para exames	347	46	299
Inglês geral	667	206	461

Fonte: Elaborada pelas autoras.

“Inglês para fins acadêmicos e de internacionalização”

Um total de 544 cursos foi mapeado, sendo que 66 estavam repetidos, o que foi detectado na análise inicial, feita individualmente, e posteriormente consolidada em dupla. Foram, portanto, selecionados 478 cursos para a fase de análise subsequente. Nessa etapa, o uso de palavras-chave serviu de apoio para a identificação das temáticas mais recorrentes. A seguir, na Tabela 2, apresentamos exemplos de cursos identificados na macrocategoria “Inglês para fins acadêmicos e de Internacionalização”, distribuídos de acordo com a carga horária dos cursos.

Tabela 2 - “Inglês para fins acadêmicos e de Internacionalização”:
CH, número de cursos e exemplos de cursos mantidos

Carga horária	Número de cursos	Exemplos de cursos mantidos
16 horas	183 cursos analisados; 50 mantidos após análise	<ol style="list-style-type: none"> 1. Abstracts: leitura e tradução 2. Reading and writing: gêneros acadêmicos 3. Comunicação no mundo acadêmico: situações cotidianas 4. Desenvolvimento das 4 habilidades: contexto acadêmico internacional 5. Speaking: Debates 6. Desenvolvimento das 4 habilidades: profissionalização internacional
32 horas	150 cursos analisados; 32 mantidos após análise	<ol style="list-style-type: none"> 1. Aulas e eventos acadêmicos internacionais 2. Desenvolvimento das 4 habilidades: ambiente universitário e profissional 3. Desenvolvimento das 4 habilidades: estratégias 4. Desenvolvimento das 4 habilidades: gêneros acadêmicos 5. Desenvolvimento das 4 habilidades: situações cotidianas 6. Writing: paragraphs
48 horas	91 cursos analisados; 22 mantidos após análise	<ol style="list-style-type: none"> 1. Abstracts and presentations 2. Aulas e eventos acadêmicos internacionais 3. Desenvolvimento das 4 habilidades 4. Intercâmbio 5. Listening and speaking: contexto acadêmico e profissional 6. Listening and speaking: fluência
64 horas	54 cursos analisados; 14 mantidos após análise	<ol style="list-style-type: none"> 1. Competência comunicativa 2. Desenvolvimento das 4 habilidades 3. Reading: linguagem acadêmica 4. Intercâmbio 5. Listening 6. Listening and Speaking

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Ao final da reunião com o NG, aproveitamos para indicar sugestões de melhoria para o catálogo final. De modo geral, notamos um grande número de cursos de uma mesma macrocategoria, o que julgamos merecer ainda uma nova avaliação para, possivelmente, aglutinar alguns cursos ou descartar aqueles mais semelhantes. Percebemos, também, a premência de revisão linguística das ementas, adequando-as ao gênero, bem como a necessidade de elaboração do conteúdo programático a partir de um trabalho de força tarefa, coordenado pelas avaliadoras, via *google docs*, de modo que os NuLis poderiam sugerir o conteúdo para os níveis dos cursos. Nesse caso, indicariamos a necessidade de revisão cuidadosa dos conteúdos, tendo em vista tanto a carga horária dos cursos quanto os níveis de QCE, isso porque a análise inicial mostrou alguns cursos de carga horária e QCE distintos, porém com o mesmo conteúdo programático. Por fim, foi verificada a presença de títulos pouco atrativos e, por vezes, não suficientemente claros para o público.

Passos finais para elaboração final do Catálogo de Cursos

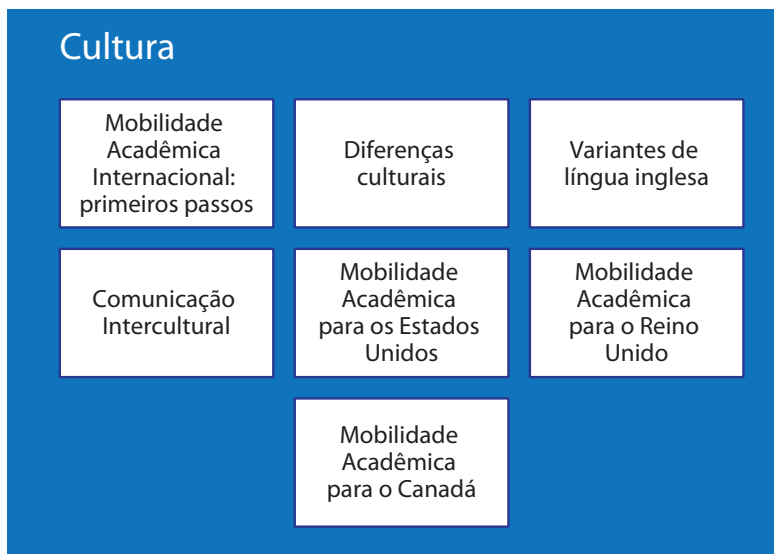
Após reunião de apresentação e discussão do mapeamento, categorização, tematização e seleção dos cursos junto ao Comitê Gestor do Programa IsF, que, conforme exposto anteriormente, balizou a catalogação preliminar desenvolvida pela dupla de especialistas responsáveis por esse trabalho, decidiu-se pela supressão da macrocategoria “Inglês Geral”, tendo em vista o foco principal do Programa, qual seja, o inglês acadêmico. Adicionalmente, o Núcleo Gestor avaliou os cursos identificados nas outras macrocategorias e propôs algumas alterações de aglutinação e/ou desmembramento de alguns cursos propostos, a julgar pelas experiências

até então vivenciadas, bem como pelo levantamento das demandas e ofertas anteriores.

O resultado dessa reunião gerou, assim, um catálogo com 4 macrocategorias, composto por um total de 57 títulos, a saber, 7 de Cultura, 16 de Exames, 23 de Internacionalização e 11 de Inglês para fins específicos. As figuras 6, 7, 8 e 9 ilustram esses títulos.

A categoria “Cultura” reuniu propostas de cursos que pudessem capacitar o público-alvo para a demanda de conhecimento cultural que norteasse interações com pares de outras instituições de Educação Superior, tanto no caso de mobilidade internacional como no caso de acolhimento de docentes, discentes e técnicos de outros países. Além disso, buscou-se propiciar uma reflexão crítica acerca de possíveis dificuldades encontradas em relação às peculiaridades culturais de outros países.

Figura 6 - Cultura



Fonte: Acervo das autoras.

A compilação de diversos cursos na categoria “Exames” justifica-se pela necessidade de oportunizar a exploração e prática das estruturas encontradas em diferentes testes de proficiência em língua inglesa, tais como TOEFL iBT, TOEFL ITP, IELTS. Conhecer os procedimentos e os conteúdos exigidos por esses exames contribui para melhores desempenhos ao prestá-los com intuito de mobilidade internacional. Ademais, é uma oportunidade de ampliar a qualidade dos currículos de discentes, docentes e técnicos, contribuindo para a imagem da Educação Superior brasileira.

Figura 7 - Exames

EXAMES			
Exames de proficiência: familiarização	TOEFL ITP: Simulados	TOEFL iBT: Simulados	IELTS: Simulados
TOEFL ITP: Estratégias	TOEFL iBT: Estratégias	IELTS: Estratégias	TOEFL ITP: Compreensão Oral
TOEFL iBT: Compreensão Oral	IELTS: Compreensão Oral	TOEFL ITP: Compreensão Escrita	TOEFL iBT: Compreensão Escrita
IELTS: Compreensão Escrita	TOEFL iBT: Produção Oral	IELTS: Produção Oral	TOEFL iBT: Produção Escrita
IELTS: Produção Escrita	TOEFL ITP: Preparatório	TOEFL iBT: Preparatório	IELTS: Preparatório

Fonte: Acervo das autoras.

A categoria “Internacionalização” reuniu o maior número de títulos e cursos por servir de base para o conhecimento linguístico a partir da prática das habilidades de compreensão e produção oral e escrita. Entende-se a necessidade de desenvolver a proficiência linguística em inglês, com vistas a capacitar a comunidade universitária à interação oral e escrita com seus pares de universidades de outros países, promovendo, assim, a internacionalização da Educação Superior brasileira. Partindo de aspectos funcionais, como o reconhecimento e a utilização de gêneros e de estratégias, dentre outros, essa categoria de cursos propicia a exploração de aspectos linguísticos em diferentes competências: tanto lexical como gramatical e semântica.

Figura 8 - Internacionalização



Fonte: Acervo das autoras.

Por fim, reúnem-se na categoria “Inglês para Fins Específicos” cursos que partem da necessidade de desenvolver proficiência em inglês, com vistas à formação de discentes, docentes e técnicos interessados em atuar em área específica. O reconhecimento de termos e de gêneros específicos da área e o uso de linguagem apropriada em inglês resultam na interação com pares em práticas acadêmicas e profissionais no meio, ampliando as oportunidades de mobilidade internacional das instituições de Ensino Superior do Brasil.

Figura 9 - Inglês para fins específicos



Fonte: Acervo das autoras.

Em suma, os cursos nessas quatro macrocategorias propiciam desenvolvimento da competência linguística em áreas que possam oportunizar a ampliação na mobilidade internacional e a preparação para o intercâmbio de conhecimento e de projetos de ensino, pesquisa e extensão. Em seguida, apresenta-se a Figura 10, com a distribuição desses títulos de acordo com os QCEs, o que terminou por gerar um total de 178 cursos.

Figura 10 - Número de cursos por macrocategorias, conforme QCE

Número de cursos por macrocategoria				
	Cultura	Exames	Internacionalização	Áreas específicas
A2	4 cursos 16 horas	13 cursos 16 horas 3 cursos 48 ou 64 horas	9 cursos 16 horas 4 cursos 16 ou 32 horas 2 cursos 32 horas	
B1	4 cursos 16 horas 3 cursos 48 ou 64 horas	17 cursos 16 horas 3 cursos 48 ou 64 horas	12 cursos 16 horas 8 cursos 16 ou 32 horas 3 cursos 32 horas	11 cursos de 32, 48 ou 64 horas
B2	4 cursos 16 horas 3 cursos 48 ou 64 horas	17 cursos 16 horas 3 cursos 48 ou 64 horas	12 cursos 16 horas 8 cursos 16 ou 32 horas 3 cursos 32 horas	11 cursos de 32, 48 ou 64 horas
C1	4 cursos 16 horas 3 cursos 48 ou 64 horas	17 cursos 16 horas 3 cursos 48 ou 64 horas	12 cursos 16 horas 8 cursos 16 ou 32 horas 3 cursos 32 horas	11 cursos de 32, 48 ou 64 horas

Fonte: Acervo das autoras.

A proposta final do Catálogo de Cursos do IsF, assim, respeitou os títulos e cursos acima expostos. Isso posto, o passo seguinte foi devolver a versão final ao NG, para que pudesse ser socializada entre todas as instituições de ensino superior (IES) participantes, com vistas a servir como base para a oferta de novos cursos. Essa nova organização, entende-se, facultada harmonia e unidade entre as IES e, por via de consequência, identidade ao Programa.

Considerações finais

De modo geral, pode-se dizer que este trabalho de elaboração do Catálogo de Cursos do IsF foi, apesar de laborioso, válido e compreensivo, haja vista que possibilitou uma visão bastante holística do Programa, na medida em que buscamos contemplar todas as propostas homologadas até o momento desta revisão. Isso implicou um trabalho que partiu do que já existia para um afunilamento, que levou em consideração as demandas e ofertas dos NuLis. Em nossa compreensão, a metodologia de trabalho estabelecida, que se concentrou em atividade individual seguida de atividade conjunta, foi de grande valia para o produto final, considerando que essa organicidade facultou uma fase de checagem e consolidação, que garantiu confiabilidade e integridade ao trabalho proposto, além de ter dado subsídio ao NG para decisões e adaptações posteriores, sem perder de vista a representatividade dos contextos situados nos quais os cursos foram propostos. Apesar de o produto final ter sido pautado em temas mais recorrentes – eliminados aqueles de Inglês Geral –, tomou-se o cuidado de se contemplarem cursos ofertados por todos os NuLis, de forma a compor um repertório coletivo que retratasse a diversidade do Programa.

Para o catálogo final, optou-se por manter títulos curtos para as temáticas: Cultura, Exames, Internacionalização e Inglês para Fins Específicos. Além disso, a divulgação do catálogo deu início a uma nova etapa de trabalho que envolveu todos os NuLis na elaboração de fichas para cada curso proposto, contendo os seguintes itens: categoria, ementa, objetivos, carga horária, QCE, justificativa, conteúdo programático (subdividido em aspectos funcionais, linguísticos e interculturais), metodologia, recursos, avaliação e referências.

O catálogo do IsF, hoje, apresenta um leque de cursos, não se restringindo a estes, pois o Programa continua recebendo propostas a partir das demandas locais dos NuCLis, e esses cursos, submetidos nos moldes da ficha de cursos, passam a ser incorporados ao catálogo, após apreciação e homologação do Núcleo Gestor.

Referências

LÉVY, P. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

RIBEIRO, I. M.; BRITO, C. C. P. Programa Idiomas sem Fronteiras: internacionalização e formação docente. *Olhares e Trilhas*, v. 20, n. 3, p. 6-12, 2018.

SARMENTO, S.; ABREU-E-LIMA, D. M.; MORAES FILHO, W. B. *Do Inglês sem Fronteiras ao Idiomas sem Fronteiras: a construção de uma política linguística para a internacionalização*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017.

ANA RAQUEL AIRES MONTENEGRO
WALDENOR BARROS MORAES FILHO
DENISE ABREU-E-LIMA

O CATÁLOGO NACIONAL DE CURSOS IsF

Uma análise inicial das ofertas

Introdução

O Programa Idiomas sem Fronteiras (IsF), inicialmente denominado Inglês sem Fronteiras, foi elaborado por especialistas, considerando-se a necessidade de se aprimorar a proficiência em língua inglesa dos estudantes universitários brasileiros, com o objetivo de proporcionar-lhes oportunidades de acesso a universidades de países anglófonos por meio do Programa Ciência sem Fronteiras. Para atender tal demanda, suas ações incluem a oferta de cursos on-line e de cursos presenciais, aplicação de testes de proficiência e a criação de um portal de línguas, dentre outras dentro de um escopo ainda mais abrangente. Desenvolvido pelo Ministério da Educação (MEC), por intermédio da Secretaria de Educação Superior (SESu) em conjunto com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), tem como principal objetivo incentivar o aprendizado de línguas, além de propiciar uma mudança abrangente e estruturante no ensino de idiomas estrangeiros nas universidades do país.

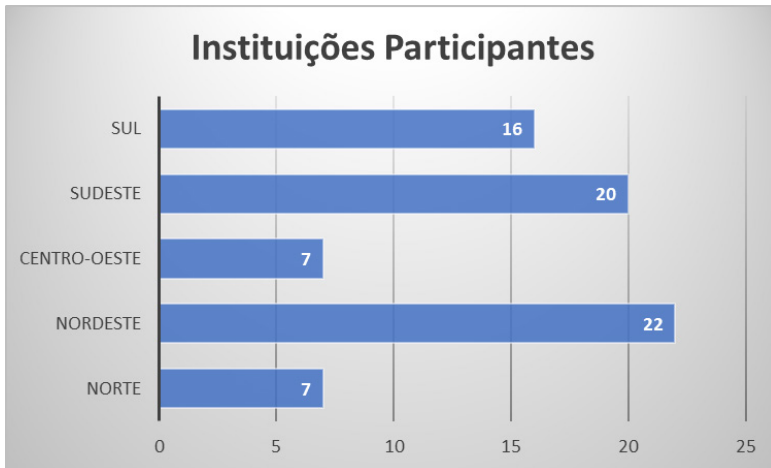
O Programa IsF conta com a participação de uma equipe de especialistas em língua estrangeira, professores das universidades credenciadas, que constituem o Núcleo Gestor do Programa, sendo uma presidente, um vice-presidente de ensino de línguas e tecnologias e um vice para cada idioma do Programa, a saber: alemão, espanhol, francês, inglês, italiano, japonês e português para estrangeiros. Esses especialistas organizam os trabalhos referentes ao IsF e orientam os especialistas locais nas diferentes ações, planejando e alinhando diretrizes para a atuação dos gestores locais a cada ano. Considerando que o Programa IsF conta com um sistema de gestão unificado nacionalmente e que permite a geração de relatórios gerenciais, este texto fará uma discussão acerca da gestão das ofertas do Catálogo Nacional de Cursos presenciais pelos Núcleos de Línguas IsF (NucLis) no âmbito do Sistema IsF Gestão, considerando os indicadores da dinâmica de oferta de turmas dos cursos presenciais do IsF-Inglês nas universidades federais, estaduais e municipais das regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sul e Sudeste credenciadas ao Programa IsF.

Instituições participantes

O processo de recredenciamento iniciado em 2017 ocorreu em ciclos, o primeiro deles para as universidades federais, o segundo para universidades estaduais e municipais, e o último para Institutos Federais e Fatecs (Faculdades de Tecnologia de São Paulo), totalizando, atualmente, 141 instituições credenciadas ao programa aptas a participar de forma plena das suas três ações, em especial da oferta de cursos presenciais. No entanto, como o último ciclo ocorreu no segundo semestre de 2018, nem todas as instituições participaram da oferta de cursos presenciais e, conseqüentemente, não serão alvo do nosso estudo. Dessa forma,

apenas 72 instituições participaram de ofertas de turmas do Catálogo Nacional de Cursos, sendo 16 instituições da região Sul, 20 da região Sudeste, 7 da região Centro-Oeste, 22 da região Nordeste e 7 da região Norte.

Gráfico 1 - Número de instituições aptas por região geográfica



Fonte: Dados do Núcleo Gestor IsF (NG)

Foram utilizados os dados gerados pelo Sistema de Gestão sobre a oferta dos cursos dessas universidades para análise. O levantamento das informações foi agrupado por temas relevantes (como número da oferta no ano, nome dos cursos, carga horária, nível QCER¹, número de encontros, horários, número de vagas ofertadas, número de inscrições por turma, de acordo com o seu nível de importância dentro do processo de oferta dos cursos presenciais), considerando os indicadores da dinâmica de oferta de turmas das instituições credenciadas ao Programa IsF.

Cursos presenciais

A ação dos cursos presenciais representa a atividade mais importante dentre as demais, por reunir alguns dos aspectos que são essenciais para o Programa IsF. O caráter de formação de professores, aliado à oferta de cursos semi-intensivos de qualidade, disponibilizados para o corpo discente, docente e técnico das universidades, é mais diretamente ligado ao objetivo de proporcionar um ambiente possível à experiência de internacionalização na instituição ou para alunos em mobilidade acadêmica, por meio do desenvolvimento da proficiência linguística com foco na academia, conforme previsto desde a sua primeira Portaria nº 1.466, de 18 de dezembro de 2012 (Brasil, 2012).

A lógica das aulas presenciais do Programa IsF é diferente daquela de cursos livres de línguas ou de centros de idiomas, uma vez que estes geralmente oferecem cursos sequenciais, que atendem aos alunos desde o nível inicial até o nível mais avançado de proficiência, ao longo de 3 a 4 anos de estudo. O Programa IsF, por sua vez, tem como objetivo preparar o aluno para ações de internacionalização, entre elas o intercâmbio em universidades no exterior, por meio de aulas temáticas e direcionadas, no contexto da produção científico-acadêmica. Para tanto, a prioridade do Programa tem sido ofertar turmas para alunos mais proficientes, com cursos de 16, 32, 48 e 64 horas, permitindo maior rapidez no atendimento às necessidades mais imediatas desses estudantes.

A proposta do Programa pressupõe que cada IES ofereça um conjunto de cursos que deve incluir diferentes faixas de níveis de proficiência, condizentes com o perfil do seu alunado, partindo da classificação de proficiência definida no QCER. Os níveis A1 e A2 representam o estágio inicial de aprendizagem, ou nível básico, enquanto os estágios B1 e B2 indicam o uso independente da língua ou o que podemos chamar de nível intermediário. E,

finalmente, os níveis C1 e C2 representam o estágio de proficiência ou nível avançado. O sistema de inscrição só disponibiliza para o candidato as turmas ofertadas por sua instituição que sejam adequadas ao seu nível linguístico. Atualmente, o diagnóstico e nivelamento são feitos a partir dos resultados obtidos por meio da aplicação do teste de proficiência TOEFL ITP ou do nivelamento obtido pelo aluno no curso *My English Online* (MEO). Está no desenho do Sistema de Gestão IsF possibilitar o resultado obtido em testes de nivelamento on-line, como também permitir que o resultado da proficiência de alunos, obtido em testes de reconhecimento internacional, seja informado ao sistema pela coordenação IsF local do aluno. É importante destacar que o reconhecimento do nível de proficiência do aluno é um dos pré-requisitos para solicitação de inscrições nos cursos presenciais do Programa.

Atualmente, as turmas ofertadas pelos Núcleos de Línguas têm como base o Catálogo Nacional² de Cursos, cadastrados por especialistas dos NuCLis e homologados pela equipe pedagógica do Programa no Sistema de Gestão IsF. Trata-se de um Catálogo organizado em quatro eixos: “Exames”, “Cultura”, “Áreas Específicas” e “Acadêmico e Internacionalização”, que vimos detalhadamente no texto anterior.

Todo o processo de oferta de cursos presenciais, no âmbito do Programa IsF, é realizado com base no calendário das ofertas desenvolvido pelo Núcleo Gestor IsF. Para cada novo ano, uma equipe multidisciplinar do Núcleo Gestor se reúne para realizar o planejamento do calendário anual das ofertas de cursos presenciais. Durante esse processo, é definida a quantidade de edições (intituladas “calendários oferta”) que será realizada. Importante destacar que os coordenadores locais do IsF são previamente informados sobre a definição do calendário das ofertas, de modo a contemplar, na medida do possível, as necessidades dos Núcleos de Línguas IsF (NuCLis). Ao término deste processo, tem-se uma

proposta do número de ofertas e as previsões de início e término de cada edição, contemplando todo o processo: o planejamento, submissão das ofertas, homologação, disponibilização para comunidade, inscrições, ranqueamento dos inscritos para formação das turmas e resultado final para abertura dos diários de classe.

É importante destacar que os cursos do Programa IsF levam em consideração os objetivos centrais do ensino para propósitos acadêmicos (Della Rosa *et al.*, 2016; Finardi; Porcino, 2014; Jordan, 2012), que são:

- i) desenvolver habilidades que permitam a compreensão e a produção científica, considerando as especificidades dos gêneros que circulam em comunidades acadêmicas;
- ii) promover a familiarização com diferentes contextos de estudo e pesquisa visando à mobilidade de docentes e discentes;
- iii) conscientizar docentes e discentes acerca das questões culturais que permeiam a comunicação em práticas de estudo e pesquisa em contextos situados;
- iv) promover o uso significativo do idioma em situações de comunicação acadêmica local e internacional.
- v) identificar os requisitos sociais e acadêmicos de um determinado contexto e de uma situação específica, capacitando os alunos e a comunidade acadêmica para atuarem, de forma significativa, e em conformidade com os preceitos da internacionalização e da mobilidade, em contextos de estudo e pesquisa.

Esses objetivos, que guiam diversas ações do Programa IsF, devem estar evidentes nas práticas em sala de aula, as quais se orientam pelo Catálogo de Cursos anteriormente mencionado, eixo comum entre os idiomas. As práticas são pautadas nas especificidades de cada proposta de curso e nas necessidades de cada IES. A metodologia dos cursos incluiu aulas expositivas e dialogadas,

com atividades guiadas e livres, realizadas em pares ou pequenos grupos, debates, apresentações individuais e coletivas.

O professor poderá optar por recursos tais como texto impresso, webconferência, material produzido pelo próprio NuLi, materiais compartilhados no Portal IsF, para mencionar somente alguns. A avaliação deve se dar ao longo do curso, preferencialmente, mediante critérios definidos colaborativamente, por meio de, por exemplo, atividades de interação em ambiente virtual de aprendizagem, tarefas em sala de aula, produção escrita e/ou oral, apresentação final em pares ou em grupos acerca dos temas trabalhados. A média mínima para aprovação nos cursos é de 60 pontos, e o aluno deve ter 75% de assiduidade para aprovação.

Dinâmica da oferta de turmas

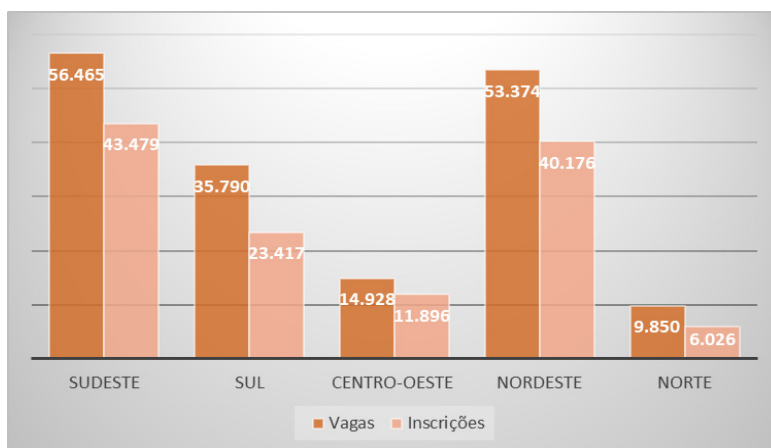
A escolha do relatório que traz, junto aos dados da dinâmica de ofertas das turmas, o número de inscrições obtido por turma foi determinante, pois sinaliza o interesse do alunado pelos cursos ofertados. Com esse elemento, podemos avaliar os cursos com maior procura, sendo possível identificar características na oferta desses cursos que podem potencializar o maior sucesso no preenchimento das vagas das turmas ofertadas.

Assim sendo, a análise da dinâmica da oferta de turmas será focada nos temas, como número de vagas ofertadas, eixo dos cursos mais ofertados, cursos mais ofertados, carga horária, nível QCER, número de encontros semanais, sempre observando os modelos mais ofertados, confrontando-os com aqueles modelos que têm o maior número de inscrições, possibilitando, assim, uma orientação do Núcleo Gestor IsF para que essas instituições possam planejar suas ofertas, sempre visando o maior índice de ocupação das vagas ofertadas.

Oferta de vagas x inscrições

No momento da oferta de um curso, uma das informações que compõem o cadastro das turmas é o número das vagas que será ofertado. O sistema apresenta como padrão 25 vagas, mas esse dado pode ser editado, variando de 15 a 25 vagas. Quanto ao número de inscrições, é importante saber que um aluno pode solicitar inscrição para até dois cursos, uma como primeira opção e outra, se desejar, como segunda opção, caso ele não seja classificado na sua primeira. Temos um histórico de que cerca de 20% dos alunos realizam inscrição para duas opções. Assim sendo, o número de inscrições com o qual trabalhamos nessa análise pode estar levemente superdimensionado por conta desse percentual.

Gráfico 2 - Vagas ofertadas nos cursos presenciais e solicitação de inscrição

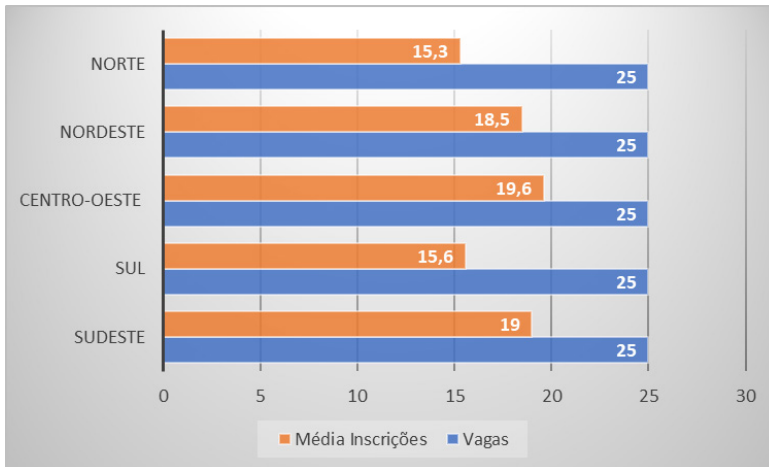


Fonte: Dados do NG.

Analisando o Gráfico 2, encontramos um número percentual de oferta *versus* inscrições de 80% para a região Centro-Oeste, 77% para a região Sudeste, 75% para a região Nordeste, de 65% para a

região Sul e de 61% para a região Norte. Observando esses dados sob a perspectiva do número médio de inscrições por turma frente ao número de vagas ofertadas pelas instituições, que normalmente é de 25 vagas, temos os dados apresentados no Gráfico 3, a seguir, em que encontramos médias em torno de 19 inscrições por turma para as regiões Centro-Oeste, Sudeste e Nordeste e médias um pouco mais baixas para as regiões Norte e Sul, girando em torno de 15 inscrições por turma.

Gráfico 3 - Média de inscrições por turma, por região geográfica



Fonte: Dados do NG.

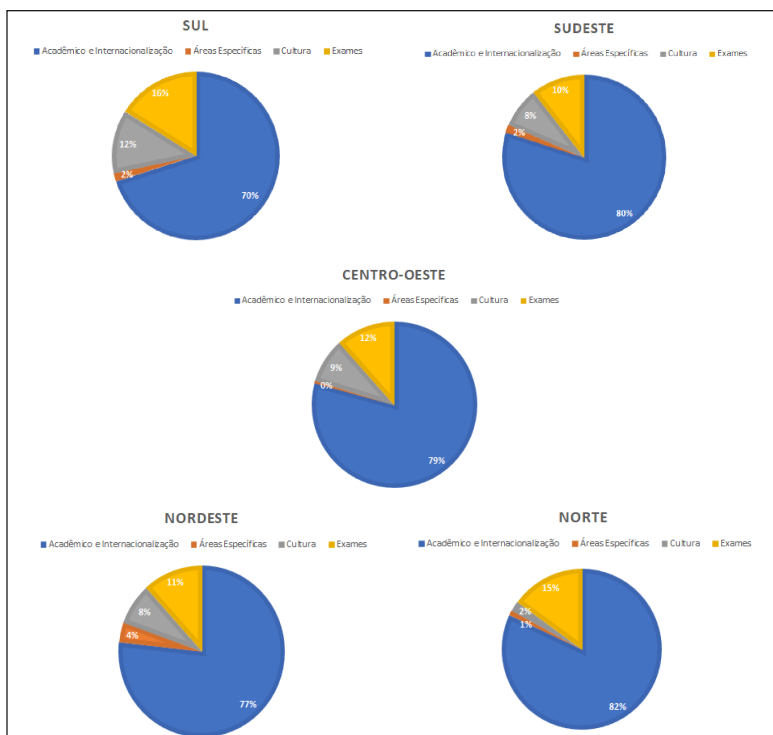
Essa visão mostra que a oferta de vagas, para as cinco regiões analisadas nesse estudo, esteve um pouco maior que a procura da comunidade acadêmica nesses anos de 2017 e 2018, podendo ser levemente redimensionada, ou que o investimento em divulgação e articulação interna com cursos específicos seja feito de forma mais intensa.

Eixo dos cursos

O processo de confecção do novo Catálogo de Cursos foi realizado considerando quatro eixos pedagógicos que norteiam as propostas de internacionalização do Programa IsF. Dessa forma, é muito importante conhecer como as instituições das regiões estudadas desenharam a oferta de seus cursos presenciais sobre os eixos pedagógicos propostos.

No Gráfico 4, percebemos uma oferta predominante de cursos do eixo Acadêmico e Internacionalização. Em segundo lugar, aparecem os cursos voltados para preparação de exames de proficiência, seguidos por cursos de Cultura e, em último, os cursos voltados para Áreas Específicas. Merece atenção o fato de as instituições da região Centro-Oeste terem 0% de cursos ofertados para esse eixo, seguido pela região Norte, que apresenta um percentual de 1% nessa área. Merece atenção o fato de as instituições da região Sul apresentarem um percentual de 16% de cursos voltados para Exames e 12 % para Cultura, mostrando assim uma distribuição menos concentrada no eixo Acadêmico e Internacionalização, como verificado nas demais regiões.

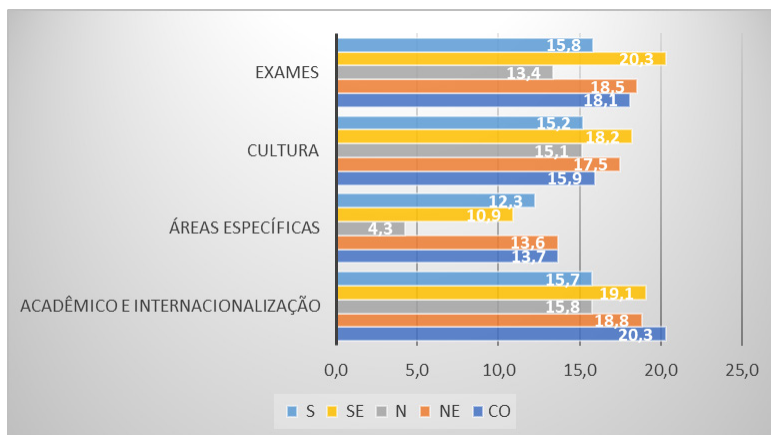
Gráfico 4 - Percentual de oferta de cursos por eixo pedagógico



Fonte: Dados do NG.

É interessante observar, pela perspectiva do aluno, quais, dentre os eixos pedagógicos propostos, exercem maior atratividade, e isso pode ser percebido pelo número de solicitações de inscrição para cada categoria dos cursos.

Gráfico 5 - Média de inscrições por eixo dos cursos por região geográfica



Fonte: Dados do NG.

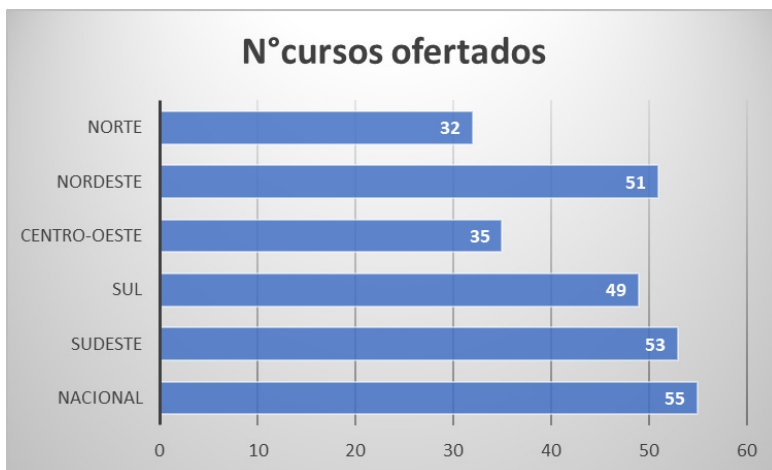
Observando os números do Gráfico 5, percebemos que o eixo Acadêmico e Internacionalização, além de ter os cursos mais ofertados pelas instituições, também é o que apresenta os maiores números de solicitação de inscrições, com destaque para a região Centro-Oeste, com uma média de 20,3 solicitações. Na região Sudeste, os cursos com maior procura são os de preparação de testes de proficiência, com média de 20,3. O eixo com o desempenho mais baixo foi o de Áreas Específicas, registrando a média mais baixa na região Nordeste, com apenas 4,3 solicitações de inscrições para cursos nessa área.

Cursos mais ofertados

O Catálogo Nacional é composto de 55 cursos³ e no Gráfico 6 é possível conhecer como as IES de cada região estão fazendo uso desse elenco de cursos por meio das ofertas de turmas. Nele, vemos que a região Sudeste foi a que mais explorou as

possibilidades, ofertando 53 dos cursos do catálogo, seguida da região Nordeste, com 51 cursos, e da região Sul, com 49 cursos do catálogo.

Gráfico 6 - Número de cursos ofertados do Catálogo Nacional



Fonte: Dados do NG.

Realizando um recorte dos cinco cursos mais ofertados por região, encontramos os dados apresentados no Quadro 1 a seguir. Dele, podemos extrair várias informações interessantes. Percebemos, de imediato, que os cursos mais ofertados são todos de Compreensão ou Produção/Oral ou Escrita; dentre eles, os cursos *Compreensão oral: palestras e aulas*; *Compreensão oral: estratégias* e *Produção Oral: interações acadêmicas* aparecem como os mais ofertados para as cinco regiões geográficas estudadas. Nas regiões Sul e Sudeste, os cinco cursos mais ofertados são exatamente os mesmos, com uma pequena diferença na ordem em que aparecem.

Quadro 1 - Cursos mais ofertados por região e média de inscrições por turma

Região	Cursos	Nº de Oferta	Média Inscrições
Sudeste	Produção Oral: interações acadêmicas	377	20,0
	Compreensão oral: palestras e aulas	264	23,2
	Produção Oral: debates	162	16,0
	Produção Escrita: parágrafos	155	15,3
	Produção Escrita: essay	143	18,7
Sul	Produção Oral: interações acadêmicas	211	16,8
	Produção Escrita: parágrafos	109	15,6
	Produção Oral: debates	100	15,1
	Compreensão oral: palestras e aulas	95	18,6
	Produção Escrita: essay	84	16,0
Centro-Oeste	Compreensão oral: palestras e aulas	105	24,8
	Produção Oral: interações acadêmicas	59	22,4
	Produção Oral: debates	56	19,3
	Compreensão oral: estratégias	49	25,6
	Produção Escrita: essay	45	21,2
Nordeste	Produção Oral: interações acadêmicas	373	18,3
	Compreensão oral: palestras e aulas	256	20,9
	Compreensão oral: estratégias	149	23,0
	Produção Escrita: parágrafos	123	14,9
	Compreensão escrita: artigos científicos	107	19,8
Norte	Produção Oral: interações acadêmicas	49	13,8
	Produção Escrita: parágrafos	43	19,1
	Compreensão oral: palestras e aulas	41	19,3
	Compreensão escrita: estratégias	32	16,5
	Compreensão oral: estratégias	21	19,2

Fonte: Dados do NG.

Outra informação relevante é observar o número médio de inscrições para esses cursos mais ofertados. Percebemos na região Centro-Oeste que praticamente todos os cursos mais ofertados possuem uma média de inscrições superior à média geral da região, que é de 19,6. Já na região Nordeste, encontramos os cursos *Produção Escrita: parágrafos* com uma média (14,9) bem abaixo da região, que é de 18,5, indicando que esses cursos não têm o mesmo perfil dos demais cursos para se manter entre os mais ofertados. O mesmo ocorre com o curso *Produção Oral: interações acadêmicas* na região Norte, com uma média de 13,8 inscrições, abaixo da média da região, que é de 15,3 inscrições por turma. Vemos, também, na região Sudeste, a existência de três cursos cujas médias estão abaixo da média geral para a região, que é de 19,0. São eles: *Produção Escrita: parágrafos* (15,3), *Produção Oral: debates* (16,0) e *Produção Escrita: essay* (18,7). Já na região Sul, encontramos o curso *Produção Oral: debates*, com inscrições abaixo (15,1) do número médio.

Em uma análise mais específica dos cursos com as maiores médias para cada uma dessas regiões, temos uma visão diferente, como se verifica no Quadro 2.

Quadro 2 - Cursos com maiores médias de inscrições por turma

Região	Cursos	Nº de Oferta	Média Inscrições
Sudeste	IELTS: Compreensão Oral	1	93,0
	IELTS: Produção Oral	9	52,0
	Produção Oral: comunicações acadêmicas	115	30,1
	TOEFL ITP: Compreensão Escrita	4	27,5
	Desenvolvimento de Habilidades Oraís e Pronúncia da Língua Inglesa	20	27,2
Sul	IELTS: Produção Oral	1	31,0
	Desenvolvimento de Habilidades Oraís e Pronúncia da Língua Inglesa	3	29,3
	TOEFL iBT: Preparatório	21	29,1
	Inglês para fins específicos: Engenharia	2	28,5
	TOEFL ITP: Estratégias e simulados	1	25,0
Centro-Oeste	IELTS: Preparatório	2	59,0
	TOEFL iBT: Preparatório	6	50,0
	Comunicação Intercultural	13	28,8
	Compreensão oral: estratégias	49	25,6
	Compreensão oral: palestras e aulas	105	24,8
Nordeste	IELTS: Preparatório	12	45,9
	TOEFL iBT: Preparatório	22	32,2
	Interações cotidianas em língua inglesa (Curso presencial com uso do MEO 1)	22	32,0
	Interações cotidianas em língua inglesa (Curso presencial com uso do MEO 2)	25	29,2
	Comunicação Intercultural	51	24,9
Norte	Interações cotidianas em língua inglesa (Curso presencial com uso do MEO 2)	6	23,3
	Elementos Gramaticais no Texto Acadêmico	1	21,0
	Compreensão oral: palestras e aulas	41	19,3
	Compreensão oral: estratégias	21	19,2
	Produção Escrita: parágrafos	43	19,1

Fonte: Dados do NG.

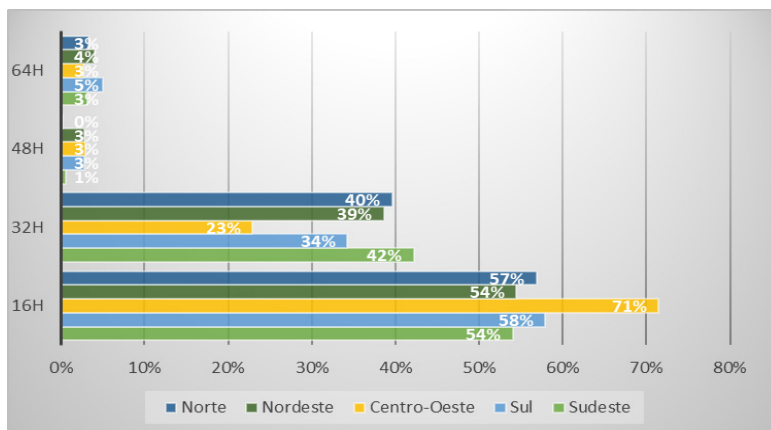
Nesse quadro, percebemos vários cursos, para as regiões analisadas, que são preparatórios para testes de proficiência, apontando, assim, uma demanda reprimida para esse tipo de curso nas instituições. Outro dado que merece destaque é o curso *Produção Oral: comunicações acadêmicas*, na região Sudeste, com um número elevado de oferta e uma média de 30,1 solicitações de inscrições. Isso indica uma procura muito superior à média para a região, tornando-o um curso apto a substituir um dos cursos com baixa média de inscrição, conforme apontado no Quadro 1.

Carga horária

Os cursos, no âmbito do Programa IsF, podem ser ofertados em quatro modelos de carga horária, são eles: de 16h, 32h, 48h e 64h, o que, nos cursos de formato regular, representa uma duração de 1, 2, 3 ou 4 meses. Observando o Gráfico 7 a seguir, identificamos uma forte tendência das instituições pela oferta de cursos com carga horária de 16h, com destaque para a região Centro-Oeste, onde 71% dos seus cursos seguem essa opção, seguida pela região Sudeste, com 58%, região Norte, com 57%, e Nordeste e Sul, com 54%.

Em segundo lugar, há os cursos com carga horária de 32h, que têm uma duração média de dois meses, representando 42% dos cursos do Sudeste e 40% dos da região Norte. Os cursos com carga horária de 48h e 64h aparecem com um percentual de oferta muito pequeno, girando em torno de 3%, com destaques para a região Sudeste, onde há 1% de oferta para cursos de 48h, com 0% de oferta para a região Norte.

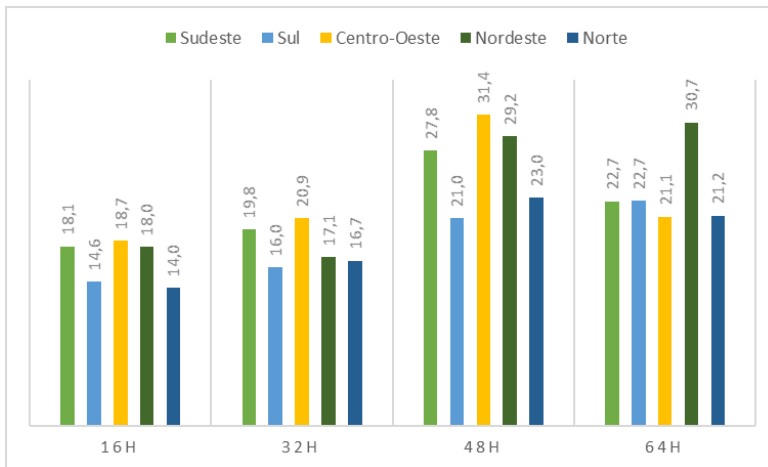
Gráfico 7 - Percentual de oferta de turmas por tipo de carga horária



Fonte: Dados do NG.

Analisando esses modelos de ofertas sob a perspectiva do número médio de inscrições por tipo de carga horária, percebemos, no Gráfico 8 a seguir, uma significativa inversão de interesse dos alunos. Nele, observamos que o número médio de inscrições para os cursos com carga horária menos ofertados, 64h e 48h, exerce um poder de atratividade de público maior que os modelos mais ofertados, que são os cursos de 16h e 32h.

Gráfico 8 - Média de inscrições nas turmas por tipo de carga horária



Fonte: Dados do NG.

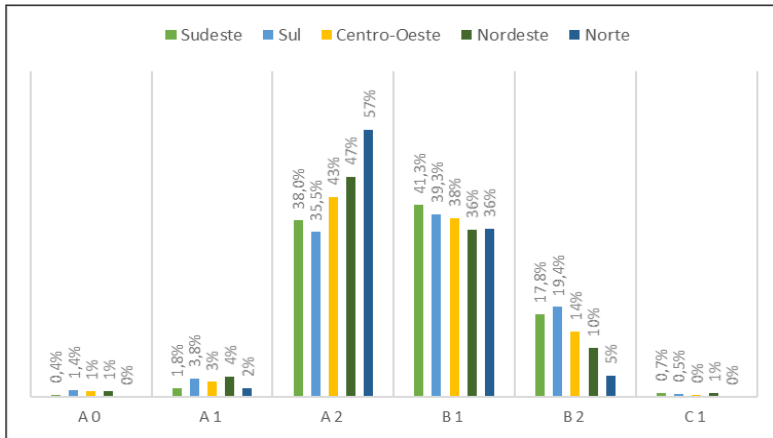
Percebemos que o número médio de inscrições para os cursos de 16h é inferior à média regional, enquanto, para os cursos de 48h e 64h, essas médias são muito superiores, chegando a 31,4 inscritos para cursos de 48h na região Centro-Oeste e 30,7 inscrições para cursos de 64h na região Nordeste. Esses números indicam que o público em geral absorveria bem uma oferta maior de cursos nessas duas modalidades de carga horária, de 48h e 64h.

Nível QCER

Como já mencionado anteriormente, é pré-requisito obrigatório, para os cursos de língua inglesa, que o sistema IsF conheça previamente o nível linguístico dos candidatos para que o sistema apresente para eles apenas os cursos que são adequados ao seu conhecimento no idioma.

Dessa forma, é importante que a instituição credenciada realize o acompanhamento do nível de proficiência do seu alunado, o que é possível por meio de ferramentas e relatórios gerenciais disponibilizados pelo Programa, para que ela ajuste a oferta do nível linguístico dos seus cursos exatamente ao perfil de proficiência do seu público. Um dos fatores para o não preenchimento das vagas, promovendo turmas ociosas, pode ser pelo fato de os gestores locais não terem buscado ofertar cursos para o perfil do alunado de sua instituição. Conforme podemos observar no Gráfico 9 a seguir, o maior volume de oferta de turmas concentra-se nos níveis A2 (básico 2), com destaque para a região Norte – com 57% dos seus cursos ofertados para esse nível de proficiência –, e B1 (intermediário 1), contando com o percentual de 41,3% dos cursos do Sudeste. Em terceiro lugar, aparecem os cursos para o nível B2 (intermediário 2), seguidos pelos níveis A1 e C1.

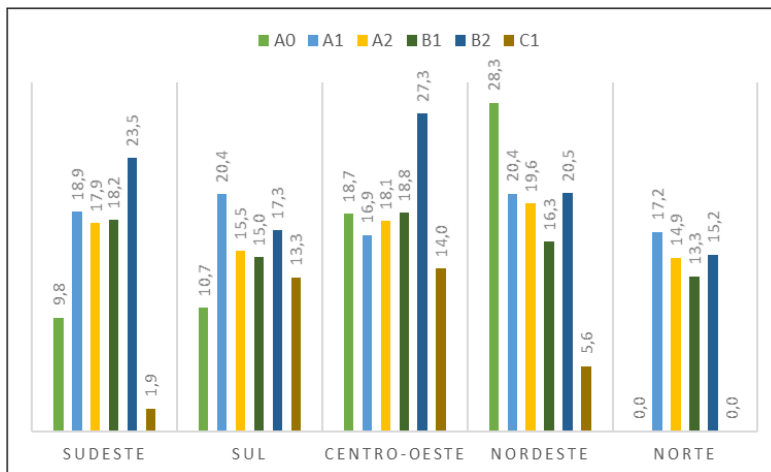
Gráfico 9 - Número percentual de oferta de turmas por nível QCER



Fonte: Dados do NG.

Na análise realizada e nos gráficos 9 e 10, aparecem turmas ofertadas com nível A0. Essa foi uma convenção utilizada no Sistema de Gestão IsF como piloto para oferta de turmas para alunos iniciantes do curso *My English Online*. Aqueles alunos que são diagnosticados como MEO 1 no teste de nivelamento do próprio curso não são enquadrados no QCER, dentro dos níveis dessa convenção, por isso foi utilizada essa estratégia de nomenclatura para indicar nível introdutório.

Gráfico 10 - Média de inscrições nas turmas, por nível Q CER



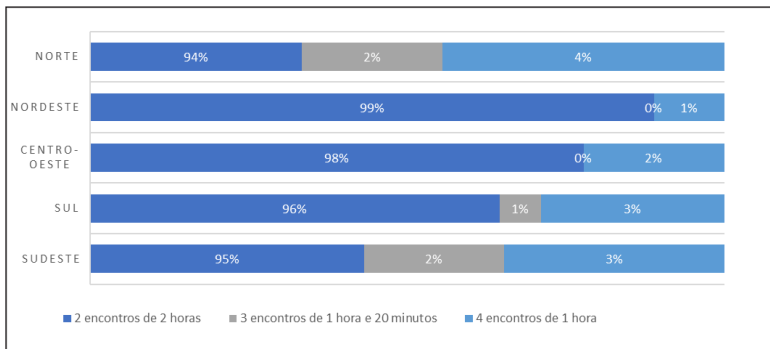
Fonte: Dados do NG.

Considerando agora a oferta das turmas por nível de proficiência, sob a ótica do número médio de inscrições, identificamos duas situações que se destacam positivamente, com taxa média de inscrições muito acima da média regional. São elas a taxa para o nível B1 na região Centro-Oeste, com uma média de 27,3 inscrições, e para o nível A0 na região Nordeste, com uma média de 28,3 inscrições, sinalizando, assim, uma forte demanda nessas regiões para cursos presenciais ofertados nesses níveis de proficiência. Quanto ao nível C1, encontramos uma taxa média de inscrições abaixo da média, sendo a melhor média registrada a da região Centro-Oeste, com 14 inscrições, e a pior a da Região Sudeste, com uma média de apenas 1,9 inscrição por turma.

Número de encontros semanais

No momento da oferta de uma turma, o coordenador IsF pode escolher entre três modelos de encontros semanais, disponibilizados no sistema, que totalizam uma carga horária semanal de 4h. Esses modelos são: quatro encontros de 1h, três encontros de 1h20 ou dois encontros de 2h⁴. O Gráfico 11 nos apresenta o percentual de oferta de turmas por tipo de encontros semanais.

Gráfico 11 - Percentual de oferta de turmas por tipo de encontros semanais

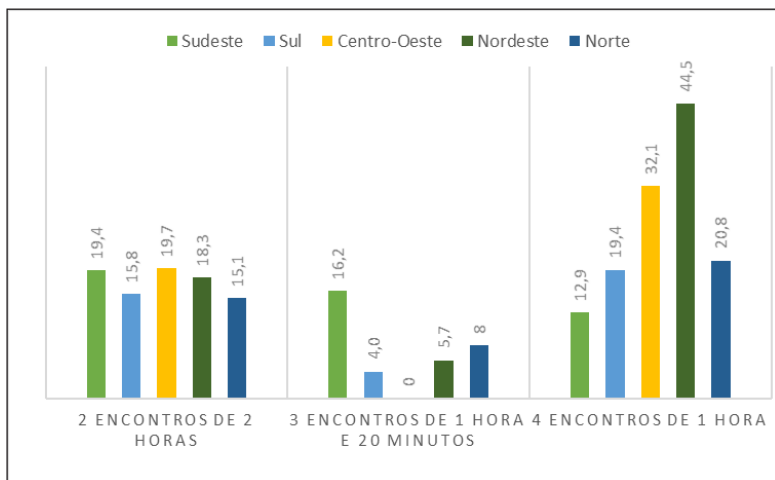


Fonte: Dados do NG.

Fica explícita, no Gráfico 11, a forte adesão das instituições para o modelo de dois encontros semanais de 2h, chegando a representar 99% das ofertas de turmas da região Nordeste e 98% das do Centro-Oeste. O modelo de quatro encontros semanais aparece em segundo lugar, mas representando apenas 4% na região Norte e 3% nas regiões Sul e Sudeste.

A oferta de turmas com três encontros semanais se deu apenas nas regiões Norte, Sul e Sudeste, representando até 2% das turmas.

Gráfico 12 - Média de inscrições nas turmas por modelo de encontros semanais de aulas



Fonte: Dados do NG.

Analisando o interesse dos alunos representados pela média de inscrições por turma, considerando o modelo de encontros semanais, percebemos uma preferência muito acima da média regional para cursos com quatro encontros semanais. Destacamos a média apresentada na região Nordeste, que chegou a 44,5 inscrições por turma nesse modelo de distribuição de encontros semanais, sinalizando, assim, que existe uma demanda reprimida por turmas nesse modelo.

Quanto à oferta de dois encontros semanais, observamos que esse modelo é o mais aceito pela comunidade acadêmica, com médias de inscrições equivalentes às médias regionais. Em relação ao modelo de três encontros de 1h20, as médias de inscrições são mais baixas do que as médias regionais, com destaque negativo para a região Sul, com apenas quatro inscrições para esse tipo de curso.

Considerações finais

Este texto procurou demonstrar uma fotografia da situação de ofertas de cursos presenciais nas universidades credenciadas no Programa de diferentes regiões brasileiras no período de 2017 e 2018. O Programa, em suas ações, é complexo e envolve muitos dados, que podem ser obtidos, em sua maioria, no Sistema de Gestão IsF, disponível a todos os coordenadores gerais e pedagógicos.

No texto anterior, pôde-se perceber a tarefa de unificação da oferta de cursos na configuração de um Catálogo Nacional e, neste, como os NuLis responderam a essa oferta. Esperamos que, com essas informações, outras análises e reflexões locais possam promover a melhoria no planejamento das ofertas para as suas comunidades, para atingimento de suas metas. No texto a seguir, poderá ser verificado como um NuLi, com base nos dados oferecidos pelo Sistema e também pela organização local, pode comprovar a importância da gestão e do uso de ferramentas apropriadas, virtuais ou não, para a formação de professores, gestão acadêmica e acompanhamento da evasão.

Notas

- ¹ Quadro Comum Europeu de Referência, também conhecido como QCER, que classifica a proficiência em línguas estrangeiras em seis níveis: A1, A2, B1, B2, C1 e C2.
- ² Para informações detalhadas sobre o Catálogo de Cursos do IsF, leia o texto “Catálogo de cursos do IsF: unidade nacional” deste livro.
- ³ Este número é variável e dinâmico, pois as IES podem fazer propostas de novos cursos e ofertá-los a qualquer momento, desde que aprovados pelos colegas especialistas, para compor o Catálogo Nacional.
- ⁴ Na categoria de cursos ofertados com dois encontros de 2h, estão incluídos aqueles em que as quatro horas são distribuídas no mesmo dia, com intervalo de 30 minutos entre cada bloco de 2h, como acontece com as turmas ofertadas aos sábados.

Referências

BRASIL. Portaria nº 1.466, de 18 de dezembro de 2012. Institui o Programa Inglês sem Fronteiras. *Diário Oficial da União*, Brasília, 19 dez. 2012. Disponível em: http://isf.mec.gov.br/ingles/images/pdf/portaria_normativa_1466_2012.pdf. Acesso em: 7 set. 2019.

CONSELHO DA EUROPA. *Quadro comum europeu de referência para as línguas: aprendizagem, ensino, avaliação*. Edição portuguesa. Porto: Edições Asa, 2001. Disponível em: http://area.dge.mec.pt/gramatica/Quadro_Europeu_total.pdf. Acesso em: 1º jul. 2019.

DELLA ROSA, S. F. P.; KAWACHI-FURLAN, C. J.; AUGUSTO-NAVARRO, E. H. Inglês para propósitos específicos (IPE): características e tendências atuais de ensino. *Revista EntreLínguas*, p. 25-40, out. 2016. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/entrelinguas/article/view/8408/5891>. Acesso em: 10 set. 2019.

FINARDI, K. R.; PORCINO, M. C. Tecnologia e metodologia no ensino de Inglês: impactos da globalização e da internacionalização. *Revista Ilha do Desterro*, Florianópolis, n. 66, p. 239-282, jan./jun. 2014.

JORDAN, R. R. *English for Academic Purposes: a guide and resource book for teachers*. 13. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

ELAINE MARIA SANTOS
RODRIGO BELFORT GOMES

O IMPACTO DO ISF-INGLÊS NA FORMAÇÃO DE ESPECIALISTAS E PROFESSORES DE INGLÊS NA GESTÃO PEDAGÓGICA DO PROGRAMA

Introdução

O Programa Inglês sem Fronteiras (IsF), lançado com a Portaria do SESu/MEC nº 1.444, de 18 de dezembro de 2012, teve o objetivo principal de promover a “formação e capacitação de alunos(as) de graduação das instituições de ensino superior para os exames linguísticos exigidos para o ingresso nas universidades anglófonas” (Brasil, 2012, p. 1) e, para tanto, dedicou-se à aplicação do exame de proficiência na língua estrangeira TOEFL ITP¹, aceito em universidades estrangeiras como pré-requisito exigido para alunos(as) em processo de mobilidade acadêmica.

Com a Portaria Normativa SESu/MEC nº 973/2014, de 14 de novembro de 2014, o IsF foi ampliado, passando a se chamar Programa Idiomas sem Fronteiras. Outras línguas estrangeiras passaram a fazer parte do escopo do Programa e o público-alvo também foi ampliado, contemplando também docentes e corpo técnico-administrativo das universidades, além de professores(as)

de idiomas da rede pública de educação básica, que também passaram a participar dos cursos do IsF, “conferindo-lhes a oportunidade de novas experiências educacionais e profissionais voltadas para a qualidade, o empreendedorismo, a competitividade e a inovação” (Brasil, 2014, p. 1).

A ampliação do Programa Idiomas sem Fronteiras, por meio da Portaria nº 30/2016, foi responsável pela inclusão, em seu público-alvo, de alunos(as) e servidores(as) da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica – RFEPCT. Foi também explicitada a necessidade de se investir, pelo Programa IsF, na “formação e na capacitação de estrangeiros em língua portuguesa, contribuindo para o desenvolvimento de uma política linguística para o país” (Brasil, 2016, p. 1). Ao mesmo tempo que a preocupação com a consolidação das políticas linguísticas das IES é observada, o foco na formação de professores(as) ganha novo fôlego, já que as práticas verificadas no dia a dia das sessões de formação pedagógica foram aqui formalizadas, de modo que, entre os objetivos do Programa, ficou especificado que o IsF deve se preocupar com a “formação inicial dos estudantes de licenciatura em língua estrangeira e a formação continuada de professores de língua estrangeira, para fins específicos de internacionalização nas IES e nas escolas brasileiras” (Brasil, 2016, p. 18).

Considerando as diversas vertentes do Idiomas sem Fronteiras, é possível compreender o quão complexo é o Programa em termos de gestão, uma vez que são envolvidos protocolos e práticas relacionadas a processos de formação de professores(as), gestão de cursos on-line, planejamento de oferta de cursos, controle administrativo de cursos presenciais, estratégias de marketing e divulgação das atividades desenvolvidas, preparação e acompanhamento pedagógico de aulas, controle de evasão, planejamento estratégico de ações junto às pró-reitorias das IES visando a internacionalização, administração de aplicação de provas de certificação

internacional, pesquisas sobre as ações e alcance do Programa, dentre outras ações, para cada língua estrangeira ofertada.

Diante da multiplicidade de atividades desenvolvidas diariamente no Idiomas sem Fronteiras, acaba sendo exigido dos coordenadores gerais um conhecimento de gestão e administração de cursos bem como letramento digital em diferentes sistemas, que, na maioria das vezes, não fazem parte da rotina do professor universitário. Nesse sentido, este texto tem como proposta mostrar o impacto do Programa na capacitação e desenvolvimento de conhecimentos de gestão pedagógica dos coordenadores, tanto gerais como pedagógicos. Abordaremos o assunto tendo como base a gestão pedagógica desenvolvida no NuLi IsF da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Apesar de o NuLi IsF – UFS abranger outros idiomas além do inglês, o foco de análise recairá sobre as ações desempenhadas pelo IsF-Inglês da UFS, por estar em funcionamento desde 2012 e apresentar o maior número de ações educacionais na instituição.

Para garantir a formação de professores(as), que se constitui o pilar principal e inicial para as ações desenvolvidas, era necessário permitir o sucesso das ações de gestão do NuLi, sendo de vital importância assegurar o sucesso e crescimento do Programa junto à comunidade acadêmica.

Para compreensão das ações envolvidas no processo de gestão do NuLi – IsF, dividiremos a gestão pedagógica em três frentes: *formação de professores(as)*, *gestão acadêmica e acompanhamento de evasão*. Essa divisão tem o objetivo de facilitar o detalhamento e a análise das ações desempenhadas no NuLi do IsF-UFS, de modo a ser possível comparar as atividades desempenhadas e os processos executados com os resultados obtidos desde o início do Programa até o ano de 2018 e demonstrar como a experiência pode impactar o conhecimento sobre gestão pedagógica dos coordenadores locais.

A formação de professores(as) no Inglês sem Fronteiras da UFS

Não há como se pensar no Idiomas sem Fronteiras sem associá-lo, inicialmente, a um programa de formação de professores(as), já que, sem uma sistematização de ações voltadas para um trabalho crítico-reflexivo dos(as) docentes sobre suas práticas e o atingimento de objetivos educacionais, não se pode pensar em ensino. O IsF-UFS, dessa forma, investe em um processo de formação capaz de promover a integração da equipe de professores(as) e coordenadores(as), discutir teorias e práticas educacionais, compartilhar experiências e inquietações e buscar soluções conjuntas para as situações abordadas nas reuniões pedagógicas. Trata-se de um espaço de desenvolvimento profissional pautado na instauração de um ambiente crítico-reflexivo, que valoriza a discussão teórica sobre as várias áreas da linguística aplicada relacionadas ao ensino de línguas estrangeiras, mas que abre espaço para a experimentação e a criatividade do(a) professor(a), considerando que a teoria discutida deve servir de base para novas experiências e novas teorias e não para a imposição de procedimentos seguidos de forma acrítica.

Compartilhamos dos princípios defendidos por Kumaravadevelu (1994, 2001, 2003, 2006, 2012) ao afirmar que o(a) professor(a) deve ser o(a) responsável por suas escolhas metodológicas, por ser o(a) único(a) detentor(a) do conhecimento sobre as necessidades de suas turmas. Assim sendo, não há como impor uma sequência de técnicas e atividades a serem aplicadas nas salas de aula de forma acrítica ou mecânica, uma vez que os resultados poderão estar fadados ao fracasso em decorrência da ausência de relevância prática ou por não atender às reais necessidades dos(as) alunos(as). Nesse contexto, o(a) docente deve ser visto(a) com uma postura autoral, teorizando suas práticas e praticando

suas teorias, o que só pode ser assegurado quando é instaurado um ambiente de formação de professores(as) que preze pela reflexão e criticidade. Não se trata de um afastamento da teoria, uma vez que, para que se possa teorizar sobre suas práticas em sala de aula, o(a) docente necessita de um embasamento teórico metodológico. A reflexão sobre os conhecimentos teóricos discutidos e suas práticas rotineiras levam, invariavelmente, a um processo de autorreflexão, que nas palavras de Liberali (1996) surge

como mola-mestra para a mudança educacional criando oportunidade para que os(as) professores(as) adotem uma postura crítica de suas práticas e da estrutura na qual ela está inserida. A reflexão crítica exige que nos coloquemos dentro da ação, na história da situação, participando da atividade social e tomando partido. [...] É, portanto, no diálogo com o outro, com as pistas dadas pelo outro, com o apoio do outro que ele [o(a) professor(a)] aprende a observar, ver e criticar a própria prática, a vê-la com “novos olhos” a ponto de gerar mudanças (Liberali, 1996, p. 25, 27).

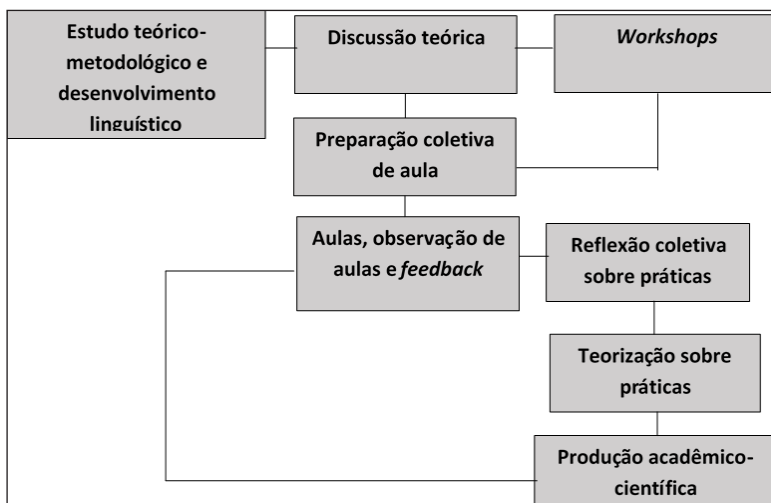
Um dos grandes desafios das práticas de formação de professores(as) é a dosagem entre sessões teóricas e a prática em sala de aula, já que, por muitas vezes, a teoria é trabalhada de forma extensiva, sem muito espaço para que os aprendizes coloquem o conhecimento discutido em prática, ressignificando-o e refletindo sobre os resultados obtidos. Segundo Nóvoa (2007, p. 14), “há um déficit de práticas, de refletir sobre as práticas, de trabalhar sobre as práticas, de saber como fazer. É desesperante ver certos professores que têm genuinamente uma enorme vontade de fazer de outro modo e não sabem como”. É por isso que o autor defende um processo de formação docente focado nas práticas, mas, principalmente, na análise das práticas.

Não é a prática que é formadora, mas sim a reflexão sobre a prática. É a capacidade de refletirmos e analisarmos. A formação dos pro-

fessores continua hoje muito prisioneira de modelos tradicionais, de modelos teóricos muito formais, que dão pouca importância a essa prática e à sua reflexão. Este é um enorme desafio para profissão, se quisermos aprender a fazer de outro modo (Nóvoa, 2007, p. 14).

Tendo em vista o estabelecimento de um processo de formação de docentes com base na manutenção de um ambiente que privilegia as práticas crítico-reflexivas, as ações de formação desempenhadas no NuLi IsF-UFS podem ser agrupadas de acordo com o fluxograma detalhado a seguir.

Fluxograma 1 - Esquema de modelo de formação de professor(a) desenvolvido no NuLi IsF-UFS



Fonte: Elaborado pelos autores.

Conforme destacado no Fluxograma 1, o processo de formação pedagógica desenvolvido no IsF-UFS tem início com o estudo teórico-metodológico, a partir da discussão de textos sobre métodos, técnicas e abordagens de ensino, a condição do pós-método

(Kumaravadivelu, 1994, 2001, 2003, 2006, 2012), o processo de internacionalização das IES e o papel das línguas estrangeiras (Pennycook, 1994; Altbach, 2002; Sarmiento *et al.*, 2017), a formação de professores(as) de línguas estrangeiras (Liberali, 1996; Nóvoa, 2007; Jordão, 2014; Monte Mór, 2011), letramento crítico (Duboc, 2012; Monte Mór, 2013; Jordão, 2016; Mattos, Valério, 2010), entre outros. A partir das discussões teóricas dos textos lidos e dos *workshops* ministrados, os(as) bolsistas do IsF-Inglês preparam suas aulas, em pares.

O Programa IsF-Inglês da UFS é composto por uma coordenadora-geral, um coordenador pedagógico, seis professores(as) bolsistas e três bolsistas administrativos(as). Paralelamente ao estudo teórico-metodológico, os(as) bolsistas passam por um processo de trabalho linguístico individual e coletivo. Coordenadores(as) e professores(as) traçam, conjuntamente, metas de desenvolvimento linguístico para cada bolsista e, individualmente, os(as) docentes apresentam suas propostas semanais para a obtenção do resultado almejado. A cada reunião, os(as) professores(as) reportam o estágio em que se encontram para o atingimento da meta e novas ações são, então, planejadas. Desde 2014, a UFS recebe estadunidenses pelo Programa de *English Teaching Assistants* (ETAs), patrocinado pela Fulbright/CAPES, e cada ETA fica responsável em marcar horários individualizados ou em pares com os(as) professores(as) do IsF-Inglês, com o objetivo de desenvolver ações voltadas para o desenvolvimento linguístico dos membros da equipe.

A cada nova oferta de cursos presenciais do Programa IsF-Inglês, dezoito turmas são abertas, com três turmas para cada professor(a) (carga horária semanal de quatro horas para cada turma). No IsF-UFS, os(as) bolsistas podem ficar responsáveis por até dois tipos diferentes de curso, por oferta, e a preparação das aulas é feita em duplas, em sua grande maioria. Nas reuniões pedagógicas, duas aulas previamente preparadas de cada

curso são apresentadas para a coordenação, com um momento de reflexão coletiva sobre esses materiais, de modo que os(as) professores(as) bolsistas são convidados(as) a ponderar sobre as ideias e os questionamentos levantados e, diante das sugestões feitas, as aulas são reorganizadas pelos(as) bolsistas, que são sempre incentivados(as) a experimentar as metodologias, técnicas e abordagens discutidas, ressignificando-as para a realidade de suas turmas.

Após os ajustes finais, as aulas são armazenadas em um *drive* on-line/nuvem com acesso compartilhado por todos os membros da equipe. Assim, cada curso tem a sua pasta específica, com subpastas referentes a cada aula, nas quais são mantidos os arquivos em *PowerPoint*, bem como os *handouts* a serem utilizados nos cursos. Os materiais são preparados a partir de imagens, vídeos e *podcasts* de domínio público, bem como textos retirados de revistas e afins, sempre citando as fontes utilizadas e respeitando-se as diretrizes de direitos autorais.

Cada professor(a) tem, à sua disposição, uma pasta na nuvem com os arquivos a serem utilizados em suas aulas, mas esses materiais devem ser vistos como guias, podendo ser alterados pelo(a) docente, a depender da sua percepção sobre as necessidades de suas turmas. As aulas ministradas podem ser observadas pela coordenação ou pelos(as) próprios(as) professores(as) (*peer observation*), de modo que sessões de *feedback* possam ser estabelecidas. Para auxiliar na análise de suas aulas, no que se refere a resultados esperados e percepções de professores(as) e alunos(as), os(as) bolsistas são encorajados(as) a manter registro de suas ações em sala de aula e, sempre que possível, aplicar questionários a seus(uas) alunos(as), com o intuito de fazer com que o processo de formação crítico-reflexivo seja assegurado. Esses questionários são analisados pelos(as) bolsistas e, em seguida, por bolsistas e coordenadores(as) de forma conjunta, o que faz com que novos

direcionamentos sejam traçados e as experiências possam ser registradas e divulgadas por intermédio de artigos publicados em periódicos especializados, em livros ou em anais de eventos.

Desde o início do Programa, a Universidade Federal de Sergipe contou com um total de quinze professores(as) bolsistas de Inglês no Programa Idiomas sem Fronteiras e, destes, onze apresentaram produção acadêmica (geralmente em pares) como resultado do processo de formação acima descrito, tendo o quantitativo dessa produção sido analisado nas tabelas 1 e 2, apresentadas a seguir:

Tabela 1 - Produções científicas do IsF-UFS por ano

	2013 e 2014	2015	2016	2017	2018
Apresentação de trabalhos	04	08	05	04	05
Artigos publicados em periódicos e anais de eventos	04	02	02	01	04
Trabalhos de Iniciação Científica	00	00	01	01	01
TOTAL	08	10	08	06	10

Fonte: Elaborada pelos autores.

Tabela 2 - Produções científicas do IsF-UFS por temática

Temáticas das produções do IsF-UFS	Qtde. de produções
Ações do programa	07
Formação de professores(as)	09
Metodologia, técnicas e abordagens	13
Internacionalização	02
TOTAL	31 ²

Fonte: Elaborada pelos autores.

É importante destacar que a formação dos professores não pode se ater somente à formação específica sobre conteúdos,

metodologias e práticas em sala de aula. O Programa IsF exige conhecimento sobre sistemas de gestão e comunicação, bem como participação em fóruns de plataformas virtuais. Muito embora os alunos tenham um letramento digital capaz de superar o conhecimento dos coordenadores, é da responsabilidade dos especialistas formadores mostrar a importância da inclusão dos dados no Sistema, gerando informações essenciais para que o desenvolvimento das atividades seja acompanhado, não só localmente, como nacionalmente. Assim, no início de cada semestre, os coordenadores fazem o registro das atividades a serem realizadas pelos professores no Sistema de Gestão IsF, incluindo tanto as aulas como as atividades complementares. A cada reunião semanal, verifica-se o que foi feito e o que foi registrado no Sistema. Adotamos, como parte da formação dos professores, a orientação sobre registro das atividades, permitindo que cada um possa fazer ao seu modo, mas sempre estimulando a autonomia do professor na gestão de suas atividades.

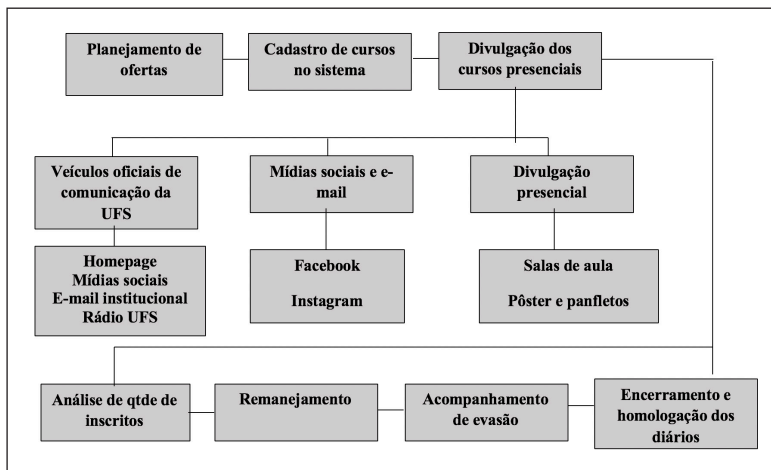
A autonomia ainda é mais evidenciada ao analisarmos o sistema de acompanhamento de procedimentos desenvolvido no IsF-Inglês da UFS, uma vez que, considerando que as ações e procedimentos são discutidos e validados nas reuniões pedagógicas e administrativas, todo o registro de atividades é também oficializado. A cada reunião, um(a) professor(a) bolsista é responsável pela elaboração de uma ata de reunião, na qual são apontadas todas as atividades feitas e a fazer, bem como os eventos, decisões, discussões e afins. Essas atas são postadas na página fechada do *Facebook* do grupo do IsF-Inglês da UFS, de modo que os integrantes possam conferir tudo o que foi discutido desde as primeiras reuniões do Programa, bem como o que ficou acordado. Nessa mesma rede social, são também compartilhados todos os planos de cursos já ofertados, bem como uma cópia dos relatórios administrativos que são respondidos.

A gestão acadêmica do IsF-UFS

Como gestão acadêmica, incluímos todas as ações relacionadas ao planejamento de ofertas, campanha de divulgação e acompanhamento de inscrição nos cursos presenciais, remanejamentos (quando necessário) e homologação dos diários. O Fluxograma 2 ilustra a sequência de ações desempenhadas, que são imprescindíveis para que tenhamos o maior número possível de alunos(as) inscritos(as) e, com isso, seja maior a possibilidade de encerrarmos as turmas abertas com um maior número de concludentes, conforme será descrito na seção “Acompanhamento de Evasão”.

Na fase de planejamento de ofertas, a coordenação, juntamente com os professores(as) bolsistas, organiza os horários que serão disponibilizados, de modo a se ter aula pelas manhãs, tardes e noites, incluindo-se as manhãs do sábado. São ofertados cursos dos níveis A2, B1 e B2 do Quadro Comum Europeu de Referência (QCER), a quantidade de turmas para cada nível é decidida tendo como base os números de inscrições das ofertas anteriores, bem como a análise do quantitativo de alunos(as) elegíveis para os cursos por nível de proficiência, já que, a partir de relatórios gerenciais, é possível saber quantos(as) estudantes poderão se inscrever para cada nível do QCER. O nivelamento dos(as) discentes das IES participantes do IsF é feito, até então, a partir do resultado obtido com a realização do exame de certificação TOEFL ITP, aplicado na própria instituição ou por intermédio do teste de nivelamento do *My English Online* (MEO), que é o curso on-line de língua inglesa administrado pelo Programa.

Fluxograma 2 - Fluxograma da gestão acadêmica desenvolvida no NuLi IsF-UFS



Fonte: Elaborado pelos autores.

A oferta de turmas durante a semana é feita de forma que os níveis estejam bem distribuídos, havendo um maior número de turmas às tardes e aos sábados, uma vez que os(as) professores(as) estudam no turno da manhã ou da noite, o que possibilita remanejamento de bolsistas, caso seja necessário, já que os(as) docentes com possíveis turmas ociosas poderão ser alocados em outra que tenha inscritos em lista de espera, após duplicação da turma. Em caso de turmas desafio, ou seja, aquelas com uma possibilidade de menor procura (em decorrência da temática ou do nível do QCER), optamos, sempre que possível, por ofertá-la em um horário em que haja uma turma A2 (por ser o nível mais procurado, geralmente). Assim sendo, caso a turma desafio não seja confirmada, uma duplicação da turma A2 com alunos em lista de espera poderá ser feita. Seguindo-se o mesmo raciocínio, nunca ofertamos turmas para todos os(as) professores(as) aos sábados, mesmo sabendo que é o horário de maior procura, porque, em caso de turmas ociosas,

os(as) professores(as) que ficaram sem turma poderão ir para o sábado, por haver a possibilidade de duplicação de turmas. Caso o(a) bolsista já tenha turma nesse turno, ajustes internos poderão ser feitos, principalmente porque todos(as) os(as) professores(as) estão cientes de que podem dar aula aos sábados e de que podem ser realocados(as) em outro horário, caso seja necessário ajuste de alguma(s) turma(s).

É importante também destacar que sempre são abertos cursos novos em decorrência do público fiel, que se inscreve nas aulas a cada nova oferta cadastrada, e que, como cada professor(a) tem, no máximo, dois tipos diferentes de curso por oferta, dividimos os trabalhos de preparação das aulas de modo a deixar sempre dois(uas) bolsistas responsáveis pela preparação de um mesmo curso.

A divulgação de abertura do período de inscrição para os cursos presenciais deve ser constante, diária e diversificada. Além dos e-mails enviados pelo Núcleo Gestor (NG) a partir dos provedores do Ministério de Educação – MEC, ação essa que se mostra mais eficiente na divulgação dos cursos, é importante que cada NuLi invista em suas ações de divulgação, de acordo com as características de seu público e priorizando aquelas que têm maior alcance. No IsF – UFS, um fluxo de ações foi delineado e vem trazendo bons resultados no que se refere à procura pelas inscrições nos cursos ofertados. A divulgação pode ser dividida em três grandes frentes: veículos oficiais da UFS, mídias sociais e divulgação presencial.

Com a abertura das inscrições, uma matéria é elaborada pela coordenação, ajustada pela assessoria de comunicação da universidade e veiculada na homepage da UFS, contendo todas as informações necessárias para a comunidade acadêmica, como datas e locais de inscrição, público-alvo, importância dos cursos e tipos de cursos ofertados. Paralelamente, as informações de inscrição

são divulgadas nas mídias sociais oficiais da IES, de modo a cobrir um maior número de pessoas. Entrevistas são concedidas a Rádio UFS sobre as inscrições, e chamadas gravadas são veiculadas com grande frequência na emissora de rádio. De forma complementar, e-mails institucionais são disparados pelas pró-reitorias de graduação e de pós-graduação, bem como pelo e-mail oficial do DAA (Departamento de Administração Acadêmica), chamado DAA Informa (e-mail oficial de divulgação das informações da UFS), lembrando dados e informações para as inscrições.

Cada professor(a) fica responsável por enviar e-mail para todos(as) os(as) seus(uas) ex-alunos(as) e postar, na sua página do Facebook, no Instagram e em seus grupos de WhatsApp de colegas da UFS, as informações sobre as inscrições, que são condensadas em artes preparadas pelos(as) bolsistas administrativos(as). Essas artes são autorais ou adaptações de memes atuais, de modo que possam ser atraentes e ter um maior alcance, tanto em número de leituras quanto de compartilhamentos. Esses materiais são também postados no Facebook, Instagram e Twitter do IsF-UFS a cada dois dias, intercalando-se a mídia, de modo que, diariamente, novas imagens circulem em uma das mídias aqui relacionadas

A divulgação presencial é feita de quatro formas: (1) os(as) professores(as) bolsistas e bolsistas administrativos(as), durante o período de inscrição, em pares, visitam as aulas da graduação e pós-graduação, conversando por alguns minutos com professores(as) e alunos(as) sobre as inscrições e distribuindo panfletos contendo as informações sobre as inscrições; (2) em todas as ações dos(as) ETAs, os(as) *English Teaching Assistants* falam sobre o período de inscrição que foi aberto e os(as) alunos(as) são motivados(as) a se inscrever pelas próprias ETAs, que informam que irão fazer participações em algumas aulas; (3) professores(as) bolsistas e bolsistas administrativos(as) distribuem panfletos nas dependências da UFS, inclusive na fila do

Restaurante Universitário (Resun), na hora do almoço e do jantar, e nas filas de matrícula, quando é aberto o período de confirmação de matrícula dos calouros; (4) professores(as) bolsistas e bolsistas administrativos(as) colam materiais de divulgação por todo o campus, orientando os(as) alunos) sobre como efetuar a inscrição. Em todas as peças de divulgação, são compartilhados o telefone e o e-mail do NuLi, de modo que orientações mais individualizadas possam ser dadas, caso o(a) discente tenha alguma dificuldade na inscrição ou se depare com alguma mensagem de erro do sistema. Um passo a passo de inscrição é enviado por e-mail ou por redes sociais para aqueles que expressam maior dificuldade durante o processo, conforme apresentado nas figuras 1, 2, 3 e 4.

Figura 1 - Solicitação de acesso no isfaluno

O infográfico apresenta o processo de solicitação de acesso ao sistema isfaluno. À esquerda, há um banner com o logo 'IDIOMAS SEM FRONTEIRAS' e o título 'Solicitando acesso no isfaluno'. Abaixo do banner, um texto indica que o acesso é apenas para alunos e funcionários da instituição de ensino superior e instituições parceiras. O processo é dividido em seis etapas:

- 1. Acesse o site:** <http://isfaluno.mec.gov.br/>
- 2. Solicite acesso,** clicando no botão verde.
- 3. Digite seu CPF e** clique no botão verde mais uma vez.
- 4. Você precisará preencher** mais alguns dados.
- 5. Após preencher os** dados, aguarde um email com sua senha de acesso!
- 6. Pronto!**

As etapas 2 e 3 mostram capturas de tela de uma interface web com campos para CPF e Senha, e botões 'Autenticar' e 'Solicitar Acesso'.

Fonte: Elaborada pela equipe IsF-UFS.

Figura 2 - Acesso inicial ao MEO

Acesso ao MEO

Cursos On-line

1. Para acessar o curso de inglês online, você precisa ter acesso ao site <http://isfaluno.mec.gov.br/>

2. Faça login no **isfaluno** e clique em "cursos on-line"

3. Após o passo 3, clique em **My English Online**

4. Confirme que deseja fazer a inscrição no site, clicando em **sim**.

5. Preencha os dados solicitados e espere um email com sua senha de acesso.

5. Faça o teste de nivelamento e comece a estudar inglês!

Se tiver problemas com o acesso, acesse a central de ajuda ou mande email para isf.ufs@gmail.com

Accesse para cursos on-line do Programa Idiomas sem Fronteiras, inclusive o MEO.

Cadastro no MEO

Desaja realizar sua inscrição no MEO?

Não Sim

Fonte: Elaborada pela equipe IsF-UFS.

Figura 3 - Orientações teste de nivelamento no MEO

Teste de nivelamento

Ao terminar o teste, seu nível de proficiência será mostrado!

1. Faça login no <http://isfaluno.mec.gov.br/>

2. Clique em "Cursos On-line"

3. Selecione "My English Online"

4. Clique em "sim".

5. Após receber a senha de acesso por e-mail, faça login no MEO e clique em "iniciar o teste de nivelamento".

O teste só pode ser feito uma vez.

DÚVIDAS? Mande um e-mail para isf.ufs@gmail.com

CURSO ON-LINE

My English Online

Cadastro no MEO

Desaja realizar sua inscrição no MEO?

Não Sim

PDE INGLÊS SEM FRONTEIRAS

UFES

50

Fonte: Elaborada pela equipe IsF-UFS.

Figura 4 - Inscrição nos cursos presenciais

Quer participar de cursos de inglês presenciais?

1. Você precisa ter acesso ao site <http://isfaluno.mec.gov.br/>
2. É preciso também ter feito o teste de nivelamento do MEO ou ter feito o TOEFL itp.
3. Clique em aulas presenciais.

Aulas Presenciais

4. Selecione o idioma e a oferta mais recente, por fim, clique em **consultar turmas**.

Realizar Inscrição

Idioma: *

Oferta: *

Consultar Turmas

IDIOMAS SEM FRONTEIRAS

5. As turmas abertas para o seu nível irão aparecer.

6. Selecione a turma que achar melhor e aguarde o resultado da inscrição!

Os cursos são oferecidos para os níveis A2, B1 e B2, correspondentes aos níveis 3, 4 e 5 do MEO.

DÚVIDAS? Mande um email para isf.ufs@gmail.com

Fonte: Elaborada pela equipe IsF-UFS.

Seguindo os procedimentos elencados, o IsF-UFS vem assegurando que todas as turmas abertas sejam confirmadas e tenham seu início garantido. O acompanhamento da quantidade de alunos(as) por turma faz com que, caso seja necessário, turmas sejam duplicadas e alunos(as) remanejados(as), mantendo-se, dessa forma, o número de grupos planejados, o que vem a beneficiar a comunidade acadêmica. O ciclo da gestão acadêmica é encerrado com o acompanhamento da evasão (descrito na seção seguinte), o encerramento dos diários, por parte dos(as) alunos(as), e a subsequente homologação por parte da coordenação. A gestão acadêmica e o acompanhamento da evasão feitos no IsF-UFS foram de sobremaneira importantes para os resultados positivos nos números de turmas e vagas ofertadas, conforme detalhado na Tabela 3, no que se refere às turmas ofertadas em 2018. Todos os(as) alunos(as) do IsF podem se inscrever em duas opções de turmas, no entanto, na coluna 2 da Tabela 3, foram consideradas apenas as solicitações

para a primeira opção. Trata-se, dessa forma, do número total de alunos(as) interessados(as), não havendo repetição de CPFs.

Tabela 3 - Turmas e vagas ofertadas x solicitações de inscrição no IsF-UFS em 2018

	Turmas ofertadas	Turmas abertas	Vagas ofertadas	N. de inscritos
Oferta 1.2018	16	16	400	593
Oferta 2.2018	12	12	300	489
Oferta 3.2018	18	18	450	543
Oferta 6.2018	08	08	200	259
Oferta 7.2018	15	15	375	305

Fonte: Elaborada pelos autores.

Acompanhamento de evasão

A evasão dos cursos é sempre motivo de preocupação de gestores. Nos cursos livres de idiomas, sejam eles pagos ou não, é comum se discutir esse tema, pois isso implica o sucesso das ações promovidas. Quando há investimento público, em que os cursos ofertados são gratuitos, a preocupação é ainda maior, pois há uma responsabilidade em se demonstrar que os gastos do erário estão sendo bem investidos. Entretanto, é difícil encontrar literatura a respeito do conceito de evasão ou de desistências de cursos de idiomas. Na gestão de oferta de cursos pelo IsF, sempre foi uma preocupação frequente dos coordenadores-gerais e pedagógicos do IsF-Inglês o controle da permanência e investigação sobre as razões para desistência dos alunos dos cursos ofertados.

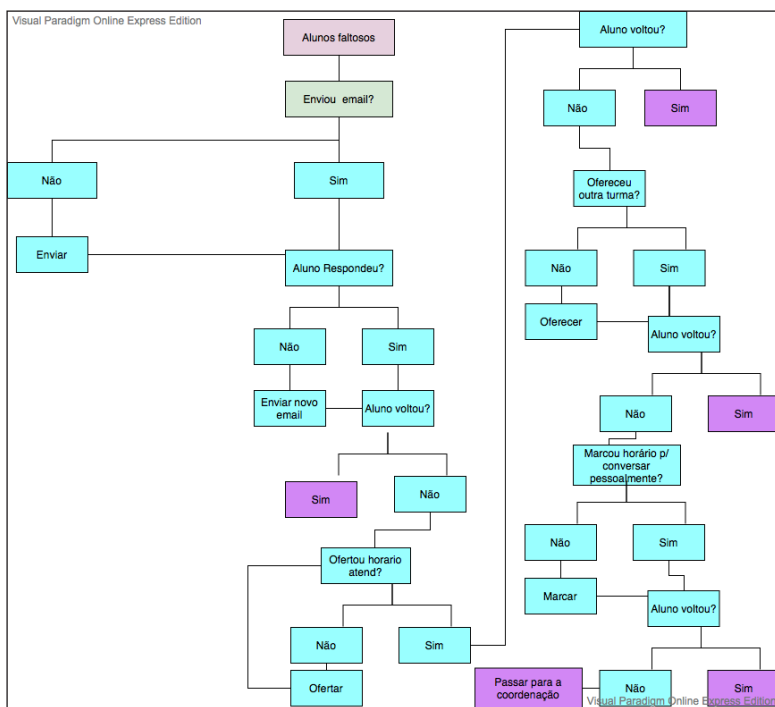
O acompanhamento de evasão tem como objetivo final assegurar que um maior número de alunos(as) conclua os cursos nos quais foram inscritos(as), aumentando os índices de ocupação de vagas e garantindo, assim, um aproveitamento do curso por uma quantidade maior de alunos(as). Os procedimentos dessa etapa são de suma importância quando analisamos as atividades do Idiomas sem Fronteiras, uma vez que, quanto mais positivos esses números, maior o alcance do Programa nas ações de internacionalização da IES, já que esse é o objetivo principal do IsF. Nos procedimentos do acompanhamento de evasão, preocupamo-nos com a lista de inscritos em espera, estudo da frequência nos cursos, política de contato com os(as) alunos(as) participantes, remanejamentos, finalização dos cursos e pesquisa junto a concludentes e desistentes, com o intuito de coletar informações sobre as motivações dos(as) estudantes e os fatores que estão diretamente relacionados à permanência ou desistência nos cursos nos quais estavam inscritos.

A depender da lista de espera, chamamos 30 alunos(as) e não 25 (orientação do NG), trabalhando com um *overbooking* controlado, já que a evasão nos cursos presenciais é recorrente, sendo nosso desafio, como coordenadores(as) do Programa, buscar alternativas para redução desses índices. Assim que as turmas são consolidadas, os(as) professores(as) mandam e-mail de boas-vindas, com todas as informações necessárias para o curso e pedindo para que os(as) alunos(as) impossibilitados de frequentar as aulas avisem ao(à) docente de imediato, de modo que candidatos(as) em lista de espera possam ser chamados(as) o mais rápido possível.

A partir da primeira aula, a cada não comparecimento, chamamos alunos(as) em espera na proporção de dois(uas) novos(as) discentes para cada vaga ociosa, já que, de acordo com a experiência do NuLi IsF da UFS, após a segunda semana de aula, os(as) inscritos(as) em espera tendem a não querer mais participar das aulas.

Frente a várias opções de ações que podem ser tomadas pelo(a) professor(a) diante de alunos(as) faltosos(as), na tentativa de recuperação dos(as) discentes e redução nos índices de evasão, um fluxograma foi preparado pela coordenação do IsF-UFS e discutido em reunião pedagógica, de modo que, mesmo antes dos encontros semanais entre bolsista e coordenação, os(as) professores(as) podem seguir o Fluxograma 3 e tomar as decisões necessárias diante de um(a) discente que deixou de frequentar o curso, antes mesmo de esse caso ser discutido em reunião.

Fluxograma 3 - Fluxograma de acompanhamento de evasão, preparado pelo IsF-UFS



De acordo com a política de acompanhamento de alunos(as) do IsF-UFS, os(as) professores(as) devem enviar e-mail a seus(uas) alunos(as) faltosos(as) após a primeira e segunda aula e, a partir de então, o envio passa a ser semanal. Diante do Fluxograma 3, os(as) professores(as) entram em contato com os(as) alunos(as) faltosos(as) e tentam convencer o(a) discente a retornar ao curso. A coordenação acompanha a frequência de alunos(as) semanalmente e é incentivada uma decisão conjunta sobre ações que podem ser executadas para que os(as) estudantes faltosos(as), mesmo após os contatos estabelecidos pelos(as) professores(as), possam reingressar aos seus cursos.

Um sistema de remanejamento interno foi desenvolvido no IsF-UFS de modo que, a qualquer momento, diante da sinalização de um(a) aluno(a) sobre a impossibilidade de continuação no curso, outras turmas, do mesmo curso e nível, possam ser oferecidas. Caso o(a) estudante tenha a disponibilidade de frequentar em novo horário, passará para a nova turma a título de “empréstimo”. Cada turma (do mesmo curso) pode receber até três alunos(as) “emprestados(as)”, e as informações, no que se refere a faltas e notas, são repassadas de professor(a) a professor(a), assegurando-se que o(a) discente tenha seu rendimento registrado no sistema e possa receber o certificado ao qual tem direito. Esse “ajuste” interno se faz necessário, uma vez que o sistema só fica aberto para remanejamentos por volta de sete dias após o início das aulas.

Com o objetivo de auxiliar o(a) aluno(a) durante as aulas ministradas, os(as) professores(as) divulgam seus horários de tutoria, não somente para aqueles(as) com dificuldades de acompanhamento das aulas como também para os(as) faltosos(as), como forma de oferecer uma nova oportunidade para que o conteúdo perdido possa ser assimilado e o(a) discente retorne às aulas normalmente. Considerando que a autonomia é uma das palavras-chave quando nos referimos ao Programa Idiomas sem

Fronteiras, os(as) bolsistas, diante do Fluxograma 3, acompanham as faltas de seus alunos oferecendo possibilidades de retorno antes que o não comparecimento às aulas culmine em uma evasão. Assim, não há a necessidade de espera pela reunião semanal para que os casos sejam discutidos e alguma ação seja tomada, já que, em muitos casos, a demora na tomada de decisão pode impactar na desistência definitiva do curso. Se os(as) bolsistas não se veem como agentes ativos do processo instaurado, os resultados não serão tão efetivos quanto os observados com uma equipe coesa, comprometida com o acompanhamento dos(as) discentes e conhecedora do seu papel no processo de gestão.

Com base nessas estratégias, solicitamos ao Núcleo Gestor do Programa dados que pudessem verificar se as ações implementadas surtiam o efeito necessário para controle da evasão do NuLi-UFS. O resultado enviado foi como demonstrado na tabela a seguir:

Tabela 4 - Dados referentes ao desempenho das turmas ofertadas pelo NuLi-UFS – IsF-Ingês de 2017 a 2018

IES	Vagas ofertadas		Inscrições		CPFs inscritos		Classificados		Aprovados		Reprovados		Reprovados falta	
UFS	2.750	100%	4.182	152%	3.340	121%	1.565	47%	1.343	86%	222	14%	209	13%

Fonte: Dados do NG.

É necessário esclarecer que, conforme as regras do Sistema de Gestão e de inscrições dos alunos, o número de inscrições não confere com o número de CPF, pois os alunos podem se inscrever em até dois cursos, indicando o de primeira e o de segunda opção, para permitir melhor remanejamento e preenchimento das turmas. Apesar de haver número de vagas disponíveis, muitas vezes os alunos buscam mais um curso do que outro, permitindo ociosidade de vagas. É nesse momento que se torna importante a gestão e acompanhamento dos coordenadores, para permitir melhor planejamento nas ofertas seguintes. Os números apresentados são gerais, referentes aos anos de 2017-2018. Se pudéssemos avaliar mensalmente, poderíamos perceber que houve uma melhoria significativa ao longo do processo em decorrência do conhecimento das estratégias a serem empregadas.

O que mais importa nessa tabela refere-se ao número de aprovados, reprovados por falta e por nota. Podemos perceber pelos dados que o percentual de evasão dos cursos (reprovados por falta) é bastante baixo (13%) considerando-se o número de aprovados (86%).

É importante destacar, no entanto, que a evasão verificada nos cursos presenciais do IsF possui causas diversas, que devem ser investigadas em sua complexidade, já que, na maioria dos casos, a decisão pela desistência está pautada em novos compromissos assumidos pelo(a) aluno(a) na graduação ou pós e não pela condução das aulas. Diante desse cenário, o IsF-UFS realiza, a cada ano, uma pesquisa com alunos concludentes e desistentes, buscando identificar as causas da decisão em continuar o curso ou em abandoná-lo antes da sua conclusão.

Ao analisarmos as pesquisas feitas no NuLi do IsF-UFS, identificamos que cerca de 63% dos desistentes no ano de 2016 e 53% dos anos de 2017 e 2018 sinalizaram ter abandonado os cursos em decorrência de incompatibilidade de horários, enquanto os

demais sinalizaram dificuldades em acompanhar o curso, não adequação à metodologia empregada ou falta de afinidade com os demais integrantes da turma. Por outro lado, a motivação pela continuidade do curso foi atribuída, na maioria das respostas, às discussões e interações proporcionadas, aos tipos de atividades propostas e à afinidade com a metodologia empregada, conforme destacado por Santos (2018).

Os dados da autora nos permitem perceber que o cuidado com a preparação de aulas tem um impacto positivo entre aqueles que permanecem no curso até o seu fim, o que faz com que dediquemos algumas horas da formação pedagógica com a preparação de aulas, que é sempre feita em pares, com sessões de *feedback* a cada aula preparada, prezando-se pela fidelização e desenvolvimento do aluno. Os momentos de reflexão acerca das práticas por parte dos(as) bolsistas, amparados na crença da formação de professores(as) crítico-reflexivos(as) por parte dos(as) coordenadores(as), estimulam a produção científica sobre as práticas em sala de aula, materiais preparados e formação de professores, com foco na internacionalização e ampliando a rede de pesquisadores do IsF, de modo a auxiliar outros pesquisadores e a comunidade acadêmica em geral no aprofundamento teórico e prático sobre o Programa Idiomas sem Fronteiras. Essas pesquisas, da mesma forma, são de fundamental importância para a formação de um professor crítico-reflexivo, capaz de teorizar a partir de sua prática e praticar sobre a teoria construída, conforme preconizado por Kumaravadivelu (1994, 2001, 2003, 2012).

Algumas conclusões

O sucesso do Programa Idiomas sem Fronteiras está relacionado às práticas executadas e ao alcance observado das atividades conduzidas. A intensidade das ações de divulgação dos cursos presenciais faz com que um grande quantitativo de alunos se inscreva nessas aulas, o que demonstra uma boa receptividade do IsF pela comunidade acadêmica da UFS. Quanto maior o número de inscritos, e em consequência da lista de espera, maiores são as possibilidades de inclusão de novos alunos, diante da evasão inicial, verificada a cada demanda. Assim, ao nos debruçarmos sobre os resultados relacionados aos cursos presenciais, preocupamo-nos com o número de alunos(as) desistentes e concludentes, de modo que algumas análises pudessem ser compartilhadas.

A gestão pedagógica verificada no IsF-UFS está pautada na formação de professores(as), gestão acadêmica e acompanhamento de evasão, tendo sempre em vista a obtenção de melhores índices de internacionalização, a partir do investimento no desenvolvimento linguístico para um maior número de alunos, muitos deles entrando em contato com os estudos em língua inglesa pela primeira vez. Além dos processos desenhados para a captação de alunos(as), é crucial destacar o cuidado com o acompanhamento dos(as) discentes inscritos(as), assegurando, assim, um maior número de concludentes e a diminuição da evasão. Dessa maneira, o aumento do alcance do projeto e a manutenção dos(as) estudantes em sala de aula culminarão em um Programa que, ao investir na internacionalização das IES, promove a inclusão, a partir da temática acadêmica.

Os fluxogramas criados pela coordenação do IsF-UFS, discutidos e compartilhados com os(as) professores(as) do Programa, auxiliam esses(as) docentes em formação a desenvolver uma visão sistêmica do processo de ensino-aprendizagem como um todo,

ajudando-os a criar as estratégias necessárias para planejamento de cursos, preparação de aulas, divulgação de inscrição, acompanhamento de presenças, evasão e conclusão dos cursos ministrados. A corresponsabilidade para com o sucesso das ações planejadas faz com que o Idiomas sem Fronteiras e, nesse caso, o IsF-Inglês, seja um programa de formação de professores que extrapola o simples cuidado com as aulas, na medida em que são também priorizadas ações de planejamento e acompanhamento dos cursos ministrados, além da contribuição para a internacionalização das IES. Não menos importante, o processo de conhecimento de como gerir e acompanhar a oferta de cursos pelo IsF permitiu aos coordenadores da UFS um aprimoramento profissional que dificilmente teríamos a oportunidade de experienciar nas atividades rotineiras da universidade. Esse conhecimento poderá ser transmitido e compartilhado na formação de novos profissionais de línguas tanto no âmbito do Programa como fora dele, no curso de Letras da instituição.

Notas

- ¹ O TOEFL ITP é uma certificação internacional na língua inglesa, aceita em universidades estrangeiras como comprovação de proficiência linguística, tendo uma validade de dois anos. Essa prova é aplicada no Programa Idiomas sem Fronteiras desde 2012, e, desde então, vem sendo utilizada como avaliação diagnóstica do nível linguístico dos(as) alunos(as) das universidades participantes, servindo como nivelamento para a entrada nos cursos presenciais ofertados pelo IsF.
- ² Na Tabela 1, tem-se um total de 42 produções e não 31, pois alguns trabalhos foram contabilizados no item de apresentação de trabalhos e no de artigos publicados.

Referências

ALTBACH, P. G. Perspectives on Internationalizing Higher Education. *International Higher Education*, n. 27, Spring 2002. Disponível em: http://www.bc.edu/bc_org/avp/soe/cihe/newsletter/News27/Newslet27.html. Acesso em: 10 maio 2019.

BRASIL. Portaria nº 30, de 26 de janeiro de 2016. Amplia o Programa Inglês sem Fronteiras. *Diário Oficial da União*, Brasília, Seção 1, n. 19, 28 jan. 2016. Disponível em: http://isf.mec.gov.br/images/2016/janeiro/Portaria_n_30_de_26_de_janeiro_de_2016_DOU.pdf. Acesso em: 1º maio 2019.

BRASIL. Portaria nº 973, de 14 de novembro de 2014. Institui o Programa Idiomas sem Fronteiras. *Diário Oficial da União*, Brasília, 17 nov. 2014. Disponível em: http://isf.mec.gov.br/ingles/images/pdf/novembro/Portaria_973_Idiomas_sem_Fronteiras.pdf. Acesso em: 1º maio 2019.

BRASIL. Portaria nº 1.444, de 18 de dezembro de 2012. Institui o Programa Inglês sem Fronteiras. *Diário Oficial da União*, Brasília, Seção 1, n. 244, 19 dez. 2012. Disponível em: http://isf.mec.gov.br/ingles/images/pdf/portaria_normativa_1466_2012.pdf. Acesso em: 1º maio 2019.

DUBOC, A. P. M. *Atitude curricular: letramentos críticos nas brechas da formação de professores de inglês*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês do Departamento de Línguas Modernas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

JORDÃO, C. M. Birds of different feathers: algumas diferenças entre letramento crítico, pedagogia crítica e abordagem comunicativa. In: TAKAKI, N. H.; MACIEL, R. F. (org.). *Letramentos em terra de Paulo Freire*. Campinas: Pontes Editores, 2014.

JORDÃO, C. M. No tabuleiro da professora tem... Letramento crítico? In: JESUS, D. M.; CARBONIERI, D. (org.). *Práticas de multiletramento e letramento crítico: outros sentidos para a sala de aula de línguas*. Campinas: Pontes Editores, 2016. p. 41-53.

KUMARAVADIVELU, B. *Beyond methods: macrostrategies for language teaching*. New Haven and London: Yale University Press, 2003.

KUMARAVADIVELU, B. *Language teacher education for a global society*. Routledge: Taylor & Francis, 2012.

KUMARAVADIVELU, B. The postmethod condition: (e)merging strategies for second/ foreign language teaching. *TESOL Quarterly*, v. 28, n. 1, p. 27-50, Spring 1994. Disponível em: <http://www.bkumaravadivelu.com/articles%20in%20pdfs/1994%20Kumaravadivelu%20Postmethod%20Condition.pdf>. Acesso em: 10 maio 2019.

KUMARAVADIVELU, B. Toward as postmethod pedagogy. *TESOL Quarterly*, v. 35, n. 4, 2001.

KUMARAVADIVELU, B. *Understanding language teaching: from method to postmethod*. Marhwah: Erlbaum, 2006.

LIBERALI, F. C. O desenvolvimento reflexivo do professor. *The Especialist*, v. 17, n. 1, p. 19-38, 1996.

MATTOS, A. M. de A.; VALÉRIO, K. M. Letramento crítico e ensino comunicativo: lacunas e interseções. *RBLA*, Belo Horizonte, v. 10, n. 1, p. 135-158, 2010.

MONTE MÓR, W. Prefácio. In: JORDÃO, C. M.; MARTINEZ, J. Z.; HALU, R. C. *Formação "desformatada": práticas com professores de língua inglesa*. Campinas: Pontes Editores, 2011. p. 11-16.

MONTE MÓR, W. Crítica e letramentos críticos: reflexões preliminares. In: ROCHA, C. H.; MACIEL, R. F. *Língua estrangeira e formação cidadã: por discursos e práticas*. Campinas: Pontes Editores, 2013.

NÓVOA, A. *Desafios do professor no mundo contemporâneo*. São Paulo: SINPRO-SP, 2007. Disponível em: http://www.sinprosp.org.br/arquivos/novoa/livreto_novoa.pdf. Acesso em: 10 jun. 2019.

PENNYCOOK, A. *The cultural politics of English as an International language*. United Kingdom: Longman Group Limited, 1994.

SANTOS, I. da S. Inglês sem Fronteiras na UFS: analisando a motivação e o absenteísmo nos cursos presenciais. In: SEMINÁRIO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E ENSINO DE LÍNGUA INGLESA, 4., 2018, São Cristóvão, SE. *Anais eletrônicos* [...]. São Cristóvão, SE: LINC/UFS, 2018. p. 356-368.

SARMENTO, S.; ABREU-E-LIMA, D. M.; MORAES FILHO, W. B. (org.). *Do Inglês sem Fronteiras ao Idiomas sem Fronteiras: a construção de uma política linguística para a internacionalização*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017.

TATIANA VASCONCELOS BRICK
MÁRIO NUNES

O TESTE TOEFL ITP NO CONTEXTO DO PROGRAMA IDIOMAS SEM FRONTEIRAS E O DESENVOLVIMENTO DO NÍVEL DE PROFICIÊNCIA EM LÍNGUA INGLESA

Introdução

O Programa Idiomas sem Fronteiras (IsF) é uma iniciativa da Secretaria de Educação Superior (SESu) do Ministério da Educação (MEC). Criado em 2012, visa contribuir para o desenvolvimento de uma política linguística para o país e objetiva oferecer oportunidades de internacionalização acadêmica, auxiliando na progressão da carreira dos estudantes em língua estrangeira, especialmente os professores pré-serviço, contribuindo para o processo de formação em Letras Línguas Estrangeiras (LE) e para a internacionalização da Educação Superior.

Fazem parte do leque de idiomas do Programa IsF os seguintes: alemão, espanhol, francês, inglês, italiano, japonês e português como língua estrangeira/adicional (PLE/PLA).

Dentre suas ações, encontram-se a oferta de cursos presenciais e on-line de idiomas no âmbito dos Núcleos de Línguas (NuLi-IsF)

bem como a avaliação diagnóstica realizada por meio da aplicação de testes de proficiência em instituições de ensino superior de todo o país.

O idioma inglês, mais consolidado, cujas ações são desenvolvidas no âmbito do Programa IsF desde 2013, oferece cursos presenciais e a distância e testes de proficiências regulares, mormente o *Test of English as a Foreign Language* (TOEFL ITP), distribuído pela MasterTest, empresa autorizada da *Educational Testing Service* (ETS), no Brasil.

Os NucLi-IsF das universidades federais, estaduais e municipais participantes do Programa IsF podem ofertar cursos presenciais extensivos e intensivos (de imersão) de língua inglesa, organizados, preferencialmente, para os níveis A2 a C1 do Quadro Europeu Comum de Referência (QECR) (Council of Europe, 2001, p. 24), organizados de modo não sequencial, conforme a oferta local e o potencial de vagas das universidades, a depender da proposta pedagógica de cada NucLi-IsF e suas especificidades. A proposta do Programa IsF é que cada instituição de ensino ofereça um conjunto de cursos que incluam diferentes faixas de níveis de proficiência e que sigam, prioritariamente, quatro categorias: cultura (geral e acadêmica); preparatórios para exames e testes de nivelamento e proficiência; cursos para propósitos específicos (língua para engenharia, medicina, computação, literatura etc.); e cursos para propósitos acadêmicos (produção de textos acadêmicos – em diferentes gêneros, apresentação de trabalhos etc.).

A aplicação do teste TOEFL ITP nas instituições de ensino participantes do Programa IsF visa atender ao maior número possível de estudantes, de modo a possibilitar sua participação nos programas de mobilidade internacional, bem como avaliar o seu nível de conhecimento de língua inglesa e, a partir dos resultados, auxiliar na construção de uma política de ensino de idiomas nas instituições. Seus resultados servem como diagnóstico para apurar

o nível de proficiência dos estudantes universitários do país, para nivelamento nos cursos presenciais e on-line do Programa e para entrada em instituições de ensino de países anglófonos no nível de graduação sanduíche, assim como para participação dos estudantes em programas de mobilidade internacional.

A aplicação do TOEFL ITP agora pode ser realizada pelas 58 universidades federais, 22 universidades estaduais/municipais, 25 instituições da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica (RFEPCT) e 36 Faculdades de Tecnologia do Estado de São Paulo (Fatecs) credenciadas ao Programa IsF, visando possibilitar a avaliação diagnóstica do nível de proficiência no idioma anglófono dos estudantes, docentes e pesquisadores¹, bem como auxiliar os especialistas em inglês das universidades participantes do Programa a desenhar ações específicas visando a qualificação da comunidade acadêmica para processos de mobilidade acadêmica com fins de internacionalização.

O diagnóstico proporcionado pelas aplicações no contexto do Programa IsF possibilita que se tenha um panorama do nível de proficiência em língua inglesa dessa comunidade no país. No presente estudo, o escopo da pesquisa refere-se somente às universidades federais, haja vista que as demais instituições de ensino credenciadas ainda não faziam parte do Programa ou estavam credenciadas há menos de um ano quando a pesquisa foi realizada.

A escolha do teste TOEFL para avaliação diagnóstica em língua inglesa no contexto do Programa IsF se deveu ao fato de se perceber – nos encontros e discussões com os docentes especialistas em língua inglesa das universidades federais participantes do Programa – que, para uma aplicação em todo território nacional, seria necessário considerar as condições de cada região do país.

A aplicação em papel requer somente salas de aula com recursos para reprodução de áudio, infraestrutura que é facilmente encontrada nas instituições de nível superior brasileiras. A

aplicação de testes on-line, entretanto, demonstrou ser inexecutável em uma avaliação diagnóstica que envolvesse todos os estados brasileiros, devido à indisponibilidade de laboratórios seguros e à precariedade de conectividade em algumas regiões.

Assim, considerando os objetivos de diagnóstico visados pelo Programa IsF, optou-se por adotar o TOEFL ITP na avaliação diagnóstica de proficiência linguística no âmbito das instituições de ensino participantes, por ser amplamente aceito e reconhecido nas instituições em todo o mundo, além de ser um teste bastante padronizado, o que torna mais fácil a preparação do aluno que possui pouco conhecimento a respeito da língua inglesa, e apto a aferir a proficiência de indivíduos com todo e qualquer nível de conhecimento nesse idioma. Ademais, é um teste com aplicação para propósitos acadêmicos e de fácil correção, pois não envolve as habilidades de produção escrita e oral, que implicariam tanto custo para o erário quanto uma logística de aplicação e de verificação injustificáveis, inviabilizando a aplicação em escala nesse contexto.

Nesse sentido, o foco do presente estudo é a análise dos resultados (*scores*) obtidos a partir de duas ou mais aplicações do teste TOEFL ITP no âmbito do Programa IsF pelos estudantes que participaram tanto dessas aplicações quanto dos cursos presenciais do Programa. Visto que o teste TOEFL ITP é um instrumento de grande valia para apurar o nível de proficiência linguística dos estudantes, investiga-se a correlação entre mais de uma aplicação do teste e a participação em cursos do Programa IsF entre as aplicações, de modo a se evidenciar o desenvolvimento do nível de proficiência dos participantes.

O estudo aborda dois tópicos principais: a evolução e/ou retrocesso do nível de proficiência de estudantes que participaram de mais de uma aplicação nacional do teste TOEFL ITP bem como possíveis participações em cursos presenciais do Programa IsF no(s) período(s) entre aplicações. Ele é relevante para toda a

comunidade acadêmica, tomadores de decisões e demais *stakeholders*, e espera-se contribuir para informar acerca do desenvolvimento do nível de proficiência dos estudantes do Programa IsF, amparar a tomada de decisões e a elaboração de estratégias, ao proporcionar um panorama da proficiência em língua inglesa da comunidade acadêmica nas universidades federais brasileiras.

Fundamentação teórica

A avaliação é uma importante parte do processo de ensino-aprendizagem, inclusive em língua estrangeira. Para esta última, existem os testes de proficiência linguística, a partir dos quais se objetiva avaliar habilidades específicas dos candidatos em determinado idioma, como a compreensão oral, de leitura e/ou a produção escrita, ou outros elementos integrantes de seu construto. McNamara (2000 *apud* Anchieta, 2010, p. 51) explica que o teste de proficiência é um “procedimento para coleta de evidências de habilidades linguísticas ou gerais do desempenho em tarefas planejadas para fornecer uma base de predições sobre o uso individual destas habilidades no contexto do mundo real”. Por conseguinte, tais testes visam avaliar o uso adequado da língua para que o indivíduo possa desempenhar ações no mundo.

Scaramucci (2009, p. 38) afirma que, quando o número de candidatos em uma prova é muito grande, a função dos seus itens (perguntas) “é exatamente a de determinar objetivos comuns, que vão delimitar o leque de respostas possíveis, o que é essencial na avaliação”, especialmente no tocante aos testes de proficiência em língua estrangeira, que classificam uma grande massa de indivíduos. Além disso, o teste se torna menos excludente “na medida em que [ele] é sensível a níveis mínimos de proficiência”. Portanto,

interessa, nesse caso, discriminar e classificar os candidatos, resstando configurada a função classificatória da avaliação.

Nesse sentido, Romão (1998, p. 40) destaca que os testes de proficiência, como o TOEFL ITP, possuem função de cunho classificatório e, por isso, “a avaliação deve sempre se referenciar em padrões (científicos ou culturais) socialmente aceitáveis e desejáveis, portanto, ‘consagrados universalmente’”, para que as habilidades linguísticas possam ser mensuradas e avaliadas objetivamente de acordo com escalas de proficiência². Como afirma o autor:

Esta concepção de avaliação enquadra-se no grupo das que denominamos “positivistas”, onde o que importa é o produto, o resultado de determinado desempenho do aluno em relação a conhecimentos, habilidades e posturas reconhecidos por sua “desejabilidade”. Talvez, por isso, a destaquem tanto as mensurações de aspectos quantitativos, onde a comparação de desempenhos de atores diferentes fica facilitada (Romão, 1998, p. 41).

O principal objetivo do teste TOEFL ITP é “verificar quem absorveu todos os conhecimentos e incorporou as habilidades previstas nos objetivos inicialmente estabelecidos, com vistas (...) à expedição de um documento comprobatório do nível alcançado” (Romão, 1998, p. 41). Por ser direcionado a diversos públicos, com diferentes níveis de proficiência, bem como por se prestar a classificar os candidatos de acordo com suas habilidades linguísticas quanto à compreensão oral e de leitura, ele traz questões de diversos níveis de dificuldade objetivando proporcionar uma amostra representativa do público avaliado.

A avaliação da proficiência linguística a partir do TOEFL ITP também traz diversos benefícios aos candidatos, tais como: contabilização do teste como atividade complementar nos cursos de graduação; comprovação de proficiência em inglês na pós-graduação

a partir do resultado obtido no teste; utilização do teste para participação em programas de mobilidade acadêmica promovidos pelas próprias universidades ou para seleção/classificação de bolsistas dos diferentes programas internos das instituições. Especificamente no contexto do Programa IsF, o uso do teste TOEFL ITP proporciona: a avaliação da proficiência em língua inglesa dos alunos nos NucLi-IsF das universidades parceiras, incluindo o nivelamento dos candidatos para entrada nos cursos presenciais ofertados, o monitoramento do progresso dos alunos em relação ao seu nível de proficiência em língua inglesa e a avaliação desse nível quando da saída dos alunos dos cursos.

Tendo em vista os objetivos e benefícios supramencionados, a aplicação do teste TOEFL ITP no âmbito do Programa IsF faz parte da construção de uma política linguística, especificamente na área de ensino de idiomas estrangeiros, voltada para a internacionalização da Educação Superior que, como explica Dias (2015, p. 34), “tornou-se uma realidade da qual nenhuma instituição pode escapar”, visto que ela [a internacionalização] “se converteu num fenômeno permanente nos estabelecimentos de ensino superior ao redor do mundo”.

Segundo Ricento (2006 *apud* Gimenez; Passoni, 2016, p. 117), “as políticas linguísticas (PL) têm a ver tanto com atos oficiais de governos e países, quanto com acontecimentos históricos e culturais que influenciam as atitudes e práticas relativas ao uso, à aquisição e ao *status* de uma língua”. E a construção de uma política linguística que envolve, dentre outros aspectos, a aplicação de testes de proficiência em língua estrangeira, visa, ademais, atender as metas estabelecidas no Plano Nacional de Educação 2011/2020 (Brasil, 2018), especialmente as seguintes, que vêm confirmar o incentivo concedido para o fortalecimento do processo de internacionalização do ensino superior brasileiro:

Meta 12 – Educação Superior:

(...) Estratégia 12.12 – Mobilidade estudantil e docente: *Consolidar e ampliar programas e ações de incentivo à mobilidade estudantil e docente em cursos de graduação e pós-graduação, em âmbito nacional e internacional, tendo em vista o enriquecimento da formação de nível superior.*

Meta 14 – Pós-graduação:

Estratégia 14.9 – Internacionalização da pesquisa: *Consolidar programas, projetos e ações que objetivem a internacionalização da pesquisa e da pós-graduação brasileira, incentivando a atuação em rede e fortalecimento de grupos de pesquisa.*

(...) Estratégia 14.10 – Intercâmbio científico e tecnológico: Promover o intercâmbio científico e tecnológico, nacional e internacional, entre as instituições de ensino, pesquisa e extensão.

Meta 15 – Formação de Professores:

(...) Estratégia 15.12 – Bolsas de Estudo: Instituir programa de concessão de bolsas de estudos para que os *professores de idiomas das escolas públicas de educação básica realizem estudos de imersão e aperfeiçoamento nos países que tenham como idioma nativo as línguas que lecionem* (Brasil, 2013, grifos nossos).

O processo de internacionalização da Educação Superior deve estar articulado com as demandas das instituições de ensino e da comunidade acadêmica, com a legislação educacional vigente, especialmente as diretrizes curriculares e o próprio PNE. É um processo intrincado que envolve desde a formação “em casa” de pessoal qualificado, a partir da preparação linguística para a recepção de alunos e professores estrangeiros pela comunidade acadêmica nas instituições de ensino, até o estímulo à participação em programas de mobilidade e ao fomento à cooperação internacional com universidades de diversos países. Nesse sentido, Abreu-e-Lima *et al.* (2017, p. 41) defendem:

Essa complexidade demanda a formulação de políticas de estado articuladas de curto, médio e longo prazos, que deem sustentação aos mecanismos de internacionalização da educação e da ciência pretendidos pelo país. Da mesma maneira, o contexto demanda uma formulação consistente, também articulada com as demais políticas de internacionalização, de uma política específica para o ensino de línguas estrangeiras ou de línguas adicionais.

Abreu-e-Lima, Moraes Filho e Sarmiento (2017, p. 41) argumentam que “a própria instituição do Programa IsF pode exercer um papel catalisador para o desencadeamento de um processo de discussão sobre uma Política Nacional para as línguas estrangeiras, considerando o diagnóstico do nível de proficiência dos alunos”. Ainda segundo os autores:

Como uma das ações do Programa IsF enfoca provas de proficiência em língua inglesa, esperamos usar dados gerados por esses instrumentos para medir a eficácia do programa em cada universidade, estado, região e no país como um todo. (...) Assim, haverá vários mecanismos para observar os resultados do programa nas IES participantes, bem como permitir aos pesquisadores da área verificar em que medida essas ações auxiliaram os estudantes no processo de internacionalização (Abreu-e-Lima; Moraes Filho; Sarmiento, 2017, p. 40).

A ação de avaliação diagnóstica realizada no âmbito do Programa IsF a partir da aplicação do TOEFL ITP é, consoante Abreu-e-Lima e Moraes Filho (2017, p. 296), “necessária para que se avance no desenho de estratégias para o país, com relação às línguas estrangeiras”. E ela tem contribuído para um ganho de projeção do Programa nacional e internacionalmente por representar uma importante medida para avaliação diagnóstica do nível de conhecimento de língua inglesa da comunidade acadêmica.

A consolidação de dados estatísticos e históricos sobre a evolução do nível de proficiência linguística pode ser de grande valia

para o delineamento de estratégias para apoiar o desenvolvimento dessa proficiência, identificando gargalos e melhores práticas no processo de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras nas instituições de ensino, e mesmo para apoiar a construção de uma política linguística nacional.

Conforme apontam Gimenez e Passoni (2016, p. 124), “pesquisas sobre as relações entre testes internacionais e o IsF podem indicar quais os impactos que o programa pode trazer ao ensino de LI [língua inglesa] no Brasil”. Portanto, a partir do fomento à pesquisa e da consolidação de dados a respeito da proficiência linguística no país, torna-se possível incentivar o estabelecimento de uma política de aprimoramento linguístico e contribuir com as ações de internacionalização nas universidades, previamente existentes ou fomentadas pelo Programa IsF.

Sobre o teste TOEFL ITP

Faz parte do construto do TOEFL ITP a língua inglesa, visto que o teste é redigido nesse idioma, não havendo questões em língua portuguesa ou, no caso de sua aplicação em outros países, no idioma materno respectivo. É um teste em formato de papel com aplicação para propósitos acadêmicos e de correção relativamente mais fácil, por não envolver as habilidades de produção escrita e oral. Seu principal objetivo é avaliar a proficiência linguística dos candidatos no idioma inglês.

O conteúdo do teste representa os tipos de textos escritos e orais que os candidatos encontram no ambiente acadêmico, visto que um de seus usos primordiais é para a admissão em cursos, como os ofertados pelo Programa IsF. No formato de perguntas de múltipla escolha, ele visa avaliar as habilidades de falantes não nativos do idioma anglófono em três áreas: compreensão auditiva,

estrutura e expressão escrita e habilidade de leitura, a partir de textos redigidos inteiramente na língua inglesa e de áudios reproduzidos também nesse idioma no momento da aplicação do teste.

De acordo com o Manual do Candidato do TOEFL ITP (ETS, [201-], p. 3), o teste visa avaliar “a habilidade do candidato em entender o Inglês falado em situações de faculdades e universidades”, o conhecimento de “estrutura e gramática dentro dos padrões do Inglês escrito” e a “habilidade de leitura e entendimento de materiais escrito em contexto acadêmico”. Dessa feita, o construto do teste TOEFL ITP envolve três áreas: compreensão auditiva, de escrita e habilidade de leitura.

Importante questão acerca da validade do TOEFL ITP diz respeito à interpretação e uso dos *scores* obtidos, além de indicar se o desempenho dos candidatos no teste se relaciona a outros critérios referentes à proficiência linguística. A validade envolve trabalhar com uma hipótese para se verificarem aspectos externos à avaliação, como o desenvolvimento do nível de proficiência dos candidatos em determinado teste ou o uso que farão dos *scores* obtidos em contextos acadêmicos ou profissionais.

Conforme apontado no documento TOEFL iBT™ Research Insight (ETS, 2011, p. 7, tradução nossa), é essencial trazer à baila as seguintes questões quando da análise dos resultados do teste:

“O resultado de um teste realmente me diz sobre o desempenho de um aluno além da situação de teste?”; e “O aluno apenas tem um bom desempenho quando se trata do TOEFL? Ou os resultados do TOEFL realmente indicam se o aluno tem ou não um nível de proficiência em língua inglesa suficiente para estudar em uma faculdade ou universidade no exterior?”³.

Para essa análise, pode-se utilizar o mesmo teste ou diferentes exames, conforme apontam Alderson, Clapham e Wall (1995).

Metodologia

A metodologia adotada fundamentou-se nos pressupostos da pesquisa de base qualitativo-interpretativista, segundo Moita Lopes (1994), envolvendo pesquisa bibliográfica e documental, mapeamento do nível de proficiência em língua inglesa de estudantes que participaram de duas ou mais aplicações do TOEFL ITP e de cursos presenciais do Programa IsF, nas universidades federais de todo o país, visando proporcionar uma visão nacional da situação da proficiência em língua inglesa no contexto do Programa.

A opção pela metodologia qualitativa de cunho interpretativista reflete, conforme explica Leffa (2006, p. 10), “a tendência da Linguística Aplicada no Brasil” na qual “há uma preocupação em contextualizar o que é pesquisado, estabelecendo todas as relações possíveis entre os diferentes elementos que podem estar envolvidos na pesquisa”.

Diferentemente dos demais idiomas anteriormente citados, cujas ofertas ainda são focalizadas em instituições de ensino superior de apenas determinadas regiões do país, conforme acordado com os parceiros do Programa IsF, a oferta de cursos e a aplicação de testes de proficiência em língua inglesa vêm ocorrendo desde a época da criação do Programa e as ações, parcerias, cursos, financiamentos governamentais e estruturas de laboratórios desse idioma já se encontram consolidados há mais tempo, considerada a duração do Programa.

Por esse motivo, e visto que os dados a respeito das avaliações diagnósticas do nível de proficiência dos estudantes nos demais idiomas ainda são insuficientes para uma análise a nível nacional, optou-se por focar a coleta de dados, assim como a investigação sobre a proficiência em língua inglesa, nos resultados obtidos

através das aplicações do TOEFL ITP em todas as universidades federais credenciadas ao Programa IsF.

A pesquisa envolveu, ainda, coleta de dados, os quais foram fornecidos pela Diretoria de Tecnologia e Informação do MEC (DTI/MEC), responsável pelo Sistema de Gestão do Programa IsF (IsF-Gestão), que, por sua vez, gerencia as ações de oferta de cursos – presenciais e on-line – e as aplicações de testes de proficiência linguística, além de reunir as informações necessárias à gestão do Programa, subsidiando os gestores com informações úteis para a tomada de decisões.

Conforme solicitação e após autorização do Núcleo Gestor do Programa IsF, a equipe técnica da DTI/MEC extraiu da base de dados do Sistema IsF-Gestão as seguintes informações: número de inscrição no Cadastro de Pessoas Físicas (CPF) dos estudantes; datas de inscrição e de realização do TOEFL ITP; notas obtidas nos testes realizados; cursos realizados e respectivas datas de início e fim; e notas ou conceitos obtidos ao final de cada curso⁴.

Por estudantes, entende-se o grupo de participantes que integra o escopo do presente estudo, composto por discentes das instituições participantes do Programa IsF, servidores, servidores que também são discentes e participantes não identificados, ou seja, aqueles que participaram de ações promovidas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

O tratamento do conjunto de informações e posterior análise foram feitos a partir do cruzamento das bases de dados, análises comparativas e desenvolvimento de planilhas dinâmicas, utilizando-se o editor de planilhas Microsoft Excel para tanto. Assim, foi possível definir o percurso de pesquisa apresentado a seguir e tecer considerações acerca dos resultados obtidos.

Análise dos dados, resultados e discussão

Subsidiada pela fundamentação teórica apresentada, a investigação deste estudo parte das seguintes premissas:

- se houve manutenção ou progressão no nível de proficiência em língua inglesa dos estudantes que participaram de duas ou mais aplicações diagnósticas do TOEFL ITP no Programa IsF;
- se esses mesmos estudantes participaram de cursos presenciais do Programa IsF entre a primeira e última aplicações do TOEFL ITP – das quais fizeram parte – e qual o impacto no desenvolvimento do seu nível de proficiência em língua inglesa.

De modo a se obter um escopo com informações objetivas e passíveis de análises comparativas, ao cruzar a base de dados relativos às aplicações do TOEFL ITP com a base de dados das ofertas dos cursos presenciais de língua inglesa do Programa IsF, decidiu-se considerar somente os indivíduos com dois ou mais níveis de proficiência atestados pelo TOEFL ITP, isto é, que participaram em mais de uma aplicação do teste e que apresentaram nota/conceito final nos cursos presenciais diferente de zero.

Ao se delimitarem duas ou mais aplicações do TOEFL ITP, torna-se possível observar variações entre a primeira e a última nota ou nível de proficiência obtidos. Adicionalmente, ao se considerarem somente os estudantes que obtiveram nota/conceito diferente de 0 (zero) nos cursos presenciais, excluíram-se da análise aqueles que não participaram desses cursos. Como não é objetivo deste estudo comparar o processo avaliativo no âmbito do NuLi-IsF à avaliação diagnóstica a partir do TOEFL ITP, considerou-se irrelevante à análise se o aluno foi ou não aprovado pelo professor do NuLi-IsF de sua universidade.

A base de dados com as informações sobre as aplicações do TOEFL ITP, extraída pela equipe técnica da DTI/MEC em 27 de

abril de 2017, continha um total de 463.360 (quatrocentos e sessenta e três mil, trezentos e sessenta) indivíduos que já realizaram o TOEFL ITP, desde a primeira aplicação do teste no Programa IsF, no período de fevereiro a abril de 2014⁵, permitindo observar o número de testes que cada um realizou, assim como as datas das aplicações, notas e níveis de proficiência obtidos em cada uma.

Ao extrair da base somente os dados daqueles que realizaram dois ou mais testes completos, reduziu-se o universo do estudo para 49.516 indivíduos elegíveis, conforme a Tabela 1:

Tabela 1 - Elegíveis da Base TOEFL/ITP

Ocorrência	Indivíduos	Ocorrência	Indivíduos	%	Ocorrência	Indivíduos	%
Somente inscritos	138.189	Somente Inscritos	138.189	29,6%	Excedente	413.844	89,3%
1 teste	275.654	1 teste	275.654	59,8%	Elegível	49.516	10,7%
2 testes	40.341	2 testes	40.341	8,7%	Total	463.360	
3 testes	7.569	3 ou + testes	9.176	2,0%			
4 testes	1.391	Total	463.360				
5 testes	196						
6 testes	20						
Total	463.360						

Fonte: Elaborada pelos autores.


No caso dos indivíduos que fizeram apenas dois testes TOEFL ITP, a análise da variação de nível de proficiência leva em conta somente essas duas ocorrências, resultando em três possibilidades: progressão, manutenção ou redução do nível ou da nota. Já no caso daqueles que fizeram três ou mais testes, considerou-se somente a variação entre o primeiro e último resultados no teste,

descartadas as variações intermediárias, que poderiam resultar em diversas combinações de aumento, redução ou manutenção do nível ou da nota a cada teste realizado.

Em relação às informações sobre os cursos presenciais de língua inglesa do Programa IsF, a base de dados extraída em 14 de março de 2017⁶ continha um total de 77.220 indivíduos, matriculados em 124.090 vagas. Assim, feito o cruzamento dos dados dos indivíduos elegíveis da base do TOEFL ITP (49.516, conforme Tabela 1) com aqueles que fizeram cursos presenciais, excluídos aqueles que obtiveram nota zero nos cursos presenciais, obteve-se um escopo de 14.533 indivíduos presentes em ambas as bases de dados.

Tabela 2 - Cruzamento da base de dados TOEFL/ITP com a dos cursos presenciais

Número de TOEFL/ITP feitos	Indivíduos	%	Vagas	%	Número de TOEFL/ITP feitos	Indivíduos	%	Vagas	%
não fez TOEFL/ITP	7.968	10,3	9.072	7,3	Excedente	57.717	74,7	83.463	67,3
até 1 teste	49.749	64,4	74.391	59,9					
2 testes	14.654	19,0	28.886	23,3	Escopo	19.503	25,3	40.627	32,7
3 ou + testes	4.849	6,3	11.741	9,5					
Total	77.220		124.090		Total	77.220		124.090	

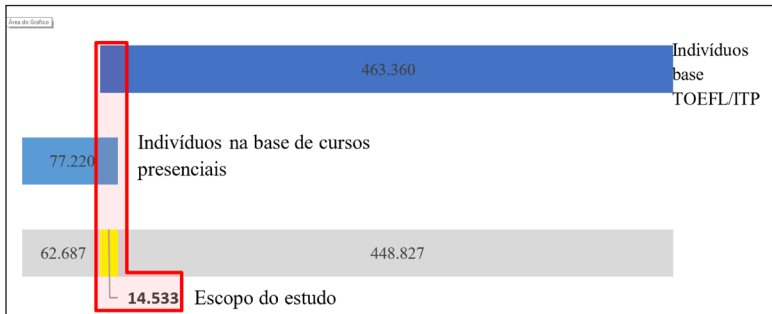
Exclusão da nota 0 presencial 

Excluir vagas nota 0	Indivíduos	%	Vagas	%
Excedente	62.687	81,2	99.188	79,9
Escopo	14.533	18,8	24.902	20,1
Total	77.220		124.090	

Fonte: Elaborada pelos autores.

A Figura 1 ilustra a interseção entre os dados brutos obtidos das bases de dados do TOEFL ITP e dos cursos presenciais, através da qual se obteve o escopo do estudo, qual seja 14.533 indivíduos:

Figura 1 - Escopo do estudo



Do escopo de 14.533 indivíduos, observou-se a relação entre a sua participação nos cursos presenciais do Programa IsF e a variação entre o primeiro e o último TOEFL ITP realizados, considerando-se dois indicadores: o nível de proficiência em língua inglesa e a nota final aferida pelo teste.

Essa distinção entre nível de proficiência e a nota obtida no TOEFL ITP é importante, pois é possível que o indivíduo amplie seus conhecimentos linguísticos mesmo que permaneça no mesmo nível de proficiência. Isso porque a classificação, em níveis de proficiência do TOEFL ITP, considera as faixas de notas/pontuação apontadas no Quadro 1, nas três seções do teste – *Listening Comprehension*, *Structure & Written Expression* e *Reading Comprehension*.

Quadro 1 - Escala de pontuação no TOEFL ITP e níveis de proficiência conforme QECR

Nível de Proficiência QECR	Pontuação <i>Listening Comprehension</i>	Pontuação <i>Structure and Written Expression</i>	Pontuação <i>Reading Comprehension</i>
C1	64-68	64-68	637-677
B2	54-63	53-63	543-627
B1	47-53	43-52	460-533
A2	38-46	32-42	337-450
A1	< 38	< 32	< 337

Fonte: ETS, 2017

Calcula-se a média das pontuações em cada uma das seções do TOEFL ITP para, a partir daí, classificar os indivíduos em níveis de proficiência conforme o Quadro Europeu Comum de Referência (QECR) para Línguas (Cambridge, 2013, p. 2):

Quadro 2 - Níveis de proficiência conforme QECR

Nível básico	Nível intermediário	Nível proficiente
A1 - Iniciante	B1 - Intermediário	C1- Proficiente operativo eficaz
A2 - Básico	B2 - Usuário independente	C2 - Domínio completo

Fonte: Elaborado pelos autores.

A respeito da análise sobre alterações no nível de proficiência, a partir da comparação entre os resultados obtidos e níveis alcançados na primeira e última aplicações do TOEFL ITP, dos 14.533 indivíduos analisados – conforme escopo indicado na Figura 1 –, constatou-se que, em 27% dos casos, houve uma progressão no nível de proficiência após a realização de cursos presenciais de língua inglesa do Programa IsF.

Tabela 3 - Alteração do nível de proficiência após curso presencial do programa IsF

Nível do TOEFL/ITP	Indivíduos	%	Vagas	% (2)
Mesmo nível	10.602	73,0%	17.931	72,0%
Progressão de nível	3.931	27,0%	6.971	28,0%
TOTAL	14.533		24.902	

Fonte: Elaborada pelos autores

Em 73% dos casos, os indivíduos mantiveram o mesmo nível de proficiência em língua inglesa. Desse modo, observa-se não ter havido casos de regressão de nível de proficiência dentre os indivíduos integrantes do escopo da pesquisa.

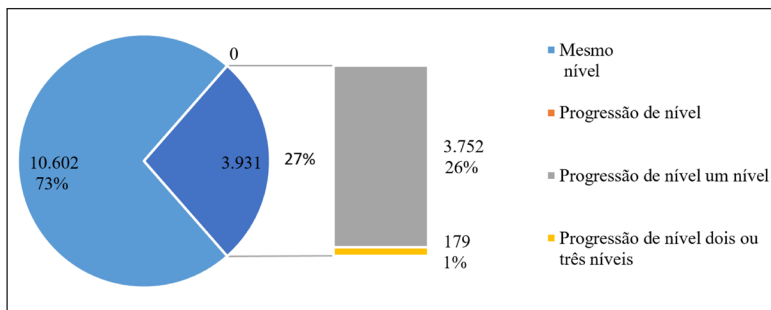
Tais ocorrências encontram-se distribuídas da seguinte forma:

Tabela 4 - Detalhamento da alteração do nível de proficiência após cursos presenciais do Programa IsF

	Nível	Contagem
Mesmo nível	A2	5.809
	B1	3.763
	B2	1.008
	C1	22
Progressão: Um nível	de: A1 para: A2	45
	de: A2 para: B1	2.446
	de: B1 para: B2	1.180
	de: B2 para: C1	81
Progressão: Dois níveis	de: A1 para: B1	1
	de: A2 para: B2	169
	de: B1 para: C1	4
Progressão: Três níveis	de: A1 para: B2	2
	de: A2 para: C1	3

Fonte: Elaborada pelos autores.

Gráfico 1 - Progressão de nível no TOEFL ITP



Fonte: Elaborado pelos autores

A seguir, no intuito de se obter um resultado que demonstrasse aumento, manutenção ou redução da pontuação obtida pelos indivíduos no teste TOEFL ITP, subtraiu-se o valor da nota obtida na última aplicação do valor da nota na primeira. Por exemplo, quem obteve 460 pontos na primeira aplicação e 513 na segunda foi categorizado como tendo aumento de nota, com uma diferença de 53 pontos da maior.

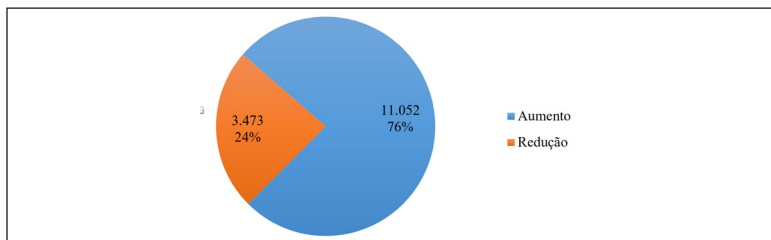
Portanto, pelo cálculo da diferença entre a primeira e a última nota obtida, foi possível observar que houve a progressão da nota em 76% dos casos.

Tabela 5 - diferença entre as notas do TOEFL ITP

Evolução da nota no TOEFL/ITP	N. de Indivíduos	%	Vagas	%
Aumento	11.052	76,0%	19.131	76,8%
Sem variação	8	0,1%	12	0,0%
Redução	3.473	23,9%	5.759	23,1%
TOTAL	14.533		24.902	

Fonte: Elaborada pelos autores.

Gráfico 2 - Alteração entre a primeira e a última nota no TOEFL ITP



Fonte: Elaborado pelos autores.

Para melhor compreensão sobre o cálculo do aumento ou redução de notas, a partir da diferença resultante entre a primeira e

a última nota, na Tabela 6 observa-se a média aritmética, a moda e a mediana.

A média aritmética é a soma dos valores unitários dividida pelo valor total; a moda é o valor que se repete com mais frequência em uma sequência numérica; e a mediana é o valor que separa a metade maior e a menor da amostra. Isso evita distorções que possam surgir no cálculo dos resultados em virtude de valores extremamente altos ou baixos em um conjunto analisado.

Tabela 6 - Média aritmética, moda e mediana da diferença entre primeira e última notas no TOEFL ITP

	Diferença Média	Diferença Moda	Diferença Mediana
Aumento	36	20	30
Redução	-20	-10	-16

Fonte: Elaborada pelos autores.

A partir daí, foi possível verificar que:

- o valor médio de aumento das notas foi de 36 pontos e o de redução foi de 20 pontos – média aritmética;
- apesar de o aumento de nota mais frequente ter sido de 20 pontos a mais, a redução que mais se observou foi de 10 pontos a menos – moda;
- como a média aritmética pode ser distorcida por valores discrepantes, no caso devido a aumentos ou reduções extremas na nota de alguns indivíduos, constatou-se que, no geral, a melhoria mediana foi de 30 pontos e a redução de 16 pontos – mediana.

Tanto a média quanto a mediana demonstram que os aumentos nas notas são mais significativos em pontos do que as reduções.

Apesar de o aumento no nível de proficiência no idioma inglês daqueles indivíduos poder ter ocorrido também devido a fatores adicionais, como mais horas de estudo do que aquelas envolvidas nos cursos do Programa IsF ou mesmo a dedicação a outras atividades visando o seu aprimoramento linguístico, para esta pesquisa consideramos apenas a participação nos cursos do IsF, entre uma aplicação e outra do TOEFL ITP, na investigação a respeito desse aumento.

Assim sendo, em uma eventual futura ampliação da presente pesquisa, sugere-se que seja averiguada junto aos participantes a existência ou não de outros fatores que puderam contribuir para o aumento da sua proficiência em língua inglesa.

Portanto, nesta pesquisa, os resultados encontrados indicam que os indivíduos que fazem cursos presenciais do Programa IsF apresentam melhoria no seu nível de desenvolvimento linguístico, especificamente do idioma inglês, conforme os seus resultados nas aplicações do TOEFL ITP.

Considerações finais

A aplicação do teste TOEFL ITP nas instituições de ensino superior credenciadas ao Programa IsF é uma importante medida para avaliação diagnóstica do nível de conhecimento de língua estrangeira dos alunos, sendo uma das mais importantes ações de fortalecimento do processo de internacionalização da Educação Superior.

Na presente pesquisa, a hipótese diz respeito à evolução do nível de proficiência em língua inglesa dos estudantes que se submeteram a mais de uma aplicação do teste de proficiência em língua inglesa e que também participaram de cursos presenciais do Programa IsF neste íterim. O instrumento de medida utilizado

foi o teste TOEFL ITP, considerando-se mais de uma aplicação diagnóstica no âmbito do Programa IsF em uma mesma amostra de indivíduos. Para testá-la, foi comparado o desempenho desses estudantes em mais de uma aplicação do teste TOEFL ITP com a sua participação nesses cursos.

Foi possível identificar 14.533 indivíduos que participaram de cursos presenciais do Programa IsF e realizaram, ao menos, dois testes de proficiência TOEFL ITP. Desses, 11.052 – 76% – conseguiram obter aumento na nota final atribuída pelo resultado do TOEFL ITP e 3.473 – 24% – progrediram em um ou mais níveis de proficiência em língua inglesa, o que indica que os cursos presenciais nos NucLi-IsF conseguem impactar significativamente os seus participantes, notadamente no que se refere a sua proficiência na língua inglesa.

Os resultados obtidos a partir das aplicações do TOEFL ITP apresentam uma correspondência significativa entre si, podendo-se considerar que os cursos possuem efetividade no desenvolvimento linguístico dos estudantes no idioma anglófono, visto que o conceito medido – o nível de proficiência – aumentou em 76% (setenta e seis por cento) dos casos entre a primeira e última aplicações verificadas no universo aqui explorado.

O teste TOEFL ITP objetiva medir a proficiência em língua inglesa a partir da avaliação da compreensão auditiva e das habilidades de escrita e leitura, necessárias para a entrada nos cursos presenciais do Programa IsF, que é feita de acordo com o nível de cada candidato. Assim, a relação entre as pontuações obtidas nas aplicações do TOEFL ITP e a participação nos cursos do Programa IsF fornece evidências de que os resultados nas últimas aplicações analisadas estão relacionados tanto à performance nos cursos quanto à proficiência no idioma inglês.

Os achados desta pesquisa podem também contribuir para se demonstrar, internacionalmente, em qual nível o Brasil

– especificamente no tocante ao alunado dos cursos presenciais de língua inglesa ofertados pelos NuLi-IsF das universidades federais – se encontra no cenário da proficiência linguística.

Por fim, não se pretende esgotar o assunto, mas iniciar um diálogo sobre o tema e instigar novas pesquisas e reflexões da comunidade acadêmica e científica, visto que, uma vez obtidos os resultados gerais nesta pesquisa, o seu escopo é passível de ser dividido em unidades menores de análise, de acordo com as possibilidades da base de dados extraída.

Assim, pode-se investigar, ainda, a respeito do perfil dos indivíduos participantes dos cursos presenciais do Programa IsF e das aplicações do teste TOEFL ITP – se discente, servidor, discente servidor ou outros –, do seu nível de formação – graduação ou pós-graduação (*lato* ou *stricto sensu*) –, bem como comparar os resultados de acordo com o número de cursos feitos e carga horária respectiva. Tudo isso visando subsidiar a formulação ou o desenvolvimento de uma política linguística nacional e a tomada de decisões, bem como contribuir para o aperfeiçoamento do processo de avaliação de proficiência em língua estrangeira e de ensino-aprendizagem da Educação Superior.

Notas

- ¹ No presente estudo englobam-se no conceito de “estudantes” (e de “candidatos”) tanto os estudantes propriamente ditos como os docentes e pesquisadores que participam das aplicações do TOEFL ITP promovidas pelo Programa IsF em suas instituições de ensino de origem.
- ² Para apuração dos resultados obtidos pela aplicação do TOEFL ITP, é utilizada a escala de proficiência do Quadro Europeu Comum de Referência (QECR), que aqui é mencionada apenas para fins de referência, pois não é objetivo deste texto discorrer sobre o tema “escalas de proficiência”.

- ³ “A central question for test users interpreting test scores is, ‘Does a test score really tell me about a student’s performance beyond the test situation?’ ‘Is a student just a good test taker when it comes to TOEFL iBT? Or do TOEFL scores really indicate whether or not the student has a level of English-language proficiency sufficient for study at an English-medium college or university?’”.
- ⁴ Os números de inscrição no CPF obtidos na extração da base de dados do Sistema IsF-Gestão e os resultados no teste TOEFL ITP foram utilizados unicamente para a análise proposta neste estudo. Manteve-se o sigilo destes dados, reconhecendo-se o direito à privacidade das pessoas que se submetem ao teste no que se refere às informações armazenadas. Assegurou-se, ainda, a proteção destas informações contra: divulgação não autorizada, disposição para consulta pública e utilização para identificar/expor indivíduos participantes do Programa IsF.
- ⁵ Regulada pelo Edital nº 5, de 31 de janeiro de 2014, publicado no *Diário Oficial da União*, n. 22, de 31 de janeiro de 2014, Seção 3, p. 88-89.
- ⁶ Pela equipe técnica da DTI/MEC.

Referências

ABREU-E-LIMA, D. M. *et al.* O Programa Inglês sem Fronteiras e a política de incentivo à internacionalização do ensino superior brasileiro. In: ABREU-E-LIMA, D. M.; MORAES FILHO, W. B.; SARMENTO, S. (org.). *Do Inglês sem Fronteiras ao Idiomas sem Fronteiras: a construção de uma política linguística para a internacionalização*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017. p. 40-41.

ABREU-E-LIMA, D. M.; MORAES FILHO, W. O Programa Idiomas sem Fronteiras. In: ABREU-E-LIMA, D. M.; MORAES FILHO, W. B.; SARMENTO, S. (org.). *Do Inglês sem Fronteiras ao Idiomas sem Fronteiras: a construção de uma política linguística para a internacionalização*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017. p. 296.

ALDERSON, J. C.; CLAPHAM, C.; WALL, D. *Language Test Construction and Evaluation*. Cambridge: CUP, 1995. Disponível em: <https://bit.ly/36XHPEX>. Acesso em: 21 out. 2017.

ANCHIETA, Priscila Petian. *Análise de testes de proficiência em língua inglesa: subsídios à elaboração de um exame para professores de inglês no Brasil*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2010. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp143611.pdf>. Acesso em: 8 dez. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. *Observatório do PNE*. [S. l.], 2018. Disponível em: <http://www.observatoriodopne.org.br/metaspne>. Acesso em: 5 maio 2018.

CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS. *Introductory Guide to the Common European Framework of Reference (CEFR) for English Language Teachers*. Cambridge University Press, 2013. Disponível em: <http://www.englishprofile.org/images/pdf/GuideToCEFR.pdf>. Acesso em: 22 out. 2017.

COUNCIL OF EUROPE. *Common European Framework of Reference for Languages: learning, teaching, assessment*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 24. Disponível em: <https://rm.coe.int/16802fc1bf>. Acesso em: 25 out. 2019.

DIAS, M. A. R. Cooperação interuniversitária em tempo de globalização uniformizante. In: MOROSINI, M. (org.). *Fórum latino-americano de educação superior*. São Carlos: Pixel, 2015. p. 34.

ETS. *TOEFL iBT™ Research Insight: validity evidence supporting the interpretation and use of TOEFL iBT™ scores*. [S. l.]: Educational Testing Service (ETS), v. 4, Series I, 2011. Disponível em: https://www.ets.org/s/toefl/pdf/toefl_ibt_insight_s1v4.pdf. Acesso em: 9 dez. 2017.

ETS. *TOEFL ITP® Test Score Descriptors*. Educational Testing Service (ETS). 2014. Disponível em: https://www.ets.org/s/toefl_itp/pdf/test_score_descriptors.pdf. Acesso em: 22 out. 2017.

ETS. *TOEFL ITP® Test Taker Handbook*. Manual do Candidato. Educational Testing Service (ETS), [201-]. Disponível em: http://isf.mec.gov.br/images/pdf/Agosto/manual_candidato_toefl_itp.pdf. Acesso em: 8 dez. 2017.

GIMENEZ, T.; PASSONI, T. P. Políticas linguísticas e suas consequências não planejadas: o programa “Inglês sem Fronteiras” e suas repercussões nos cursos de Letras. *Calidoscópio*. v. 14, n. 1, p. 115-126, jan./abr. 2016. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/download/10261/5203>. Acesso em: 7 maio 2018.

LEFFA, Wilson J. Introdução. In: LEFFA, V. J. (org.). *Pesquisa em linguística aplicada: temas e métodos*. Pelotas, RS: Educat, 2006. p. 8-10.

MOITA LOPES, L. P. Pesquisa Interpretativista em Linguística Aplicada: a linguagem como condição e solução. *DELTA*, v. 10, n. 2, 1994. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/315214851/MOITA-LOPES-Pesquisa-Interpretativista-Em-LA-1994>. Acesso em: 15 dez. 2017.

ROMÃO, J. E. O que é avaliação. In: _____. *Avaliação dialógica: desafios e perspectivas*. São Paulo: Cortez, 1998, p. 55-67.

SCARAMUCCI, M. V. R. Avaliação da leitura em inglês como língua estrangeira e validade de construto. *Calidoscópico*. v. 7, n. 1, p. 30-48, jan./abr. 2009. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/4853/2111>. Acesso em: 21 out. 2017.

SCARAMUCCI, M. V. R. Validade e consequências sociais das avaliações em contextos de ensino de línguas. *Lingvarum Arena*, v. 2, p. 103-120, 2011. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/9836.pdf>. Acesso em: 8 dez. 2017.

Parte 3

O PROGRAMA IDIOMAS SEM FRONTEIRAS E AS PROPOSTAS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E DE COMPARTILHAMENTO DE EXPERIÊNCIAS

AVRAM STANLEY BLUM
DENISE ABREU-E-LIMA
MATEUS MARIANO DUARTE MARQUES
ÁKILA JÚNIA ARRUDA ARCANJO

PROGRAMA IDIOMAS SEM FRONTEIRAS E O CURSO DE DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL A DISTÂNCIA PARA PROFESSORES ISF-INGLÊS

Introdução

Um dos pilares do Programa Idiomas sem Fronteiras (IsF) é o desenvolvimento profissional dos professores, na sua grande maioria, alunos licenciandos em línguas estrangeiras. Desde a criação do Grupo de Trabalho (GT), composto por especialistas brasileiros da área de ensino de línguas para traçar o rumo do programa em 2012, houve o entendimento de que ele representava uma grande oportunidade para contribuir não somente para o processo de internacionalização do ensino superior brasileiro, mas, também, para melhorar o ensino de línguas de forma geral no país.

Pelo edital de credenciamento das universidades federais e com a criação dos Núcleos de Línguas IsF (NucLis), em 2013, iniciou-se o trabalho local de apoiar os professores nas suas atividades de ensino por parte dos coordenadores gerais e pedagógicos. Dentro

de cada instituição credenciada, são os coordenadores os responsáveis por fazer um acompanhamento focado na observação de aula e reuniões pedagógicas presenciais. Porém, nem todos os coordenadores são especialistas na área de ensino de línguas, e, para os NuLis com menos de 5 professores, uma pessoa só assume os papéis de coordenador-geral e pedagógico. Somente a partir do sexto professor é que se é designado um coordenador pedagógico para auxiliar nos trabalhos. Para os NuLis que não têm tamanho para ter um coordenador pedagógico, o Núcleo Gestor do programa (NG) oferece apoio pedagógico a distância¹. Além disso, para todos os professores IsF-Inglês, o Núcleo Gestor também oferece o Curso de Desenvolvimento Profissional a Distância, que oferta a oportunidade aos professores IsF-Inglês de ter contato com as orientações de especialistas que participam do programa, vinculados a qualquer IES do país. Essas orientações são organizadas em uma série de webconferências facilitadas por especialistas da área, sobre vários aspectos do ensino de inglês para fins acadêmicos, ofertadas em ambientes virtuais de aprendizagens (AVAs). De acordo com Souza (2008), os AVAs são espaços dinâmicos que oferecem diversos recursos midiáticos que proporcionam aos usuários interagirem por meio das diversas ferramentas disponíveis em suas plataformas e, conseqüentemente, colaborarem para/na construção do conhecimento proposto. Sobre a relevância dos AVAs na educação moderna, Messa (2010) ressalta:

a modernidade leva-nos a pensar que tudo está relacionado, interconectado, em interação constante e em processo de transformação. Portanto, o processo de ensino-aprendizagem diante dos expressivos avanços tecnológicos precisa considerar as necessidades de uma educação permanente, a produção compartilhada de conhecimentos, a autonomia, a interação e interatividade (...). Percebe-se que os AVAs, quando bem programados, fazem com

que seus usuários construam e (re)construam conceitos a partir do contato com o outro e com recursos reflexivos (Messa, 2010, p. 45).

Os AVAs são espaços centrais na preparação do curso de desenvolvimento profissional a distância para os professores IsF-Inglês, uma vez que este é conduzido nesses espaços. Este texto tem como objetivo apresentar as características desse curso, demonstrar as fases pelas quais passou ao longo dos anos de oferta e os ambientes virtuais utilizados em cada fase, bem como apresentar alguns resultados e possibilidades futuras com base nessa experiência.

Fases de implementação do curso

A proposta de oferta de um curso a distância para os professores bolsistas (e coordenadores) foi elaborada pelo NG, por perceber que o programa reunia um grande número de especialistas altamente qualificados no ensino de línguas estrangeiras e formação profissional os quais poderiam colaborar com a formação dos professores bolsistas dos diferentes NucLis. Os objetivos dessa ação eram de democratizar o conhecimento de especialistas brasileiros e estrangeiros sobre questões pertinentes ao ensino de inglês para fins de internacionalização e também permitir mais espaços de interação entre os professores de inglês, uma vez que todo o processo seria realizado na língua-alvo. Importante mencionar que a participação tanto dos palestrantes como dos professores IsF era voluntária. Iniciada em 2016, essa ação apresentou 3 fases, que serão descritas a seguir.

Fase 1 (abril de 2016 a julho de 2017)

Para iniciar o processo de oferecer um recurso a distância para o desenvolvimento pedagógico dos professores bolsistas do IsF-Ingês, foi organizada uma série de reuniões entre os membros do Núcleo Gestor no Ministério da Educação (MEC). Decidiu-se por um modelo que combinasse webconferências facilitadas por especialistas e um fórum de discussão no Moodle, espaço designado para comunicação entre a rede e acervo de procedimentos relacionados à gestão do programa. Para isso, foi necessário convidar especialistas, selecionar tutores, criar os perfis de todos os professores bolsistas (cerca de 300) e incluir os *English Teaching Assistants* (ETAs) da Fulbright que apoiavam o programa (cerca de 100) na plataforma virtual deste, o Moodle.

Para recrutar os especialistas facilitadores, inicialmente, postamos uma chamada no fórum do Moodle, consultando-os sobre voluntários para participação nessa ação. Em seguida, incluímos uma pergunta nos relatórios mensais dos coordenadores e professores para que sugerissem temas e indicassem possíveis especialistas para participar das atividades. Além disso, enviamos uma proposta para a Embaixada dos Estados Unidos, convidando-a a participar da ação formativa, incluindo especialistas da sua rede.

Os tutores foram selecionados entre os ex-professores bolsistas do programa, conforme indicação dos coordenadores daqueles que tiveram o melhor desempenho e compromisso na atuação do Núcleo de Língua (NuLi) IsF. Como recebemos 20 indicações, dividimos os 400 participantes (300 professores bolsistas e 100 ETAs) em 40 grupos, cada grupo com 10 participantes, e designamos dois grupos para cada tutor. Na preparação dos tutores, solicitamos que os tutores lessem dois artigos sobre o papel do tutor na Educação a Distância e realizamos uma webconferência com a presidente do programa, que é especialista em EaD,

especificamente em tutoria virtual, para que compreendessem como atuar na formação a distância e se familiarizassem com a sala virtual criada especificamente para esse fim.

Na primeira fase do curso, foi utilizada a plataforma *Adobe Connect* para transmitir as webconferências para participação síncrona. Ao término da transmissão, o link da gravação era disponibilizado na sala do Moodle, permitindo que aqueles que não conseguiram participar de forma síncrona pudessem ter acesso à webconferência. O especialista responsável pelo tema postava perguntas no fórum de discussão, de forma a permitir que as ideias apresentadas pudessem ser discutidas com relação à prática dos professores nos NuCLis. Cada palestra e respectivas interações ficavam abertas por duas semanas, para permitir ampla interação entre os participantes. Após esse prazo, os tutores resumiam os pontos principais das interações e reportavam ao palestrante para fazer a síntese do tema. O tempo para apresentação e discussão síncrona era de 60 minutos, sendo 30 minutos para apresentação do palestrante e 30 minutos para discussão sobre a aplicação da teoria na prática do IsF-Inglês. Ao final de cada módulo (palestra-interação-síntese), os materiais eram organizados e disponibilizados no Moodle para fácil acesso dos novos professores que ingressavam ao programa.

Até o final da primeira fase, foram ministradas oito palestras pelos coordenadores IsF-Inglês, cinco por especialistas da rede da Embaixada dos Estados Unidos, três por especialistas do Brasil que não participavam do Programa IsF como coordenadores e cinco por professores bolsistas participantes do IsF-Inglês, totalizando 21 palestras. Alguns temas envolveram mais de uma palestra, devido à complexidade ou quantidade de informação a ser discutida. Segue, no Quadro 1, a lista dos 16 temas e os respectivos facilitadores da primeira fase:

Quadro 1 - Temáticas abordadas e facilitadores das webconferências da Fase 1

Webconferências ²	Facilitadores
Idiomas sem Fronteiras e internacionalização das universidades brasileiras	Denise Abreu-e-Lima (Universidade Federal de São Carlos) e Waldenor Moraes Filho (Universidade Federal de Uberlândia)
O uso dos recursos da embaixada dos EUA nas aulas dos NuLis	Rick Rosenberg (U.S. Embassy Regional English Language Officer)
Ensino de inglês para fins acadêmicos no contexto da internacionalização	Susan Barone and Debora Lee (<i>Vanderbilt University</i>)
Avaliação do inglês como língua estrangeira	Edmilson Borborema Filho (Universidade da Paraíba)
Promovendo a autonomia dos alunos em inglês para fins acadêmicos	Stefanie F. P. Della Rosa (Universidade Federal de São Carlos)
Criação de cursos de inglês (Desenvolvimento Curricular) no contexto da internacionalização	Eliane Hercules Augusto-Navarro (Universidade Federal de São Carlos) e Cláudia Kawachi Furlan (Universidade Federal do Espírito Santo)
O planejamento de aulas de inglês no contexto da internacionalização	Valeska Souza (Universidade Federal de Uberlândia)
A incorporação de recursos multimídia no ensino de inglês no contexto da internacionalização	Claudia Beatriz M. J. Martins (Universidade Tecnológica Federal do Paraná)
O ensino da produção de abstracts para promoção da internacionalização	Solange Aranha (Universidade Estadual de São Paulo)
Ensino de escrita acadêmica em inglês no contexto de internacionalização do ensino superior brasileiro	Ronald Martinez (Universidade Federal do Paraná)
Ensino de pronúncia em inglês no contexto de internacionalização	D.J. Kaiser (<i>Webster University</i>)
Ensino da produção oral em inglês no contexto da internacionalização	Ronaldo Lima (Universidade Federal do Ceará)
O uso do jogo <i>Trace Effects</i> para ensinar inglês no contexto da internacionalização	Jeff Kuhn (<i>Ohio University</i>)
A avaliação da aprendizagem do aluno de inglês no contexto da internacionalização	Ladys Quevedo Camargo (Universidade de Brasília)
Lidando com as diferenças culturais acadêmicas no contexto da internacionalização do ensino superior brasileiro	Mark Lokensgard (<i>Saint Mary's University</i>)

Melhores práticas de professores de IsF-Inglês	Allan Rocha Penoni (Universidade Federal de Lavras), Kathryn de Pietro (ex-ETA da Fulbright), Lucas Colenghi (Universidade Federal do Triângulo Mineiro), Maria Laísa Matte (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) e Matheus Agnoletto (Universidade Federal de Santa Catarina)
O ensino de preparação para apresentações acadêmicas em inglês no contexto de internacionalização	Paula Tavares Pinto (Universidade Estadual de São Paulo)

Fonte: Dados do Núcleo Gestor (NG)

Ao longo da primeira fase do curso, tivemos 97 participantes em ao menos uma palestra e 25 participaram entre 15 a 20 das palestras ofertadas. Todos receberam certificados que indicavam os módulos cursados. Os 5 professores bolsistas que mais participaram do curso ganharam *vouchers* da *Educational Testing Service* (ETS), um dos parceiros do programa, para realizar o *Test of English as a Foreign Language* (TOEFL) na versão Internet Based Test (iBT), como reconhecimento pela dedicação, participação e contribuição que fizeram durante o processo formativo.

A primeira fase do Curso de Desenvolvimento Profissional a Distância para Professores IsF-Inglês foi um momento de muita aprendizagem para o Núcleo Gestor IsF, os tutores e, principalmente, para os professores bolsistas. Foi uma iniciativa-piloto para testar as ferramentas virtuais, o modelo de oferta, as condições de participação dos professores e tutores. A adesão à participação on-line dos professores não foi tão imediata, e alguns tutores tiveram dificuldades de conciliar suas tarefas no NucLi com as tarefas de tutoria. O público-alvo teria que se dividir entre suas atividades dos Cursos de Letras, uma vez que eram licenciandos, as tarefas do NucLi local e, ainda, participar dos módulos on-line. Entendemos que era importante levar isso em conta ao se pensar a próxima fase da ação. Outra questão relevante foi o letramento digital dos participantes e as dificuldades possíveis de

navegação no ambiente. Ao desenharmos a primeira fase, organizamos os módulos a serem divididos igualmente entre teoria e prática; entretanto, muitas vezes, os apresentadores se dedicavam mais tempo à teoria e pouco às questões práticas de sala de aula ou ainda acabavam por utilizar o tempo todo para a apresentação, não restando muito tempo para discussões de ordem prática. Apresentações muito longas, com mais de 15-20 minutos, tornam-se cansativas e prendem pouca a atenção de quem está assistindo, principalmente de forma assíncrona. Não é à toa que os TED *talks* têm 18 minutos de apresentação, pois, depois desse tempo, o espectador tende a não prestar atenção. Assim, até o final da segunda fase, decidimos orientar os apresentadores a dividirem sua fala em, no máximo, duas gravações de meia hora. A primeira sobre a teoria e a segunda sobre a prática, permitindo mais condições para que os participantes percebessem a relevância do tema para a rotina da sala de aula.

Os tutores, principalmente os que se mantiveram ativos até o final, tiveram a oportunidade de liderar grupos de professores engajados no processo de profissionalização na área de inglês para fins acadêmicos. Eles deram continuidade e profundidade ao seu próprio processo de profissionalização, inclusive o letramento digital. Por exemplo, mantínhamos o controle de participação e os resumos dos módulos por meio de um documento compartilhado com todos no Google Drive. A organização das tarefas e dos módulos também era feita de forma coletiva.

Para os 97 professores e ETAs que participaram, o Curso de Desenvolvimento Profissional a Distância para Professores IsF- -Inglês foi uma oportunidade de interagir com especialistas e outros professores bolsistas do Brasil afora sobre questões pedagógicas no contexto do ensino da língua inglesa para fins acadêmicos. Conseguiram, assim, expandir sua rede profissional e social pelos contatos que puderam fazer no ambiente, contatos esses que

se estenderam para além das salas virtuais. Os que participaram nos deram *feedbacks* positivos sobre os ganhos com a experiência, e os que evadiram puderam nos explicar como ajustar a proposta para que melhor se adequasse às atividades rotineiras de seus NuLis.

Finalmente, para todos os integrantes do programa, organizamos um acervo de 17 webconferências de conteúdo relevante para seu processo de desenvolvimento profissional. Os módulos estão disponíveis para consulta no ambiente virtual pedagógico do IsF-Inglês e muitos coordenadores os utilizam como base para orientação e formação local. Com base nesses resultados, desenhemos a segunda fase da ação, a qual descrevemos com mais detalhe a seguir.

Fase 2 (agosto de 2017 a junho de 2018)

A segunda fase do Curso de Desenvolvimento Profissional a Distância para Professores IsF-Inglês coincidiu com o movimento de transição entre plataformas digitais, devido ao descontinuação do uso da plataforma Moodle alocada no MEC. Assim, as atividades de gestão digital a distância do programa também migraram para a conseqüente inclusão da plataforma e-Proinfo, um ambiente colaborativo de aprendizagem criado e mantido pelo próprio MEC. Essa mudança não provocou grandes alterações na estrutura do nosso curso, mas ofereceu um novo desafio, pois sua navegação exigiria uma nova curva de aprendizagem para os participantes. Como no Moodle, nessa nova plataforma, cada tutor era responsável por um grupo de professores participantes (na nomenclatura da plataforma, uma *turma*) e postava as perguntas de reflexão para eles no fórum de cada uma delas. Como na etapa anterior, essa contou com a presença dos professores do NuLi, bem como dos coordenadores do programa IsF-Inglês responsáveis pelos aspectos pedagógicos do programa, dos coordenadores

pedagógicos da área de língua inglesa de diferentes universidades e dos ETAs, mantendo todos conectados em ambiente virtual.

Ao longo da segunda etapa, sete novas webconferências foram oferecidas, sendo que, todas elas foram também seguidas de interação e discussões entre os participantes. Como na fase anterior, mantivemos o conceito de módulo (palestra + interação + síntese), disponibilizando ainda um ou dois textos de referência para consulta. A cada nova webconferência que ocorria, algumas perguntas sobre questões práticas eram postadas para a criação do fórum de discussão, visando promover o envolvimento e reflexão dos integrantes acerca do tema tratado.

Enquanto na primeira fase contamos com 20 tutores, na segunda priorizamos a permanência dos 10 que se comprometeram até o final da fase 1. Cada tutor ficou responsável por duas turmas de 20 participantes. Decidimos que, caso a adesão fosse maior, os tutores ficariam responsáveis por um número maior por turma. Prosseguiram sendo responsáveis por monitorar e interagir com os participantes na plataforma on-line, propondo-lhes novos questionamentos e aprofundando a discussão. Além disso, esses tutores realizavam o fechamento dos fóruns, com a postagem da síntese em que buscavam resumir e compilar os pontos mais relevantes oriundos das discussões geradas a cada fórum. Também ficava a cargo dos tutores monitorar quais professores estavam presentes em cada webconferência e participavam das discussões.

Para os participantes que não estavam aptos a assistir às webconferências de forma síncrona ou que desejavam vê-las novamente, procedíamos da mesma forma que na fase anterior, disponibilizando um acervo na plataforma e-Proinfo com os links e os materiais compartilhados, o que lhes garantia acesso a todos os módulos. Além disso, outros materiais pedagógicos e formativos foram viabilizados na plataforma. Esses materiais visavam auxiliar os participantes no uso da plataforma e colaborar para uma

melhor compreensão acerca do programa do qual faziam parte, isto é, esclarecer seus objetivos, sua importância, as atribuições de cada um dos membros do Programa IsF-Inglês e outros de seus aspectos relevantes. Essas informações foram produzidas e disponibilizadas pela presidente do programa. Além disso, outros materiais, também fornecidos, colaboravam para a formação pedagógica dos professores participantes sobre o papel do professor do IsF-Inglês. Os materiais disponibilizados versavam sobre as seguintes temáticas:

- apresentação do Programa Inglês sem Fronteiras;
- principais características do Programa Inglês sem Fronteiras;
- o papel do professor;
- o papel do coordenador-geral IsF;
- o papel do coordenador pedagógico IsF-Inglês;
- internacionalização;
- políticas linguísticas;
- orientação pedagógica do NG;
- divulgação de cursos de formação profissional para professores de inglês;
- novos recursos de ensino e aprendizagem de inglês disponibilizados pelo Departamento de Estado dos Estados Unidos.

A segunda fase compreendeu um conjunto de sete webconferências, que ocorreram entre o período de agosto de 2017 a junho de 2018. As discussões envolveram um total de 46 participantes diferentes, dentre os quais, um participou de quatro diferentes webconferências, oito participaram de três, e outros oito membros participaram de duas, o restante participou de apenas uma. Dentre os participantes que atenderam a três webconferências e se envolveram nas discussões promovidas, um deles era uma ETA.

As discussões foram, em sua maioria, bastante aprofundadas, de modo que vários participantes não apenas responderam aos

questionamentos iniciais postados pelo palestrante acerca de cada apresentação, mas também retornavam para responder e interagir com os comentários dos tutores a suas postagens. Os participantes podiam realizar suas postagens na plataforma até o dia precedente ao de cada nova webconferência. A seguir, no Quadro 2, trazemos a data de realização, a temática e o facilitador de cada conteúdo trabalhado na segunda fase:

Quadro 2 - Temáticas abordadas e facilitadores das webconferências da Fase 2

Webconferências ³	Facilitadores
Usando Shakespeare para ensinar inglês	Larissa Goulart (University of Warwick)
Desenvolvimento de materiais didáticos de inglês para a comunidade universitária brasileira	Linh Phung (Chatham University)
O ensino de escrita de ensaios acadêmicos por meio de uma abordagem retórica	Katia Morais (Universidade Federal do Pampa)
O ensino de ensaios argumentativos	Climene Arruda e Jéssica Queiroz (Universidade Federal de Minas Gerais)
Criticidade e inglês para fins acadêmicos	Cristiane C. de Paula Brito (Universidade Federal de Uberlândia)
Contribuições da análise crítica de gênero para o design de materiais didáticos	Roséli Gonçalves do Nascimento (Universidade Federal de Santa Maria)
Educação linguística intercultural: princípios e práticas	John Corbet (University of Macau)

Fonte: Dados do NG.

A sexta webconferência ocorreu em um período de transição da plataforma e-Proinfo para o Moodle, na qual a fase 3 ocorreu. Por meio dela, experimentou-se um novo formato: em vez de um único encontro de 60 minutos conjugando teoria e prática, passar-se-ia a oferecer o conteúdo em duas partes, e, portanto, em duas datas diferentes, mas com menor tempo de duração. Dessa forma, esperava-se que cada conteúdo pudesse ser visto mais rapidamente pelos usuários, o que, em retorno, poderia motivá-los e, assim, intensificar e ampliar a participação dos professores. De tal

modo, uma primeira parte do conteúdo da sexta webconferência foi abordada em um dia, com a duração de 30 minutos, tratando somente de aspectos teóricos; a segunda parte, por sua vez, ocorreu em outro dia, com a mesma duração da webconferência anterior, mas abordou atividades práticas embasadas na teoria. Essa proposta demonstrou ser mais adequada e que se ajustaria melhor aos horários dos participantes.

Também a sétima webconferência apresentou um novo aspecto: ao invés de ser realizada de forma síncrona, como as anteriores, seu conteúdo foi previamente gravado pelo facilitador e postado na plataforma para os participantes no dia que havia sido previamente agendado. Também esse formato permitiu conciliar melhor os horários dos especialistas e dos participantes, tornando o acesso aos módulos totalmente assíncrono.

Embora nem todos os participantes possíveis do Curso tenham aderido à ação, aqueles que o fizeram explicitavam constantemente a satisfação que sentiam por terem tido a oportunidade de aprender novas metodologias e perspectivas que poderiam ser incorporadas em suas aulas. As discussões da fase 2 se mostraram mais aprofundadas e, portanto, demonstraram um grau de amadurecimento maior durante o processo, concedendo aos professores e aos tutores a oportunidade de refletir, discutir e trocar experiências em cada fórum. Nessa fase, tivemos, no total, 15 participantes.

Uma vez que o NG optou pela descontinuidade do uso da plataforma e-Proinfo, tanto pelo fato de a comunidade IsF não ter se adequado ao seu layout de navegação, quanto pela impossibilidade de melhorias em sua estrutura, o curso foi reorganizado e suas atividades encerradas no segundo semestre de 2018 para permitir nova configuração. O NG, em parceria com a Secretaria de Educação a Distância da Universidade Federal de São Carlos, passou a ofertar um novo ambiente para as ações do Programa IsF pela plataforma Moodle hospedada na UFSCar.⁴ Com as

experiências adquiridas e o *feedback* dos participantes na fase 2, a equipe do curso – coordenador e tutores – desenhou a nova fase da ação, a ser relatada a seguir.

Fase 3 (setembro a novembro de 2018)

Para a terceira fase do Curso de Desenvolvimento Profissional a Distância para Professores IsF-Inglês, as ações e atividades relacionadas ao programa voltaram a ser postadas na plataforma Moodle, em sua nova versão 3.3. Diferente das fases anteriores, as webconferências não foram síncronas e alteramos o recurso, não sendo mais utilizado o *Adobe Connect*. De acordo com o *feedback* dado pelos participantes, era constante a falta de configuração do hardware para uso do software, necessitando de constantes atualizações. Mudanças de equipamentos no último momento para acesso acabavam por impedir a participação dos professores.

Skyler (2009), em um estudo comparativo entre o uso síncrono e assíncrono de webconferências, indicou que, apesar de ambos modos serem efetivos, os participantes da sua pesquisa demonstraram preferência pela oferta síncrona de webconferências, devido à possibilidade de maior interatividade que ela proporciona. Entretanto, devido ao contexto do Idiomas sem Fronteiras, que conta, em sua maioria, com professores em formação de língua inglesa, que possuem diversas responsabilidades acadêmicas, além das referentes às suas atuações no programa, optamos pelo modo assíncrono de oferta das webconferências, por julgarmos que esse modo proporciona maior flexibilidade de participação dos professores no curso. Dessa forma, passamos a utilizar o software *Zoom*, que se mostrava mais amigável para o acesso imediato, sem a necessidade de configurações prévias.

Conforme dito anteriormente, como as webconferências eram assíncronas, gravávamos as palestras dos especialistas para, dessa forma, montarmos o acervo de apresentações. A alteração no

formato, dividindo a teoria da prática, não foi realizada somente por questões de foco, mas também por conta da limitação da plataforma *Zoom*, que, em sua versão gratuita, permite apenas quarenta minutos de gravação por vez. Dessa maneira, poderíamos otimizar o sequenciamento e agendamento dos temas debatidos pelos professores IsF-Inglês na plataforma Moodle. Como nas fases anteriores, a cada duas semanas, postávamos uma webconferência inédita e abríamos um novo fórum para uma discussão guiada referente aos temas apresentados pelo(s) especialista(s). Também similar às duas primeiras fases do programa, as perguntas para debate durante esta etapa exigiam reflexão sobre como as ideias apresentadas nas webconferências poderiam colaborar para o desenvolvimento dos participantes como professores em formação no contexto de ensino e aprendizagem do Programa Idiomas sem Fronteiras. Nesta etapa, mantivemos somente dois tutores virtuais do curso e não os dividimos em salas (turmas), permitindo que todos interagissem entre si. Os tutores respondiam cada postagem individualmente, muitas vezes fazendo novos questionamentos aos participantes.

Mantivemos o período de interação das duas semanas entre uma webconferência e outra. Nesse período, os professores IsF-Inglês tinham duas semanas para assistir ao módulo e participar dele, respondendo e debatendo os assuntos. Somente com a interação é que poderíamos conferir o crédito de participação. Da mesma forma, ao final das duas semanas, os tutores virtuais faziam a síntese da discussão e, então, fechavam o fórum em questão, dando início a um novo módulo.

Durante essa terceira fase do programa, os professores IsF-Inglês tiveram disponíveis cinco webconferências para assistir e debater, totalizando mais de quatro horas de gravação, sobre os seguintes temas, conforme o Quadro 3:

Quadro 3 - Temáticas abordadas e facilitadores das webconferências da Fase 3

Webconferências ⁵	Facilitadores
Desenvolvimento profissional para professores IsF-Inglês	William Kirsch (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)
Leitura e Visualização: Integração de habilidades para ler textos multimodais	Vânia Barbosa (Universidade Federal do Piauí)
Inglês na educação médica	John Corbet (<i>University of Macau</i>)
Avaliação do inglês como língua estrangeira	Edmilson Borborema Filho (Universidade da Paraíba)
Promovendo a autonomia dos alunos em inglês para fins acadêmicos	Stefanie F. P. Della Rosa (Universidade Federal de São Carlos)

Fonte: Dados do NG.

Ao total, essa terceira fase teve a participação de cinquenta e um professores IsF-Inglês. Sendo que, desse total, 32% participaram em pelo menos três dos cinco fóruns de discussão. Similar às fases anteriores, os cinco professores que mais participaram dos fóruns de discussão também receberam um *voucher* da Educational Testing Service (ETS) para fazer o Test of English as a Foreign Language (TOEFL) na versão Internet Based Test (iBT).

Reflexões finais

Ao longo das três fases, divididas em três anos, a equipe do NG promoveu o Curso de Desenvolvimento Profissional a Distância para Professores do IsF-Inglês. A nossa intenção foi a de oferecer mais uma fonte de informação e reflexão para os professores e coordenadores em nosso âmbito específico de ensino de inglês para fins acadêmicos e a internacionalização do ensino superior brasileiro. Essa ação representa uma oportunidade de crescimento em vários níveis para todos os envolvidos, com destaque para a

prática de ensino, o letramento digital e a integração da rede IsF nacionalmente, democratizando o acesso a informações e orientações de diferentes especialistas.

Vários recursos e ferramentas virtuais foram utilizados, sendo que algumas, como o *Adobe Connect* e o *e-Proinfo*, não se mostraram adequadas para o público-alvo, o que levou o NG a adotar outras que pudessem diminuir a curva de aprendizagem dos usuários, neste caso as plataformas Moodle e Zoom. Outras ferramentas poderão compor um novo formato do curso, com possibilidades de ampliar e facilitar a participação, principalmente via celular. Esta tem se demonstrado a tônica fundamental para se manter a participação – plataformas com acesso móvel e que permitam o acesso dos usuários no momento e local em que estiverem disponíveis.

Outro ponto importante a ser apontado aqui é o de envolver mais os coordenadores pedagógicos nessa ação para socialização do conhecimento e das boas práticas. Está sendo estudada, nesse sentido, uma maior participação também dos professores IsF que desejem compartilhar suas experiências exitosas, permitindo maior visibilidade do que é feito nacionalmente.

A proposta se mostrou viável e possível, pois permite que os professores possam ter contato com especialistas, não somente de sua instituição, mas também de outros países. Em nova fase, já está no desenho uma metodologia que permita a avaliação do módulo logo ao término de cada um, para auxiliar o NG no convite e no desenho de novos módulos. Apesar de essa experiência ter sido para o IsF-Inglês, compreendemos ser possível e desejável que a ação se estenda para todos os idiomas, permitindo maior interação entre os especialistas e professores do programa.

Compreendemos que a socialização e a democratização do conhecimento no âmbito do programa devem permanecer como elementos fundamentais e que o letramento digital dos participantes deve ser levado em consideração para permitir melhor uso

das ferramentas disponíveis. Como o Programa IsF passa por uma reformulação em sua estrutura de oferta e participação, há, ainda, a possibilidade de criarmos uma comunidade ainda maior de ex-bolsistas do programa para mantermos uma comunidade ativa e que possa contribuir para a formação de novos profissionais.

Notas

- ¹ Para uma descrição detalhada dessa ação, vide o texto “Orientação on-line de professores de inglês do IsF: princípios norteadores e proposta pedagógica” neste livro.
- ² “Languages without Borders and the Internationalization of Brazilian Universities; The Use of U.S. Embassy Resources in NuLi Classes; Teaching English for Academic Purposes in the Context of Internationalization; Assessment of English as a Foreign Language; Fostering learners’ autonomy in English for Academic Purposes courses; Creating English Courses (Curriculum Development) in the Context of Internationalization; Planning English Classes in the Context of Internationalization; Incorporating Multimedia Resources into English Teaching in the Context of Internationalization; Teaching Abstracts to Promote Internationalization; Teaching Academic Writing in English in the Context of Internationalization in Brazilian Higher Education; Teaching Pronunciation in English in the Context of Internationalization; Teaching Oral Production in English in the Context of Internationalization; Using Games and Trace Effects to Teach English in the Context of Internationalization; Evaluating English Student Learning in the Context of Internationalization; Dealing with Academic Cultural Differences in the Context of Internationalization of Brazilian Higher Education; LwB-English Teacher Best Practices; Teaching Preparation for Academic Presentations in English in the Context of Internationalization”.
- ³ Temáticas das webconferências em inglês: “Using Shakespeare to teach English; Developing English Teaching Materials for the Brazilian University Community; Teaching Academic Essay Writing Strategies through a Rhetorical Approach; Teaching Argumentative Essays; Criticality and English for Academic Purposes; Contributions of Critical Genre Analysis for the Design of Teaching Material; Intercultural Language Education: Principles & Practice”.
- ⁴ A plataforma pode ser acessada pelo link: <http://programaisf.pro.br>.
- ⁵ Do original em inglês: “English Teacher Professional Development in LwB-English; Reading and Viewing: Integrating Skills to Read Multimodal Texts; English Medical Education; Assessment of English as a Foreign Language; Fostering learners’ autonomy in English for Academic Purposes courses”.

Referências

BRAGA, J. C. F.; DELLAGNELO, A. C. K.; SOUZA, V. V. S. Orientação online Idiomas sem Fronteiras – Inglês: relato de experiência de 2018. *Olhares & Trilhas*, Uberlândia, v. 21, n. 2, p. 208-218, maio/ago. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2YBEGbu>. Acesso em: 7 out. 2019.

IDIOMAS SEM FRONTEIRAS. Histórico. Disponível em: <http://isf.mec.gov.br/programa-isf/historico>. Acesso em: 7 out. 2019.

MESSA, W. C. Utilização de Ambientes Virtuais de Aprendizagem - AVA: a busca por uma Aprendizagem Significativa. *Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância*, v. 9, 2010. Disponível em: http://www.abed.org.br/revistacientifica/_brazilian/edicoes/2010/2010_Edicao.htm. Acesso em: 11 out. 2019.

SKYLAR, A. A. A comparison of asynchronous online text-based lectures and synchronous interactive web conferencing lectures. *Issues in Teacher Education*, v. 18, n. 2, p. 69-84, 2009. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=EJ858506>. Acesso em: 11 out. 2019.

SOUZA, V. V. S. Ambientes virtuais de aprendizagem: uma análise de três sistemas geradores de ambientes para educação a distância. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 33, n. 55, p. 117-138, jul. 2008. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/476>. Acesso em: 11 out. 2019.

TATIANA VASCONCELOS BRICK
WALDENOR BARROS MORAES FILHO

O DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS DOS PROFESSORES ISF-INGLÊS

Um breve panorama nacional

Introdução

A educação é um dos principais pilares do desenvolvimento humano. Nesse processo, figura o professor como principal agente de (trans)formação, cabendo a ele a tarefa de conduzir o processo educativo, incluindo-se, é claro, o ensino e a aprendizagem de línguas estrangeiras.

O processo de ensino-aprendizagem de qualquer idioma é dinâmico e envolve a adaptação de conhecimentos e habilidades a diferentes e variadas situações em sala de aula. Ao mesmo tempo, o processo de formação de professores para a atuação na docência de línguas estrangeiras (LE) é complexo e requer profissionais competentes e preparados adequadamente, aptos a auxiliar os aprendizes em seu processo de construção de sua proficiência linguística.

Para que o professor de idiomas cumpra com proficiência a sua função, faz-se necessário que a sua formação promova o desenvolvimento de competências e, ao mesmo tempo, desperte o seu lado crítico e reflexivo. Trata-se de competências que o professor

de qualquer idioma deve possuir ou mesmo desenvolver para aprimorar a sua prática docente, podendo ser desenvolvidas tanto na formação inicial quanto na continuada, no âmbito acadêmico e, até mesmo, fora dele.

Nesse contexto, o processo formativo de professores pré-serviço de Letras – com foco em língua inglesa (LI), voltado para o desenvolvimento de competências relacionadas ao exercício da docência –, encontra no Programa Idiomas sem Fronteiras (IsF) – da Secretaria de Educação Superior (SESu) do Ministério da Educação (MEC) – um de seus mais importantes espaços no cenário do ensino-aprendizagem de LE no Brasil.

Compreendido como um dos mais importantes espaços de formação multinível, o Programa IsF proporciona um percurso formativo em LI tanto aos alunos dos cursos de idiomas ofertados, sob a tutela de professores pré-serviço de Letras – LI, ao longo de sua residência docente, quanto aos próprios docentes. Esses professores em formação são orientados por profissionais mais experientes nos Núcleos de Línguas (NuLi-IsF) das instituições de ensino superior (IES) participantes do Programa. Um dos principais desafios na formação desses professores pré-serviço é a abertura de espaço nos currículos dos cursos para incluir conteúdos sobre prática profissional, fazendo uma ponte entre teoria e práxis, além de contribuir para o desenvolvimento de competências necessárias à prática da docência em LI. Essa é a principal proposta da formação no âmbito do Programa IsF.

É nesse contexto que o presente trabalho foi desenvolvido. Partindo do modelo teórico de competências proposto por Almeida Filho (1993, 1997, 2004, 2006, 2007, 2009) e do modelo de Peacock (2009), bem como baseados em pesquisa de Bergsmann *et al.* (2015), pretendemos evidenciar a visão dos professores pré-serviço de Letras – LI a respeito do desenvolvimento de suas competências ao longo do processo formativo ocorrido nos NuLi-IsF.

A formação de professores pré-serviço de Letras – LI no contexto do Programa Idiomas sem Fronteiras

Sendo uma das mais relevantes ações do Programa IsF, o processo formativo de professores pré-serviço – licenciandos ou licenciados em Letras – LI – se dá como formação complementar, com foco na prática para o exercício da docência, aliada aos conteúdos curriculares comuns à graduação na área, em um total de 20 horas semanais. Durante esse período, eles devem cumprir as atribuições definidas nos documentos regulatórios do Programa IsF, sob a mentoria e supervisão dos coordenadores-gerais e pedagógicos do IsF nos NuLi-IsF.

Na realização das atribuições, algumas de cunho administrativo e outras pedagógico, os professores são expostos a situações nas quais podem vivenciar a prática docente, incentivando-lhes a ter mais autonomia na gestão administrativa do próprio NuLi-IsF e na tomada de ações em sala de aula. São situações reais, que continuarão a acontecer ao longo da sua vivência profissional, isto é, quando da sua atuação no mercado de trabalho na prática docente em LI.

Dentre diversas atribuições, os professores devem produzir materiais didáticos e adequá-los aos cursos do Programa IsF, inclusive aqueles de duração mais curta, de dezesseis ou trinta e duas horas, para os quais os materiais ainda são escassos no mercado literário. Devem, ainda, ministrar cursos para toda a comunidade acadêmica, incluindo professores pesquisadores, atividades que exigem amadurecimento profissional, além de postura adequada em sala de aula.

Essa vivência na formação no âmbito do Programa IsF, a partir da realização de atribuições nos NuLi-IsF com mais autonomia, pode contribuir para que os professores desenvolvam competências requeridas para a prática docente em LI, especialmente

aquelas propostas por Almeida Filho (1993, 1997, 2004, 2006, 2007, 2009).

Mas, para investigar a respeito da contribuição do processo formativo nos NuLi-IsF, no que se refere ao desenvolvimento dessas competências, seria necessário averiguar a visão dos próprios beneficiários dessa formação, ou seja, os professores pré-serviço de Letras – LI participantes.

Nesse intuito, este estudo partiu do seguinte questionamento: em que medida os professores pré-serviço de Letras – LI consideram que as competências voltadas à prática docente – conforme propostas por Almeida Filho (1993, 1997, 2004, 2006, 2007, 2009) – são desenvolvidas ao longo da sua formação nos NuLi-IsF?

Investigar sobre o desenvolvimento de competências na formação desses professores pré-serviço envolveria relacioná-las: i) a aspectos gerais que devem idealmente estar presentes em um programa de formação de professores voltado para a prática docente em LI; ii) às diversas atribuições realizadas pelos professores em formação; e iii) ao seu grau de impacto no aprimoramento profissional para a docência em LI.

Por esse motivo, além de elaborar questões baseadas no modelo de Peacock (2009), sobre aspectos gerais do processo formativo que se relacionam ao desenvolvimento de competências, também associamos as atribuições realizadas nos NuLi-IsF àquelas cinco que compõem o modelo teórico de Almeida Filho (1993, 1997, 2004, 2006, 2007, 2009).

Competências para o ensino de línguas

No cenário do ensino-aprendizagem de LI, o mapeamento das competências necessárias à prática docente dos professores pré-serviço de Letras – LI e a reflexão sobre o seu desenvolvimento

abrem caminho para se avaliar a formação que tem sido proporcionada para a atuação em sala de aula desses profissionais.

À luz da ampliação do conceito de competência comunicativa e da sua ligação com a área de ensino-aprendizagem de LE, ocorrida, principalmente, a partir dos estudos de Chomsky (1978), Hymes (1972), Savignon (1983), Canale e Swain (1980) e Canale (1983), dentre outros, novos modelos de competências voltadas à formação de docentes de LE vêm sendo propostos por estudiosos dessa área.

Bergsmann *et al.* (2015) propuseram um modelo conceitual de avaliação da docência no ensino superior baseada em competências, composto de procedimentos a serem efetivados em três estágios: avaliação do modelo teórico de competências, da abordagem de ensino e das competências do professor aprendiz e avaliação detalhada de aspectos concretos dessa abordagem (ou processo). O modelo pretende investigar, (1) no primeiro estágio avaliativo, as competências que os professores idealmente devem ter; (2) no segundo, se o processo formativo proporciona o desenvolvimento destas (2a) e se os professores realmente adquiriram aquelas identificadas inicialmente (2b); e, (3) no terceiro, identificar lacunas entre os níveis ideais e reais de competência dos indivíduos e como melhorar esse processo formativo.

Motivado pela necessidade de avaliar a efetividade de um programa de formação de professores de LI e partindo da revisão da literatura concernente ao tema e das recomendações de seus autores, Peacock (2009) propôs um procedimento para avaliar esse tipo de programa e tentar clarificar os aspectos constitutivos dessa formação. Visando, assim, dar um “passo rumo à profissionalização do campo do ensino de LI” (PEACOCK, 2009, p. 262)¹ e contribuir para a teoria da área.

A partir de quinze questões inicialmente propostas para avaliar a efetividade do programa de formação de uma universidade de

Hong Kong, o autor objetivou investigar, junto a professores pré-serviço (*trainee teachers*) estudantes de graduação de Letras – LI, docentes (*programme teachers*), coordenadores de cursos e egressos do programa (*programme alumni*) (Peacock, 2009, p. 263), se eles se preparavam adequadamente para o exercício da docência. As quinze questões sobre o programa, conforme propostas por Peacock (2009), são as seguintes:

O programa:

- 1)...tem uma filosofia claramente estabelecida?
- 2)...reflete a filosofia do programa?
- 3)...promove a flexibilidade dos formandos na utilização de diferentes abordagens de ensino para diferentes situações?
- 4)...promove a capacidade de usar e adaptar materiais de ensino de línguas estrangeiras?
- 5)...equilibra o conhecimento recebido versus o conhecimento experimental?
- 6)...incorpora e estimula a reflexão dos formandos sobre as experiências e valores que eles têm quando entram no programa? Em particular, encoraja a reflexão dos formandos sobre o seu “aprendizado de observação”?
- 7)...promove a habilidade de reflexão e autoavaliação como professor?
- 8)...promove a prática reflexiva futura?
- 9)...promove a “natureza de desenvolvimento a longo prazo da aprendizagem para ensinar” – promove o crescimento e o desenvolvimento dos professores após a qualificação?
- 10)...tem boa articulação entre os cursos, evitando sobreposições?
- 11) O programa é atualizado?
- 12)...equilibra a aprendizagem centrada no professor – e aluno?

13)...prepara os professores de LI para atuarem no contexto sociocultural em que trabalharão?

14) os estudantes acreditam que o programa atende às suas necessidades, é relevante para suas necessidades e os prepara adequadamente para o ensino em sala de aula?

15)...incorpora e equilibra a competência linguística, pedagógica e gerencial a um grau apropriado? (Peacock, 2009, p. 262-263).

Peacock (2009) adotou a definição de Robinson (2003) de avaliação de programa, que a entende como sendo a interpretação dos dados coletados e resultados obtidos a partir da adoção de procedimentos metodológicos robustos, para se obterem informações a respeito “das percepções do valor de um programa, mensurando até que ponto ele atinge os objetivos a que se propõe, proporcionando *feedback* para que os responsáveis pelo curso possam implementar as melhorias necessárias” (Peacock, 2009, p. 261).

Peacock (2009) realizou entrevistas com docentes e discentes (professores pré-serviço, no caso) para saber suas opiniões sobre os “pontos fortes e pontos fracos” do programa de formação, coletou as opiniões desses estudantes a partir da análise de redações e avaliou os materiais didáticos dos cursos em termos do seu equilíbrio entre competência linguística e proficiência em segunda língua (*linguistic competence/L2 proficiency*), competência pedagógica (*pedagogic competence*) e competência gerencial (*managerial competence*).

Por outro lado, a partir dos modelos de competência comunicativa amplamente discutidos, Almeida Filho (1993, 1997, 2004, 2006, 2009) propôs, em sua obra sobre a formação de professores em LE, um conjunto de competências que leva em conta não apenas o uso da língua propriamente dito, mas, também, a necessidade de que os docentes se comprometam social, política e eticamente com a profissão e, dessa forma, com a sua atuação nas instituições

de ensino. O conjunto delineado pelo autor é composto por cinco competências que devem se inter-relacionar de forma harmoniosa e estar presentes ao longo de toda a formação de professores de idiomas estrangeiros, inclusive os em pré-serviço e de LI. Tais competências foram por ele denominadas: linguístico-comunicativa, implícita, teórica, aplicada e profissional.

A competência linguístico-comunicativa diz respeito à aptidão para ensinar línguas de acordo com o conhecimento adquirido sobre a língua-alvo, bem como para se expressar de modo que possa ser compreendido pelos aprendizes. Segundo Almeida Filho (1993, p. 35), é “a capacidade de produzir linguagem em contextos de uso e comunicação”.

A competência implícita é a que envolve em seu cerne as experiências vividas pelos docentes, suas opiniões, suas crenças sobre o que é ensinar e aprender línguas, essencialmente sobre o que é ser professor de LE. É a partir dela que eles agem da forma que agem, tomam determinadas atitudes e decisões frente às diversas ocorrências em sala de aula.

A competência teórica se resume ao conhecimento que o professor adquire ou (re)constrói a partir da literatura que ele estuda, dos textos e pesquisas que lê sobre ensino de línguas, de forma que a sua prática em sala de aula “vai ficando mais [próxima] daquilo que se sabe, que leu e que já sabe articular” (Almeida Filho, 1993, p. 7).

A competência aplicada é a que habilita o docente a ensinar de acordo com as teorias formal e informal, ou seja, com base tanto no que ele “apre(e)ndeu” a partir da literatura quanto nas suas crenças, intuições, memórias e experiências. Para que, enfim, se faça entender e consiga explicar “com plausibilidade por que ensina, como ensina da maneira como ensina e por que obtém os resultados que obtém” (Almeida Filho, 1993, p. 37).

A respeito da competência profissional, ela é desenvolvida quando o professor se empenha em uma contínua atualização pessoal e profissional, através da busca pela ampliação do seu conhecimento e pelo interesse na sua própria evolução como docente de línguas competente, percorrendo uma “trajetória de formação permanente por toda a vida profissional” (Almeida Filho, 1997, p. 2).

Apesar de outros autores terem proposto diversos modelos, cada qual adequado a determinada realidade, acreditamos que o modelo teórico proposto por Almeida Filho (1993, 1997, 2004, 2006, 2009) é o que melhor delimita os componentes essenciais que um profissional que se disponha a ensinar LI na sala de aula deve possuir ou, senão, desenvolver ao longo da sua formação e também além dela. Ou seja, são as competências que consideramos mais básicas e necessárias para a atuação na docência em LI. Por esse motivo, esse conjunto de cinco competências é o que nos parece mais adequado aos fins almejados na formação proporcionada no âmbito do Programa IsF, por ser ela focada essencialmente na preparação de profissionais para a atuação na prática, em sala de aula.

Coleta de dados

Ao mesmo tempo que esta pesquisa se reverteu do caráter qualitativo, baseando-se essencialmente na opinião dos participantes a respeito do processo formativo nos NuLi-IsF das universidades públicas participantes do Programa IsF, também foram adotados referenciais quantitativos para a análise dos dados coletados via questionário (Apêndice).

Do universo de professores pré-serviço de Letras – LI em formação no Programa IsF, alguns recebiam bolsas via Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)

enquanto outros eram bolsistas locais, com bolsas emitidas pela própria universidade parceira e em valores menores. Como somente os bolsistas Capes tinham a obrigatoriedade de cumprimento da carga horária de 20 horas semanais, com o compromisso institucional de realizar todas as atribuições previstas nos documentos regulatórios do Programa IsF, optamos por analisar apenas os dados relativos a esses bolsistas.

O questionário, instrumento da pesquisa, foi construído utilizando a ferramenta *Forms* do pacote Office 365 da Microsoft, e seu *link* foi disponibilizado no ambiente virtual administrativo do Programa IsF para acesso e preenchimento pelos participantes. Nele, foram incluídas, na parte inicial destinada à identificação dos participantes, questões de múltipla escolha para indicação de gênero, faixa etária, tipo de vínculo ao Programa, data de início das atividades no NuLi-IsF, se são bolsistas Capes ou não, tipo de IES a qual se vinculam e o nome da instituição.

De um total de 299 professores pré-serviço de Letras – LI bolsistas Capes, vinculados ao Programa IsF até 1º de abril de 2019, 284 (95%) aceitaram participar da pesquisa, tendo respondido o questionário. Esses participantes consentiram a utilização das suas respostas na análise dos resultados, estritamente para fins desta pesquisa, sendo preservado o sigilo quanto à sua identidade e à identificação de sua instituição de ensino.

A maioria dos participantes é do sexo feminino (58%), enquanto 40% são do masculino e 2% preferiram não indicar com qual gênero se identificam. A faixa etária dos respondentes que prevaleceu foi a de menos de 25 anos (60%), seguida das faixas de 26 a 30 anos (25%), 31 a 35 anos (9%) e 36 a 40 anos (3%). Os participantes com idades acima de 41 anos representaram 2%, enquanto 1% do total dos participantes preferiu não indicar a sua idade.

Os alunos matriculados no curso de Licenciatura em Letras – LI representaram o maior percentual do total de participantes, de

73%, seguido dos profissionais licenciados em LI que corresponderam a 15%. Enquanto 9% do total são alunos de pós-graduação licenciados em LI e 3% estão matriculados no curso de Bacharelado em Letras – LI ou de Tradução – LI.

Quanto ao tipo de IES, 81% do total corresponde aos participantes provenientes de NuLi-IsF de universidades federais e 19% de estaduais.

O Sudeste é a região que possui o maior número de IES credenciadas ao Programa IsF (31%) e, portanto, também o de professores pré-serviço bolsistas (39%), seguido da região Nordeste, com 30% do total de instituições participantes e 31% de professores. Em seguida vêm as regiões Sul, Centro Oeste e Norte, com 20%, 10% e 9% do total de IES credenciadas, e 18%, 7% e 5% do total de professores bolsistas, respectivamente.

Verificamos uma média de quatro professores pré-serviço bolsistas por NuLi-IsF, sendo equilibrada a distribuição de IES credenciadas por região do país em relação à de bolsistas por cada região.

Conforme os resultados, mais da metade dos participantes da pesquisa (56,7%) já se encontrava em atividade no NuLi-IsF há, no mínimo, um ano, até a data de aplicação do questionário.

O questionário foi organizado em três seções, conforme seguem:

I. A primeira, composta por duas questões, sendo a inicial (questão 10)² baseada no modelo de Peacock (2009) e na sistemática apresentada por Bergsmann *et al.* (2015), mas ampliada e ressignificada conforme a realidade do Programa IsF. A questão 10 apresentou afirmações a respeito de aspectos que devem idealmente estar presentes na formação voltada para a prática docente em LI, as quais foram relacionadas a cada uma das cinco competências mencionadas.

Ainda nesta seção, a (questão 11)³ visou a investigar se os participantes julgam que estarão preparados e prontos para ensinar LI em sala de aula ao final da formação que recebem nos NucLi-IsF, objetivo fim do processo formativo no cenário do Programa IsF e que requer que todas as cinco competências do conjunto aqui referenciado estejam bem desenvolvidas, visando uma atuação que imprima qualidade ao processo de ensino-aprendizagem.

II. A segunda seção (questão 12)⁴ trouxe a relação das atribuições dos professores pré-serviço nos NucLi-IsF, e lhes foi solicitado que indicassem o grau de impacto da realização de cada uma no seu aprimoramento profissional – indo da escala de “um grande impacto” a “nenhum impacto” e incluindo a opção “não se aplica” (caso não tivessem realizado uma ou mais atribuições desde o seu ingresso no NucLi-IsF).

Apesar de considerar que todas as referidas cinco competências podem ser desenvolvidas na realização das atribuições apresentadas na questão 12, devido ao conjunto proposto por Almeida Filho (1993, 1997, 2004, 2006, 2007, 2009) ser dinâmico, e não estático, em determinadas atribuições pode acontecer que o desenvolver de uma ou mais competências seja ressaltado ou predomine sobre o das demais.

Nesse sentido, a partir da correlação das atribuições ao desenvolvimento de competências, indicamos, no Quadro 1, aquelas que podem ser mais desenvolvidas quando da realização de cada atribuição:

Quadro 1 - Relação entre atribuições no NuLi-IsF e competências passíveis de serem mais desenvolvidas

Atribuição no NuLi-IsF	Linguístico- -comunicativa	Implícita	Aplicada	Teórica	Profissional
Ministrar cursos presenciais de LI	X	X	X	X	X
Desenvolver ou adaptar material didático	X	X	X	X	X
Ministrar cursos preparatórios para exames de proficiência e/ou nivelamento em LI	X	X	X	X	X
Realizar atividades complementares em LI	X	X	X	X	X
Orientação de dúvidas dos alunos sobre a LI	X	X	X	X	X
Ministrar oficinas, palestras ou seminários	X	X	X	X	X
Realizar tutoria e atendimento presencial e a distância	X	X	X	X	X
Preencher relatório mensal para recebimento da bolsa Capes					X
Preencher Diário de Classe					X
Participar de sessões de aplicação de testes de proficiência em LI					X
Prestar contas de suas atividades no NuLi-IsF					X
Auxiliar no remanejamento de alunos de cursos do Programa IsF					X
Acompanhar a participação e evolução dos alunos no curso on-line MEO					X
Participar de reuniões administrativas	X			X	X
Participar de reuniões acadêmicas para estudos	X			X	X
Participar no planejamento e execução da divulgação das atividades do NuLi-IsF	X	X			X

Fonte: Elaborado pelos autores.

III. Na terceira seção (questões 13 e 14)^{5,6}, foram apresentadas perguntas de resposta aberta para que os participantes da pesquisa apontassem os pontos que consideram positivos e negativos na sua formação, no âmbito do Programa IsF.

Análise de dados

Utilizando a ferramenta de análise estatística *SPSS Statistics* da IBM, verificamos a consistência interna (*reliability*) da questão 10, composta de 20 itens, resultando em um coeficiente Alpha de Cronbach de 0,961. Na segunda seção do instrumento, a questão 12 resultou em um coeficiente Alpha de Cronbach aceitável de 0,844. Conforme explica Vieira (2015, s/p), entende-se “que a consistência interna de um questionário é tanto maior quanto mais perto de um estiver o valor da estatística”. Portanto, tanto a primeira quanto a segunda seção do questionário apresentaram uma alta consistência interna.

Para examinar as respostas dos participantes aos itens do questionário de múltipla escolha que seguem a Escala Likert (questões 10, 11 e 12), consolidamos e tabulamos os dados utilizando a ferramenta Microsoft Excel.

A seguir, utilizamos o *SPSS Statistics* da IBM para obter a tabela de frequência contendo os percentuais de concordância a cada afirmação (item) da questão 10, e os resultados foram organizados de acordo com três categorias: concordo ou concordo fortemente, não concordo nem discordo e discordo ou discordo fortemente, de modo a consolidar a distribuição dos valores da amostra e para uma apresentação mais clara e sucinta.

Os resultados da questão 12, relativos à realização das atribuições/atividades nos NucLi-IsF e em que medida elas contribuem para o desenvolvimento profissional dos participantes, foram

tabulados em planilha da ferramenta Microsoft Excel contendo o número de respostas semelhantes a cada alternativa e respectivas porcentagens, associando as atribuições às competências passíveis de serem desenvolvidas, conforme o Quadro 1.

Quanto aos itens de resposta aberta (questões 13 e 14), analisamos um total de 496 respostas (248 em cada questão), visando identificar temas e pontos em comum referentes às melhores práticas e aos aspectos que os participantes consideram que podem ser melhorados na sua formação nos NuLi-IsF.

Tabulamos as respostas em planilha da ferramenta Microsoft Excel, localizando “manualmente”, em cada uma, os principais pontos positivos e negativos da formação nos NuLi-IsF mencionados pelos respondentes. Localizados esses principais pontos, eles foram agrupados em grandes temas, de modo a identificar o percentual de ocorrências em cada um e a média em relação ao total de respostas.

Nessas últimas questões, alguns participantes indicaram mais de uma prática (ou aspecto) que julgavam necessitar de melhoria na sua formação nos NuLi-IsF ou que consideravam como ponto positivo. Por não ser possível discriminar em cada resposta somente uma prática ou a mais importante, por todas serem relevantes para a reflexão sobre a necessidade (ou não) e as possibilidades de melhoria desse processo formativo, o percentual/resultado foi calculado conforme o número de vezes que cada prática foi mencionada nas questões 13 e 14.

Após a análise dos resultados sobre as três seções do questionário, identificamos que a maioria dos participantes, de modo geral, vê como positiva a formação proporcionada no Programa IsF. Considerando que são professores pré-serviço de IES de todo o país, julgamos ser esse um resultado expressivo e que denota que, apesar de ainda haver aspectos pontuais a serem aprimorados nesse processo formativo, na visão dos participantes, o modelo

adotado no contexto do Programa IsF tem sido bem recebido pela maioria deles, consolidando-se nacionalmente, o que pode ser comprovado, sobretudo, pelo resultado da questão 11, na qual 83% dos participantes responderam acreditar que, ao final da formação no NucLi-IsF, estarão preparados e qualificados para atuarem no exercício da docência em LI. Esse fato foi corroborado pelos resultados da questão 10, na qual foram levantados elevados percentuais de concordância dos participantes a todas as afirmações relativas a aspectos da formação que recebem nos NucLi-IsF e que, por sua vez, contribuem para o desenvolvimento de competências voltadas para a prática em LI em sala de aula.

Nessa questão, ao relacionar alternativas referentes a aspectos da formação nos NucLi-IsF às competências do modelo teórico de Almeida Filho (1993, 1997, 2004, 2006, 2007, 2009), constatamos que os participantes da pesquisa consideram que a competência implícita é a que pode ser mais desenvolvida, seguida da aplicada e da profissional, da teórica e da linguístico-comunicativa.

A maioria dos participantes concorda que a formação nos NucLi-IsF os estimula a acessar e refletir sobre suas crenças, intuições e vivência como profissional e aprendiz de LI, inclusive sobre como um professor de línguas deve se portar e atuar em sala de aula. Ou seja, contribui para o desenvolvimento de sua competência implícita. Isso é especialmente importante, pois denota que o compartilhamento de experiências e de conhecimento é estimulado e, sendo-o sob a orientação dos coordenadores gerais e pedagógicos, profissionais mais experientes, subentende-se que essas crenças podem ser aperfeiçoadas ou mesmo reafirmadas, adequadas às atuais tendências do processo de ensino-aprendizagem em LI.

Talvez a prevalência da competência implícita nessa primeira seção possa ser relacionada à maior autonomia estimulada na formação nos NucLi-IsF, sendo que os professores, ao agir autonomamente, estarão acessando suas crenças, intuições e experiências

sobre como atuar em sala de aula. E também devido a ela permear todas as demais competências do modelo de Almeida Filho (1993, 1997, 2004, 2006, 2007, 2009).

Mas, para melhor averiguar sobre o desenvolvimento da competência implícita, é recomendável realizar entrevista com grupo focal para verificar quais eram as crenças dos professores sobre a prática em sala de aula antes de ingressarem no NuLi-IsF e quais são as atuais, comparando se houve modificação dessas crenças e em que sentido.

Outras competências que se sobressaíram nos resultados dessa primeira seção do instrumento, quanto ao seu desenvolvimento ser proporcionado na formação nos NuLi-IsF, foram a aplicada e a profissional. A maior parte dos participantes da pesquisa concorda que essa formação os prepara para atuar profissionalmente, estimulando-os a buscar constante aprimoramento e atualização, além de capacitá-los para colocar em prática os seus conhecimentos teóricos sobre a LI em sala de aula, o que se relaciona ao desenvolvimento dessas duas competências.

A princípio, acreditava-se que as competências aplicada e profissional poderiam “aparecer” mais nos resultados, serem mais desenvolvidas do que as demais, devido à autonomia incentivada na formação nos NuLi-IsF, no que se refere à prática em sala de aula no ensino de LI.

Na segunda seção do questionário, conforme a maioria dos participantes, as atribuições realizadas nos NuLi-IsF têm um grande impacto no seu aprimoramento profissional para a prática docente em LI. Por acreditarem que as atribuições contribuem para o aperfeiçoamento da sua práxis em LI, consideramos que há um maior estímulo para que esses profissionais aumentem o seu comprometimento com todo o processo de ensino-aprendizagem, com os alunos, com a instituição de ensino, enfim, com a profissão e, assim, ampliem a sua motivação para o ofício.

Apesar de, na primeira seção do questionário, a competência implícita ter prevalecido – pois os maiores percentuais de concordância foram em relação a aspectos da formação que consideramos poder favorecer mais o seu desenvolvimento –, na segunda seção, a profissional e a aplicada obtiveram os maiores percentuais, em atribuições consideradas de maior impacto no aperfeiçoamento profissional pelos participantes e relacionadas ao desenvolvimento dessas duas competências.

Como resultado, na realização das atribuições dos bolsistas nos NuLi-IsF, de acordo com o ponto de vista dos participantes da pesquisa, ambas as competências – profissional e aplicada – têm sido bem desenvolvidas na formação nos NuLi-IsF, assim como a implícita.

No que concerne à competência teórica, acreditamos que ela pode ser desenvolvida na realização da maioria das atribuições dos professores em formação no Programa IsF. Para realizá-las, é preciso que eles recorram ao conhecimento teórico adquirido, principalmente, na formação inicial, mobilizando os saberes que adquirem através da literatura e em estudos independentes, tanto ao discutirem textos da área como ao auxiliarem alunos quanto às suas dúvidas em relação à LI.

Contudo, ao responderem à última questão do instrumento, sobre o que pode ser melhorado na formação que recebem no NuLi-IsF, os participantes apontaram, com mais frequência, a necessidade de se ampliar o foco em leitura e discussão de textos teóricos, principalmente, relacionados à prática docente em LI. Ao mesmo tempo, esse aspecto foi um dos mais mencionados no que se refere às melhores práticas na formação nos NuLi-IsF. Assim, parece-nos que os participantes, ao mesmo tempo que valorizam a formação teórica, sentem a necessidade de reforço quanto a ela na formação dos NuLi-IsF de determinadas IES.

Como não é tarefa do curso de Letras – LI formar profissionais para atuarem no âmbito da internacionalização do ensino superior, o foco da graduação não recai sobre a oferta de disciplinas voltadas para o estudo de línguas com propósitos específicos e acadêmicos, não havendo um aprofundamento ao nível que a formação no Programa IsF proporciona. Portanto, o processo formativo nos NuLi-IsF faz sentido nesse contexto e deve visar suprir essa lacuna, quando necessário.

Desse modo, uma sugestão é que se investigue, localmente nos NuLi-IsF, a respeito da necessidade de se ampliar o foco em leitura e discussão de textos teóricos relacionados ao exercício da docência em LI, ao longo do processo formativo proporcionado nesses espaços.

A quinta competência tratada no presente estudo, a linguístico-comunicativa, foi a que obteve o menor percentual de concordância dos participantes na primeira seção do questionário.

Esse resultado pode ter se dado devido ao foco do processo formativo no Programa IsF não ser especificamente o desenvolvimento da proficiência linguística dos participantes, apesar de as atribuições deverem ser, preferencialmente, realizadas totalmente, ou em sua maior parte, fazendo uso da LI. Ou seja, compreendemos que o objetivo da formação nos NuLi-IsF é mais preparar os professores pré-serviço para a prática em sala de aula do que desenvolver suas habilidades oral e escrita em LI.

Assim, apesar de a maior parte dos participantes considerar que a formação nos NuLi-IsF lhes capacita para que possam se expressar – ler, escrever e se comunicar – na LI com proficiência, os resultados da pesquisa corroboram as suspeitas de que o professor pré-serviço, ao ingressar no Programa IsF, já tenha desenvolvido seu conhecimento na língua, a sua proficiência. Inclusive pelo fato de ele dever atestar que possui, no mínimo, nível C1⁷ do Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas (QECR).

Como alguns participantes indicaram a necessidade de mais foco no aprimoramento linguístico ao longo da formação nos NuLi-IsF, pode ser que mesmo professores com nível C1 de proficiência em inglês não se sintam à vontade para se comunicar na língua-alvo em sala de aula, para ministrar cursos e transitar em diferentes cenários do idioma estrangeiro. Inclusive, no que diz respeito às reuniões administrativas, pode ser que mesmo os coordenadores recorram à língua materna (português) para se comunicar, sendo que o ideal é que as questões nessas ocasiões também sejam tratadas na LI, para criar ambiência e dar suporte aos professores pré-serviço em formação nos NuLi-IsF.

Em síntese, à luz dos resultados das três seções do questionário, constatamos, conforme se segue:

- 1ª seção (questão 10): Prevalência da competência implícita, seguida da profissional e aplicada: estímulo à autonomia, pensamento crítico e reflexivo.
- 1ª seção (questão 11): De um total de 284 professores pré-serviço de Letras – LI bolsistas Capes vinculados até abril/2019 aos NuLi-IsF de todas as universidades federais e estaduais credenciadas ao Programa IsF (95% do total de bolsistas), 83% julgaram que estarão preparados para atuar em sala de aula no ensino de LI ao final da formação no Programa IsF.
- 2ª seção (questão 12): Os participantes consideram que as suas atribuições nos NuLi-IsF têm impacto positivo no seu aprimoramento profissional e no desenvolvimento de competências voltadas para a prática docente em LI.
- 3ª seção (questões 13 e 14): Ampliação do foco em leitura e discussão de textos teóricos relacionados à prática docente em LI: indicado tanto como ponto forte quanto fraco do processo formativo nos NuLi-IsF.

A opinião da maioria dos participantes é que a formação no cenário do Programa IsF os tem estimulado a ser mais críticos, reflexivos e autônomos sobre e na sua prática docente em LI, especialmente pela oportunidade que essa formação lhes dá para vivenciar situações reais em sala de aula, compartilhar experiências e refletir sobre elas e as suas crenças, visando sempre o aprimoramento profissional. O que se reflete na prevalência do desenvolvimento das competências implícita, profissional e aplicada nos resultados da pesquisa.

Algumas considerações

A despeito de certas necessidades de aprimoramento, de acordo com os dados levantados, tanto as atribuições realizadas como a formação proporcionada nos NuLi-IsF, em geral, têm contribuído para desenvolver as cinco competências do conjunto proposto na obra de Almeida Filho (1993, 1997, 2004, 2006, 2007, 2009), na visão dos professores pré-serviço de Letras – LI.

O processo formativo nos NuLi-IsF, apesar de dever seguir regras mínimas definidas nos documentos oficiais do Programa IsF, não possui uma receita pronta. O IsF proporciona uma estrutura básica, mas são as IES que, devido à sua autonomia, criam e escolhem as metodologias e estratégias a serem utilizadas e o viés teórico adotado nesse processo.

Ao longo da formação nos NuLi-IsF, os professores pré-serviço se veem com mais autonomia, porque estão em uma relação de igual para igual com os seus mentores, os coordenadores gerais e pedagógicos. Acaba sendo um relacionamento colega-colega, entre pares, e não mestre-aluno, pois os professores são vistos como profissionais, assim como os coordenadores.

Consequentemente, aumenta o sentido de pertencimento desses professores que, no Programa IsF, além de serem vistos como pares em relação aos coordenadores, também fazem parte de microcomunidades de prática docente em LE. Estas, por sua vez, não ficam circunscritas apenas a cada IES, mas envolvem toda a comunidade IsF no país. É nesse aspecto, por conseguinte, que reside a força do Programa IsF: no sentido de pertencimento e na autonomia dos professores pré-serviço de Letras – LI.

Além disso, os professores em formação, muitas vezes, ministram aulas para pessoas com maior titulação acadêmica que eles, sob a supervisão de coordenadores mais experientes e com uma bagagem maior de conhecimento, sempre em uma relação entre pares, o que reflete a dimensão da autonomia que lhes é concedida. Ao fazê-lo, o desenvolvimento da sua competência profissional e da aplicada é favorecido, assim como o da implícita, pois eles devem acessar sua intuição, basear-se em suas experiências profissionais e aplicar seus saberes e conhecimentos, ao mudar seu curso de ação, transformar a sua aula, de acordo com as necessidades dos alunos naquele momento específico.

Nesse sentido, a formação pedagógica proporcionada nos NucLi-IsF pode aumentar o sentido de pertencimento dos professores pré-serviço à profissão, pois eles são estimulados a atuar com mais independência, participando ativamente e contribuindo para desenvolver a sua práxis e auxiliando os alunos no processo de ensino-aprendizagem em idiomas estrangeiros.

O professor pré-serviço de Letras – LI se aperfeiçoa, à medida que atua em sala de aula, acessando suas crenças e intuições, aplicando os conhecimentos teóricos, utilizando a língua que irá ensinar, tornando-se cada vez mais proficiente no idioma e competente profissionalmente. Para tanto, é preciso que tenha amadurecimento profissional e desenvolva sua autoconfiança,

apoiando-se e reforçando essas competências, cujo desenvolvimento é proporcionado na formação nos NuLi-IsF.

Além de estimulá-los ao aperfeiçoamento constante dentro e fora do ambiente acadêmico, a formação no contexto do Programa IsF almeja capacitar profissionais para a atuação em sala de aula em LI e para a sua vivência no ambiente acadêmico e na gestão institucional. Contribuindo, assim, para a tão necessária conscientização no sentido de que direcionem corretamente a sua abordagem de ensino na língua-alvo.

Meio a um cenário de crescente internacionalização das IES brasileiras e devido à necessidade de ampliar a proficiência linguística e o conhecimento de metodologias de ensino em LI por parte dos professores pré-serviço, o Programa IsF tem proporcionado uma mudança abrangente no ensino de idiomas estrangeiros nas IES brasileiras. Essa mudança se deve, principalmente, ao bem-sucedido processo formativo de professores pré-serviço de Letras – LI, levado a cabo nos NuLi-IsF que, ao estimular os professores a agirem com mais independência e autonomia na realização de diversas atribuições e atividades, de modo crítico e reflexivo sobre a sua atuação em sala de aula, prepara-os para a prática docente em LI e contribui para a construção de sua identidade e crescimento profissionais.

A partir dos resultados desse estudo, infere-se que, além dessa importante construção de identidade profissional, a formação no âmbito do Programa IsF tem contribuído para o desenvolvimento de competências necessárias à prática docente em LI. E isso na visão de quem faz parte e incorpora os resultados desse processo formativo na sua prática pedagógica: o professor pré-serviço de Letras – LI em formação no NuLi-IsF.

Assim como Almeida Filho (2006), acreditamos que a formação do professor pode ocorrer tanto no ambiente acadêmico quanto fora dele, e ao longo de toda a sua vida. Incutido nesse processo

dinâmico, durante o qual ele vai ser confrontado com situações diversas e diferentes contextos imprevisíveis, especialmente em sala de aula, encontra-se o desenvolvimento de competências voltadas para a prática docente. É desejável que esse desenvolvimento esteja atrelado a um processo formativo de caráter mais crítico e reflexivo, no qual o professor seja estimulado a se responsabilizar pelo seu crescimento pessoal e profissional.

Conforme também nos aponta Nóvoa (1992), devido ao fato de ter que lidar e solucionar ocorrências que “apresentam características únicas, exigindo, portanto, respostas únicas”, quanto mais reflexivo for o professor, no que se refere ao seu autodesenvolvimento pessoal e profissional, mais competente será. Por esse motivo:

Importa valorizar paradigmas de formação que promovam a preparação de professores reflexivos, que assumam a responsabilidade do seu próprio desenvolvimento profissional e que participem como protagonistas na implementação das políticas educativas (Nóvoa, 1992, p. 16).

Esperamos que essas reflexões possam contribuir para o delineamento de estratégias a serem adotadas pelas instituições de ensino e pelo MEC, para que sejam aprimoradas tanto a formação ofertada nos NucLi-IsF e em outros espaços porventura instituídos para contribuir com o processo formativo de professores pré-serviço de Letras – LI quanto as políticas públicas voltadas à internacionalização da Educação Superior, validando e reforçando as melhores práticas.

Notas

- ¹ Todas as traduções deste texto são de responsabilidade dos autores.
- ² Questão 10: “A formação pedagógica que recebo no NucLi-IsF (realizada pelo Coordenador-Geral ou Pedagógico)...”
- ³ Questão 11: “Ao final da formação pedagógica que recebo no âmbito do Programa IsF, estarei pronto(a) para ensinar língua inglesa em sala de aula?”.
- ⁴ Questão 12: “Desde o seu ingresso no Programa IsF, qual foi o impacto das seguintes atividades no seu aprimoramento profissional (para atuar como professor de língua inglesa)?”
- ⁵ Questão 13: “Na formação pedagógica que você recebe no NucLi-IsF – realizada pelo coordenador-geral e/ou coordenador pedagógico –, o que você acha que deve ser mantido (melhores práticas)?”
- ⁶ Questão 14: “Ainda sobre essa formação no NucLi-IsF, o que você acha que pode ser melhorado?”
- ⁷ Caso não haja candidatos com nível C1, é possível que o professor bolsista seja nível B2, contanto que, durante primeiro ano de atuação no Programa, apresente aumento de nível linguístico comprovado por prova de certificação de proficiência na língua inglesa.

Referências

ALMEIDA FILHO, J. C. P. de. Conhecer e desenvolver a competência profissional dos professores de LE. *Contexturas: Ensino Crítico De Língua Inglesa*, São Paulo, n. 9, p. 1-10, 2006. Disponível em: <http://bit.ly/2VyHm7Y>. Acesso em: 12 jul. 2017.

ALMEIDA FILHO, J. C. P. de. *Dimensões comunicativas no ensino de línguas*. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2007.

ALMEIDA FILHO, J. C. P. de. Operação global de ensino de línguas. In: ALMEIDA FILHO, J. C. P. de (ed.). *Dimensões comunicativas no ensino de línguas*. Campinas: Pontes Editores, 1993. cap. II, p. 17-24.

ALMEIDA FILHO, J. C. P. de. *O professor de língua estrangeira em formação*. 3. ed. Campinas: Pontes Editores, 2009.

ALMEIDA FILHO, J. C. P. de. O professor de língua(s) profissional, reflexivo e comunicacional. *Horizontes de Linguística Aplicada*, Brasília, v. 4, p. 1-14, jul./dez. 2004. Disponível em: <http://bit.ly/2W0ITDb>. Acesso em: 27 set. 2018.

ALMEIDA FILHO, J. C. P. de. Tendências na formação continuada do professor de língua estrangeira. *APLIEMGE: Ensino e Pesquisa*. Publicação da Associação dos Professores de Língua Inglesa do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, n. 1, p. 29-41, 1997. Disponível em: <http://bit.ly/2VBUZDD>. Acesso em: 22 mar. 2019.

BERGSMANN, E. *et al.* Evaluation of competence-based teaching in higher education: from theory to practice. *Evaluation and Program Planning*, v. 52, n. 52, p. 1-9, out. 2015. Disponível em: <http://bit.ly/2LGHhuw>. Acesso em: 8 abr. 2019.

CANALE, M. From communicative competence to communicative language pedagogy. In: RICHARDS, J.; SCHMIDT, R. (ed.). *Language and communication*. London: Longman, 1983. p. 2-27.

CANALE, M.; SWAIN, M. Theoretical bases of communicative approaches to second language teaching and testing. *Applied Linguistics*, v. 1, n. 1, p. 1-47, 1980. Disponível em: <http://bit.ly/2Vs0zTP>. Acesso em: 12 mar. 2019.

CHOMSKY, N. As gramáticas generativas como teorias da competência linguística. In: CHOMSKY, N. (ed.). *Aspectos da teoria da sintaxe*. 2. ed. Coimbra: Armênio Amado, 1978. cap. 1.

HYMES, D. On communicative competence. In: PRIDE, J. B.; HOLMES, J. (ed.). *Sociolinguistics: selected readings*. Harmondsworth: Penguin, 1972. p. 53-73. Disponível em: <http://bit.ly/2W3NTaj>. Acesso em: 27 set. 2018.

NÓVOA, A. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, A. (org.). *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1992. Disponível em: <http://bit.ly/30iMKLh>. Acesso em: 4 mar. 2019.

PEACOCK, M. The evaluation of foreign-language-teacher education programmes. *Language Teaching Research*, v. 13, n. 3, p. 259-278, jun. 2009. Disponível em: <http://bit.ly/30h5drv>. Acesso em: 31 mar. 2019.

SAVIGNON, S. J. Communicative language teaching: linguistic theory and classroom practice. In: SAVIGNON, S. J. (ed.). *Communicative competence: theory and classroom practice: texts and contexts in second language learning*. Reading: Addison-Wesley Publishing Co., 1983. cap. 1, p. 1-27. Disponível em: <http://bit.ly/2HsU3aH>. Acesso em: 27 set. 2018.

VIEIRA, S. *Alfa de Cronbach*. [S. l.], 2015. Disponível em: <http://bit.ly/30mNvmo>. Acesso em: 19 abr. 2019.

Apêndice - Questionário sobre o desenvolvimento das competências voltadas para a prática docente nos Núcleos de Línguas do Programa Idiomas sem Fronteiras

1. Nome completo (sem abreviações ou apelidos)

2. Você se identifica com qual gênero?

- Masculino
- Feminino
- Prefiro não responder

3. Qual a sua faixa etária?

- Menos de 25 anos
- De 26 a 30 anos
- De 31 a 35 anos
- De 36 a 40 anos
- De 41 a 45 anos
- Mais de 46 anos
- Prefiro não responder

4. Você é:

- Aluno(a) matriculado(a) no curso de Licenciatura em Letras - Inglês vinculado(a) à própria universidade
- Aluno(a) matriculado(a) no curso de Licenciatura em Letras - Inglês vinculado(a) a outra instituição de ensino
- Aluno(a) de pós-graduação licenciado(a) em língua inglesa vinculado(a) à própria universidade
- Aluno(a) de pós-graduação licenciado(a) em língua inglesa vinculado(a) a outra instituição de ensino
- Profissional licenciado(a) em língua inglesa
- Outro

5. Quando você iniciou suas atividades no Núcleo de Línguas do Programa IsF (NuLi-IsF) de sua universidade?

<input type="text"/>	2019	<input type="button" value="▼"/>
----------------------	------	----------------------------------

6. Recebe bolsa Capes?

- Sim
- Não

7. Selecione o tipo de instituição a que você está vinculado(a)

- Federal
- Estadual/Municipal
- FATEC/CEFET
- Instituto Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica

8. Selecione a sua instituição

[LISTA DE IES]

9. A formação que você recebe no Programa IsF é realizada:

- Presencialmente no NuLi-IsF
 On-line

10. A formação pedagógica que recebo no NuLi-IsF (realizada pelo coordenador-geral ou pedagógico)...

Ao responder, considere como a formação no NuLi-IsF é realizada ATUALMENTE, e não como você gostaria que ela fosse

	Discordo fortemente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo fortemente
1. me proporciona treinamento adequado para que eu possa me expressar – falar, ler e escrever – na língua inglesa com proficiência	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2. me proporciona treinamento adequado em habilidades de ensino em língua inglesa (<i>teaching skills</i>)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3. me proporciona treinamento adequado para as necessidades do contexto local (onde irei atuar em sala de aula)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4. me estimula a refletir sobre as minhas crenças e experiências passadas como aprendiz de língua inglesa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

5. me estimula a refletir sobre as minhas crenças e experiências sobre como um professor deve atuar em sala de aula (no ensino de língua inglesa)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6. me estimula a ser um profissional reflexivo sobre a minha prática docente em sala de aula	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7. promove a flexibilidade/adaptabilidade na utilização de diferentes práticas de ensino para cada situação específica	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8. me ensina a me avaliar como professor de língua inglesa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
9. me ensina habilidades de gerenciamento/gestão de sala de aula	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
10. me prepara para ser aplicador de testes de nivelamento/proficiência em língua inglesa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
11. me ensina a adaptar materiais didáticos de ensino de língua inglesa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
12. me ensina a criar materiais didáticos de ensino de língua inglesa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
13. aumentou a minha capacidade de autoavaliação e autocrítica	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
14. me ensina habilidades de avaliação em língua inglesa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
15. tem um bom equilíbrio entre o ensino de: língua inglesa (fala, escrita e leitura), habilidades de ensino neste idioma e habilidades de gerenciamento de sala de aula	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

16. me prepara para ensinar língua inglesa em sala de aula (na prática docente)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
17. atende às minhas necessidades quanto à preparação para atuar em sala de aula	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
18. me estimula a procurar mais atualização e especialização profissional	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
19. contribui para a minha atuação (prática docente) na Educação Superior	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
20. me capacita para ensinar de acordo com teorias, pesquisas e estudos na área de Letras - Língua Inglesa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

11. Sobre a formação pedagógica que você recebe no NucLi-IsF (realizada pelo coordenador-geral ou pedagógico) você considera que...

Ao responder, considere como a formação no NucLi-IsF é realizada ATUALMENTE, e não como você gostaria que ela fosse

	Discordo fortemente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo fortemente
21. Ao final da formação pedagógica que recebo no âmbito do Programa IsF, estarei pronto (a) para ensinar língua inglesa em sala de aula	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

12. Desde o seu ingresso no Programa IsF, qual foi o impacto das seguintes atividades no seu aprimoramento profissional (para atuar como professor de língua inglesa)?

I. Se não tiver realizado alguma dessas atividades no NucLi-IsF de sua instituição, por favor marque a última opção (“Não se aplica”); e II. Considere apenas as atividades que você tenha realizado no NucLi-IsF APÓS o seu ingresso no Programa IsF.

	Nenhum impacto	Um pequeno impacto	Um impacto moderado	Um grande impacto	Não se aplica
1. Você desenvolveu e/ou adaptou materiais didáticos voltados para os cursos do Programa IsF	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2. Você realizou tutoria presencial e/ou a distância para alunos sobre o curso <i>My English Online</i> (MEO)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3. Você acompanhou a participação e a evolução de alunos no curso <i>My English Online</i> (MEO)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4. Você ministrou cursos presenciais de língua inglesa para os alunos inscritos nos cursos do Programa IsF	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5. Você ministrou cursos preparatórios para exames de proficiência e/ou nivelamento em língua inglesa para os alunos inscritos nos cursos do Programa IsF	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6. Você foi responsável pela regência de oficinas, palestras ou seminários	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7. Você realizou atendimento – presencial e/ou a distância – para orientação das dúvidas de alunos em relação à língua inglesa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8. Você participou de reuniões acadêmicas para estudos promovidas pela coordenação IsF na universidade ou pelo Núcleo Gestor do Programa IsF	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

9. Você realizou atividades complementares de ensino de língua inglesa (no próprio idioma)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
10. Você realizou atividades complementares de ensino de língua inglesa (em língua portuguesa)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
11. Você participou de reuniões administrativas e de planejamento promovidas pela coordenação IsF na universidade ou pelo Núcleo Gestor do Programa IsF	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
12. Você atuou como aplicador de testes de nivelamento e/ou proficiência em língua inglesa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
13. Você preencheu o Diário de Classe via Sistema IsF-Gestão com informações sobre os alunos (faltas, notas etc.) dos cursos do Programa IsF	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
14. Você prestou contas de suas atividades realizadas no Nucli-IsF via Sistema IsF-Gestão	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
15. Você participou do planejamento e da execução de atividades de divulgação do Nucli-IsF da sua universidade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
16. Você auxiliou a coordenação IsF no remanejamento dos alunos entre turmas dos cursos do Programa IsF	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
17. Você preencheu o relatório mensal para recebimento de bolsa via Capes enquanto esteve em atividade no Nucli-IsF até a presente data	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

13. Na formação pedagógica que você recebe no NuLi-IsF – realizada pelo coordenador-geral e/ou coordenador pedagógico –, o que você acha que deve ser mantido (melhores práticas)?

An empty rectangular text box with a thin black border. On the right side, there are three small square buttons: a top one with an upward-pointing triangle, a middle one with a checkered pattern, and a bottom one with a downward-pointing triangle. On the bottom side, there are three small square buttons: a left one with a left-pointing triangle, a middle one with a checkered pattern, and a right one with a right-pointing triangle.

14. Ainda sobre essa formação no NuLi-IsF, o que você acha que pode ser melhorado?

An empty rectangular text box with a thin black border. On the right side, there are three small square buttons: a top one with an upward-pointing triangle, a middle one with a checkered pattern, and a bottom one with a downward-pointing triangle. On the bottom side, there are three small square buttons: a left one with a left-pointing triangle, a middle one with a checkered pattern, and a right one with a right-pointing triangle.

MARIANA PÉREZ
VIVIANE BAGIO FURTOSO
DENISE ABREU-E-LIMA

O PROJETO LETRAS SEM FRONTEIRAS PILOTO

Impactos para a formação docente
em língua estrangeira

Introdução

A internacionalização do ensino superior tem crescido rapidamente nas últimas décadas e impactado diferentes países como é o caso do Brasil, que, nos últimos anos, tem expandido políticas públicas que buscam fortalecer sua participação nesse processo.

Nesse contexto, a internacionalização tem sido entendida como atividade abrangente, que envolve mobilidade acadêmica, acordos institucionais, projetos e programas internacionais e/ou transnacionais, além do ensino de línguas, entre outras iniciativas, com “uma dimensão internacional, intercultural e/ ou mundial no processo de educação superior, tanto em território nacional quanto estrangeiro” (Brasil, 2014).

Entre as políticas públicas desenvolvidas pelo Brasil, o Programa Idiomas/Inglês sem Fronteiras (IsF), criado em 2012, tem sido implementado como uma importante ação de política linguística com foco na formação inicial e continuada de docentes e capacitação em línguas estrangeiras da comunidade acadêmica

brasileira, além da capacitação de estrangeiros em língua portuguesa (Sarmiento; Abreu-e-Lima; Moraes Filho, 2017).

Pelo viés da formação docente inicial, observa-se que, desde a criação dos Núcleos de Línguas (NucLis), nas Instituições Federais de Ensino Superior, em 2013, o IsF tem oferecido um profícuo campo de formação docente a partir da participação de estudantes de Letras e licenciados em Inglês na oferta de cursos presenciais de língua inglesa sob a supervisão de coordenadores pedagógicos, responsáveis pela formação desses professores. Esses licenciandos têm atuado na preparação da comunidade acadêmica de suas instituições para as várias ações relacionadas à internacionalização, sejam elas realizadas no exterior ou na própria instituição, além de desenvolverem pesquisas nas áreas de ensino de línguas, internacionalização e formação docente¹.

Sem dúvida, esse espaço proporcionado pelos NucLis do Programa IsF tem possibilitado aos licenciandos em Letras uma formação sólida em termos linguísticos, metodológicos e de pesquisa, bem como contato com a profissão docente, nos moldes de uma residência pedagógica, considerando a carga horária de regência de aulas, além da experiência em lidar com questões relacionadas ao contexto de internacionalização.

No entanto, tem sido restrita e, muitas vezes, inexistente a inclusão desses estudantes em programas de mobilidade acadêmica fomentados nacionalmente, como o “Ciência Sem Fronteiras”, apesar dos ganhos importantes que tal experiência poderia oferecer a esses licenciandos, fortalecendo sua formação e ampliando seu repertório cultural, o que, certamente, impactaria sua atuação docente futura.

Considerando esse contexto, foi desenhado o Programa Letras sem Fronteiras (LsF) Piloto como uma iniciativa do Programa IsF, com o objetivo de promover oportunidades de intercâmbio acadêmico-cultural para estudantes de graduação em Letras. O

Programa busca valorizar as licenciaturas nas línguas ofertadas pelo IsF, além de promover ações que fortaleçam os processos de internacionalização das universidades brasileiras e o Português como Língua Estrangeira (PLE).

Assim, este texto tem por objetivo apresentar a experiência-piloto do LsF Inglês²-Português (2017-2018), alguns impactos analisados e discutidos a partir da coleta de informações durante a preparação dos participantes, da atuação deles no intercâmbio e quando do retorno do intercâmbio, além de uma avaliação da primeira fase do LsF e seus desdobramentos para edições posteriores do programa.

Conhecendo a proposta do LsF Piloto Inglês-Português

O projeto-piloto do LsF, em sua fase 1, envolveu o Programa IsF-Inglês, oferecendo oportunidade de intercâmbio para 10 professores-bolsistas dos Núcleos de Línguas (NucLis) de Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras, selecionados por demonstrarem alto desempenho profissional e linguístico no âmbito do programa.

Essa iniciativa-piloto foi desenhada pelo Núcleo Gestor (NG) do Programa IsF e apresentada aos parceiros do Programa. A primeira parceira a aceitar o desafio foi a Embaixada dos Estados Unidos, juntamente com a Associação Americana de Universidades e Faculdades Estaduais (American Association of State Colleges and Universities/AASCU).

Quando o Programa IsF recebeu a premiação internacional dos 10 Programas de política pública que mais tiveram influência no país, pelo Distinguished Humphrey Leadership Program, a presidente do Programa pôde apresentar a proposta do Letras sem Fronteiras para o Departamento de Estado Americano, que

concedeu um recurso financeiro pela Embaixada dos Estados Unidos como auxílio para execução das atividades para a implementação do primeiro piloto do LsF.

A AASCU foi designada para gerir os recursos e articular com as universidades estadunidenses, enquanto o NG articulou as ações junto às universidades brasileiras credenciadas ao Programa IsF. Essa ação permitiu que 10 professores de NucLis de cinco universidades federais pudessem realizar um intercâmbio de oito semanas em universidades americanas selecionadas, no período de março e abril de 2018, e 10 estudantes estadunidenses de cinco universidades dos Estados Unidos pudessem fazer um intercâmbio nas universidades brasileiras participantes por igual período, o que aconteceu entre junho e julho de 2018. Durante o intercâmbio, os participantes brasileiros deveriam atuar 20 horas semanais como professores assistentes de ensino de português, ministrando oficinas, palestras, sessões de tutoria, sessões de conversação na instituição acolhedora. Os participantes estadunidenses, por sua vez, deveriam atuar em atividades nos NucLis das instituições brasileiras.

Para realizar a seleção das universidades brasileiras, o NG, em parceria com a Assessoria Internacional do Ministério da Educação (MEC), lançou uma chamada às universidades credenciadas ao IsF para apresentar uma proposta de participação, incluindo em sua proposta: 1) infraestrutura para recebimento dos estudantes estadunidenses; 2) comprometimento com a execução das ações; 3) indicação das atividades a serem desenvolvidas pelos professores IsF-Inglês e pelos alunos estadunidenses; 4) indicadores de participação no Programa demonstrando as atividades do NucLi local.

As propostas foram enviadas e todos os marcadores de identificação das propostas retirados para que pudesse ser feita uma revisão às cegas pela banca. A banca contou com a participação de três membros: a coordenadora de Assuntos Internacionais da Secretaria de Educação Superior, um representante da Assessoria

Internacional do MEC e um representante da Diretoria de Relações Internacionais da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (Capes). Por parte da AASCU, a representante de Relações Internacionais da Associação enviou cartas-convite a todas as universidades e faculdades associadas indicando os compromissos para as parcerias.

As universidades selecionadas e suas respectivas parceiras foram: Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Northern Arizona University (NAU); Universidade de Brasília (UnB) e Missouri State University (MSU); Universidade Federal do Ceará (UFC) e University of South Alabama (USA); Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e Troy University (TU); e Universidade de Pelotas (UFPel) e New Jersey City University (NJCU).

Cada universidade contou com um coordenador local, tendo o programa uma coordenação-geral no Brasil, composta pelas professoras Viviane Bagio Furtoso (Universidade Estadual de Londrina) e Mariana Pérez (Universidade Federal da Paraíba), além da presidente do Programa IsF, professora Denise Abreu-e-Lima, e uma coordenação-geral americana, representada por Arlene Jackson, vinculada à AASCU.

O programa foi desenvolvido em etapas, que serão abordadas a seguir.

Seleção dos participantes pela universidade de origem

O processo de seleção dos participantes brasileiros aconteceu através da publicação de edital específico elaborado por cada IES participante a partir das orientações da coordenação-geral, definindo critérios e perfil.

Quanto ao perfil, o candidato deveria: ser bolsista de inglês do NuLi da IES participante, com bolsa vigente até, no mínimo, 1 semestre quando do retorno do intercâmbio; ou ter sido bolsista de inglês do NuLi da IES; demonstrar ou ter demonstrado compromisso com horários, responsabilidades, sendo pontual em suas tarefas no NuLi; ter participação ativa ou ter participado nas ações do NuLi, sem faltas nas reuniões de orientação, e sempre ter demonstrado disposição e disponibilidade para as tarefas às quais foi designado; estar em dia com seus diários de classe ou, se estivesse já fora do IsF, ter saído do NuLi sem pendências com a coordenação ou secretaria; estar disposto a se comprometer com o Programa LsF, quando do retorno do intercâmbio, por 160 horas, de forma voluntária, em ações a serem implementadas a partir de seu plano de trabalho; comprovar, por meio de exames internacionais válidos, nível de proficiência C1 em inglês; não ter tido experiência fora do Brasil em um país anglófono.

É importante mencionar que a opção pelo perfil do participante que atuava ou tinha atuado no IsF-Inglês deveu-se a vários fatores. Primeiramente, só os professores do IsF-Inglês tinham bolsa Capes para que o IsF pudesse oferecer contrapartida/bolsa durante dois meses sem lecionar no NuLi. Em segundo lugar, pelo pouco tempo que a equipe do LsF tinha para a preparação dos participantes naquele momento. Em função do período de vigência do recurso/apoio oferecido pela Embaixada Americana, o participante deveria ter um nível de inglês já suficiente para o intercâmbio em um país anglófono, sendo possível para a equipe investir o pouco tempo hábil em uma preparação inicial para que os participantes pudessem desenvolver atividades com foco na área de Português como Língua Estrangeira (PLE). Além disso, o LsF também sempre teve como foco oportunizar uma experiência ao profissional de Letras Estrangeiras Modernas (LEM) em um país da língua para a qual ele se prepara para ser professor no Brasil. O objetivo do

LsF é avançar e ter como público-alvo estudantes brasileiros que estejam se preparando tanto para ser professor de uma língua estrangeira no Brasil (inglês, espanhol, francês, italiano e outras) como para ser professor de PLE.

O processo de seleção deveria incluir: entrevista, em inglês, pela coordenação do Nucli-IsF; carta de intenção, em português, justificando interesse do candidato em participar de um programa com foco no inglês e no PLE, manifestando seu compromisso em contribuir com o curso de Letras e Nucli-IsF da sua instituição quando do regresso do intercâmbio; plano de ação para ser executado na instituição acolhedora durante o intercâmbio.

Os candidatos deveriam, ainda, apresentar a seguinte documentação: fotocópias de documentos pessoais e diplomas; declaração de que nunca haviam viajado para país anglófono antes, comprometendo-se com a veracidade da informação; documento comprobatório de conhecimento linguístico em língua inglesa em nível mínimo C1 de acordo com o Quadro Comum Europeu de Referência; comprovante de experiência de ensino de uma ou mais línguas, caso o candidato tivesse; comprovante de participação em atividades de PLE (ensino, pesquisa e/ou extensão), caso o candidato tivesse; fotocópia do histórico acadêmico; carta de recomendação do coordenador pedagógico (atual ou anterior no período de sua atuação). Importante acrescentar que os coordenadores dos Nuclis foram orientados a priorizar os candidatos socialmente menos favorecidos, que nunca haviam saído do país. Após a seleção, os participantes brasileiros assinaram um Termo de Compromisso para garantia da continuidade das ações (Anexo).

Os candidatos estadunidenses foram selecionados pelas suas instituições de origem com mediação da AASCU, tendo sido indicada a prioridade de estudantes com interesse nas áreas de Inglês para Falantes de Outras Línguas (ESOL nos Estados Unidos)

e, quando possível, com experiência ou interesse em estudos brasileiros.

Preparação anterior ao período de intercâmbio – participantes brasileiros

Considerando o pouco tempo para a realização da preparação dos participantes brasileiros, conforme justificado na seção anterior, a orientação da coordenação do LsF Piloto concentrou seus esforços na preparação e no acompanhamento de tarefas com foco na área de PLE. As tarefas foram realizadas a distância, tendo sido proporcionado um encontro presencial para uma avaliação inicial e apontamentos para a continuidade do trabalho de preparação dos participantes brasileiros antes da partida para as universidades estadunidenses.

O Quadro 1, a seguir, descreve as principais atividades, seus objetivos e resultados.

Quadro 1 - Atividades de preparação dos participantes brasileiros antes do intercâmbio

Atividade/ Período	Foco/Tema	Objetivo	Resultados
Módulo 1: A distância Outubro a dezembro de 2017	(Re)Conhecimento da área de Português Língua Estrangeira (PLE)	Dar aos participantes uma visão geral da área de Português como Língua Estrangeira através da leitura de trabalhos acadêmicos e realização de atividades, além da oportunidade de trabalharem em conjunto com o colega da mesma instituição de origem na preparação de material a ser levado para o intercâmbio.	Os 2 participantes de cada instituição brasileira responderam a questionários sobre a área de PLE no Brasil e elaboraram apresentações sobre o Celp-Bras e sobre suas cidades, regiões e sobre o Brasil.

<p>Encontro Presencial</p> <p>18 a 20 de dezembro de 2017, Brasília</p>	<p>Intercâmbio de ideias e ações entre os participantes das 5 IES brasileiras, as coordenações locais, a coordenação-geral do LsF e o Núcleo Gestor do LsF</p>	<p>Discutir questões e trocar informações relacionadas ao intercâmbio, incluindo desde informações sobre procedimentos para vistos, seguros etc., a conversas e atividades dirigidas sobre choque cultural, expectativas, estereótipos, além da apresentação do material produzido pelos participantes na fase inicial de preparação a distância.</p>	<p>O encontro presencial proporcionou um espaço para o compartilhamento de dúvidas, experiências, <i>feedback</i> conjunto da apresentação do material produzido pelas duplas de participantes de cada IES, além de um momento intercultural rico, a partir da presença de participantes de regiões diferentes do Brasil. Todos os participantes se beneficiaram e puderam (re) pensar suas apresentações sobre suas regiões e o Brasil a partir desse momento de interação.</p> <p>Foi um momento importante para avaliar o processo de preparação e reorganizar rotas.</p>
<p>Módulo 2 A distância</p> <p>Janeiro e fevereiro de 2018</p>	<p>Ajuste do projeto de ação inicial às demandas das IES estadunidenses e seleção de materiais e recursos para as ações na área de PLE</p>	<p>Rever os projetos de ação submetidos, quando da seleção para o programa, para ajustes aos contextos de cada instituição acolhedora, a partir da condição de oferta de ensino e de outras ações em e sobre o Português na instituição estadunidense.</p>	<p>Participantes estreitaram o contato com os coordenadores das instituições acolhedoras para obtenção de informações para sua chegada e desenvolvimento dos planos de ação, considerando a área de PLE de cada instituição. Participantes utilizaram o Portal do Professor de Português Língua Estrangeira / Língua não Materna (PPPLE³) para seleção e elaboração de materiais, além da leitura de textos acadêmicos relacionados.</p>

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Como observa-se no Quadro 1, os participantes puderam se apropriar de conhecimentos na área de PLE, para desempenhar ações de acordo com a condição de oferta do PLE em cada instituição estadunidense. Como essa oferta variava de instituições com ensino regular de PLE até instituições que ainda estavam se preparando para inserir o componente de PLE em suas atividades curriculares e/ou extracurriculares, os participantes prepararam

parte de seus materiais, principalmente do módulo 1, em inglês, o que permitiria um atendimento de demandas locais no exterior. Ter as apresentações em inglês daria flexibilidade aos participantes brasileiros do LsF, que poderiam ter seus *slides* em inglês e fazer uma apresentação em português, caso o público-alvo já tivesse proficiência em português para acompanhar uma fala; ou manter *slides* e fala em inglês, no caso das instituições com público-alvo ainda sem formação em português para esse fim. O que o LsF previa era uma aproximação da comunidade estadunidense com os aspectos da língua-cultura do Brasil.

Por outro lado, a preparação no módulo 2, buscando materiais e recursos para o ensino da língua portuguesa, permitiu aos participantes brasileiros atuar em frentes mais específicas nas instituições que já tinham a área de PLE um pouco mais consolidada, conforme se registra na próxima seção.

Participação dos brasileiros no intercâmbio

Em março de 2018, os participantes brasileiros iniciaram o intercâmbio. A coordenação do LsF continuou o acompanhamento dos participantes brasileiros a distância, auxiliada por cada coordenador(a) das IES participantes.

O Quadro 2, a seguir, descreve as principais atividades, seus objetivos e resultados, do módulo de acompanhamento dos brasileiros durante o intercâmbio.

Quadro 2 - Acompanhamento das atividades durante o intercâmbio

Atividade/ Período	Foco/Tema	Objetivo	Resultados
Módulo 3: A distância Março e abril de 2018	Compartilhamento de informações com os participantes americanos sobre o Brasil e sobre os Estados Unidos, com a coordenação do LsF	Levar ao conhecimento dos estadunidenses o trabalho dos NuLis do LsF, como estava estruturado o NuLi de cada IES brasileira onde eles iriam atuar e ajudá-los a preparar o plano de ações a ser executado no Brasil; Orientar os participantes brasileiros para a confecção de um portfólio para registrar as experiências no país e na cidade visitados e na instituição acolhedora.	Os 2 participantes de cada instituição brasileira organizaram uma apresentação para subsidiar a conversa com coordenadores e participantes estadunidenses, de modo que estes conhecessem um pouco da realidade que encontrariam nas IES brasileiras quando estivessem no Brasil; Portfólio com o registro de experiências relacionadas a questões de diferenças/choques culturais que os participantes brasileiros vivenciaram nas diferentes instituições e estados norte-americanos.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Como apresentado no Quadro 2, o módulo 3 de atividades a distância buscou orientar e acompanhar atividades realizadas pelos brasileiros, que incluíram a socialização de informações com os participantes estadunidenses para sua preparação anterior à estada no Brasil, no que se refere às atividades desenvolvidas nos NuLis, à universidade brasileira que os acolheria, à cidade em que morariam, entre outras questões. Além disso, o módulo 3 serviu de guia para orientar os participantes brasileiros a registrarem suas experiências ao longo do intercâmbio, fossem de natureza pessoal, institucional, acadêmica e outras que achassem relevantes. Eles registraram as experiências por escrito, com fotos, vídeos e outros recursos significativos para cada um deles.

As atividades⁴ realizadas pelos participantes brasileiros durante o intercâmbio variaram de instituição para instituição, a

depende das oportunidades acadêmicas disponíveis na época do ano em que o intercâmbio foi realizado, do Departamento ao qual os participantes estavam vinculados e da experiência da instituição acolhedora com o ensino de língua portuguesa e cultura brasileira, entre outras questões.

As seguintes atividades foram realizadas pelos participantes brasileiros na fase 1 LsF Inglês-Português:

- participação em cursos diversos dos Departamentos de Inglês, Estudos Latino-Americanos, Ensino de Inglês para Falantes de Outras Línguas e Linguística Aplicada;
- participação em eventos culturais e acadêmicos com apresentação de trabalhos e pôsteres;
- aulas e oficinas de português e cultura brasileira (temas variados);
- participação em Clubes de Língua Portuguesa;
- apresentação, como palestrantes convidados, em cursos de Estudos Latino-Americanos e Educação;
- observação de aulas de língua inglesa como segunda língua, espanhol e francês como língua estrangeira;
- monitoria e tutoria de língua inglesa para alunos internacionais;
- apresentação sobre formação docente de professores de línguas no Brasil;
- organização de eventos culturais sobre a língua portuguesa e países de língua portuguesa;
- visitas a escolas da educação básica durante festivais internacionais para apresentação e microaulas a estudantes;
- trocas de experiências acadêmico-culturais com estudantes internacionais.

Preparação dos participantes estadunidenses e atividades no Brasil

Em março de 2018, os participantes brasileiros, enquanto estavam nos Estados Unidos, puderam conhecer e, nos casos em que os participantes estadunidenses já haviam sido selecionados, trabalhar juntamente com eles no planejamento das atividades a serem desenvolvidas no Brasil, na segunda fase do intercâmbio, conforme já apresentado no Quadro 2, da seção anterior.

Ainda em março, o Núcleo Gestor do IsF e a coordenação do LsF realizaram uma videoconferência com as instituições e com os participantes estadunidenses já selecionados, a fim de apresentar a proposta e o alcance do Programa IsF, os NuLis e as atividades desenvolvidas nas universidades, além de esclarecer as expectativas de atuação dos participantes nas instituições acolhedoras brasileiras e sanar as dúvidas em relação a questões de documentação e contrapartidas no âmbito do LsF.

Depois disso, os participantes estadunidenses elaboraram planos de atuação junto aos NuLis IsF com a colaboração das coordenações locais e participantes brasileiros.

Durante o período de atuação juntos aos NuLis do Programa IsF, que participaram do LsF Inglês-Português Piloto, as seguintes atividades foram realizadas pelos participantes estadunidenses:

- oferta de clubes de conversação, oficinas e palestras sobre temas acadêmicos, culturais (regiões e vida acadêmica nos Estados Unidos, questões relacionadas a preconceito, etnicidade, feriados, entre outros) para estudantes de Letras e de outros cursos das universidades brasileiras;
- oferta de oficinas para professores da rede pública e visita a salas de aula da escola de educação básica, principalmente aquelas envolvidas em projetos de extensão das universidades brasileiras;

- participação nas reuniões do IsF;
- observação de aulas do IsF;
- participação em curso de PLE para aprenderem português;
- gravação de textos orais para material do NuLi IsF Inglês;
- participação da reunião nacional dos coordenadores IsF em Brasília para apresentação sobre a experiência do LsF juntamente com os participantes brasileiros.

Atividades realizadas na instituição de origem no retorno do intercâmbio

Para fins de avaliação, documentação e pesquisa, foi solicitada a confecção de relatórios e o preenchimento de formulários on-line pelos participantes e coordenadores em vários momentos (antes, durante e depois) da implementação do LsF Inglês-Português Piloto, fase 1. Os relatórios contemplaram, também, a descrição das atividades desenvolvidas quando do retorno dos participantes às suas instituições de origem. Além disso, compuseram o repertório de registros, o portfólio com as experiências vivenciadas na instituição acolhedora.

O objetivo do LsF é não apenas impactar a formação do participante do intercâmbio, mas também permitir que essa oportunidade possa fortalecer outras ações de internacionalização dentro das instituições participantes. Assim, houve a previsão de horas a serem cumpridas nas instituições de origem pelo participante, conforme o Termo de Compromisso dos bolsistas, já referido como anexo.

Algumas atividades realizadas pelos participantes brasileiros quando da sua volta ao Brasil envolveram:

- apresentação sobre a experiência de intercâmbio para professores e coordenação do NuLi do IsF;
- recepção e orientação dos participantes estadunidenses durante seu intercâmbio;
- colaboração com os participantes estadunidenses nas oficinas para professores de inglês de escolas da educação básica;
- colaboração com a formação de novos professores do NuLi;
- visitas a escolas da educação básica com os participantes estadunidenses.

Os participantes estadunidenses, por sua vez, desenvolveram atividades como:

- compartilhamento da experiência de intercâmbio com estudantes da universidade brasileira em evento acadêmico e coordenadores locais do LsF Inglês-Português Piloto;
- apresentação sobre impactos de estudar em outro país para estudantes de graduação e pós-graduação, com o intuito de incentivar a participação estudantil nos intercâmbios;
- compartilhamento da experiência com os escritórios de Relações Internacionais das universidades;
- escrita de *essay* sobre a experiência e o compromisso de orientar os estudantes da instituição de origem que viessem a se interessar pelo LsF em edições futuras.

Após a apresentação da estrutura, dos objetivos e das atividades desenvolvidas no âmbito do LsF Inglês-Português Piloto, passamos à análise dos impactos dessa experiência para os participantes brasileiros.

Impactos do intercâmbio na voz dos participantes brasileiros do LsF

Para este texto, fizemos um recorte nos dados para apresentar o impacto do LsF Inglês-Português Piloto na voz dos participantes brasileiros, considerando os mesmos instrumentos mencionados na subseção “Preparação dos participantes estadunidenses e atividades no Brasil”. Os participantes serão aqui representados pela letra P (Participante) acrescida de um número entre 1 e 10, considerando que foram 10 participantes brasileiros, de cinco universidades brasileiras, os contemplados nessa primeira fase do LsF. Todos eles deram consentimento para utilização de seus depoimentos nos relatórios e produção científica da coordenação do LsF.

Para sistematizar as respostas obtidas por meio dos diferentes instrumentos de coleta de dados, optamos por buscar, nas expectativas antes do intercâmbio e nas percepções dos participantes brasileiros depois do intercâmbio, os temas que foram abordados de modo mais recorrente. Esses temas sinalizam para o impacto do LsF Inglês-Português Piloto no que diz respeito ao desenvolvimento linguístico-cultural; à vivência acadêmica e de pesquisa; à formação docente e ampliação do repertório de atuação profissional com a experiência do PLE, o que também levou os participantes a mudarem sua percepção sobre a própria língua-cultura do país de origem.

Observamos, nas respostas⁵ dos participantes brasileiros, um destaque para o desenvolvimento linguístico-cultural, conforme representado a seguir.

Além de conseguir *colocar em prática* o meu inglês eu tive a chance de perceber os meus limites com o idioma e também *conhecer como o inglês é usado no dia a dia*. (P1)

Não nos parece surpreendente que P1 mencione a oportunidade de prática da língua e o conhecimento do uso cotidiano do inglês como pontos a serem destacados da experiência. No entanto, chama a atenção a maneira como outros participantes se referiram a questões de língua e cultura, como podemos observar no trecho que se segue:

Tive a experiência de estar imersa em uma língua que amo e que tenho prazer em ensinar, mas foi interessante notar o quanto eu aprendi a valorizar a minha própria língua. O período que passei compartilhando da minha cultura e língua me fez ver o quanto somos ricos. Ricos em sons, cores, sabores, expressões e muito mais. Percebi que toda essa riqueza, esse “mundo em português brasileiro” precisa ser compartilhado. (P10)

Embora a participante reforce a questão da oportunidade de imersão na língua inglesa, ela identifica uma mudança de posicionamento em relação à sua própria língua ao afirmar que aprendeu a valorizar a língua portuguesa e a cultura brasileira a partir da experiência de ensino do português. Essa mudança, materializada linguisticamente pelas estruturas “aprendi”, “me fez ver” e “percebi”, é marcada por uma avaliação positiva da língua portuguesa e cultura brasileira, descrita como sendo rica em muitos aspectos. Há, ainda, no trecho, a indicação de possível envolvimento futuro com a divulgação e trabalho com esse mundo “em português brasileiro”, já que ele “precisa ser compartilhado”. Essa questão é ressaltada novamente na voz de P10:

A vantagem dessa experiência foi que ela me fez considerar seriamente essa área de ensino de Português como língua estrangeira, área que cresce e tem demanda em diferentes contextos. (...) Tivemos a oportunidade de nos colocar a teste com diferentes turmas de ensino básico e ensinar as crianças um pouco de português e um pouco sobre o Brasil. Proporcionamos a algumas daquelas crianças

a sua primeira interação com um estrangeiro. E falamos sobre o nosso país o qual algumas já haviam estudado, mas tenho certeza que ter uma parte do país materializada em suas classes foi uma experiência única para aquelas crianças, assim como foi para nós. Pudemos ter o nosso trabalho e competência reconhecidos pelo *feedback* positivo dos profissionais que acompanharam nossa atuação. (P10)

Para P6, o destaque também foi para a experiência com as aulas de PLE.

O que foi mais especial e surpreendente a respeito dessa experiência é que nos sentimos muito satisfeitos e felizes com o trabalho, mesmo apesar de não termos dado aula de PLE anteriormente e de pensarmos que seria difícil, pois normalmente não refletimos sobre o português brasileiro sob uma perspectiva de língua não nativa. *As aulas de português definitivamente foram uma das partes mais especiais da nossa experiência.* (P6)

Retomando a relação língua-cultura, ponto alto do intercâmbio na voz dos participantes brasileiros, P4 reforça a ideia da ampliação da bagagem cultural, do desenvolvimento linguístico inigualável (“como nunca antes”), proporcionado pela experiência, e ressalta também o intercâmbio acadêmico ao citar a coleta de dados, importante para uma pesquisa que já estava em andamento no Brasil, como podemos verificar a seguir.

Participar do projeto-piloto foi uma experiência *extremamente enriquecedora para meu currículo e para minha bagagem cultural.* Além da chance de *aprimorar meu inglês* como nunca pude antes. *Dar continuidade* ao meu projeto de pesquisa também foi muito gratificante, pois estar lá oportunizou uma *leva de dados que eu não poderia coletar no Brasil com tanta facilidade.* (P4)

P7 reforça a ideia da imersão, além da vivência acadêmica diferente, como algo que impulsiona a sua formação (“um salto de formação”).

Foi a *validação* de um projeto de vida – ser professora e profissional das letras – juntamente com a oportunidade de um salto de formação, com a *imersão na língua e na cultura*, e a *possibilidade de vivenciar outra forma de universidade*. (P7)

Interessante verificar, ainda no trecho de P7, como o participante marca a experiência do intercâmbio como legitimadora de um projeto de vida de ser docente de Letras. Esse projeto de vida é também ressaltado, de certa forma, na voz de P10, quando chama a atenção para o fato de que, sem a participação no LsF, a experiência do intercâmbio seria quase impossível.

O intercâmbio foi uma oportunidade única, já que eu não teria condições financeiras de experienciar a vida em outro país, ainda mais na graduação, uma experiência fora parecia algo distante e o programa tornou isso possível. Foi uma oportunidade de experimentar, interagir e lidar com uma cultura sobre a qual eu ensinava, mas ainda não tinha experimentado pessoalmente. E também uma oportunidade de praticar o Inglês de modo intenso, ouvindo diversos sotaques e expressões próprias da região. (P10)

A prática da língua-alvo a ser ensinada no Brasil, o inglês, como a coroação de um percurso de formação inicial bem-sucedido, emerge na voz de P6:

Significou a conclusão do meu ciclo como graduanda em Letras e também como professora-bolsista do Idiomas sem Fronteiras. Conclusão esta que me permitiu *evoluir linguisticamente e culturalmente*, proporcionando a oportunidade de vivenciar, ver e colocar em prática *questões que já havia aprendido, debatido e ensinado em sala de aula*. (P6)

Ao considerar as expectativas e percepções dos participantes brasileiros, constatamos que os aspectos positivos apontados recaem sobre três categorias: impactos de ordem pessoal, profissional e acadêmica.

As expectativas, sinalizadas com ✓ na Figura 1, foram acrescentadas às percepções pós-intercâmbio, que podem ser observadas como acréscimos, com o sinal de +, conforme apresentado na Figura 1.

Figura 1 - Expectativas e alcances do intercâmbio na fase 1 do LsF Inglês-Português



Fonte: Elaborada pelas autoras.

No âmbito pessoal, a oportunidade de melhorar a proficiência linguística aumentou a confiança/segurança dos participantes, além de ter promovido a autoafirmação de suas identidades como brasileiros, o que também foi promovido pela oportunidade de interação com outras culturas. Essas expectativas pessoais e seus alcances também tiveram impacto na esfera profissional.

Os participantes brasileiros também se referiram ao aprimoramento da proficiência linguística como uma expectativa profissional. Além disso, eles esperavam que o LsF desse a eles a oportunidade de serem cidadãos do mundo. Alguns se referiram à participação no LsF como “a cereja do bolo” em termos de segurança e reconhecimento como professores de inglês.

Como professores pré-serviço, eles também se referiram às expectativas e ganhos de natureza acadêmica. Eles destacaram a oportunidade de ensinar e pesquisar em contextos diferentes daqueles já vivenciados no Brasil, além do acesso a novas metodologias de ensino e de pesquisa em línguas estrangeiras.

Em suma, reconheceram que o intercâmbio superou as expectativas, uma vez que a experiência foi mais enriquecedora do que eles esperavam, como bem sintetiza P8:

É imperdível. A experiência em si é enriquecedora pelas vivências, estudos e conhecimentos adquiridos; porém, o que mais contou para mim foi como toda a bagagem que eu tinha antes do intercâmbio foi posta em uma perspectiva diferente, me possibilitando voltar e ver não só o Brasil, mas o mundo com outros olhos. (P8)

Aprendendo com a experiência LsF Inglês-Português Piloto – fase 1

A partir dos dados coletados durante a implementação da fase 1 do LsF, foi possível analisar o programa em diferentes perspectivas e, como um diagnóstico, projetar ações para fases futuras.

Alguns pontos que merecem destaque são:

- a comunicação entre os coordenadores das instituições envolvidas, brasileiras e estrangeiras, é fundamental para a definição do plano prévio de ação dos participantes LsF;

- a contrapartida de ambos os parceiros tem que estar bem definida e ser claramente explicitada desde o início das negociações;
- a reciprocidade no reconhecimento das atividades realizadas nas instituições parceiras deve ser considerada e encaminhada institucionalmente;
- uma articulação nas universidades acolhedoras para o recebimento dos participantes é primordial, para maior aproveitamento da atuação deles em diferentes esferas, seja para o departamento/projeto que os recebem, seja para a comunidade universitária como um todo, seja para a comunidade local;
- a preparação da documentação dos participantes para a viagem aos países parceiros deve ser sistematizada e apoiada por instâncias de relações exteriores de ambos os governos;
- as datas de recebimento dos participantes nas instituições devem ser planejadas de modo a permitir o maior envolvimento possível com o cotidiano da universidade, de forma a evitar feriados longos e férias na instituição acolhedora;
- a permanência no país de destino deve ser prevista com alojamento adequado e condições de assistência médica suficientes para o atendimento do participante visitante;
- a seleção das universidades acolhedoras no exterior deve considerar, como requisito, a busca por instituições que possam oferecer espaço de formação para a área de PLE, oportunizando ao brasileiro a realização de atividades que estejam também diretamente relacionadas à promoção e divulgação do português do Brasil e da cultura brasileira, além daquelas que levarão o participante brasileiro a crescer em termos de formação para ser professor de LE no Brasil.

Partimos desses primeiros resultados da experiência do LsF Inglês-Português Piloto fase 1 como motivação para uma outra iniciativa realizada em 2019, a parceria com o Canadá, como relatamos a seguir.

Avançando com a experiência LsF Inglês-Português Piloto – fase 2

A partir dos resultados oriundos da experiência com os Estados Unidos, o Núcleo Gestor do IsF conseguiu estabelecer uma nova parceria para o LsF, dessa vez com a Languages Canada⁶. Toda a estrutura sistematizada para a experiência com os Estados Unidos foi aproveitada como ponto de partida e as especificidades, tanto das universidades brasileiras envolvidas na segunda fase quanto das universidades canadenses, foram consideradas.

As universidades selecionadas para a participação nesta segunda fase foram aquelas que tinham submetido propostas na primeira chamada do piloto para os Estados Unidos. Como o piloto canadense ocorreria com a participação de três instituições de ensino superior canadenses, foram chamadas as universidades federais que estavam em quinto e sexto lugar, a saber, a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e a Universidade Federal de Uberlândia (UFU). A terceira universidade a participar do piloto canadense foi escolhida pelo parceiro, Languages Canada, que foi a Universidade Estadual Paulista (Unesp) e, como já havia se credenciado ao Programa, pôde participar desse piloto. As parcerias entre as instituições foram: UFRJ e University of Ottawa, UFU e Algonquin College, Unesp e University of Dalhousie. Da mesma forma, foram selecionados professores do IsF e estudantes canadenses. No total, foram 12 intercambistas, seis de cada país.

O fomento para esse intercâmbio veio de aportes da Languages Canada, principalmente com pagamento de algumas passagens e concessão de seguro saúde para os participantes, além de aportes das IES brasileiras e estrangeiras.

As reuniões virtuais permitiram o planejamento das ações entre os coordenadores brasileiros e canadenses, e as orientações de seleção foram as mesmas envolvidas no primeiro piloto. Entretanto, as agendas de viagem de cada dupla de professores IsF e de estudantes canadenses acabaram por ser diferentes por conta da disponibilidade orçamentária das instituições, e a formação preparatória on-line ocorreu de forma distinta do primeiro piloto.

Muito embora o intercâmbio tenha ocorrido no ano de 2019 e todos os pares já tenham retornado às suas instituições de origem quando da escrita deste texto, as avaliações e o fechamento do relatório não puderam ser finalizados antes da conclusão da organização deste livro. As dificuldades, as conquistas e o *feedback* de professores e coordenadores serão disponibilizados em outro momento, com o relato das diferenças encontradas entre os dois pilotos.

Vale dizer no momento que, em contato pessoal com os professores e coordenadores, pudemos perceber que o piloto canadense foi bem-sucedido e que as impressões sobre todo o processo foram muito mais positivas.

Considerações finais

Este capítulo apresentou a experiência-piloto do LsF Inglês-Português (2017-2018), alguns impactos analisados e discutidos a partir da coleta de informações durante a preparação dos participantes, da atuação deles no exterior e quando do retorno do intercâmbio, além de uma avaliação da primeira fase do LsF e

seus desdobramentos para edições posteriores do programa, como o piloto canadense, ainda em fechamento.

Considerando que o LsF tem como objetivo promover intercâmbio acadêmico-cultural para professores de línguas em formação inicial/continuada, valorizando as licenciaturas nas línguas ofertadas pelo IsF, esse projeto-piloto, já com duas fases de implementação concluídas, destaca-se pelas potencialidades em fomentar ações que fortaleçam a área de Português como Língua Estrangeira no exterior, bem como os processos de internacionalização das universidades brasileiras. O projeto-piloto demonstrou que não só é possível fazermos, em rede, uma proposta de intercâmbio que seja viável financeiramente, mas também, e principalmente, que proporcione aos estudantes de Letras, de preferência os menos favorecidos, condições para uma experiência acadêmico-linguístico-cultural em países nos quais o idioma de sua especialidade é falado.

Esse piloto, em suas duas fases, também evidenciou a importância da preparação de novos profissionais para atuar no âmbito do ensino de PLE, divulgando a língua e a cultura do Brasil, ampliando os campos de atuação dos novos profissionais de línguas para o contexto da internacionalização. Além da inserção de formação específica para a atuação na área de PLE, há também o desafio para a prospecção e a articulação de novas parcerias, buscando incluir estudantes de outras licenciaturas nas línguas ofertadas pelo IsF, ampliando o campo de atuação de todos esses profissionais.

Notas

- ¹ Algumas informações sobre pesquisas acadêmicas realizadas no âmbito do IsF podem ser encontradas em: <http://isf.mec.gov.br/historico-botoes/pesquisas-e-relatorios> e também no texto “Delineando os legados do Programa Idiomas sem Fronteiras na produção científica da área de línguas estrangeiras”, neste livro.

- ² Mais adiante, justificamos o porquê de o piloto ter sido com o inglês, inicialmente.
- ³ Acesso ao portal pelo link: www.ppple.org.
- ⁴ Não incluímos aqui as atividades culturais realizadas pelos participantes nas cidades e nos campi, cuja organização ficou a cargo dos anfitriões, tais como visitas a museus e pontos turísticos, atividades de socialização na universidade, entre outras.
- ⁵ Os grifos nos trechos são nossos.
- ⁶ Languages Canada é uma associação nacional canadense de ensino de línguas que congrega mais de 210 escolas de idiomas, públicas e privadas, livres ou vinculadas a universidades e colleges, que ofertam programas de ensino de inglês e francês reconhecidos para ingresso no ensino superior do Canadá. <https://www.languagescanada.ca/>

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Superior. *A democratização e expansão da educação superior no país 2003-2014*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2014-pdf/16762-balanco-social-sesu-2003-2014>. Acesso em: 20 maio 2019.

FURTOSO, V. B.; PEREZ, M. *Languages without Borders Exchange Program (Pilot)*. Relatório Final apresentado ao Núcleo Gestor do IsF. 2018.

SARMENTO, S.; ABREU-E-LIMA, D.; MORAES FILHO, W. (org.). *Do Inglês sem Fronteiras ao Idiomas sem Fronteiras*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017.

ANEXO

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO | SECRETARIA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR |
PROGRAMA IDIOMAS SEM FRONTEIRAS

Termo de compromisso do participante do Programa Letras sem Fronteiras no âmbito do Programa Idiomas sem Fronteiras (IsF-Inglês) Edição: Piloto 2017-2018

Eu, _____ (nome completo), CPF _____, _____ (bolsista/ex-bolsista) do Programa Idiomas/Inglês sem Fronteiras da Universidade Federal _____ (nome da universidade), selecionado/a para participar da edição piloto do Programa Letras sem Fronteiras - LsF (Inglês) em 2017-2018, declaro estar ciente das seguintes atribuições do bolsista:

1. participar, obrigatoriamente, das atividades a serem realizadas em ambiente virtual, antes, durante e depois da participação efetiva no intercâmbio, para orientação, estudo e planejamento das ações a serem desenvolvidas através de projetos de atuação nas universidades estrangeiras e brasileiras, com a orientação e supervisão da coordenação do LsF;
2. dedicar, ao menos, uma carga horária de 03 (três) horas semanais para a execução das atividades de elaboração do plano e material a ser utilizado nas ações do intercâmbio;
3. atuar 20 (vinte) horas semanais como professor(a) assistente de ensino de português, ministrando oficinas, palestras, sessões de tutoria, sessões de conversação na instituição anfitriã/acolhedora, durante o período de intercâmbio, conforme seu plano de trabalho;

4. cumprir, durante o intercâmbio, o plano elaborado antes da partida e comunicar à coordenação LsF qualquer mudança que se faça necessária após a chegada na instituição a ser visitada;
5. ser responsável pelas minhas despesas pessoais;
6. elaborar documentos e relatórios sobre as atividades realizadas no âmbito do programa sempre que solicitado pela coordenação;
7. elaborar e executar o projeto de aplicação na minha instituição de origem, sob a supervisão da Coordenação IsF da instituição, a fim de compartilhar minha experiência e contribuir com a comunidade acadêmica local, como contrapartida, cumprindo uma carga horária total de 160 horas de atividades, distribuídas em carga horária semanal a ser acordada com a referida Coordenação IsF.

Declaro ter ciência dos direitos e das obrigações inerentes à qualidade de participante do Programa Letras sem Fronteiras – Piloto (Inglês) e COMPROMETO-ME a respeitar as cláusulas descritas nas atribuições do bolsista deste Termo de Compromisso sob pena de desligamento do Programa e restituição dos valores de bolsas recebidas.

_____, ____/____/____.
Local Data

Assinatura do Bolsista

Assinatura do Coordenador do ISF da Universidade Participante

ELAINE MARIA SANTOS
RODRIGO BELFORT GOMES
BEATRIZ GAMA RODRIGUES
EVA CAROLINE DA CUNHA
MARIANA PÉREZ
SÉRGIO IFA
VÂNIA SOARES BARBOSA

OS ENCONTROS INTERNUCLI NO
PROGRAMA IDIOMAS SEM FRONTEIRAS
Encontros e intersecções

Introdução

A globalização, de acordo com as pesquisas de Hall (2011), foi responsável pelo estreitamento dos espaços e tempos, de tal modo que as interações pessoais, profissionais e ocasionais não se restringem mais a localizações geográficas fixas. O estreitamento de laços vivenciado por essa sociedade pós-moderna é ainda mais evidente quando as pessoas estão conectadas por interesses em comum ou por um mesmo projeto ou programa. Ao analisarmos os ganhos advindos do Programa Idiomas sem Fronteiras (IsF) para a comunidade acadêmica, pensamos, de imediato, nas ações de internacionalização desenvolvidas, nos programas de formação de professores que são verificados em cada Núcleo de Línguas (NuLi), nas políticas linguísticas consolidadas a partir de 2018

em cada universidade credenciada ao Programa, nos idiomas que são contemplados e que oferecem cursos on-line e/ou presenciais, bem como provas de proficiência para alunos e servidores das Instituições de Ensino Superior (IES) envolvidas e no desenvolvimento linguístico verificado entre os participantes das mais diversas ações do IsF. O que talvez fique oculto, mas que deve ser valorizado e destacado, é a formação de uma grande rede de especialistas, capaz de unir seus participantes a partir dos mesmos objetivos, portarias normativas e sistema de gestão.

A constante e intensa troca de informações, experiências e práticas aproximou cada vez mais os membros dessa grande rede, seja por intermédio dos fóruns assíncronos, das reuniões semestrais que envolvem o Núcleo Gestor do Programa (NG) e os coordenadores gerais e pedagógicos, dos relatórios disponibilizados e/ou dos encontros InterNucLis, que foram criados por iniciativa dos coordenadores do Programa, com apoio do NG, como forma de oportunizar novos espaços para compartilhamento de experiências, privilegiando-se as falas, pesquisas e ações dos professores-bolsistas do IsF. Para melhor analisar a constituição dos InterNucLis do Programa, suas ações, resultados e impactos, é importante tecer, inicialmente, algumas considerações sobre a importância em se trabalhar com relatos de experiência, com a construção de uma memória do Programa, bem como com a ideia de rede de sociabilidade e de capital cultural. Após essa discussão inicial, contamos um pouco a história do IsF a partir dos InterNucLis que foram sendo criados em todas as regiões brasileiras, registrando, assim, o modo como tais encontros foram desenhados, as discussões que perpassaram esses eventos e o fortalecimento da rede de especialistas do Programa.

Para a construção de um relato de experiência e de memória sobre os InterNucLis do Programa Idiomas sem Fronteiras

Cada NucLi integrante do Programa IsF, apesar de seguir procedimentos e orientações gerais que são administrados pelo NG, vivencia uma realidade muito particular, em decorrência, por exemplo, do contexto no qual está inserido, das características próprias das IES, bem como dos espaços físicos e da logística disponibilizada pela reitoria. As histórias que são construídas precisam ser compartilhadas para auxiliar tanto os novos integrantes que são inseridos ao longo do tempo quanto Núcleos de Línguas IsF (NucLi) de outras instituições, que podem estar passando por situações similares. Esse diálogo interinstitucional é necessário e as falas que surgem dessas interações precisam ser consideradas como fontes de pesquisa para a construção de um Programa cada vez mais coeso e forte.

Assim sendo, Demo (2011) propõe uma nova definição para o termo pesquisa, que possa partir da ideia inicial de um “diálogo inteligente com a realidade, tomando-o como processo e atitude e como integrante do cotidiano” (p. 36-37). Para o autor, o termo “diálogo” deve ser cada vez mais empregado nas pesquisas científicas, de uma forma geral, por pressupor a “necessária comunicação e a socialização do saber”, possibilitando a disseminação de experiências e boas práticas e uma ligação mais estreita entre teoria e prática (Demo, 2011, p. 36-37, 39), com a possibilidade de difusão de novas alternativas sociais.

O Relato de Experiência (RE) deve ser compreendido como um importante espaço de discussões e compartilhamento de experiências e opiniões, capaz de criar uma narrativa científica própria de uma comunidade, nesse caso, do Programa Idiomas sem Fronteiras. Durante essa construção teórico-prática, processos

e produções subjetivas e individuais puderam ser discutidos e compreendidos de forma coletiva, e falas locais passaram a ser reproduzidas e testadas em outras IES, auxiliando a construir uma nova história do Programa, na qual não há um único ator responsável pelas práticas a serem seguidas. As novas “histórias” construídas passaram a ser compartilhadas com os integrantes do NG e, assim, difundidas com todos os integrantes da rede de especialistas formada. Essa ideia está em consonância com os achados de Daltro e Faria (2019), ao afirmarem que

os desenhos de pesquisa [construídos por intermédio dos REs] empenham-se em produzir conhecimentos que possibilitem a construção de generalidades; perspectiva associada a procedimentos que envolvem repetições, padronizações, construções teóricas, que contemplem categorias nas quais todos ou a maioria de indivíduos, ou processos, possam estar compreendidos enquanto fenômenos universais (Daltro; Faria, 2019, p. 224).

O Relato de Experiência está intimamente ligado à ideia de fortalecimento da memória como categoria científica a ser valorizada e incentivada. A junção dos relatos colhidos nos encontros dos NucLis realizados por todo o Brasil auxiliou o Programa a resgatar registros que poderiam ter sido esquecidos quando da troca de coordenadores ou mudanças de professores. A construção de um espaço que valorize o registro dessas memórias locais fortalece programas como o IsF, pois, além de possibilitar a participação dos professores bolsistas do Programa, que não estão presentes nos encontros oficiais semestrais do IsF, cujo público-alvo é composto por coordenadores gerais e pedagógicos, contribui para que práticas de sucesso sejam divulgadas e novas ações sejam sistematizadas. Busca-se, dessa forma, seguindo-se os pressupostos defendidos por Fentress e Wickham (1992), reestruturar os elementos elencados quando do compartilhamento das experiências

vividas por cada Núcleo de Línguas do IsF, de modo que possam ser lembrados, conservados, reordenados e, até mesmo, excluídos. Pesquisar sobre os InterNucLis, então, é pesquisar sobre memória, é registrar ações e emoções, é contar a nossa história, ou, ainda, é registrá-la, cheia de significados e funções, é também estarmos abertos(as) para que novas histórias sejam contadas, conforme já relatado por Nunes (2003):

As memórias que temos do trabalho ao qual nos dedicamos, das nossas reminiscências da infância, da escola em que estudamos, de todas as práticas vividas têm uma validade relativa, histórica, já que são construídas socialmente. A sociedade determina em boa medida como devemos desempenhar nossas funções e com que categorias vamos pensá-las, o que vale tanto para o indivíduo quanto para a coletividade. [...] O reservatório de informações acumuladas está disponível para ser usado, não apenas no sentido do consumo, mas também no sentido de gerar novas idéias e aí reside a potencialidade para criar e experimentar, também multiplicada de forma insuspeitável (Nunes, 2003, p. 10).

O Programa Idiomas sem Fronteiras foi constituído, inicialmente, como Inglês sem Fronteiras, por intermédio da Portaria nº 1.466, de 18 de dezembro de 2012 (Brasil, 2012) e, desde então, vem reunindo seus especialistas nos encontros semestrais de coordenadores gerais e pedagógicos, em que são dadas novas orientações; processos são discutidos; as atualizações do sistema são apresentadas; questões acadêmicas, pedagógicas e de gestão são discutidas; os números do Programa são analisados e as melhores práticas são compartilhadas. Esses encontros acabaram por criar, fortalecer e estreitar laços entre coordenadores que, na maioria dos casos, não se conheciam, mas que passaram a encontrar pontos em comum. Essas aproximações não aconteceram apenas entre coordenadores de uma mesma região, o que seria esperado em decorrência da proximidade ou situações similares. Aos poucos,

ficou evidente que uma verdadeira teia estava sendo construída, na forma de uma rede de sociabilidade, sendo esta entendida como as ligações existentes entre os membros do Programa IsF e a sociabilidade observada a partir das trocas entre esses participantes. Assim sendo, de acordo com Duarte *et al.* (2018), percebe-se um patrimônio cultural sendo construído, no qual ficam evidentes as escolhas, discursos identitários, estratégias, conflitos e afetos. Ao definir a importância da rede de sociabilidade nos espaços escolares, Carvalho (2013) destaca que essas redes são

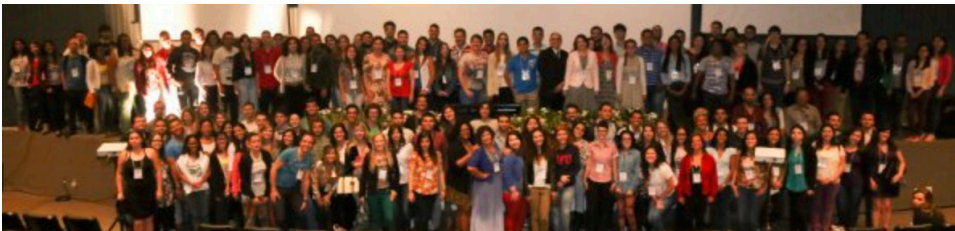
compostas por nós (pessoas), elos (relações) e por princípios organizadores, as redes são dinâmicas e complexas, formadas por pessoas e grupos que compartilham valores ou objetivos em comum e são interligadas de forma horizontal e predominantemente descentralizadas (Carvalho, 2013, p. 404).

E, quase que sem perceber, foi como passamos a nos reconhecer a partir dos encontros proporcionados pelo NG do IsF. Estamos envoltos no emaranhado da rede IsF, ligados e interligados por laços identitários e compartilhando os mesmos objetivos, na medida em que discutimos questões voltadas para os espaços formativos criados a partir do IsF. Assim, a participação, como coordenadores(as) das nossas instituições, nas reuniões semestrais em Brasília ou em São Paulo, evidenciou que havia e há, em todas as universidades federais, docentes querendo promover o desenvolvimento, em nosso caso, do ensino de inglês¹ para a comunidade acadêmica. O Programa IsF promoveu uma abertura inimaginável para que os sonhos, até então restritos localmente entre os professores coordenadores IsF, pudessem ser compartilhados com outros que possuíam os mesmos anseios. Esse compartilhamento abriu possibilidades de ação e fortalecimento para concretização de tudo que, aos poucos, estava sendo planejado. Não estávamos sós.

Durante os encontros, todos queriam expor e compartilhar dúvidas, acertos, sucessos e buscar soluções para os impasses locais com os quais não sabíamos lidar. No entanto, percebemos que as reuniões, apesar de importantes, deixavam lacunas a serem preenchidas. Notamos que as reuniões semestrais lidavam com a imensidade que é o nosso país, e o tratamento de questões tão particulares e locais não cabia, geralmente, em uma programação cheia de atividades essenciais para o andamento do Programa.

Em 2014, tivemos um grande encontro nacional do IsF, promovido pelo NG, não apenas restrito aos coordenadores gerais e pedagógicos, mas que também contou com a participação de diversos professores bolsistas, que puderam compartilhar suas práticas a partir da apresentação de pôsteres digitais, que foram avaliados e premiados. Dessa forma, paralelamente às discussões sobre questões de planejamento estratégico para o IsF, os bolsistas tiveram um espaço de discussão e de autoria no processo de fortalecimento do Programa. Esse sentimento gerado foi primordial para a criação dos InterNuCLis, uma vez que ficou evidente a necessidade de serem criados espaços discursivos para que as vozes e experiências desses professores fossem privilegiadas e uma nova rede de sociabilidade fosse também organizada.

Foto 1 - I Encontro Nacional do Idiomas sem Fronteiras, em 2014, em Brasília



Fonte: Idiomas sem Fronteiras, Galeria, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3nzurwN>. Acesso em: 15 dez. 2020.

Acreditamos, dessa forma, que os encontros nos vários NuLis foram propiciados e provocados pelas reuniões semestrais com o NG do IsF. Que excelente ideia foi a desses encontros. Nos InterNuLis, pudemos nos concentrar em trocar e ampliar as ações bem-sucedidas e pensar conjuntamente nas questões que nos incomodavam. No final de cada encontro, sempre saímos com a sensação de que éramos mais fortes por conta das interlocuções, para que novos conhecimentos pudessem ser construídos. Não percebíamos que o sucesso dos InterNuLis se devia ao foco que muitos coordenadores tinham: o de compartilhar o seu sucesso, as suas boas práticas, as suas ações locais. Em todos, o lema pode ser resumido a encontros em que todos ganham: *a win-win meeting*.

Os InterNuLis do Programa Idiomas sem Fronteiras

Ao falarmos sobre os InterNuLis e as contribuições desses encontros para as dinâmicas das IES participantes, não nos propomos a esgotar a temática, abordando em detalhes todos os eventos realizados no Programa. Nosso intuito é o de citar os InterNuLis realizados, destacando as instituições participantes e os trabalhos apresentados. Deter-nos-emos, em mais detalhes, nos eventos realizados no Nordeste, uma vez que foram esses os encontros nos quais os autores do presente capítulo participaram. É também necessário destacar que, em decorrência da grande extensão territorial do Brasil, os InterNuLis foram concebidos como um espaço de encontros regionais, de modo que o deslocamento dos professores bolsistas pudesse ser facilitado.

Ao falar sobre os InterNuLis, é importante registrar o pioneirismo da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), que, em 2014, antes mesmo da participação dos professores bolsistas do IsF no

I Encontro Nacional do Idiomas sem Fronteiras, em Brasília, realizaram dois encontros interinstitucionais, estreitando os laços entre as duas instituições mineiras e possibilitando o compartilhamento de experiências entre coordenadores e professores em torno de uma temática definida. A partir desse primeiro evento, vários outros foram realizados em outros estados, de modo que, em 2017, um novo encontro foi organizado a partir da mesma parceria estabelecida entre a UFU e a UFTM, conforme pode ser analisado no Quadro 1.

Quadro 1 - InterNucLis organizados pela UFU e pela UFTM, conjuntamente

	1º Encontro Interinstitucional dos NucLis da UFU e da UFTM	2º Encontro INTERNUCLI UFU e UFTM	3º Encontro INTERNUCLI UFU e UFTM
Data	18 de março de 2014	11 de julho de 2014	28 de julho de 2017
Local	UFU	UFTM	UFTM
Qtde de participantes	28	45	16
Público-alvo	Coordenadores IsF, Professores IsF e ETAs ²	Coordenadores IsF, Professores IsF e ETAs	Coordenadores IsF, Professores IsF e ETAs
Temática do evento	PROPELL WORKSHOP e práticas pedagógicas	Pesquisas no contexto do Idiomas sem Fronteiras	Produção de material didático para os cursos do Idiomas sem Fronteiras

Fonte: Elaborado pelos autores.

A Universidade Federal de Sergipe (UFS) sediou o primeiro Encontro dos Núcleos de Línguas do IsF do Nordeste, que reuniu representantes do programa da Universidade Federal de Sergipe (UFS), Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

O 1º InterNucLi do Nordeste ocorreu durante o III SEFELI – Seminário de Formação de Professores e Ensino de Língua Inglesa,

organizado pelo Linc – Grupo de Pesquisa Letramentos em Inglês: Língua, Literatura e Cultura, da UFS, no período de 05 a 07 de outubro de 2015. Entre os participantes, estavam professores bolsistas, coordenadores gerais e pedagógicos, assistentes de ensino americanos (Fulbright) e assistentes administrativos dos NuLis representados. Ao planejar esse evento, as coordenações dos NuLis da UFS, UFAL e UFPB pensaram em não propor uma temática única para o evento, e não houve a apresentação de trabalhos. Cada NuLi debateu sobre sua estrutura física, equipe, cursos, atividades internas de divulgação do Programa, além dos desafios enfrentados para a implementação das ações do IsF, uma vez que, como eram muitas as ideias e experiências de cada instituição, somente por intermédio do estabelecimento de sessões de debates essas questões puderam ser abordadas e todos os presentes tiveram a oportunidade de apresentar as suas impressões e experiências.

Foto 2 - 1º InterNuLi do Nordeste, na UFS, em 2015



Fonte: Acervo do NuLi da UFS.

O encontro significou uma oportunidade de troca de experiências buscando o fortalecimento de parcerias para as ações do Programa IsF nas três universidades nordestinas participantes, com foco principal na formação docente dos professores bolsistas, que são alunos de Letras/Inglês e Letras Português/Inglês. Após o evento, professores e coordenadores estreitaram ainda mais os laços acadêmicos em torno do IsF, com a intensificação das trocas de experiências entre esses NuCLis.

O Encontro InterNuCLi do Idiomas sem Fronteiras sediado na Universidade Federal da Paraíba foi realizado no período de 18 a 20 de novembro de 2015³ durante a realização do I Simpósio de Glotopolítica e Integração Regional, organizado pelo Núcleo de Estudos em Política e Educação Linguística (Nepel).

A organização desse Encontro InterNuCLi foi impulsionada pelos resultados positivos alcançados no evento anterior, ocorrido na Universidade Federal de Sergipe (UFS), e pelo interesse demonstrado pelos professores dos NuCLis em participar de outros espaços formativos dedicados ao Programa, nos quais representantes de outros estados pudessem estar presentes. Assim, com a realização do I Simpósio de Glotopolítica e Integração Regional na UFPB, houve a possibilidade de submissão de um Grupo de Trabalho (GT) sobre o Programa IsF, de modo que os coordenadores IsF das Universidades Federais da Paraíba (Profa. Dra. Mariana Pérez) e de Alagoas (Prof. Dr. Sérgio Ifa) submeteram e tiveram aprovada a proposta⁴ do GT “O Programa Idiomas sem Fronteiras (IsF): planejamento, implementação, avaliação, resultados, implicações e (im)possibilidades de ações”. Nesse encontro InterNuCLi, tivemos, então, a possibilidade de submissão de trabalhos a serem apresentados no evento, além de ter sido possível contar com a participação da presidente do Idiomas sem Fronteiras.

O GT tinha o objetivo de registrar as ações que vinham acontecendo no Programa, proporcionar um espaço de trocas de

experiências e uma oportunidade para que fossem discutidos desafios e perspectivas na esteira das reflexões sobre política linguística. Em outras palavras, buscávamos compartilhar discussões e reflexões sobre a formulação do IsF, implementação e interpretação no contexto de prática, resultados e efeitos. Os trabalhos enviados para o GT "Políticas de Ensino de Línguas nas Universidades: desafios e avanços do Programa Ciência sem Fronteiras" foram incorporados ao GT sobre o IsF, havendo, ao todo, a submissão de 26 de trabalhos vindos de várias instituições de diferentes estados⁵, como podemos verificar no Quadro 2.

Quadro 2 - Trabalhos submetidos para o InterNucli da UFPB, em novembro de 2015

Título do trabalho	Autor(es) / IES
O Inglês sem Fronteiras UFPB e a formação docente: interpretações de uma política nacional a partir de ações locais	Mariana Pérez (UFPB)
Espaços de formação pedagógica no Núcleo de Línguas (NUCLI) do Programa Inglês sem Fronteiras na UFPB	Fábio Alexandre Silva Bezerra (UFPB)
Produção de material didático e formação docente: a experiência de um núcleo de línguas do Programa IsF	Suênio Stevenson Tomaz da Silva (UFCG)
Impactos do Programa Inglês sem Fronteiras na UFRR: ressignificação do global por atitudes locais	Fabício Tetsuya Parreira Ono (UFRR)
O Programa Francês sem Fronteiras e a formação discente no curso de letras da UFC	Ticiania Telles Melo (UFC)
Um ano do Programa Idiomas sem Fronteiras na UFCG: planejamento, implementação, avaliação, resultados, implicações e (im)possibilidades	Secundino Vigón Artos, Suênio Stevenson e Lino Dias Correia Neto (UFCG)
Língua alemã como atividade de extensão na UFPB: (im)possibilidades de ações efetivas frente ao Programa ISF	Rosilma Diniz Araújo Bühler, Érika Fabricia Coutinho Lucena e Vinícius Laurindo Dos Santos Pereira (UFPB)
ISF: o Programa, seus desafios, ações e reações	Sílvia Regina Gomes Miho (UFGD)
Políticas linguísticas e Inglês sem Fronteiras em tempos de neoliberalismo: que internacionalização queremos?	Sérgio Ifa (UFAL)
Implicações do Programa ISF no contexto da UFPB: análise de uma política linguística	Karyne Soares Duarte Silveira (UFPB)

O IsF e seus compassos desiguais de implementação	Mariza Zanini (UFPel)
O Programa Francês sem Fronteiras e a preparação para a vida acadêmica em instituições francófonas: propostas e desafios	Katia Ferreira Fraga (UFPB)
A UFPE e o processo de internacionalização através do BRAFITEC no Programa CsF: formação linguística e acadêmica de estudantes brasileiros	Joice Armani Galli e Nadège Bouchonneau (UFPE)
As implicações pedagógicas do Programa Inglês sem Fronteiras na prática profissional dos professores em formação: caso do NUCLI-UFPB	Ana Gêrda Moreira e Priscilla Costa (IsF-UFPB)
Perspectivas didáticas para o ensino no Programa Inglês sem Fronteiras	Bruno Maiorquino Silva (UEPB)
Formação docente no âmbito do Programa IsF-UFPB: foco no estágio supervisionado	Marcelo Arturo Costa Alvarado (IsF-UFPB)
O Programa IsF-UFPB: considerações sobre ofertas de cursos presenciais	Paola Catherine Kogiaridis Ewald, Ana Flora Ferreira Rocha e Ingrid Hilario (IsF-UFPB)
Motivando alunos e professores com aulas gamificadas no núcleo de línguas UFAL	Rita de Cássia Couto Medeiros Portugal e Lianna Maria Tavares de Lacerda (IsF/UFAL)
O impacto das aulas de inglês usando gamificação no Núcleo de Línguas UFAL: a visão dos alunos a essa nova perspectiva	Benyelton Miguel dos Santos e Diogo Fagundes Barros (IsF/UFAL)
Uma análise do uso de gamification com letramento crítico em inglês: fórum online no núcleo de línguas da UFAL	Kellyson Wesley da Silva e Lucas Alves Barbosa (IsF/UFAL)
Práticas de letramento e de gamification para a produção oral em língua inglesa dos alunos do projeto CCC e NucLi da UFAL	Alex Sandro Batista dos Santos e Jackson Feitosa da Silva (IsF/UFAL)
Ofertando oportunidades: o gerenciamento de cursos e turmas do Programa IsF na UFPB	Anderson Alves de Souza (UFPB)
O Programa Inglês sem Fronteiras na UFS e os ETAs: extrapolando as questões linguísticas	Elaine Maria Santos e Rodrigo Belfort Gomes (UFS)
NucLi UFS: analysis and ideas	Jacques Rudolf Manz Junior e Sérgio Murilo Fontes Oliveira Filho (UFS)
Analisando a interação ETAs-professores do NUCLI na Universidade Federal da Paraíba	Idmanti Torres-Robles e Michelle Quinones-Rico (ETAs/IsF/UFPB)
Impressões sobre o estrangeiro: análise semiótica de estudantes do Programa Ciência Sem Fronteiras e suas contribuições para o NUCLI da UNIFESSPA ⁶	Suellen Cordovil da Silva (UNIFESSPA)

Fonte: Elaborado pelos autores.

Pelos títulos dos trabalhos, é possível verificar a variedade de temas que foram propostos nos GTs. Identifica-se o foco em diferentes facetas do Programa, como questões pedagógicas diversas, estruturais (como os sistemas em desenvolvimento para gerenciamento do Programa) e de impactos da internacionalização, reflexões sobre a formação docente, experiências com o Programa de *ETA*, além da problematização da participação de outras línguas e expansões e impactos das ações do Programa IsF a partir de experiências locais. Esses trabalhos foram apresentados dentro da Programação do Simpósio com a participação, também, da presidente do Programa, tendo os trabalhos dos bolsistas IsF sido apresentados nas reuniões realizadas no turno oposto ao do GT como parte do Encontro InterNuLi.

Foto 3 - InterNuLi realizado na UFPB, em novembro de 2015, com a participação de coordenadores e professores bolsistas da UFPB, UFS, UFAL, UFRR e UFCG



Fonte: Acervo do NuLi da UFPB.⁷ Disponível em: <https://bit.ly/2pSLfFY>. Acesso em: 15 dez. 2020.

No dia 20 de novembro, a presidente do Programa IsF proferiu, na UFPB, a palestra intitulada “O Programa Idiomas sem

Fronteiras: Políticas Linguísticas e Internacionalização”⁸, que teve a participação da comunidade acadêmica da UFPB, além de participantes do Simpósio de Glotopolítica e dos NuCLis IsF presentes no Simpósio.

No ano seguinte, o Nordeste sediou um outro InterNuCLi, dessa vez na Faculdade de Letras (FALE) da UFAL, nos dias 15 e 16 de dezembro. O IV Encontro InterNuCLi (IsF)⁹ foi realizado juntamente com a V Jornada Nacional de Formação de Professores de Línguas, organizada pelo Grupo de Pesquisa LET – Letramentos, Educação e Transculturalidade, e teve a presidente do Programa na mesa de abertura do evento e como ministrante da conferência do dia 16 de dezembro com o trabalho "O programa Idiomas sem Fronteiras: políticas linguísticas e internacionalização", dando início ao ciclo de comunicações orais sobre o IsF.

Foto 4 - Mesa de abertura do IV Encontro InterNuCLi (IsF) e V Jornada Nacional de Formação de Professores de Línguas



Fonte: Acervo do NuCLi IsF da UFAL. Disponível em: <https://bit.ly/3no5nIK>. Acesso em: 15 dez. 2020.

Nove professores bolsistas de língua inglesa dos NuLi da UFS e da UFAL apresentaram comunicações orais sobre temáticas relacionadas às suas práticas no Programa, expondo suas experiências e apresentando os resultados de suas pesquisas em andamento. Todos os trabalhos foram apresentados na língua inglesa e tinham como foco reflexões sobre as práticas dos bolsistas em suas salas de aula. Muitos dos integrantes desse InterNuLi já tinham participado das edições anteriores, na UFS e na UFAL, e era notória a constatação da importância que esses eventos tinham para os professores bolsistas, que se mostravam cada vez mais conectados ao Programa e mais integrados com as ações desempenhadas em cada NuLi.

Quadro 3 - Trabalhos apresentados no InterNuLi da UFAL, em dezembro de 2016

Título do trabalho	Autor(es) / IES
TED Talks and the English Teaching in the Languages without Borders at UFS	Luana Inês Alves Santos Sergio Murilo Fontes de Oliveira Filho (UFS)
Games and the affective factor in the second language acquisition process: the ISF UFS case.	Flávio Bezerra Soares Hellen Luciana de Oliveira (UFS)
Southern Epistemologies, Gamification & Critical Literacy: innovating English as an additional language teaching at ISF UFAL	Benyelton Miguel dos Santos (UFAL)
How much do we know about our own teaching?	Kellyson Wesley da Silva Jacksson Feitosa da Silva (UFAL)
Using social media and critical literacy to enhance UFAL students' English	Lucas Alves Barbosa (UFAL)
How about using critical literacy and songs/ videos to teach English?	Lizandra de Albuquerque Correia (UFAL)

Flipping our classroom at ISF UFAL: experiences to reflect upon	Antonio Marcos Otaviano de Lima Júnior João Victor da Silva (UFAL)
Gamification and Critical Literacy in use at ISF UFAL: reflections and redesign	Diogo Fagundes Barros (UFAL)
Should hatred for intelligence be considered anti-intellectualism? A language study case.	Alex Sandro Batista (UFAL)

Fonte: Elaborado pelos autores a partir do site <https://vjnfpj.wixsite.com/vjornadanaacional/apresentacoes-InterNuLi>.

Nos dias 21 e 22 de agosto de 2017, o Núcleo de Línguas da UFRGS (NuLi – UFRGS) sediou um Encontro InterNuLi do Programa Idiomas sem Fronteiras¹⁰. O evento contou com a participação de coordenadores gerais, coordenadores pedagógicos e professores dos Núcleos de Línguas das universidades federais da região Sul do país e teve como objetivo o fortalecimento de parcerias e discussão de estratégias a serem implementadas nos NuLis das universidades federais credenciadas, para a “formação de professores, avaliação de aprendizagens e desenvolvimento de currículos e materiais”¹¹ de acordo com o site do evento.

Durante o encontro, foram apresentadas as funcionalidades do Ambiente Virtual de Aprendizagem de acesso livre LUMINA Idiomas, que foi desenvolvido pelo NuLi UFRGS em parceria com a Secretaria de Educação a Distância (SEAD) da UFRGS. O evento contou com a participação de convidados internacionais, bem como representantes da ETS, que é a empresa responsável pela preparação e distribuição das provas de proficiência do TOEFL ITP. As palestras proferidas variaram contemplando, por exemplo, questões relacionadas à Linguística de Corpus, bem como discussões sobre provas de proficiência e internacionalização, conforme pode ser conferido no Quadro 4.

Quadro 4 - Conferências proferidas no InterNuLi da região Sul, na UFRGS, em 2017

Título das conferências proferidas	Autor(es) / Instituição de origem
How can language learners benefit from <i>corpora</i> (or not)	Profa. Dra. Ana Frankenberg-Garcia / Universidade de Surrey, no Reino Unido
Engaging and effective approaches to language teaching inspired by contemporary linguistic theories and research	Prof. Dr. Dilin Liu / Universidade do Alabama, EUA
Investigando variação disciplinar em inglês acadêmico através da linguística de corpus	Prof Dr. Vander Viana / Universidade de Stirling, no Reino Unido
O Programa Idiomas sem Fronteiras como Residência Docente: compromisso com a formação de profissionais para a internacionalização	Profa. Dra. Denise Abreu-e-Lima / UFScar
Avaliação de proficiência em língua inglesa por meio do TOEFL IBT	Prof. Edson Canela / ETS
Análise de <i>corpora</i> online e desenvolvimento de materiais para fins acadêmicos	Prof Dr. Vander Viana / Universidade de Stirling, no Reino Unido
A lexicogrammatical approach to academic written English: the case of prenominal compound modifiers	Prof. Dr. Dilin Liu / Universidade do Alabama, EUA

Fonte: Idiomas sem Fronteiras, UFRGS-Inglês, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2WjPUNW>. Acesso em: 15 dez. 2020.

O II InterNuLi/NE ocorreu na Universidade Federal de Pernambuco, nos dias 26 e 27 de outubro de 2017. Apesar de ter sido registrado como segunda edição de InterNuLis no Nordeste, três outras edições já tinham sido realizadas, conforme destacado anteriormente. Cada IES se mobilizou como pôde para trazer, além do(s) coordenador(es), os professores bolsistas, seja como ouvintes ou apresentadores de trabalhos. Muitos bolsistas estavam em sua primeira experiência de iniciação científica e viram no evento uma oportunidade de mostrar o resultado de suas pesquisas acadêmicas iniciais.

O evento contou com a presença de 11 instituições, 16 coordenadores (entre coordenadores gerais e pedagógicos), 39 professores

bolsistas apresentando trabalho, um público diário de cerca de 125 pessoas e uma coordenadora do Programa Letras sem Fronteiras (LsF)¹². As instituições participantes foram: UFPE, UFRPE, UFRN, UFPB, UFPI, UFAL, UFS, UFBA, UFERSA, UPE e UNEB, sendo esta última com representação apenas da própria instituição e não do NuLi, já que, na ocasião do evento, não estava credenciada ao Programa. Também esteve presente durante todo o período a presidente do IsF, que falou sobre a história e relevância do Programa considerando o cenário de ensino de línguas no país e deu uma perspectiva futura das ações que seriam implementadas.

Foto 5 - II InterNuLi/NE, realizado na UFPE, em outubro de 2017



Fonte: Acervo do NuLi da UFPE.

Além das comunicações orais, algumas mesas-redondas foram realizadas, tendo a presença dos coordenadores dos NuLis participantes, bem como da presidente do programa e a coordenação do Programa Letras sem Fronteiras. As temáticas trabalhadas foram: línguas na universidade pública: desafios e perspectivas futuras e política linguística na internacionalização: reflexões e implicações. A professora Mariana Pérez, professora vinculada à UFPB, mas que, na ocasião, representou a coordenação do piloto do LsF formada por ela e pela professora Viviane Furtoso (Universidade

Estadual de Londrina), discutiu, nesta última mesa, sobre a proposta do LsF no âmbito das Políticas Linguísticas dentro do IsF, apresentou como estava se estruturando o projeto piloto e apontou reflexões sobre os possíveis impactos dessa iniciativa. No Quadro 5, é possível conferir as temáticas das mesas redondas, bem como as instituições participantes.

Quadro 5 - Palestra de abertura e mesas redondas do II InterNuLi/NE, realizado na UFPE, em outubro de 2017

	Temática da palestra ou mesa-redonda	Professores / Instituição
Palestra de abertura	O ensino de línguas na universidade pública: desafios e perspectivas futuras	Julia Larré (UFRPE)
Mesa-redonda 1	Formação de professores	Profa. Elaine Maria Santos (UFS) Fernanda Mota Pereira (UFBA) Vânia Soares Barbosa (UFPI)
Mesa-redonda 2	Para quê política linguística na internacionalização: reflexões e implicações	Denise Abreu-e-Lima (UFSCar) Mariana Pérez (UFPB) Sérgio Ifa (UFAL)

Fonte: Elaborado pelos autores.

Os professores bolsistas discorreram sobre suas pesquisas e relatos de experiência em apresentações ricas em teoria e aspectos da prática docente. Os impactos das apresentações puderam ser notados ainda durante o evento, com muitas perguntas e interação entre os participantes, mas os relatos do pós-evento são ainda mais animadores. Os professores aproveitaram muitas das experiências trocadas para incrementarem suas práticas docentes e até mesmo seus arcabouços de pesquisa. Importante citar, ainda, o impacto para os coordenadores gerais e pedagógicos, pois as discussões evidenciaram as características de cada realidade de trabalho e como nossas ações poderiam ser melhoradas a partir dos modelos apresentados. À época, os desafios para consolidar e ampliar o

Programa nas instituições eram os mais diversos e as discussões nortearam vários encaminhamentos que puderam ser feitos pelos coordenadores em seus contextos.

Julgamos que o evento atingiu metas para além do conteúdo compartilhado. O sentimento de pertencimento e de colaboração entre parceiros de trabalho da região Nordeste fortaleceu elos que perduram até hoje e que não se criam virtualmente. Os eventos foram decisivos para a criação de uma rede de especialistas que primou pelas trocas de conteúdo e experiências, fortalecendo as ações do Programa, mas, sobretudo, a área de ensino de línguas estrangeiras.

Quadro 6 - Comunicações orais do II InterNucLi/NE, realizado na UFPE, em outubro de 2017

Título das Comunicações Orais	Autor(es)	IES
Body language in academic interactions: a case study	Isabelle Santos	UFPE
Strategies for Teaching Speaking and Listening through a TV series episode	Fátima Luiza	UFPE
The Facilitating Role of L1 in EFL Classes: teaching writing structure and style	Ana Karolina	UFPE
Critical literacy and English language learning at NucLi-UFAL: actions and meaning-making	Rebecca Azevedo Severiano Natália Muniz do Amaral Schardosin Luciano Mendes Duarte Júnior	UFAL
Gamification and critical literacy in English language learning at NucLi-UFAL: is that possible?	Diogo Fagundes Barros	UFAL
NucLi-UFAL: actions, reflections and outcomes	Rita de Cássia Couto Medeiros Portugal	UFAL
Flipping classroom at NucLi-UFAL	Lizandra de Albuquerque Correia Antonio Marcos Otaviano de Lima Junior	UFAL

Blending English specific purposes and critical literacy at Nucli-UFAL	Lucas Alves Barbosa	UFAL
Decoloniality and social justice: perspectives on internationalization at the Nucli-UFAL	Benyelton Miguel dos Santos	UFAL
A criação dos cursos no Nucli-UFPE em 2014 e os impactos dessa experiência na formação de professores	Philippe Araújo	UFCG
Ensino e aprendizagem de língua inglesa no interior pernambucano: relatos de experiências	Lorrayne Johanson de Abreu Deustar Augusto Carvalho Alves	UFRPE
Inglês para fins acadêmicos no Programa Idiomas sem Fronteiras	Camila Oliveira Campos de Azevedo	UFBA
Collaborated teaching as an effective method for basic English students	Ana Clara Moura e Silva Denise Mendes Pinheiro	UFPI
The advantages of using authentic material in the classroom	Isabella Nojosa Ribeiro Isadora Teles de Oliveira Gouveia	UFPI
Class preparation as a tool to avoid dropouts: EWB-UFS	Hellen Luciana de Oliveira lane da Silva Santos Franklin Correia de Oliveira Júnior	UFS
How 'gamification' can be used to enhance the process of learning English as a foreign language	Alessandro Márcio dos Santos Costa	UFPI
Producing classroom material for language teachers	Christina Goncalves Sebastiao	UFPI
Production of classroom teaching material for English language teachers	Igor Cunha Rocha	UFPI
O impacto de atividades gamificadas com kahoot sobre a aprendizagem de inglês como L2	Aretha Kadichari Dantas Melo Juliana Geyzy de Souza	UFRN
Rewriting paragraphs: a case study on lower level learners of EFL	Luiz Antonio Barbosa Tavares de Lucena	UFPE
Proficiency tests in an EFL classroom: a case study	Bianca de Carvalho Lopes Barros	UFPE

Teacher development: classroom experiences	Tammara Thais de Sousa Oliveira Isabella Dantas Vasconcelos da Silva Matheus Trindade dos Santos	UFPB
Using the board in the EFL classroom: strategies	Isabor Meneses Quintiere Rodrigo Pozzobon de Albuquerque Lima Francisca Raquel Alves Moreira	UFPB

Fonte: Elaborado pelos autores.

No segundo semestre de 2018, tivemos a realização de três InterNucLis, sendo um na região Sudeste e dois na região Nordeste. O primeiro deles, sediado na UFRJ, ocorreu nos dias 30 e 31 de agosto e foi chamado de *InterNucLi English Regional Meeting RJ – ES: pre-service teacher empowerment in Language without Borders EAP context*, recebendo participantes da UFRJ, UFF, UFRRJ, UNIRIO e UFES.

O evento foi organizado tendo como escopo uma conferência de abertura proferida pelo coordenador pedagógico da UFRJ, o prof. Dr. Rogério Tílio, cinco sessões de comunicação oral com os trabalhos dos professores bolsistas do Programa, sendo cada uma conduzida por um coordenador dos cinco NucLis envolvidos e uma conferência de encerramento da presidente do Idiomas sem Fronteiras. Os títulos dos trabalhos apresentados podem ser consultados no Quadro 7.

Quadro 7 - Trabalhos apresentados no InterNucLi English Regional Meeting RJ – ES, em agosto de 2018

Títulos dos trabalhos apresentados	Autor (es) / IES
Idiomas sem Fronteiras as a Linguistic Policy and a Space for Teacher Education	Rogério Tílio / UFRJ
A personal report on a month experience of academic English teaching at ISF-UNIRIO	Flora Rabelo Moreira da Silva / UNIRIO
Proficiency exams - speaking and reading practice	Livia Vianna e Luciana Possas / UFF

Oral education: EAP and oral genres at Idiomas sem Fronteiras context	Thais Sampaio Victor da Côte / UFRJ
Building oral presentations and increasing student's confidence	Daniel Vieira / UFRJ
Inclusive teaching at ISF	Caroline Chads Patrícia Cabral / UFF
Digital technologies and EAP	Maria Clara Schaeffer e Paulo Leal / UFF
The semantics of progressive morphology in EAP written productions in the context of the Language Without Borders program	Matheus Gomes Alves / UFRJ
Reports on activities aiming at teaching pronunciation of silent "e" on Language Without Borders program	Fernanda Tavares Cabral Marcos Aurélio Marins Patrício UFRRJ
Analysis of students' perspective towards EAP materials adopted by reading comprehension courses from Language Without Borders Program	Ana Beatriz de Souza Bruna Carreira Igor de França / UFRJ
Reflecting our students' "puzzles" in an exploratory practice point of view	Leticia Pimentel Priscila Mateini / UFRJ
Implications on the collaborative creative and critical process of material design in the building of the teacher in ISF program	Beatriz da Silva Fogliano Rafaela da Costa Rodrigues / UFRRJ
Orality in the English Without Borders program: How students and teachers work together	Ana Sara Manhabusque Galvão Manuela Stein Entringer de Almeida Costa Rovena Naumann Zanotelli UFES
Is it a complex ISF? The Chaos Theory's perspective into EFL teaching	Leonardo Cabral / UFRRJ
Course development as a practice of teachers' empowerment and autonomy	Douglas Freitas dos Santos Mariana Luisa Barros Soares UFES
Language Without Borders: Past, Present and Future	Denise Abreu-e-Lima

Fonte: Elaborado pelos autores.

Foto 6 - InterNuLi English Regional Meeting RJ – ES, em agosto de 2018



Fonte: Acervo do NuLi da UFRJ.

A Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC sediou, no período de 24 a 26 de setembro de 2018, o *Interculturalité, enseñanza de lenguas e política linguística*, que foi realizado juntamente com o I Encontro InterNuLi IsF das Universidades Estaduais Baianas, sendo esse encontro uma iniciativa e organização dos NuLi-IsF da UESC e da UEFS.

Algumas mesas-redondas, comunicações orais e workshops do evento¹³ foram dedicados a discussões sobre as questões que envolvem a dinâmica de funcionamento dos NuLis, as experiências vivenciadas e a elaboração de materiais didáticos, conforme pode ser verificado no Quadro 8, no qual são relacionados todos os trabalhos apresentados com integrantes dos referidos Núcleos de Línguas.

Quadro 8 - Trabalhos apresentados no I Encontro InterNucLi IsF das Universidades Estaduais Baianas, realizado na UESC, em setembro de 2018

Título do Trabalho	Natureza do trabalho	Autor(es)
<i>Política Linguística Universitária</i>	Mesa-redonda	Iranildes Almeida de Oliveira, Mellissa Moreira Figueiredo Barbosa, Liz Sandra Souza e Souza - NucLi-HsF-UEFS Isaias Francisco de Carvalho (UESC) Alex Sandro Beckhauser (UEFS)
<i>O Programa ISF nas Estaduais Baianas (UEFS e UESC)</i>	Mesa-redonda	Iranildes Almeida de Oliveira (UEFS) Isaias Francisco de Carvalho (UESC)
<i>Elaboração e edição de material didático</i>	Workshop	Iranildes de Almeida Oliveira Mellissa Moreira Figueiredo Barbosa Diogo Rammon Correia de Freitas NucLi-HsF-UEFS
<i>English for Specific Purposes: o inglês para leitura acadêmica</i>	Workshop	Profa. Ms. Cláudia Pungartnik Daniel Pereira Passos Antônio Marinho dos Santos Neto NucLi-HsF-UEFS
<i>We shine together, we shine forever: Experience report on Star Cluster - English language club at UEFS</i>	Comunicação oral	Diogo Rammon Correia de Freitas NucLi-HsF-UEFS
<i>Saberes y sabores en el proceso de enseñanza-aprendizaje de la lengua española - NucLi-HsF/UEFS</i>	Comunicação oral	Aislan dos Santos Aquino Aline Freitas Luciane Santos Soares NucLi-HsF-UEFS

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de <http://bit.ly/3gMxHCl>.

Ainda no Nordeste, foi realizado, nos dias 13 e 14 de dezembro de 2018, o I Encontro InterNucLi do Programa Idiomas sem Fronteiras (IsF) Ceará, na Universidade Federal do Cariri (UFCA). O evento foi organizado pelo NucLi-UFCA e contou com a participação de coordenadores gerais, coordenadores pedagógicos e

professores dos Núcleos de Línguas das universidades federais e estaduais cearenses e de estados vizinhos.

Nos dois dias de evento, os participantes inscritos tiveram a oportunidade de assistir a algumas palestras proferidas por professores convidados e por professores bolsistas do NuLi da UFC com a abordagem de temáticas variadas, tais como gamificação, educação inclusiva e materiais didáticos, conforme apresentado no Quadro 9.

Quadro 9 - Trabalhos apresentados no I Encontro InterNuLis do Programa Idiomas sem Fronteiras (IsF) Ceará, em dezembro de 2018

Título dos trabalhos apresentados	Autor(es) / IES
Uso de jogos e de gamificação em aulas de línguas	Valeska Virgínia Soares Souza – UFU
Educação para inclusão a partir de uma perspectiva narrativa	Valeska Virgínia Soares Souza – UFU
Materiais didáticos para o ensino de idiomas	Professor Dr. Rogério Casanovas Tilio – UFRJ
Indícios de estabilização da língua inglesa por alunos de idiomas, podemos ajudar a reverter esse quadro?	João Tobias Lima Sales – UECE
Formação a distância para professores IsF	Avram Stanley Blum – UnB
Materiais didáticos gratuitos oferecidos online	Avram Stanley Blum – UnB
Inteligência artificial e a teoria da atividade: o uso de um Chatterbot no aprendizado de Língua Inglesa	Juliana Lopes Gurgel – Bolsista NuLi UFC
Proposta de ensino do uso de Noun Phrases (NP) em cursos de compreensão e produção escrita	Professor Matheus Lima Mendes – Bolsista NuLi UFC
Caminhos da internacionalização na UFC: de 2012 até hoje	Juliana Lopes Gurgel e Matheus Lima Mendes – Bolsistas NuLi UFC
A competência comunicativa e o ensino de Língua Estrangeira	Dr. Virgílio Almeida – UnB

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de <https://InterNuLiisf.ufca.edu.br/>.

O InterNucLi Piauí¹⁴ foi realizado nos dias 29 e 30 de abril de 2019, na UFPI, tendo tido a participação da presidente do IsF, bem como de coordenadores e professores bolsistas de vários Estados, como Bahia, Sergipe, Alagoas, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco. Foi o primeiro InterNucLi do Nordeste, no qual apresentações a distância foram oportunizadas, de tal forma que bolsistas com dificuldades de locomoção para Teresina puderam apresentar seus trabalhos por Skype. Consideramos que a participação desses bolsistas, ainda que a distância, foi muito importante, porque não somente puderam apresentar atividades que realizam em suas universidades como também tiveram a oportunidade de refletir de forma científica sobre as ações que estão promovendo para o desenvolvimento do ensino-aprendizagem de línguas e em sua formação como professores no Programa IsF.

Foto 7 - Abertura do InterNucLi Teresina, em 29 de abril de 2019



Fonte: Acervo do NuLi da UFPI.

A presidente do Programa proferiu a palestra de abertura “Programa Idiomas sem Fronteiras: História e perspectivas”. Em um relato envolvente, a professora descreveu diferentes momentos do Programa ressaltando sua relevância para a formação

de professores de idiomas nas universidades brasileiras, considerando, inclusive, que foi o primeiro programa nacional que valorizou efetivamente os estudantes dos cursos de Letras, disponibilizando, para os professores bolsistas selecionados, bolsas com o mesmo valor que as oferecidas para estudantes de Mestrado. Ela também destacou as parcerias internacionais que o Programa conquistou com países diversos, tais como Canadá, Estados Unidos da América, Reino Unido, França, Itália, Japão e Alemanha. Outra questão abordada pela presidente do IsF foi o avanço no ensino de português para estrangeiros nas universidades brasileiras.

Foto 8 - InterNuLi Teresina, em 29 de abril de 2019



Fonte: Acervo do NG. Disponível em: <http://bit.ly/2Kq0ZdJ>. Acesso em: 15 dez. 2020.

As apresentações dos professores bolsistas destacaram atividades desenvolvidas para o ensino-aprendizagem de língua inglesa no Programa IsF, que envolviam pesquisas acadêmicas, conhecimento de arcabouço teórico, elaboração de material didático e outras ações que fazem parte do cotidiano do profissional de línguas crítico e reflexivo, que desejamos formar nas nossas universidades. Ademais, as apresentações revelaram o efeito dessas ações para a promoção do desenvolvimento linguístico dos

participantes, o que é um dos principais objetivos do Programa Idiomas sem Fronteiras.

Quadro 10 - Trabalhos apresentados no InterNucLi Piauí, em abril de 2019

Título dos trabalhos apresentados	Autor(es) / IES
Os benefícios do método de co-teaching para a formação de novos professores	Maria Eduarda Sousa Santos e Sérgio Murilo Rodrigues dos Santos (UFPI)
Imagem em Ação: como utilizar o visual para promover a linguagem em cursos de produção oral no Programa Idiomas sem Fronteiras	Joaquim Augusto Alencar de Brito (UFPI)
Sequências didáticas no NuLi UFPI: ponto de partida e reflexões	Isadora Teles de Oliveira Gouveia (UFPI)
Os impactos do curso Inglês sem Vergonha para o Programa Idiomas sem Fronteiras no contexto do NuLi UFPI	Igor Cunha Rocha e Rodolfo Pinheiro Torres (UFPI)
Gamification and L2 Vocabulary Learning: The Vocabox experience in the English without Borders Context	Lucas Victor de Oliveira Araújo e Frank Aleixo (UFRN)
Transformação do material didático no ensino de inglês: o caso IsF-UFS	Nayara Stefanie Mandarino Silva (UFS)
O desenvolvimento do Programa Idiomas sem Fronteiras: um estudo sobre o IsF-UFS	Sanmires Santos Souza (UFS)
Co-teaching: A reflexive output of ISF teachers' practices	Rodrigo Pozzobon e Tammara Oliveira (UFPB)
O Francês para objetivo universitário na UFAL: duas experiências no nível A1	Lucas Ferreira Gois e Enézia de Cássia de Jesus (UFAL).
Le parcours de production d'un cours en FOS pour l'archéologie	Mariana Eufrazina Pimentel (UFPI)
A análise de necessidades linguísticas no ensino-aprendizagem de língua francesa com objetivo específico na Serra da Capivara, Piauí	Elias Barroso da Silva Júnior e Gabriel Mathews Sales de Sousa (UFPI)

Fonte: Elaborado pelos autores.

Além das sessões de comunicações, os coordenadores dos NucLis dos estados participantes apresentaram alguns trabalhos relacionados às práticas que são desenvolvidas no Programa IsF em cada universidade. Primeiramente, os professores Elaine Maria Santos e Rodrigo Belfort Gomes, coordenadores do IsF-UFS,

apresentaram a palestra “Best Practices no Inglês sem Fronteiras – UFS: Um caso de sucesso”¹⁵. Foram discutidas questões relacionadas à divulgação, matrículas, controle de frequência e de aprendizagem dos alunos, redução de desistência/evasão de alunos.

Algumas mesas-redondas foram também realizadas, como uma sobre ensino-aprendizagem de língua inglesa para fins acadêmicos, ministrada pela Profa. Eva Caroline da Cunha (UFPE) e pelo Prof. Sérgio Ifa (UFAL), e uma segunda mesa, também com enfoque no ensino acadêmico, com as professoras Marília Varella Bezerra de Faria (UFRN) e Fernanda Mota Pereira (UFBA).

Ao final do InterNuLi, tivemos a sensação de que a participação de todos (coordenadores, professores bolsistas e voluntários) foi essencial para o bom resultado do evento. Nada teria sido realizado na UFPI se todos não tivessem se envolvido desde o início, buscando colaborar para o sucesso das atividades realizadas. Acreditamos que todos os presentes saíram motivados, com ideias para a continuação de suas ações de formação de professores de línguas estrangeiras para estudantes de Letras, tornando-os conscientes do seu papel junto ao desenvolvimento linguístico e profissional de discentes, professores e técnicos-administrativos das nossas instituições. As equipes perceberam que participam de um Programa que deve ser valorizado por sua contribuição imensurável para a internacionalização das instituições de ensino superior brasileiras.

Os resultados obtidos com o Encontro Nacional do IsF em 2014, que reuniu professores bolsistas de vários NuLis, continuaram a reverberar nas nossas práticas diárias na tentativa de reunir, novamente, esse mesmo público. Imbuídos nesse sentimento, o NuLi da UFU conseguiu, em 2018, realizar o I ENPISF¹⁶, Encontro Nacional de NuLi do Programa IsF. Esse Encontro, ao contrário dos demais, buscou ser mais abrangente, por prever a realização de um evento nacional, contemplando palestras de coordenadores

do Programa, bem como sessões de comunicação oral dos professores bolsistas de todos os idiomas.

Foto 9 - I ENPISF - Encontro Nacional de NuLi do Programa IsF, em outubro de 2018



Fonte: Acervo do NG. Disponível em: <http://bit.ly/2Kq0ZdJ>. Acesso em: 15 dez. 2020.

O desejo por desenhar um evento inclusivo fez com que os coordenadores, junto com o NG, viabilizassem a locomoção de professores que submetessem resumos, como forma de auxiliar aqueles com maiores dificuldades de acesso à cidade de Uberlândia-MG. O evento foi realizado nos dias 18 e 19 de outubro de 2018 e teve como objetivo encorajar a discussão de pesquisas, ações e práticas pedagógicas no contexto do Programa IsF, a partir de uma multiplicidade de perspectivas e por intermédio de conferências, mesas-redondas e sessões de comunicação, promovendo uma reflexão sobre o impacto e os desafios do Programa no cenário nacional.

Os relatos de experiência abordaram o papel do IsF na formação de professores; material didático; ensino-aprendizagem de línguas para fins acadêmicos; práticas de internacionalização; e política linguística.

O sucesso do Encontro foi comprovado com o número expressivo de resumos enviados para análise, sendo 149 trabalhos selecionados para as comunicações orais do evento. As palestras ministradas pelos especialistas da rede IsF comprovam a variedade de temáticas e o compromisso pela inclusão, já que diferentes frentes de pesquisa foram contempladas, conforme expresso no Quadro 11.

Quadro 11 - Trabalhos apresentados pelos coordenadores de NuLi no I ENPISF, em outubro de 2018

Título dos trabalhos apresentados	Autor(es) / IES
Conscientização do gênero na escrita em língua estrangeira – por que, o que e como	Isabela Villas Boas (Casa Thomas Jefferson)
EMI no Brasil	Simone Sarmento (UFRGS)
English as a medium of instruction in Higher Education: drawing a possible framework for the Brazilian context	Waldenor Barros Moraes Filho (UFU)
Reuniões pedagógicas como espaço de mediação com vistas à formação docente: uma perspectiva sociocultural	Adriana de Carvalho Kuerten Dellagnelo (UFSC)
Formação de professores no âmbito do Programa Idiomas sem Fronteiras: reflexões sobre elaboração de material didático e desenvolvimento de autonomia	Cláudia Jotto Kawachi Furlan (UFES)
Experiências de uma professora formadora no IsF: histórias off-line e on-line de comunidades de prática	Valeska Virginia Soares Souza (UFU)
Crenças em relação ao ensino de inglês para fins acadêmicos de professores do Programa Idiomas sem Fronteiras	Avram Blum (UnB)
Ensino-aprendizagem de línguas para fins acadêmicos	Heloísa Brito de Albuquerque Costa (USP)
Ensino-aprendizagem de línguas para fins acadêmicos: contextos e práticas	Eliane Hércules Augusto-Navarro (UFSCar)

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de <http://www.eventos.ufu.br/ENPISF>.

Os primeiros InterNucLis eram compostos, quase que exclusivamente, por coordenadores e professores do IsF-Inglês. No entanto, com o passar do tempo, outras línguas foram participando desses eventos interinstitucionais, fazendo com que a rede de especialistas crescesse e se consolidasse cada vez mais. Da mesma forma, é normal que cada língua e/ou cada região encontre o seu formato próprio de evento, aquele que é capaz de atrair um maior número de participantes, de dar mais respostas aos seus integrantes e que consiga maior integração e estreitamento dos laços formados pela rede de especialistas que o IsF possibilitou formar.

Um exemplo desse ajuste de modelo necessário para cada idioma pode ser verificado com o Português para estrangeiros que, só em 2019, realizou quatro Oficinas de Formação de Coordenadores e Professores do IsF-Português: Oficina I (UEL - maio/junho 2019), Oficina II (UFG - julho/2019), Oficina III (UFAM - setembro/2019) e Oficina IV (UFRN - out./nov. 2019).

Algumas considerações

É inegável a relevância de espaços de discussão e reflexão como esses que foram proporcionados nos encontros InterNucLis, considerando o número de atores e seus diferentes papéis em suas instituições e em seus respectivos NucLis. Uma oportunidade para compartilhamento de experiências, avaliação de ações e sugestões de novas ações, tendo-se em vista o fortalecimento de um programa nacional a partir das características locais de cada instituição participante. Nos InterNucLis, a partir das discussões estabelecidas sobre o Programa IsF, os casos de sucesso foram compartilhados com maior rapidez, tendo ficado evidente que o Programa ofereceu uma nova perspectiva para a formação de professores, auxiliando no desenvolvimento profissional, acadêmico

e pessoal de estudantes do Curso de Letras Inglês. Os ex-professores bolsistas dos NuLis do Programa têm sido bem-sucedidos, tendo alcançado títulos de mestres e especialistas, atuando, no momento, como professores efetivos em universidades, institutos federais, escolas públicas e particulares, escolas de idiomas e também como participantes dos programas *Foreign Language Teaching Assistants*¹⁷ e *Au Pairs*¹⁸. O Programa foi fundamental tanto para o crescimento da internacionalização nas IES quanto para a formação de professores de línguas, por promover não somente cursos de qualidade e formação pedagógica intensiva, mas também pelo desenvolvimento de uma rede de pesquisadores sobre o processo ensino-aprendizagem de línguas para fins acadêmicos nas universidades brasileiras.

Entendemos que os InterNuLis surgiram mais como uma possibilidade para trocar informações e valorização do importantíssimo trabalho realizado pelos professores bolsistas. No entanto, constatamos que os encontros se revelaram como grandes catalisadores para além das informações trocadas. Os InterNuLis nutriram professores e coordenadores para que pudessem fazer mais e melhor, potencializando ações promissoras e frutíferas. Compreendemos que esses eventos simbolizam muito mais que imaginávamos quando iniciamos os encontros. Como resultados, esses encontros foram responsáveis por extrapolarem as ações no âmbito ISF, pois incitaram, fomentaram e nutriram parcerias por afinidades teórico-metodológicas. A rede tecida pelos encontros se fortaleceu. Essa visibilidade pode ser ratificada pelas participações em congressos acadêmicos e publicações¹⁹. Laços afetivos foram carinhosamente consolidados para promoção e divulgação das ações relacionadas ao ensino-aprendizagem de línguas, demonstrando que é na unidade que se ganha a força necessária para enfrentar os desafios da internacionalização em universidades brasileiras.

Notas

- ¹ Há encontros específicos para cada um dos idiomas e, por conta do número de especialistas, são poucos os momentos em que há reunião de todos em conjunto.
- ² ETA é a denominação dos English Teaching Assistants, jovens profissionais estadunidenses que participam do Programa promovido pela Fulbright e CAPES junto às universidades brasileiras.
- ³ O registro desse encontro está disponível em: <https://bit.ly/2Vkd2Gj>.
- ⁴ Proposta disponível em: <https://sites.google.com/site/sgpir1/gts>.
- ⁵ Essa lista de trabalhos está no Anexo 4 do texto intitulado “Formação docente no Programa IsF-Inglês em um contexto de internacionalização: uma experiência da UFPB”, de autoria de Pérez *et al.* (2021), publicado no primeiro livro desta coletânea.
- ⁶ Este trabalho encontra-se no livro do evento publicado pela Editora UFPB, disponível em: <http://www.editora.ufpb.br/sistema/press5/index.php/UFPB/catalog/book/104>.
- ⁷ Outros registros do evento podem ser acessados em: <https://bit.ly/2om9OdY>, <https://bit.ly/2OnpHLQ> e <https://bit.ly/30PNPjv>.
- ⁸ Mais informações sobre essa palestra em: <https://bit.ly/2MeCU6Y>.
- ⁹ Mais informações sobre esse InterNucLi podem ser obtidas em <https://vjnfp.wixsite.com/vjornadanacional>.
- ¹⁰ Mais informações sobre o evento em <https://www.ufrgs.br/prorext/encontro-reune-nucleos-do-idiommas-sem-fronteiras-da-regiao-sul/>.
- ¹¹ Mais informações sobre o evento, conferir o site: <https://isfufgrs.wixsite.com/InterNucLiisf>.
- ¹² Para mais informações sobre o Projeto Letras sem Fronteiras, ler o texto “O projeto Letras sem Fronteiras Piloto: impactos para a formação docente em língua estrangeira” neste livro.
- ¹³ Para mais informações sobre o evento, conferir <https://sites.google.com/site/estesinversos/language-week/lw2018>.
- ¹⁴ Mais informações sobre o evento em <https://ufpi.br/ultimas-noticias-ufpi/30988-ufpi-realiza-encontro-interno-dos-nucleos-de-linguas-do-nordeste-InterNucLi>.
- ¹⁵ Esta experiência é relatada no texto “O impacto do IsF-Inglês na formação de especialistas e professores de inglês na gestão pedagógica do programa” deste livro.
- ¹⁶ Para mais informações sobre esse evento, conferir <http://www.eventos.ufu.br/ENPISF>.

- ¹⁷ Programa da Fulbright que envia profissionais de língua brasileiros para lecionar português para estrangeiros nos Estados Unidos, sendo necessário serem proficientes em língua inglesa.
- ¹⁸ Programa de intercâmbio que permite que jovens profissionais trabalhem como cuidadores de crianças em países estrangeiros.
- ¹⁹ Uma análise sobre o impacto do programa pode ser vista no texto “Delineando os legados do Programa Idiomas sem Fronteiras na produção científica da área de línguas estrangeiras” deste livro.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Portaria nº 1.466, de 18 de dezembro de 2012. Institui o Programa Inglês sem Fronteiras. *Diário Oficial da União*, Brasília, n. 244, de 19 dez. 2012, Seção 1, p. 28-29.

CARVALHO, J. M. Produção cultural e redes de sociabilidade no currículo e no cotidiano escolar. *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 53, p. 399-414, jun. 2013.

DALTRO, M. R.; FARIA, A. A. de. Relato de experiência: uma narrativa científica na pós-modernidade. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 19, n. 1, p. 223-237, jan./abr. 2019.

DEMO, P. *Pesquisa: princípio científico e educativo*. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

DUARTE, Fábio; QUANDT, Carlos; SOUZA, Queila. *O tempo das redes*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

FENTRESS, James; WICKHAM, Chris. *Memória social: novas perspectivas sobre o passado*. Lisboa: Teorema, 1992.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2011.

NUNES, C. Memória e história da educação: entre práticas e representações. In: LEAL, M. C.; PIMENTEL, M. (org.). *História e memória da Escola Nova*. Rio de Janeiro: Loyola, 2003. v. 1, p. 9-26.

MARIANA PÉREZ
ANA CAROLINA BASTOS

EXPANDINDO O PROGRAMA ISF PARA PROFESSORES DE INGLÊS DA ESCOLA BÁSICA

Experiências, impactos e possibilidades

Este texto alinha-se à proposta deste livro de compartilhar experiências e registrar impactos do Programa Idiomas sem Fronteiras (IsF) no âmbito das universidades participantes na perspectiva de fortalecimento de processos de internacionalização e políticas linguísticas institucionais. Mais especificamente, este trabalho focaliza a experiência do Núcleo de Línguas do Programa IsF-Inglês da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), com a expansão local de ações no contexto do IsF para professores de inglês da escola básica na Paraíba em 2014 e 2015, registrando o impacto do Programa também na criação de espaços locais¹ para o desenvolvimento de outras ações relacionadas ao ensino de inglês e formação de professores.

O Programa IsF: portarias e ações

O Programa Inglês sem Fronteiras surgiu em 2012, com a Portaria nº 1.466, de 18 de dezembro (Brasil, 2012), do Ministério da Educação (MEC), com um foco na preparação linguística de estudantes de graduação das Instituições de Ensino Superior (IES) para a realização de exames de proficiência em língua inglesa exigidos

em editais, especialmente, no âmbito do Programa Ciência sem Fronteiras (CsF), com ênfase no fortalecimento da internacionalização das IES e de seus centros de ensino de línguas. Nesse contexto, uma série de ações foi (e vem sendo) implementada no país, através dos Núcleos de Línguas (NucLis) e Centros Aplicadores, envolvendo a oferta de cursos presenciais e a distância, além da aplicação de exames internacionais de proficiência/nivelamento para estudantes e servidores, docentes e técnico-administrativos, nas Instituições de Ensino Superior credenciadas pelo MEC.

Em 2014, em uma ampliação do Inglês sem Fronteiras, tanto em relação às ações previstas quanto às línguas incluídas, foi instituído, pela Portaria nº 973 (Brasil, 2014), de 14 de novembro, o Programa Idiomas sem Fronteiras (IsF), que se configura como um programa que objetiva a formação em línguas estrangeiras do corpo docente, discente e técnico-administrativo das Instituições de Educação Superior Públicas e Privadas em contexto de internacionalização e de professores de idiomas da rede pública de educação básica, assim como a capacitação de estrangeiros em Língua Portuguesa.

Observamos, nessa portaria, a inclusão de referência explícita à formação (“capacitação”) de professores da rede pública de educação básica, o que, em nossa opinião, configura-se como um passo relevante para o fortalecimento do ensino da língua estrangeira na escola básica, que, certamente, tem um impacto no desenvolvimento dos estudantes que chegarão à universidade e, possivelmente, no processo de internacionalização do ensino superior do país. Embora a portaria estabeleça essa abertura para ações voltadas para a escola básica, em 2015, quando iniciamos as ações para docentes na UFPB, ainda não havia ações oficiais do programa IsF em andamento – a partir da publicação de editais – que incluíssem esse público específico.

As ações desenvolvidas no IsF/UFPB para professores de inglês da rede regular relatadas neste capítulo podem, assim, ser interpretadas na perspectiva da proposta da Abordagem do Ciclo de Políticas de Bowe, Ball e Gold (1992) para investigação de políticas linguísticas educacionais. Nessa perspectiva, propõe-se a existência de um ciclo contínuo constituído por três contextos principais: o contexto de influência, o contexto da produção de texto e o contexto da prática.

Entendemos que nossas ações nasceram e podem ser interpretadas a partir da noção de “contexto da prática”, sendo entendidas como uma interpretação local do texto oficial. Considerando o IsF como uma política linguística institucionalizada, as ações da UFPB indicam efeitos e consequências não planejados dessa política.

O Programa IsF na Paraíba: diálogos entre IES e professores da escola básica

A Universidade Federal da Paraíba participa do Programa IsF desde sua criação na condição de Centro Aplicador e Núcleo de Línguas, com uma equipe que, em 2015, envolvia 10 alunos de Letras/Inglês, como professores bolsistas e dois assistentes de ensino americanos (English Teaching Assistants/CAPES/Fulbright/IsF), além da equipe de estagiários administrativos e coordenação-geral e pedagógica.

Tendo em vista o impacto da criação do Programa IsF para a discussão e reflexão sobre o ensino de línguas estrangeiras no país, tanto pela academia quanto pela sociedade em geral, em 2014, decidimos buscar caminhos de aproximar as Instituições de Ensino Superior da Paraíba que têm cursos de Letras para compartilharmos informações sobre o Programa IsF e discutirmos sobre possibilidades de parcerias e ações no Estado da Paraíba,

tendo em vista que cada instituição (universidade federal, estadual ou instituto federal) se encontra(va) em momentos diferentes da implementação de ações IsF.

Figura 1 - Divulgação do I Encontro Interinstitucional do Inglês sem Fronteiras na Paraíba, em 2014, na UFPB



Fonte: Acervo do NuLi da UFPB.

Assim, em maio de 2014, realizamos o I Encontro Interinstitucional do Inglês sem Fronteiras na Paraíba², com a participação de docentes da UFPB, da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e do Instituto Federal de Educação Tecnológica da Paraíba (IFPB), além da participação de alguns alunos de Letras dessas instituições no Propell³ Workshop.

Feita essa primeira aproximação entre as IES da Paraíba, o IsF/UFPB buscou uma forma de aproximar e dialogar com os professores da escola regular básica para que conhecessem o Programa, as ações que estavam em andamento e o impacto dessa política

pública educacional na discussão sobre ensino-aprendizagem de línguas no país, além de pensarmos nas possibilidades de ações que envolvessem esse público e estreitássemos a relação entre universidade e escola básica, levando em consideração nossas especificidades locais. Um dado nos chamou a atenção e nos motivou nessa empreitada: a baixa participação de professores da escola básica (municipal e estadual) em editais de programas de intercâmbio para professores de inglês, a exemplo do Programa de Desenvolvimento Profissional para Professores de Língua Inglesa nos Estados Unidos (PDPI, editais 35-2011/ 44-2012 e 39-2013). Muitos professores de escolas estaduais e municipais comentaram a respeito da dificuldade de saberem sobre esses editais. Além disso, relataram sobre a dificuldade de se submeterem aos testes de proficiência exigidos, por não os conhecerem e não terem tempo para se informarem antes do fechamento dos editais. Percebemos, também, nesse momento, certa resistência com relação à ideia de se submeterem aos testes de proficiência linguística exigidos nos editais, uma vez que muitos dos professores acreditavam não conseguir atingir a pontuação mínima para aprovação, como no caso do exame TOEFL ITP.

Nesse contexto, considerando a estrutura de que a UFPB dispunha para o Programa IsF, organizamos um questionário (através do Survey Monkey⁴) para análise de necessidades, a fim de planejarmos um curso para professores de inglês com a colaboração de professores bolsistas do NucLI⁵ e de Assistentes de Ensino Americanos (ETAs), sob a coordenação do IsF-UFPB. Foram contatados professores que recebem alunos de Letras da UFPB em estágio supervisionado⁶ e ex-alunos de Letras, que já eram professores da rede, que, por sua vez, contataram outros colegas. A partir das respostas a esse questionário, decidimos o dia e horário dos encontros semanais, planejamos e divulgamos, por meio da página do Facebook⁷ do Programa IsF, o curso “Diálogos Interculturais em

Língua Inglesa com Enfoque Comunicativo⁸”, tendo em vista que a maioria dos professores sugeriu que o foco do curso fosse prática de língua e questões interculturais. Importante ressaltar que esse foi um ponto identificado como positivo entre os professores: o fato de eles terem a oportunidade de escolher o foco do curso.

O curso teve carga horária de 32 horas e durou de agosto a outubro de 2014. No primeiro encontro, os professores participantes receberam informações sobre o IsF, sobre editais de programas de intercâmbios com foco no desenvolvimento profissional de docentes da rede regular, sobre o portal IsF com informações sobre testes de nivelamento e material de ensino de língua, entre outras questões.

O curso foi cadastrado na plataforma Sigproj⁹ através de edital Flux 2014, para registro institucional e emissão de certificados de extensão aos professores participantes, e teve como objetivos: 1) oferecer prática de língua inglesa a professores que atuam na escola básica e de línguas no Estado da Paraíba com foco na compreensão e produção oral; 2) discutir sobre temas relacionados ao ensino-aprendizagem de inglês como língua adicional; 3) sensibilizar os professores para questões interculturais no ensino de línguas; 4) integrar e fortalecer um grupo de docentes de língua inglesa da Paraíba para compartilhamento de experiências, ideias, ajuda mútua, incentivo à pesquisa e divulgação de oportunidades de formação continuada na área.

Foram atendidos 30 professores de quatro municípios da Paraíba (João Pessoa, Mari, Bayeux e Capim), os encontros semanais trataram de questões como a língua inglesa no mundo e no Brasil (Rajagopalan, 2004), Políticas Linguísticas no Brasil (Rajagopalan, 2005), exames internacionais de língua inglesa, preparação para o TOEFL ITP, comparação de sistemas educacionais do Brasil e Estados Unidos, material on-line para formação do professor de língua inglesa, aspectos culturais

(Brawerman-Albini; Medeiros, 2013; Lima, 2012) e críticos no ensino de línguas, entre outros. O material de leitura (textos acadêmicos) era disponibilizado após alguns encontros, para o docente que desejasse se aprofundar no tema.

Para muitos professores, o contato com os assistentes de ensino americanos foi uma experiência relevante, tendo em vista que muitos nunca tiveram a oportunidade de conviver com alguém de uma cultura diferente da brasileira. Além disso, foi uma oportunidade para a desconstrução de algumas crenças e mitos sobre nativos e não nativos como professores de línguas e conseqüente empoderamento dos professores locais, discussão sobre variantes no ensino de línguas, entre outros assuntos. Outra questão importante foi a inclusão de professores bolsistas IsF, alunos de graduação no grupo, fortalecendo o diálogo entre os professores da escola regular e a universidade, valorizando as diversas experiências acadêmicas e de trabalho. Esses professores bolsistas participaram, inicialmente, com oficinas que prepararam e ministraram no contexto do IsF/UFPB sobre, por exemplo, preparação para exames internacionais, contexto acadêmico no Brasil e outros países, bem como oficinas específicas sobre *learning styles*.

Os professores participantes deram *feedback* mensal em questionários no Survey Monkey, a partir dos quais a equipe planejou e (re)orientou o curso. Foram incluídas perguntas com relação à relevância das oficinas ofertadas a cada mês, além da avaliação da participação dos ETAs e professores do NuLi, se os professores gostariam de saber mais sobre os cursos ofertados no NuLi e se gostariam de participar, entre outras. Foi oferecida, assim, a possibilidade de participação de alguns professores em turmas existentes do IsF em horários em que havia vaga, ampliando o público atendido pelo IsF/UFPB.

Com a finalização do curso de 2014 e com o intuito de alcançar mais professores da rede regular da Paraíba, além de alunos de

Letras, realizamos, em novembro de 2014, o I EPPI: I Encontro Paraibano de Professores de Inglês, com apoio de setores da UFPB (Programa de Pós-Graduação em Linguística – PROLING/UFPB, Grupos de Pesquisa), além de livreria e escola de língua local.

Figura 2 - Divulgação do I EPPI, em outubro de 2014, na UFPB



Fonte: Acervo do NuLi da UFPB.

O evento teve a duração de uma manhã e reuniu 50 professores. A programação (ver Anexo) incluiu uma palestra de abertura sobre “Oportunidades de desenvolvimento profissional para professores de inglês na Paraíba”, ministrada pela então coordenadora IsF da UFPB, além de oficinas ministradas por professores bolsistas do NuLI-IsF-UFPB e assistentes de ensino americanos (ETAs). Diante da repercussão positiva do evento e demais ações, inclusive com os professores ressaltando a oportunidade de trocas e aprendizagens

usando a língua inglesa, oportunidade única para alguns e vista também como experiência de momentos de imersão por outros, percebemos que ali nascia uma pequena comunidade de professores (Gimenez, 2012) dispostos a estreitar ainda mais a relação academia-escola e construir novas maneiras de se enxergar a formação docente. Era necessário, então, criar oficialmente e marcar esse espaço para o professor se fortalecer como protagonista de seu contínuo desenvolvimento profissional.

Considerando o alcance do evento, retomamos, no ano de 2015, o encontro semanal com aqueles que já tinham participado do curso em 2014, por solicitação dos próprios professores. Com o intuito de tornar essas ações mais institucionalizadas na UFPB, o projeto de extensão “EFOPLI¹⁰: Espaços para a Formação do Professor de Língua Inglesa” foi proposto e aprovado pela UFPB (Probex/2015), através do qual novas ações e parcerias foram possíveis.

Figura 3 - Cartaz de divulgação do Projeto de Extensão EFOPLI, da UFPB



Fonte: Acervo do NuLi da UFPB.

Em abril de 2015, os encontros foram retomados e novos professores fizeram parte da turma. Nem todos os professores do ano anterior conseguiram retornar, dada a dificuldade de alguns em manter o horário livre em suas escolas para poderem participar das ações. Novos professores bolsistas do IsF, além de assistentes de ensino americanos¹¹, participaram do grupo. Além deles, as ações de formação contaram também com a participação de ex-professores bolsistas do IsF (que quiseram continuar a participar) e alunos de mestrado e doutorado que se interessaram em contribuir com as ações do IsF e do EFOPLI para o fortalecimento da área de língua inglesa e compartilhamento de suas pesquisas. Assim, os encontros continuaram a ter um foco na prática de língua inglesa e em questões interculturais, novas discussões foram possíveis a partir da formação dos assistentes de ensino americanos (em áreas como a Psicologia e Relações Internacionais) e das pesquisas dos alunos de Mestrado e Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING/UFPB). Alguns tópicos abordados, entre abril e agosto de 2015, incluíram, por exemplo, o ensino de pronúncia, vocabulário, desenvolvimento de materiais didáticos para deficientes visuais no ensino de língua inglesa, questões geopolíticas do inglês, entre outros.

A partir de agosto de 2015, diante da crescente demanda e ainda com a preocupação de manter o foco em questões locais, levando-se em consideração a realidade de nossa instituição e dos professores participantes das ações, nossas limitações, mas, principalmente, potencialidades, decidimos ampliar a oferta de cursos a professores de inglês em outros locais na Paraíba. Para isso, um novo projeto foi desenvolvido, dessa vez, fruto de uma parceria entre a UFPB e o Consulado Americano, através da participação de uma English Language Specialist¹².

O projeto “Strengthening the Federal University of Paraíba English Without Borders (EwB) Program”, vinculado à Assessoria

Internacional da UFPB e coordenado pela professora Mariana Pérez, incluiu ações voltadas para professores bolsistas do NuLi, alunos de Letras não bolsistas – no intuito de possibilitar o desenvolvimento linguístico e profissional desses alunos para que pudessem vir a participar de editais de seleção de professores IsF –, além de turmas específicas para professores de inglês da rede pública de ensino.

Novos cursos foram iniciados em agosto e em novembro, ampliando o número de professores atendidos e focalizando questões mais relacionadas ao ensino da língua e possibilidades de pesquisas no contexto das salas de aula dos professores. Vale ressaltar que os professores participantes, oriundos de outros municípios distantes, esforçavam-se bastante para frequentar os encontros realizados na UFPB, em João Pessoa, e compartilhavam suas experiências de prática, sendo acolhidos com a escuta dos pares, ao passo que o caráter heterogêneo do grupo enriquecia as discussões.

Tal motivação nos levou a pensar na necessidade de o projeto talvez interiorizar suas ações em momento oportuno. A turma específica para professores da rede estadual contou com a participação de 45 docentes inscritos e com o apoio da Secretaria de Educação do Estado da Paraíba, que divulgou o curso e incentivou a participação dos professores por meio da inclusão das horas, estas computadas como formação docente, no caso das escolas dos professores participantes. Vale salientar que essa não foi uma ação obrigatória da Secretaria de Educação, como grande parte das ações formativas, mas foram computadas horas para os professores que participaram por interesse próprio.

No final de 2015, nos dias 6 e 7 de novembro, o IsF/UFPB e o projeto EFOPLI/UFPB realizaram o II EPPI: Encontro Paraibano de Professores de Inglês¹³.

Figura 4 - Logomarca de divulgação do 2º EPPI, em novembro de 2015, na UFPB



Fonte: Acervo do NuLi da UFPB.

Tendo em vista a expansão e fortalecimento das ações desenvolvidas em 2015, com foco na formação continuada de professores, com relatos de impactos diretos na mudança da percepção da sala de aula e da própria identidade como professor nordestino que ensina inglês, dos resultados obtidos com novas aprendizagens, além do estabelecimento de uma verdadeira rede de apoio profissional diante dos desafios locais frente à realidade escolar, o 2º EPPI ganhou outras proporções em relação à primeira edição do evento, em 2014.

Em 2015, as várias parcerias estabelecidas com diversas instituições e empresas, entre elas embaixadas, instituições de ensino superior na Paraíba, livrarias, associações de professores, entre outras, possibilitaram a organização de um evento, mais uma vez gratuito para professores, que se estendeu por dois dias, com a participação de mais de 230 docentes de várias regiões da Paraíba. Na programação, houve a inclusão de plenárias, mesa-redonda sobre programas de intercâmbio para professores de inglês com a participação de professores participantes de três programas

(PDPI, Foreign Language Teaching Assistant/FLTA¹⁴ e Programa da CAPES de Ensino de Inglês como Língua Estrangeira), além da oferta de 14 oficinas ministradas por professores bolsistas e ETAs do NuLi, docentes da UFPB, IFPB, bolsistas e orientadoras do PIBID/Inglês/UFPB, convidados externos da Embaixada Americana e editoras de materiais didáticos de língua inglesa.

Uma atividade de extrema importância incluída na programação foi a sessão de pôsteres com foco especial em projetos realizados por professores de inglês em suas salas de aula. Os pôsteres foram avaliados por uma Comissão composta por docentes de língua inglesa da UFPB, IFPB, além de colegas de Programas IsF da UFCG, UEPB, da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e Sergipe (UFS), além da Prefeitura Municipal de João Pessoa, que participaram voluntariamente do evento. Para muitos professores da escola básica, como registrado no formulário de avaliação do evento, essa foi uma primeira oportunidade de apresentar e compartilhar resultados de trabalhos relacionados à sua prática, um espaço que avaliamos como extremamente produtivo e empoderador para os professores envolvidos, graças ao alcance obtido com o trabalho desenvolvido pelo NuLi-IsF-UFPB.

Encerramos essa seção com um depoimento¹⁵ enviado, por e-mail, à organização do II EPPI, no dia do evento, por uma professora de inglês, que relatou:

I am at home now and I had to think about my day today. I don't speak or write English as well as you or all the people who were there today, but I will try to explain how I am feeling now.

This day which I lived today was amazing! Wonderful! Perfect! [...]

You don't have to answer this mail because I know that you always have a lot to do but I'd really like to thank you for helping me in the process of changing my life to a better life! (Profa. N.)

Narrando o passado e olhando para futuras possibilidades...

Ao olharmos para trás, é recompensador observar que o trabalho iniciado pelo NuLi-IsF-UFPB, segundo relatos dos próprios professores de inglês atendidos e de acordo com os números mais recentes de participação dos docentes em oportunidades de mobilidade internacional, tem proporcionado maior motivação dos docentes e impactos diretos na formação profissional e nas aulas de inglês nas escolas regulares. Além disso, tem atraído outros professores de vários contextos (públicos e privados, de escolas regulares e instituições de nível superior), que se voluntariam a participar dos encontros e eventos.

Dessa forma, iniciativas como encontros de formação, espaços para a discussão de temas relacionados à atividade profissional docente, bem como eventos voltados para esse público são benéficas, algo que espontaneamente é reforçado pelos professores, além de contribuir para os processos de internacionalização e fortalecimento de políticas linguísticas institucionais. O apoio do IsF é, sem dúvida, essencial na articulação de instituições de ensino superior com os professores, principalmente os da educação básica, tal como tem acontecido nas ações da UFPB, através do EFOPLI, sendo o EPPI um grande exemplo disso.

Considerando esse trabalho realizado no âmbito da UFPB, em 2014 e 2015, temos trabalhado para manter e ampliar as ações de formação docente, a fim de alcançarmos professores que não estão na capital do Estado e que têm pouco acesso a oportunidades de desenvolvimento profissional.

Temos recebido solicitações de docentes de cidades do interior para a oferta de cursos e ações de que possam participar. Esses docentes sempre enfatizam a necessidade de formações específicas na área de língua estrangeira, o que, na avaliação deles, quase

nunca acontece. Esse desafio nos levou, em 2016, a ofertar curso em Campina Grande, através da parceria com a Secretaria de Estado da Educação e Instituições de Ensino Superior na Paraíba participantes do Programa IsF. A equipe do IsF-UFPB (professores do NuLi e ETAs) se deslocou, aos sábados, para a Universidade Federal de Campina Grande, a fim de ofertar oficinas para estudantes de Letras (da UFCG e UEPB) e professores da rede regular, contribuindo para o fortalecimento do Programa IsF na Paraíba.

Os professores, que têm participado desse movimento de colaboração e formação docente, têm apontado a necessidade de manutenção das ações formativas, que têm crescido e alcançado cada vez mais docentes. Além disso, observamos grande crescimento no número de professores de inglês participando de intercâmbios docentes organizados pela CAPES e pelo Governo do Estado da Paraíba.

Uma condição importante e que será mantida é a participação voluntária dos professores nessas ações. Acreditamos que as ações têm funcionado, porque os professores têm sentido a necessidade de se envolverem e têm avaliado como positivas as experiências que temos construído conjuntamente, sem haver participação obrigatória por imposição de órgãos da administração escolar. No entanto, é imprescindível a garantia de algum reconhecimento aos profissionais que participam das ações (como utilização das horas em suas cargas horárias) e da liberação escolar no horário dos cursos, o que temos conseguido em parceria com as Secretarias de Educação.

Essa modalidade de formação docente tem nos desafiado constantemente a investir cada vez mais no elemento catalisador de mudanças, que é a construção de parcerias. A articulação com as diferentes IES, programas e setores da universidade, e também com as Secretarias de Educação e demais parceiros educacionais tem tornado possível a realização de um trabalho de amplo

espectro, que repercute diretamente na formação linguística e intercultural ofertada na rede escolar, bem como na motivação docente (incluindo aqui os professores pré-serviço e em serviço).

Entendemos que ações como as descritas neste relato são importantes por proporcionar aos professores envolvidos oportunidades para compartilharem suas experiências, além de estreitar os laços entre os profissionais que atuam nas redes públicas de educação básica (estadual e municipal), formadores e professores pré-serviço, permitindo o compartilhamento de experiências, ideias, anseios, projetos e dificuldades, além da valorização do conhecimento construído conjuntamente nesse contexto. Nesse sentido, as ações aqui relatadas podem servir de inspiração para realidades de outras localidades e possíveis parcerias com outros NucLis do IsF.

Notas

- ¹ Este trabalho focaliza apenas o início da oferta de ações para docentes de língua inglesa de escolas regulares da Paraíba, embora estejam ainda em andamento até o momento. O objetivo é apresentar o surgimento desse espaço e ações no contexto do Programa IsF.
- ² Ver notícia divulgada em: <https://bit.ly/2OAI5px>.
- ³ Curso oferecido pela ETS de orientação sobre o TOEFL IBT. Mais informações em: https://www.ets.org/toefl/teachers_advisors/propell_workshop.
- ⁴ Disponível em: <https://pt.surveymonkey.com/>.
- ⁵ Participaram do curso como colaboradores, ministrantes de oficinas, em 2014, os professores bolsistas Felipe Lima, Fernando Cabral e Luciana Arruda. Os Assistentes de Ensino Americanos (ETAs) foram Connor Pierson, Renee Payne e Zachary Haskin.
- ⁶ Cabe informar que o PPC do curso de Letras/Inglês (2006), ainda em vigor, estabelece estágios no ensino fundamental, médio e em cursos livres de idiomas.
- ⁷ Cf. www.facebook.com/isfufpb.
- ⁸ Para fotos desta e de outras ações descritas neste texto, visitar: <https://www.flickr.com/photos/efopli/albums>.

- ⁹ Sigproj n. 188853.839.101718.29102014. O curso teve a coordenação da Profa. Mariana Pérez e vice-coordenação da Profa. Ana Carolina Bastos.
- ¹⁰ Sugerimos visitar: ufpb.br/efopli e <https://www.instagram.com/efopliufpb/>.
- ¹¹ Em 2015, participaram dos encontros presenciais as professoras-bolsistas Ana Gêrda Paz e Priscilla Thuany Costa; os ex-professores-bolsistas IsF Fernando Cabral (em 2015, bolsista do Mestrado em Linguística) e Raísa Claro; a bolsista de extensão (PROBEX) Joyce Karlla da Costa Ferreira; as Assistentes de Ensino Americanas Idmantzi Torres, Michelle Quinones, Genesis Luviano e Elizabeth Pedersen, além da doutoranda (Proling/UFPB) Rosycléa Dantas.
- ¹² A Profa. Laura Mizuha atuou na UFPB pelo período de cinco meses em 2015. Agradecemos pelo trabalho realizado e parceria que possibilitaram a ampliação do atendimento a professores de inglês da rede de educação básica.
- ¹³ Informações sobre as duas edições do evento, além de fotos do II EPPI, estão disponíveis em: nucleoisufpb4.wix.com/ii-eppi.
- ¹⁴ A professora participante do FLTA da Paraíba participou da mesa-redonda através de vídeo, tendo em vista que, no dia do evento, ainda se encontrava nos EUA, em período de intercâmbio.
- ¹⁵ Depoimento neste texto foi autorizado pela professora.

Referências

BOWE, R.; BALL, S.; GOLD, A. *Reforming education & changing schools: case studies in policy sociology*. London: Routledge, 1992.

BRASIL. Ministério da Educação. Portaria nº 973, de 14 de novembro de 2014. Institui o Programa Idiomas sem Fronteiras e dá outras Providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, n. 222, 17 nov. 2014, Seção 1, p. 11-12.

BRASIL. Ministério da Educação. Portaria nº 1.466, de 18 de dezembro de 2012. Institui o Programa Inglês sem Fronteiras. *Diário Oficial da União*, Brasília, n. 244, 19 dez. 2012, Seção 1, p. 28-29.

BRAWERMAN-ALBINI, A.; MEDEIROS, V. da S. (org.). *Diversidade cultural e ensino de língua estrangeira*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

GIMENEZ, T. Para além das questões linguísticas: ampliando a base de conhecimento de professores de línguas estrangeiras. In: MEDRADO, B. P.; REICHMANN, C. L. *Projetos e práticas na formação de professores de língua inglesa*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012. p. 17-28.

LIMA, D. C. *Language and its cultural substrate: perspectives for a globalized world*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

RAJAGOPALAN, K. (org.). *A geopolítica do inglês*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

RAJAGOPALAN, K. The Concept of “World English” and its Implication for ELT. *ELT Journal*, v. 58, n. 2, p. 111-117, 2004.

Anexo – Programação do I EPPI: Encontro Paraibano de Professores de Inglês (2014)



I EPPI - ENCONTRO PARAIBANO DE PROFESSORES DE INGLÊS

01 de novembro de 2014 - UFPB

PROGRAMAÇÃO

8:30h às 9h - Credenciamento
Local: Auditório 412

9h às 9:30h - Palestra de abertura
Local: Auditório 412

10h às 12h - Workshops
Local: Salas CCHLA

12h - Encerramento com sorteio de brindes
Local: Auditório 412

WORKSHOPS

Using dynamics to teach food and recipe vocabulary
Local: Sala 502 Presenter: Renee Payne

High-tech/low-tech: exploring digital tools within school infrastructure
Local: Sala 503 Presenter: Connor Waters

[kəˈæŋ jə ˈriːdʒɪz]? Pronunciation activities for the efl classroom
Local: Sala 504 Presenter: Fernando Alves

Tmi (teaching multiple intelligences): way beyond linguistics
Local: Sala 505 Presenter: Felipe Lima

Teacher aid - classroom materials and ideas for teachers
Local: Sala 506 Presenter: Luciana Arruda

EMIÇÃO DE CERTIFICADO
*via email

<p>Organização Ano Carolina Bostos Mariana Pérez Marina Negreiros</p>	<p>Monitores Lucas Marinho Marcelo Alvarado Raisa Claro</p>
--	--



Inscrições:
<http://goo.gl/forms/bKkgMheu95>

Informações:
nucleoisufpb4@gmail.com

Fonte: Acervo do NuLi da UFPB.

Parte 4

IMPACTO DAS AÇÕES DO PROGRAMA
NA FORMAÇÃO ACADÊMICO-CIENTÍFICA
DAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS
CREDENCIADAS AO PROGRAMA

WILLIAM KIRSCH
MARINE LAÍSA MATTE
SIMONE SARMENTO

DELINEANDO OS LEGADOS DO PROGRAMA IDIOMAS SEM FRONTEIRAS NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DA ÁREA DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

Introdução

O Inglês sem Fronteiras foi uma iniciativa em parceria MEC/ SESU e CAPES, que teve seu lançamento oficial em 18/12/2012¹ e cujo objetivo central foi incentivar o aprendizado do idioma inglês por estudantes de instituições de ensino superior do país. Mais tarde, o MEC publicou no Diário Oficial da União a Portaria n. 973, em 14 de novembro de 2014, que ampliou o IsF para outros idiomas. Essa portaria estabelecia que o público-alvo do programa seria composto por “estudantes, professores e corpo técnico-administrativo das Instituições de Educação Superior Públicas e Privadas - IES e de professores de idiomas da rede pública de educação básica” (Brasil, 2014, p. 17). Além disso, ampliava o escopo do programa:

- I - promover, por meio da capacitação em diferentes idiomas, a formação presencial e virtual de estudantes, professores e corpo técnico-administrativo das IES e de professores de idiomas da rede pública de educação básica, conferindo-lhes a oportunidade de novas experiências educacionais e profissionais voltadas para a qualidade, o empreendedorismo, a competitividade e a inovação;
- II - ampliar a participação e a mobilidade internacional para o desenvolvimento de projetos de pesquisa, estudos, treinamentos e capacitação em instituições de excelência no exterior;
- III - contribuir para o processo de internacionalização das IES e dos centros de pesquisa;
- IV - contribuir para o aperfeiçoamento linguístico do conjunto dos estudantes das IES;
- V - contribuir para a criação, o desenvolvimento e a institucionalização dos centros de línguas nas IES, ampliando a oferta de vagas;
- VI - fortalecer o ensino de idiomas no país, incluindo o da língua portuguesa, e, no exterior, o da língua portuguesa e da cultura brasileira (BRASIL, 2014, p. 17).

Ainda, o entendimento de que o IsF tinha o compromisso de contribuir para o ensino de línguas em todo o país (e não apenas dentro das universidades) foi explicitado no próprio documento balizador da política. De acordo com a Abordagem do Ciclo de Políticas² (Ball, 1994; Bowe; Ball; Gold, 1992), as políticas públicas voltadas à educação ganham vida na prática social dos sujeitos que as vivem no seu cotidiano, e não nos discursos que as instanciam, nas esferas públicas de decisão política nem nos textos políticos que as materializam. O epicentro de uma política consiste nos múltiplos cenários da vida cotidiana em que as pessoas conjuntamente a (re)constróem a partir de seus desígnios, agendas, contingências etc. Ou seja, o campo mais importante de uma política é aquele

para o qual se olha menos: o da miudeza do dia a dia, pois nele os atores que vivenciam a política podem cambiar seus objetivos (da política) a partir de suas experiências cotidianas (dos atores).

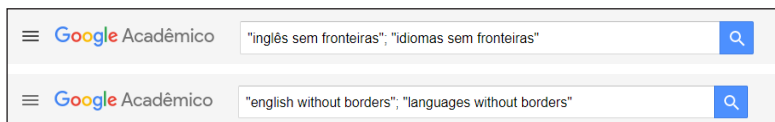
É sobre esse entendimento que está assentado o presente estudo. Nele, buscamos pistas sobre os impactos mais importantes do programa para as pessoas que o vivenciaram em seu cotidiano. Para isso, recorreremos à produção acadêmica, que enfocou o IsF ao longo dos últimos anos. Este texto toma dois itinerários distintos, mas compatíveis, na busca por esse entendimento. Em primeiro lugar, fazemos uma revisão bibliográfica a olho nu dos artigos produzidos sobre o IsF. A seguir, recorreremos à Linguística de Corpus (Biber; Conrad; Reppen, 1998; Mcenery; Wilson, 1996; Mcenery; Hardie, 2011) para verificar as palavras-chave, isto é, os termos mais utilizados nos textos em questão, os quais podem indicar temáticas típicas das publicações que compõem o *corpus* da pesquisa.

Metodologia

Nos primeiros anos do IsF, entre os anos de 2012-2014, não apenas ele se chamava *Inglês sem Fronteiras*, como o conhecimento produzido sobre si circulou em congressos da área de Letras, Brasil afora. Para realizar o levantamento das publicações referentes ao Programa IsF, optamos por utilizar o Google Acadêmico³ como ferramenta de busca. Assim, para a sistematização a olho nu, filtramos a busca pelo termo Idiomas sem Fronteiras. Optamos por analisar os resultados, ano a ano, isto é, entre 2015 e 2019. Visto que o número de textos é demais para o escopo deste texto⁴, optamos por tratar de dez textos em cada ano, ainda que haja flutuações no número de resultados. Para tanto, ativamos a função “classificar por relevância” do Google Acadêmico, que classifica os textos de acordo com o número de citações e com o número de cliques.

Por fim, procedemos à leitura de um a um dos textos – artigos, teses, dissertações e trabalhos publicados em anais – e notamos que alguns não estavam centrados no programa, em que pese terem respondido à busca. Assim, optamos por excluir os referidos textos. Ademais, excluímos o livro organizado pela executiva do programa no MEC e patrocinado com verba do ministério, pois não é um trabalho acadêmico comum, mas um compilado de trabalhos acadêmicos de pesquisadores diretamente envolvidos com o programa em suas universidades, que escreveram a convite do núcleo gestor do programa, não tendo havido revisão cega dos pares. Ainda que no caso das teses e dissertações também não haja tal revisão, os trabalhos passam pelo crivo de uma banca.

Figura 1 - Palavras de busca no Google Acadêmico



Fonte: Elaborado pelos autores.

Como mencionado, além da revisão bibliográfica sistemática, também fizemos uma análise de *corpus* das produções. Para a compilação do *corpus* a ser analisado com as ferramentas da Linguística de Corpus, filtramos a busca pelos termos *Inglês sem Fronteiras* e *Idiomas sem Fronteiras* para as publicações em português e *English without Borders* e *Languages without Borders* para pesquisar trabalhos em língua inglesa. Tais termos deveriam constar em qualquer lugar do texto. O conjunto de textos em português compõe um *corpus* e os textos em inglês compõem um segundo *corpus*. Dessa maneira, recorreremos à Linguística de Corpus (Biber; Conrad; Eppen, 1998; Mcenery; Wilson, 1996; Mcenery; Hardie, 2011) e ao software *Sketch Engine* (Kilgarriff *et al.*, 2014) para verificar quais são as palavras-chave do *corpus* IsF, ou seja, palavras/grupo de

palavras que revelam os termos mais utilizados nos textos em questão quando comparados a um *corpus* de referência geralmente maior, e, assim, poderemos traçar temáticas recorrentes nas publicações. Assim, extraímos a terminologia dos *corpora*⁵ em questão comparando-os com *corpora* de língua geral, o Portuguese Web 2011 (ptTenTen11)⁶ para as publicações em língua portuguesa e o English Web 2013 (enTenTen13)⁷ para as publicações em língua inglesa por se tratarem de *corpus* de referência *default* no software utilizado. Ademais, para servirem aos propósitos desta pesquisa, as palavras-chave precisam aparecer em duas ou mais publicações, a fim de evitar dados de registro individual, ou seja, estilos de escrita de um autor em específico.

Resultados

Como indicado na seção anterior, começaremos esta seção com os resultados da análise a olho nu. Em seguida, passamos aos resultados obtidos pela Linguística de Corpus. Em 2015, aparecem os primeiros artigos revisados por pares com o IsF como foco, tanto de modo direto como de modo indireto; além disso, também surgiram capítulos em livros, dissertações e teses. Conforme o método de análise sugerido, compilamos os resultados aqui, resumidos no quadro sinóptico a seguir.

Quadro 1 - Produções do ano de 2015

Título, autor e revista/programa	Tema(s)	Gênero
DORIGON, T. O Programa Idiomas sem Fronteiras analisado a partir do Ciclo de Políticas. <i>BELT</i> , n. 6, p. 4-20, 2015.	Políticas linguísticas	Artigo em periódico
LAMBERTS, D. <i>O livro didático de língua inglesa em uso: análise de pesquisas e observações de aula no programa Idiomas sem Fronteiras</i> . Dissertação (Mestrado) – PPGLET, UFRGS, Porto Alegre, 2015.	Uso do livro didático	Dissertação de mestrado
ARCHANJO, R. Globalização e multilinguismo no Brasil, competência linguística e o Programa Ciência Sem Fronteiras. <i>Revista Brasileira de Linguística Aplicada</i> , v. 15, n. 3, p. 621-656, 2015.	Globalização; multilinguismo; políticas linguísticas; ensino e aprendizagem de língua estrangeira	Artigo em periódico
SARMENTO, S.; KIRSCH, W. Inglês sem Fronteiras: uma mirada ao contexto de prática pelo prisma da formação de professores. <i>Ilha do Desterro</i> , v. 68, n. 1, p. 47-59, 2015.	Formação de professores	Artigo em periódico
ROSA, G. D. C. Cursos do Idiomas sem Fronteiras Inglês UFU: tecnologias digitais, investimento e complexidade. Dissertação (Mestrado) –, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.	Ensino e aprendizagem de língua estrangeira	Dissertação de mestrado
MARTINS, A.; REIS, E. C. Internacionalização na UFSC: Análise do Programa Inglês sem Fronteiras e do curso extracurricular de inglês. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE GESTÃO UNIVERSITÁRIA – CIGU, 15. <i>Anais [...]</i> . 2015.	Internacionalização	Anais de evento
BORGES, R. A.; GARCIA-FILICE, R. C. Novo desenvolvimentismo e internacionalização da educação superior no Brasil: o desafio da fronteira linguística. In: CONFERÊNCIA DO FÓRUM DA GESTÃO DO ENSINO SUPERIOR NOS PAÍSES E REGIÕES DE LÍNGUA INGLESA, 2015. <i>Anais [...]</i> . 2015.	Internacionalização	Anais de evento
VIAL, A. P. S.; DE SOUZA WELP, A. K. O uso do livro didático no Programa Idiomas sem Fronteiras-Inglês. <i>BELT-Brazilian English Language Teaching Journal</i> , p. 34-49, 2015.	Uso do livro didático	Artigo em periódico
DE ALMEIDA, T. L. J.; DAMIANOVIC, M. C. The role of argumentation as dialog among teachers to-be: a critical-collaborative decision making in teacher education on Facebook. <i>Revista Estudos Anglo-Americanos</i> , n. 43, p. 118-140, 2015.	Formação de professores	Artigo em periódico

Fonte: Elaborado pelos autores.

A busca relativa ao ano de 2015 no Google Acadêmico aponta 57 trabalhos, dos quais aqui apresentamos dez. Como podemos ver no quadro acima, há uma distribuição equânime de temáticas de pesquisa – política linguística, internacionalização, formação de professores e uso do livro didático. Desses, os mais preponderantes são os de política linguística e de formação de professores, ainda que em várias ocorrências as temáticas entrecruzam-se umas com as outras. A maioria dos trabalhos, como podemos ver, é composta por artigos em periódicos, sendo que há duas dissertações de mestrado estudando o programa e dois artigos publicados em anais de evento.

A seguir, apresentamos o quadro sinóptico obtido com as buscas relacionadas ao ano de 2016. Nesse ano, as produções que respondem à pesquisa pelas palavras-chave IsF aumentam significativamente – indo de 57, no ano anterior, a 106, no ano de 2016.

Quadro 2 - Produções do ano de 2016

Título, autor e revista/programa	Tema	Gênero
ARCHANJO, R. Saberes sem fronteiras: políticas para as migrações pós-modernas. <i>DELTA</i> , v. 32, n. 2, p. 515-542, 2016.	Política linguística	Artigo em periódico
GIMENEZ, T.; PASSONI, T. P. Políticas linguísticas e suas consequências não planejadas: o programa “Inglês Sem Fronteiras” e suas repercussões nos cursos de Letras. <i>Calidoscópio</i> , v. 14, n. 1, p. 115-126, 2016.	Política linguística; formação de professores	Artigo em periódico
KOBAYASHI, E. Efeito retroativo de um exame de proficiência em língua inglesa em um Núcleo de Línguas do Programa Inglês sem Fronteiras. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas.	Práticas de avaliação	Tese de doutorado
DELLA ROSA, F.; KAWACHI-FURLAN, C. J.; AUGUSTO-NAVARRO, E. H. Inglês para propósitos específicos (IPE): características e tendências atuais de ensino. <i>EntreLínguas</i> , v. 2, n. 1, p. 25-39, 2016.	Inglês para fins específicos; ensino de inglês	Artigo em periódico

GALLI, J. A. Letramento em línguas estrangeiras no Brasil: o projeto brafitec e sua relação FOS/ FOU. <i>Revista do Gelne</i> , v. 18, n. 2, p. 184-203, 2016.	Letramento em língua adicional	Artigo em periódico
MAGALHÃES, M. L. P. O Ensino da língua inglesa na modalidade a distância: a proposta didática do Programa E-TEC Idiomas sem Fronteiras. <i>Encontro Internacional de Formação de Professores e Fórum Permanente de Inovação Educacional</i> , v. 9, n. 1, 2016.	Ensino e aprendizagem de língua estrangeira	Anais de evento
JORGE, M. Línguas estrangeiras em evidência: formação de professores, justiça social e letramentos. 2016.	Formação de professores; letramento em língua adicional	Artigo em periódico
FINARDI, K.; SANTOS, J.; GUIMARÃES, F. A relação entre línguas estrangeiras e o processo de internacionalização: evidências da Coordenação de Letramento Internacional de uma Universidade Federal. <i>Interfaces Brasil/Canadá</i> , v. 16, n. 1, p. 233-255, 2016.	Internacionalização universitária	Artigo em periódico
SZUNDY, P. T. C. (2016). The commodification of English in Brazilian public universities: language ideologies entextualized in the scope of the program English without Borders. <i>Revista da Anpoll</i> , v. 1, n. 40, p. 101-114, 2016.	Ideologia linguística	Artigo em periódico
CARDOZO, L. B. <i>O impacto do material didático elaborado pelo professor na motivação de aprendizes de língua inglesa</i> . Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2016.	Material didático; Ensino e aprendizagem de língua estrangeira	Dissertação de mestrado

Fonte: Elaborado pelos autores.

Novamente, o gênero predominante é o de artigo em periódico. Diferentemente do quadro relativo às publicações de 2015, em 2016 há textos produzidos em língua inglesa. Além disso, há, outra vez, uma distribuição equânime entre diferentes temáticas – formação de professores, política linguística, internacionalização, inglês como língua adicional e inglês para fins específicos. Desta vez, não há nenhuma temática preponderante, ainda que formação de professores e política linguística apareçam duas vezes cada. A

seguir, apresentamos os resultados de 2017, que apresentam um leve aumento no quantitativo de produções encontradas no Google Acadêmico – de 106 para 117.

Quadro 3 - Produções do ano de 2017

Título, autor e revista/programa	Tema	Gênero
VIAL, A. P. S. "Um Everest que eu vou ter que atravessar": formação de professores para o ensino de inglês acadêmico no programa idiomas sem fronteiras. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.	Formação de professores	Dissertação de mestrado
FINARDI, K.; GUIMARÃES, F. F. Internacionalização, rankings e publicações em inglês: a situação do Brasil na atualidade. <i>Estudos em Avaliação Educacional</i> , v. 28, n. 68, p. 600-626, 2017.	Internacionalização	Artigo em periódico
KIRSCH, W. <i>Teacher development in a community of practice in southern Brazil</i> . Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017.	Formação de professores	Tese de doutorado
VASCONCELOS, C. N.; SILVA, D. C. F. Idiomas sem Fronteiras no Brasil. <i>Encontros Universitários da UFC</i> , v. 2, n. 1, p. 50-52, 2017.	Implementação de programa	Anais de evento
PEREIRA, F. M. O Programa Idiomas sem Fronteiras e a formação de professores de inglês na UFBA: objetivos (inter)nacionais em práticas locais. <i>Letras Raras</i> , v. 6, n. 1, p. 151-165, 2017.	Formação de professores	Artigo em periódico
FREITAS, P. G. de et al. A implementação do ensino de língua italiana no programa Idiomas sem Fronteiras na Universidade Federal do Paraná: conquistas e desafios. <i>Letras Raras</i> , v. 6, n. 1, p. 20-37, 2017.	Gestão universitária e implementação de programa	Artigo em periódico
BAFFI-BONVINO, M. A.; CASANOVA, G. D.; ZORZETO, M. S. Reflexões acerca da proficiência em língua inglesa por professores em formação: impacto e efeito retroativo do Programa Idiomas sem Fronteiras. <i>Letras Raras</i> , v. 6, n. 1, p. 128-150, 2017.	Proficiência em língua adicional; formação de professores	Artigo em periódico

DUARTE, A. I. S.; VASCONCELOS, E. N. S.; DA SILVA, A. T. Estudo das percepções do público-alvo dos cursos do Nucli-Inglês do Programa Idiomas Sem Fronteiras (Núcleo de Língua Inglesa-NuLi-HA00. 2014. PJ. 0016). <i>Encontros Universitários da UFC</i> , v. 2, n. 1, p. 51-36, 2017.	Implementação de programa	Anais de evento
FONSECA, J. G. da; XIMENES, J. C. O Programa Idiomas Sem Fronteiras - ISF e a formação do professor de Língua Alemã da Universidade Federal da Bahia. <i>Letras Raras</i> , v. 6, n. 1, p. 7-19, 2017.	Formação de professores	Artigo em periódico
RODRIGUES, B. G.; SOUSA, A. A. O.; ANDRADE, J. M. M. Formação de professores de inglês no Programa Idiomas Sem Fronteiras na UFPI: análise das crenças que norteiam o ensino da diversidade linguística. <i>Letras Raras</i> , v. 6, n. 1, p. 83-94, 2017.	Formação de professores	Artigo em periódico

Fonte: Elaborado pelos autores.

Como podemos ver, voltamos a ter uma predominância de artigos em periódicos, mas também há uma tese de doutorado e uma dissertação de mestrado, além de um trabalho em anais de evento nacional. Em relação às línguas, dentre as 10 publicações em 2017, apenas uma foi realizada em língua inglesa. Outra vez, formação de professores aparece na cabeceira em relação ao número de produções, sendo nesse ano de forma mais marcada, correspondendo a seis ocorrências.

Abaixo, segue o resultado do ano de 2018. É um ano em que o número de produções aumenta bastante em comparação ao ano anterior – de 117 para 174 resultados.

Quadro 4 - Produções do ano de 2018

Título, autor e revista/programa	Tema	Gênero
DELLA ROSA, S. F. P. <i>A percepção e a atuação de aprendizes em relação à autonomia em um curso de inglês para propósitos acadêmicos no contexto do programa Idiomas sem Fronteiras</i> . Tese (Doutorado) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018.	Ensino de Inglês para fins Acadêmicos	Tese de doutorado
WALESKO, A. M.; FELIX, F. Formação de professores em uma Comunidade de Prática: o caso do NuLi Inglês sem Fronteiras na UFPR. <i>Revista X</i> , v. 13, n. 2, p. 67-92, 2018.	Formação de professores	Artigo em periódico
FORTES, L.; PEREIRA, J. R. D. S.; ZAPATA, E. K. G. Idiomas sem Fronteiras: ensino, formação e pesquisa em línguas adicionais. In: SEMANA INTEGRADA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO (SIEPE), 1., 2018.	Formação de professores; ensino e aprendizagem de língua	Anais de evento
DE VASCONCELOS, A. B.; DIAS, M. M. L. Internacionalização linguística no âmbito do Programa Idiomas sem Fronteiras. <i>Encontros Universitários da UFC</i> , v. 3, n. 1, p. 45-58, 2018.	Internacionalização	Anais de evento
RODRIGUES, Y. S. et al. Técnicas de correção de aspectos suprasegmentais da língua inglesa no programa Idiomas sem Fronteiras. In: ENCONTRO DE PRÁTICAS DOCENTES, 12.; SEMINÁRIO INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA, 6., 2018. p. 6210.	Ensino e aprendizagem de língua	Anais de evento
VELOSO, F. S.; DE FREITAS, P. G. A implantação do ensino de língua italiana no programa Idiomas sem Fronteiras na Universidade Federal do Paraná: conquistas e desafios. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA XERAL: VIGO, 13., 13-15 de xuño de 2018. <i>Actas [...]</i> . Universidade de Vigo, 2018. p. 817-821.	Implementação do programa	Anais de evento
MOZER, I. P.; KAWACHI-FURLAN, C. J. Not by the book: a experiência de desenvolver material em um curso de Inglês para Propósitos Específicos do Programa Idiomas sem Fronteiras. <i>A Cor das Letras</i> , n. 18 (Especial), p. 145-162, 2018.	Material didático; Inglês para fins específicos;	Artigo em periódico

ANGELO, F. A. S.; HONORIO, A. P. P.; SILVA, D. C. F. Análise dos principais erros gramaticais identificados em parágrafos escritos em língua inglesa por alunos do Programa Idiomas sem Fronteiras. <i>Encontros Universitários da UFC</i> , v. 3, n. 1, p. 6166, 2018.	Ensino e aprendizagem de língua	Anais de evento
DE OLIVEIRA MEDEIROS, I. M.; FURTADO, R. N. M. Reflexões sobre o ensino voltado para leitura de textos acadêmicos, para estrangeiros, do Programa Idiomas sem Fronteiras, da UFC. <i>Encontros Universitários da UFC</i> , v. 3, n. 1, p. 6206, 2018.	Inglês para fins acadêmicos	Anais de evento
MOTA, A. C. D.; SILVA, D. C. F. Relato de experiência dos alunos do curso de produção oral: debates do Programa Idiomas sem Fronteiras – UFC – abril/maio e agosto/setembro de 2018. <i>Encontros Universitários da UFC</i> , v. 3, n. 1, p. 6208, 2018.	Ensino e aprendizagem de língua	Anais de evento

Fonte: Elaborado pelos autores.

Em relação ao ano de 2018, é possível observar que há alguns câmbios interessantes na comparação com os anos anteriores. Em primeiro lugar, há uma quantidade maior de publicações (174 na revisão sistemática). Dentre as publicações apresentadas no Quadro 4, há dois artigos em periódicos, sete artigos publicados em anais de evento e uma tese de doutorado. Além disso, há nove publicações em língua portuguesa e uma em língua inglesa. Formação de professores, desta vez, aparece apenas uma vez, assim como é o caso de internacionalização, temáticas mais recorrentes nos anos anteriores. Por fim, as publicações feitas até setembro de 2019 encontram-se organizadas no quadro a seguir:

Quadro 5 - Produções do ano de 2019

Título, autor e revista/programa	Tema	Gênero
BRAGA, J. D. C. F.; DELLAGNELO, A. K.; SOUZA, V. V. S. Orientação on-line Idiomas sem Fronteiras- Inglês: relato de experiências de 2018. <i>Olhares & Trilhas</i> , v. 21, n. 2, p. 208-218, 2019.	Ensino e aprendizagem de língua	Artigo em periódico
PASSONI, T. P. Programa Idiomas sem Fronteiras (Inglês): um estudo sobre ideologias da língua inglesa. <i>Revista Brasileira de Linguística Aplicada</i> , 2019. No prelo.	Ideologia Linguística	Artigo em periódico
KANEKO-MARQUES, S. M.; DE MORAES GARCIA, D. N. Implementação do Programa Idiomas sem Fronteiras na UNESP. <i>Estudos Linguísticos</i> (São Paulo. 1978), v. 48, n. 1, p. 242-261, 2019.	Implementação do programa	Artigo em periódico
AYUB, G. A.; ZANIOL, V. Obstáculos e estratégias na prática docente no Programa Idiomas sem Fronteiras. <i>Olhares & Trilhas</i> , v. 21, n. 2, p. 197-207, 2019.	Ensino e aprendizagem de língua	Artigo em periódico
NASCIMENTO, M. R.; GORITO, L. A. Percepções sobre uma prática de ensino colaborativo no Idiomas sem Fronteiras. <i>Olhares & Trilhas</i> , v. 21, n. 2, p. 155-162, 2019.	Ensino e aprendizagem de língua	Artigo em periódico
COSTA, H. A.; MEDEIROS, H. D. O Programa Idiomas sem Fronteiras Francês na Universidade de São Paulo: ações de internacionalização para a mobilidade acadêmica. <i>Olhares & Trilhas</i> , v. 21, n. 2, p. 124-138, 2019.	Internacionalização	Artigo em periódico
BEZERRA, F. A. S.; DA COSTA, P. T. C. F.; MOREIRA, A. G. M. Á. P. Implicações pedagógicas do programa idiomas sem fronteiras no desenvolvimento profissional de professores/as em formação no NUCL-HFPB. <i>Revista do GELNE</i> , v. 21, n. 2, p. 18-30, 2019.	Formação de professores	Artigo em periódico
JÚNIOR, A. L. S. S.; ONO, F. T.; DE ARAÚJO, V. R. S. O Programa Idiomas sem Fronteiras e os relatos pessoais sobre o ensino da língua inglesa para técnicos e alunos da Universidade Federal de Roraima. <i>Olhares & Trilhas</i> , v. 21, n. 2, p. 186-196, 2019.	Ensino e aprendizagem de língua	Artigo em periódico

BRICK, T. V. <i>O desenvolvimento de competências de professores pré-serviço de Letras-Língua Inglesa no contexto do Programa Idiomas sem Fronteiras</i> . Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.	Formação de professores	Dissertação de mestrado
YAMAMOTO, M. I. Reflexões sobre o Inglês sem Fronteiras. <i>Olhares & Trilhas</i> , v. 21, n. 2, p. 174-185, 2019.	Implementação do programa	Artigo em periódico

Fonte: Elaborado pelos autores.

Até setembro de 2019, o número total de publicações acerca do Programa IsF que cumpre os requisitos da revisão sistemática no Google Acadêmico foi 92. No Quadro 5, observam-se nove artigos em periódicos e uma dissertação de mestrado. Desta vez, ensino e aprendizagem de língua inglesa foram predominantes. Passamos, agora, aos resultados obtidos através da Linguística de Corpus. Como dito anteriormente, essa investigação nos dá várias pistas acerca dos maiores impactos do programa por meio de uma mirada às produções acadêmicas que o enfocam. Como indicado na metodologia, os parâmetros de busca foram um pouco diferentes dos parâmetros utilizados na revisão a olho nu.

Tabela 1 - Publicações sobre o Programa IsF de 2015 a 2019 que compuseram o *corpus* analisado por meio da Linguística de Corpus

Publicações IsF (2015-2019)						
	2015	2016	2017	2018	2019	Total
Artigo em periódico	7	7	14	12	20	60
Dissertação/tese	2	3	2	4	3	14
Capítulo de livro	-	-	1	1	-	2
Anais de evento	2	-	4	2	-	8
TOTAL	11	10	21	19	23	84

Fonte: Elaborado pelos autores.

Ao todo, 84 trabalhos que cumpriram os requisitos de busca no Google Acadêmico explicitados na seção de metodologia foram publicados a respeito do Programa IsF e analisados por meio da Linguística de Corpus. Como é possível observar na Tabela 1, artigo em periódico é o gênero predominante no *corpus* da presente pesquisa, totalizando 60 publicações. O número de textos está em uma curva ascendente desde 2015, com um aumento expressivo de 2018 a 2019, em função de a revista *Olhares e Trilhas* ter publicado uma edição especial voltada especificamente para o IsF. Por esse motivo, a totalidade de artigos no ano de 2019 se justifica.

O *corpus* composto pelas publicações em língua portuguesa possui 59 textos, totalizando 890.158 palavras. Já o *corpus* em inglês possui 22 textos e um total de 281.888 palavras. Em relação à análise das palavras-chave, os resultados encontrados estão sistematizados no quadro a seguir. Nele, os 10 termos mais frequentes, tanto nas publicações em português quanto nas publicações em inglês, podem ser observados:

Quadro 6 - Dez termos mais frequentes nas publicações em português e em inglês na comparação com os *corpora* de língua geral

Palavras-chave	
Publicações em português	Publicações em inglês
Língua inglesa	Teacher development
Língua(s) estrangeira(s)	Student teacher
Formação de professores	Participant observation
Material didático	Language teaching
Educação superior	Private language school
Ensino de língua(s)	Teacher education
Ensino de inglês	Language proficiency
Materiais didáticos	Language policy

Falante nativo	Pedagogical coordinator
Processo de internacionalização	Native speaker

Fonte: Elaborado pelos autores.

Com base no levantamento das palavras-chave em português e em inglês, percebe-se que há termos em comum em ambos os top 10, como é o caso de *formação de professores* e *teacher development*. Nos exemplos abaixo, podem-se observar alguns contextos de uso de tais termos:

Figura 2 - Contexto de uso de *formação de professores*

Em 14 de novembro de 2014, foi publicada a portaria nº 973, a qual amplia o Programa, agora denominado Idiomas Sem Fronteiras, que, dentre demais alterações, visa “fortalecer as licenciaturas e a **formação de professores** de idiomas nas IES credenciadas ao Programa” (Brasil, 2014, p. 3). (artport201601)

Fonte: Elaborado pelos autores.

Figura 3 - Contexto de uso de *teacher development*

The Language without Borders (LwB) Programme is an educational policy which aims at promoting English learning at universities as well as promoting opportunities for **teacher development**. (arting201702)

Fonte: Elaborado pelos autores.

Em ambos os casos, o termo *formação de professores* (*teacher development*, em inglês) é utilizado como menção às portarias lançadas pelo MEC ou então aos próprios objetivos do programa. Esse uso específico está de acordo tanto com a temática “formação de professores”, que emergiu da sistematização das produções a olhnu, quanto da temática “implementação do programa”.

Outro termo utilizado em inglês e que pode ser equivalente a *formação de professores* é *teacher education*, o qual é o sexto mais

utilizado, conforme exposto no Quadro 6. O par *ensino de línguas* e *language teaching* também se encontra entre os dez termos mais utilizados nas publicações acerca do IsF. Naturalmente, esses resultados corroboram uma das frentes do programa, a saber, a formação de professores em um contexto de ensino de línguas. Ou seja, em se tratando de um programa dessa natureza, é esperado que tais termos ocupem as primeiras posições. Os usos de *ensino de língua(s)* e *language teaching* estão relacionados tanto a um contexto maior referente à área de ensino de línguas – não necessariamente de língua inglesa – quanto a práticas de ensino, conforme pode ser observado nas figuras 4 e 5:

Figura 4 - Contexto de uso de *ensino de línguas*

O Programa Idiomas sem Fronteiras (doravante, IsF) tem escrito uma nova história do **ensino de línguas** estrangeiras no país, redimensionando práticas para atingir objetivos nacionais com impactos internacionais e ressignificando a importância de idiomas para o desenvolvimento científico, social e cultural. (artport201701)

Fonte: Elaborado pelos autores.

Figura 5 - Contexto de uso de *language teaching*

Finardi (2017) adds that a possibility to guarantee the inclusion of other foreign languages in the curricula of Brazilian schools is the adoption of the Intercomprehension Approach to **language teaching**, especially in the case of Spanish, French and Italian, the three foreign languages most frequently taught (after English) in Brazilian schools. (arting201805)

Fonte: Elaborado pelos autores.

Ao realizarmos uma busca pelas palavras mais utilizadas nos dois *corpora*, as cinco mais frequentes são as que seguem no Quadro 7.

Quadro 7 - Cinco palavras mais frequentes nos *corpora* analisados

Cinco palavras mais frequentes	
Português	Inglês
Língua	English
Programa	Language
Professores	Teacher(s)
Ensino	Program
Alunos	Students

Fonte: Elaborado pelos autores.

Língua é a palavra lexical mais frequentemente utilizada no *corpus* com publicações em língua portuguesa. Já no *corpus* em língua inglesa, *English* é a palavra lexical com mais ocorrências, por ser utilizada, também, como parte de nomes próprios, como em *English without Borders*, *My English Online* e *English Teaching Assistants*. Por meio da ferramenta *thesaurus* no software *Sketch Engine*, é possível observar com quais outras palavras *língua* e *English* se combinam, ou seja, quais palavras possuem um grau de atratividade em relação àquelas. Conforme as figuras 6 e 7, o termo em verde é o que se coloca mais fortemente com a palavra no centro. As demais palavras que orbitam em torno de *língua* e *English* também apresentam relativa atração, a qual é menor nos anéis mais distantes.

Reflexões finais

Ao analisar os dados, parece que a formação de professores foi uma agenda que surgiu do contexto de prática do IsF, visto que, nas primeiras portarias a propor e regulamentar o programa, a formação de professores não era mencionada. Entretanto, a partir da Portaria n. 30, de 26 de janeiro de 2016⁸, o IsF passa a ser oficialmente tratado como um programa que visa contribuir com a formação inicial e continuada de professores de língua estrangeira para fins específicos de internacionalização nas IES e nas escolas brasileiras.

Efetivamente, o tema mais frequentemente focado pelas produções relativas ao programa neste pequeno *corpus* aqui compilado é a questão da formação de professores, vista de uma série de ângulos diferentes, mas, sobretudo, desde o ponto de vista do contexto específico dos diferentes NuLis espalhados pelo país e dos participantes desses NuLis. Diversas vezes, inclusive, o pesquisador é ou foi coordenador ou professor bolsista do programa.

Cumprir destacar, ainda, que os resultados provenientes da análise das palavras-chave por meio do software *Sketch Engine* corroboram a análise qualitativa das temáticas dos relatórios de pesquisa sistematizados nos quadros sinóticos. Dito de outro modo, termos como “formação de professores”, “materiais didáticos”, “educação superior”, “*teacher development*” e “*language policy*” não surgiram de forma aleatória. Assim, a análise qualitativa “a olho nu” e a automatizada da Linguística de Corpus se complementam e ratificam os resultados do presente estudo.

Por fim, é interessante perceber que nossos desígnios e cosmovisões podem penetrar uma política de estado, mesmo esta estando sempre, aparentemente, tão distante de nós. Isso indica que o nosso exercício de produção de conhecimento e militância

política para que esse conhecimento seja reconhecível nas esferas que decidem sobre a vida da população nem sempre são em vão.

Notas

- ¹ Disponível em: <http://www.capes.gov.br/servicos/sala-de-imprensa/36-noticias/5959-lancado-ingles-sem-fronteiras-e-anunciada-nova-forma-de-pagamento-dos-bolsistas-do-csf>. Acesso em: 29 dez. 2013.
- ² Policy Cycle Approach (tradução nossa).
- ³ Disponível em: <https://scholar.google.com.br/>. Acesso em: 24 out. 2019.
- ⁴ A listagem completa dos textos será disponibilizada no portal do Programa IsF para auxiliar na produção de novos estudos e pesquisas.
- ⁵ Plural de *corpus*.
- ⁶ Disponível em: <https://www.sketchengine.eu/pttenten-portuguese-corpus/>. Acesso em: 24 out. 2019.
- ⁷ Disponível em: <https://www.sketchengine.eu/ententen-english-corpus/>. Acesso em: 24 out. 2019.
- ⁸ Disponível em: http://isf.mec.gov.br/images/2016/janeiro/Portaria_n_30_de_26_de_janeiro_de_2016_DOU.pdf. Acesso em: 24 out. 2019.

Referências

ARCHANJO, R. Globalização e multilinguagem no Brasil: competência linguística e o Programa Ciência sem Fronteiras. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 3, n. 15, p. 621-656, 2015.

ARCHANJO, R. Saberes sem fronteiras: políticas para as migrações pós-modernas. *DELTA*, v. 2, n. 32, p. 515-542, 2016.

BAFFI-BONVINO, M. A.; CASANOVA, G. D.; ZORZETO, Mariana S. Reflexões acerca da proficiência em língua inglesa por professores em formação: impacto e efeito retroativo do Programa Idiomas sem Fronteiras. *Letras Raras*, v.1, n. 6, p. 128-150, 2017.

BALL, S. J. *Education reform: a critical and post structural approach*. Buckingham: Open University Press, 1994.

BIBER, Douglas *et al.* *Corpus linguistics: investigating language structure and use*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

BOWE, R.; BALL, S. J.; GOLD, A. *Reforming education & changing schools: case studies in policy sociology*. London: Routledge, 1992.

BRASIL. Ministério da Educação. Portaria nº 973, de 14 de novembro de 2014. Institui o Programa Idiomas sem Fronteiras e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, 17 nov. 2014. Disponível em: http://isf.mec.gov.br/ingles/images/pdf/novembro/Portaria_973_Idiomas_sem_Fronteiras.pdf. Acesso em: 29 fev. 2016.

DELLA ROSA, F.; KAWACHI-FURLAN, C. J.; AUGUSTO-NAVARRO, E. H. Inglês para propósitos específicos (IPE): características e tendências atuais de ensino. *EntreLínguas*, v. 2, n. 1, p. 25-39, 2016.

DORIGON, T. O Programa Idiomas sem Fronteiras analisado a partir do Ciclo de Políticas. *BELT*, n. 6, p. 4-20, 2015.

FINARDI, K.; SANTOS, J.; GUIMARÃES, F. A relação entre línguas estrangeiras e o processo de internacionalização: evidências da Coordenação de Letramento Internacional de uma universidade federal. *Interfaces Brasil/Canadá*, v. 1, n. 16, p. 233-255, 2016.

FONSECA, J. G.; XIMENES, J. C. O Programa Idiomas Sem Fronteiras - ISF e a formação do professor de Língua Alemã da Universidade Federal da Bahia. *Letras Raras*, v. 1, n. 6, p. 7-19, 2017.

FREITAS, P. G. *et al.* A implementação do ensino de língua italiana no programa Idiomas sem Fronteiras na Universidade Federal do Paraná: conquistas e desafios. *Letras Raras*, v. 1, n. 6, p. 20-37, 2017.

GALLI, J. A. Letramento em línguas estrangeiras no Brasil: o projeto Brafitec e sua relação FOS/FOU. *Revista do Gelne*, v. 2, n. 18, p. 184-203, 2016.

GIMENEZ, T.; PASSONI, T. P. Políticas linguísticas e suas consequências não planejadas: o programa “Inglês Sem Fronteiras” e suas repercussões nos cursos de Letras. *Calidoscópio*, v. 1, n. 14, p. 115-126, 2016.

JORGE, M. Línguas estrangeiras em evidência: formação de professores, justiça social e letramentos. In: FERREIRA, M. C. D.; REICHMANN, C. L.; ROMERO, T. S. (org.). *Construções identitárias de professores de línguas*. Campinas: Pontes, 2016. p. 121-137.

KILGARRIFF, Adam *et al.* The Sketch Engine: ten years on. *Lexicography*, v. 1, n. 1, p. 7-36, 2014.

KIRSCH, W. *Teacher development in a community of practice in southern Brazil*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

LAMBERTS, D. *O livro didático de língua inglesa em uso: análise de pesquisas e observações de aula no programa Idiomas sem Fronteiras*. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

MCENERY, T.; HARDIE, A. *Corpus linguistics: method, theory and practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

MCENERY, T.; WILSON, A. *Corpus linguistics*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1996.

MEDEIROS, I. M. de O.; FURTADO, R. N. M. Reflexões sobre o ensino voltado para leitura de textos acadêmicos, para estrangeiros, do programa Idiomas sem Fronteiras, da UFC. *In: ENCONTRO DE PRÁTICAS DOCENTES, 12.; SEMINÁRIO INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA, 6., 2018. p. 6206.*

MOTA, A. C. D.; SILVA, D.C. F. Relato de experiência dos alunos do curso de produção oral: debates do programa Idiomas sem Fronteiras. *In: ENCONTRO DE PRÁTICAS DOCENTES, 12.; SEMINÁRIO INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA, 6., 2018. p. 6208.*

MOZER, I. P.; KAWACHI-FURLAN, C. J. Not by the book: the experience of designing teaching material for an English for Specific Purposes course in the Program Languages without Borders. *A Cor das Letras*, n. 18, p. 145-162, 2018.

PEREIRA, F. M. O Programa Idiomas sem Fronteiras e a formação de professores de inglês na UFBA: objetivos (inter)nacionais em práticas locais. *Revistas Letras Raras*, v. 1, n. 6, p. 151-165, 2017.

RODRIGUES, B. G.; SOUSA, A. A. O.; ANDRADE, J. M. M. Formação de professores de inglês no Programa Idiomas Sem Fronteiras na UFPI: análise das crenças que norteiam o ensino da diversidade linguística. *Revista Letras Raras*, v. 6, n. 1, p. 83-94, 2017.

RODRIGUES, Y. S. *et al.* Técnicas de correção de aspectos suprasegmentais da língua inglesa no programa Idiomas sem Fronteiras. *In: ENCONTRO DE*

PRÁTICAS DOCENTES, 12.; SEMINÁRIO INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA, 6., 2018. p. 6210.

SARMENTO, S.; KIRSCH, W. Inglês sem Fronteiras: uma mirada ao contexto de prática pelo prisma da formação de professores. *Ilha do Desterro*, v. 1, n. 68, p. 47-59, 2015.

VASCONCELOS, C. N.; SILVA, D. C. F. Idiomas sem Fronteiras no Brasil. *Encontros Universitários da UFC*, v. 2, n. 1, p. 50-52, 2017.

VELOSO, F. S.; FREITAS, P. G. A implantação do ensino de língua italiana no programa Idiomas sem Fronteiras na Universidade Federal do Paraná: conquistas e desafios. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA XERAL: VIGO, 13., 13-15 de xuño de 2018. *Actas [...]*. Universidade de Vigo, 2018. p. 817-821.

SIMONE SARMENTO
ANA LUIZA PIRES DE FREITAS
LAURA K. BAUMVOL

INTEGRAÇÃO DE LÍNGUA E CONTEÚDO NO CONTEXTO DO IDIOMAS SEM FRONTEIRAS

Introdução

A internacionalização¹ da educação ainda é um fenômeno recente no contexto do ensino superior brasileiro, bem como as políticas e ações estabelecidas para fomentá-la. A centralidade da língua inglesa para o contexto acadêmico internacional, por sua vez, faz com que o esforço mobilizado para internacionalizar as universidades do país oportunize novos campos de atuação, especialmente para aqueles envolvidos com educação acadêmica e prática de línguas adicionais (LAs).

É a essa temática que este texto se dedica. Partimos da caracterização do ensino de LAs no Brasil para situar o ensino de inglês e o surgimento do Programa Idiomas Sem Fronteiras (IsF), apresentado como divisor de águas na história do ensino de línguas em nosso país. Avançamos para o desenvolvimento dos cursos de Inglês para fins acadêmicos e para o aumento da popularidade dos programas que abordam língua e conteúdo nos países em que o inglês não é a língua dominante. Introduzimos os diferentes

modos de nomear as variadas abordagens que os estudos em Educação e Linguística Aplicada têm desenvolvido para se referir ao ensino e aprendizagem de conteúdo por meio do inglês, bem como situamos as posições dessas abordagens em relação à conteúdo e língua. Depois disso, para realçar os avanços nas novas oportunidades acima mencionadas, revisamos um mapeamento de informações sobre as disciplinas ministradas em Inglês como meio de instrução em universidades brasileiras. Nessa direção, também apresentamos dados acerca das motivações dos professores universitários brasileiros para a adoção da língua inglesa, com vistas a construir conhecimentos acadêmicos. Por fim, e mais importante, buscamos verificar uma possível relação entre as ações do Programa Idiomas sem Fronteiras (IsF) e a prática de Inglês como Meio de Instrução (EMI) nas universidades públicas do país, apresentando dados de uma pesquisa conduzida com coordenadores de núcleos do Programa. Nosso objetivo é problematizar por que a adoção da língua inglesa no ensino superior brasileiro seria importante, que efeitos pode ter e que possibilidades de inclusão pode, potencialmente, criar para nossas comunidades acadêmicas.

O ensino de línguas adicionais no Brasil

No Brasil, o ensino de LAs tem sido tradicionalmente relegado ao setor privado, com a oferta de mais de 6.000 cursos de idiomas pagos no país e um aumento anual de 15% nesse montante (Windle; Nogueira, 2015). Existem diferentes tipos de cursos, cobrindo diversas faixas de preço e, com isso, atendendo a diferentes classes sociais, mas não a todas. Os alunos provenientes de segmentos menos privilegiados geralmente só conseguem ter acesso a aulas de inglês em escolas regulares, o que, em muitos cenários, seria bom o suficiente, mas não no Brasil, e as causas são múltiplas.

Primeiramente, existe a crença de que línguas adicionais não são aprendidas em escolas regulares, o que faz com que os professores fiquem desmotivados. Segundo, as turmas são numerosas e, geralmente, há apenas uma hora de aula de inglês por semana, impossibilitando a aquisição de fluência. Além disso, os professores das escolas públicas são geralmente mal remunerados no país e, para contrabalançar os baixos salários, precisam ter mais de um emprego e trabalhar muitas horas, sem deixar espaço para o próprio desenvolvimento profissional. Enquanto isso, desde os anos 90, as práticas educacionais das famílias da classe dominante são marcadas por um forte investimento no aprendizado de inglês e em viagens internacionais para destinos nos quais o inglês é a primeira língua, para fins educacionais (Windle; Nogueira, 2015).

Somente nos últimos cinco anos, aulas de línguas adicionais se tornaram o foco de uma Política Educacional Linguística abrangente na esfera pública, mais precisamente no ensino superior, com o estabelecimento do programa Inglês sem Fronteiras, em 2012 (Brasil, 2012a), renomeado Idiomas sem Fronteiras (IsF) em 2014 (Sarmiento; Abreu-e-Lima; Moraes, 2016). O IsF originou-se de demandas do programa Ciência Sem Fronteiras (CsF). Como consequência, causou uma mudança sem precedentes no ensino de LAs no sistema de ensino superior do país, oferecendo aulas gratuitas presenciais e a distância, além da aplicação de testes de proficiência a estudantes, professores e funcionários de instituições pós-secundárias públicas (Brasil, 2012b). Tendo o IsF surgido de uma demanda por desenvolver proficiência linguística para capacitar acadêmicos brasileiros a ingressarem em universidades do hemisfério norte, estabeleceu-se, também, para o mesmo período, o objetivo de alçar as instituições de ensino superior (IES) nacionais a um patamar internacional. Tal demanda implica, dentre outras medidas, promover atividades acadêmicas em língua inglesa. Assim, juntamente com as ações

do IsF, um fenômeno novo começou a ocorrer nas IES brasileiras: a adoção do inglês como meio de ensino.

A língua inglesa no contexto acadêmico

A importância das LAs no ensino superior, especialmente o inglês, já é de reconhecimento consolidado. Universidades de todo o mundo, incluindo as localizadas em países anglófonos, oferecem cursos de Inglês para Fins Acadêmicos (IFA) desde a década de 1960 (Howatt, 1984).

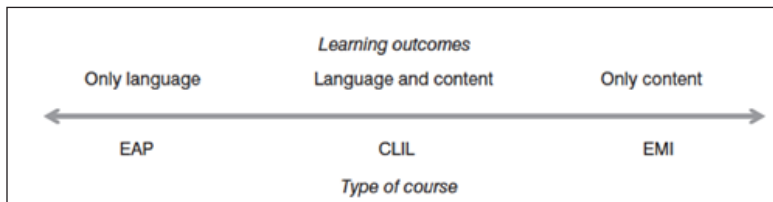
O campo de IFA floresceu, em grande parte, devido ao número crescente de alunos que estudam em universidades cuja língua de instrução é o inglês, bem como em função do aumento de publicações em língua inglesa. O IFA concentra-se no ensino e aprendizagem de inglês acadêmico e principalmente nas habilidades de leitura e escrita. Os cursos são ministrados por tutores ou por professores de inglês especializados em linguagem acadêmica. Esse campo de aprendizagem nem sempre é específico para cada área de conhecimento, ou seja, frequentemente, alunos de diversas disciplinas participam da mesma aula.

Nos últimos anos, os programas de língua e conteúdo integrados cresceram em popularidade em países os quais o inglês não é a língua dominante. Com isso, os estudos na área de Educação e Linguística Aplicada têm produzido um número de abordagens relacionadas ao ensino e aprendizagem de conteúdo por meio do inglês ou de outras LAs. Do mesmo modo, surgem diferentes termos para referi-las, tais como *Content and Language Integrated Learning*² (CLIL) – que é considerado um termo genérico (Airey, 2016), *Integrated Content Learning*³, *Content Based Learning*⁴, *Immersion Programs*⁵ e, em particular, *English as a Medium of Instruction* (EMI). Esses termos aludem a modelos relativamente semelhantes

de instrução baseada no ensino de conteúdos sem fronteiras delimitadas. Tais modelos, por sua vez, não são baseados em diferentes teorias de aprendizagem, como lembra Dalton-Puffer (2012), mas em entendimentos distintos acerca de associações mais ou menos próximas entre língua e conteúdo.

Airey (2016) propõe um *continuum* de abordagens de conteúdo e linguagem, como mostra a Figura 1.

Figura 1 - O contínuo língua / conteúdo



Fonte: Airey, 2016, p. 73.

No lado esquerdo do diagrama, existem cursos de IFA, que, como já mencionado, estão focados estritamente no ensino da língua. Entre os dois extremos, temos os cursos CLIL, que estabelecem objetivos de ensino de idioma e conteúdo de modo integrado. Os cursos que adotam EMI têm objetivos de aprendizado relacionados especificamente ao conteúdo acadêmico em suas ementas (Airey, 2016, p. 73), podendo ser o aprendizado de idiomas um subproduto, não o foco principal. No entanto, Airey (2016) defende que língua e conteúdo estão totalmente conectados e, portanto, não podem ser separados. Além dessas diferenças teóricas, no contexto europeu, existe a tendência de usar o rótulo CLIL para se referir ao ensino de língua e conteúdo no ensino fundamental e médio, enquanto EMI tem sido prevalente no ensino superior, em cenários os quais o inglês não é a língua dominante. Do mesmo modo, nas IES brasileiras, o termo EMI vem sendo a denominação de maior uso para ofertas de atividades acadêmicas em inglês.

Para nos aproximarmos do contexto brasileiro, a fim de mapear informações sobre as disciplinas ministradas em EMI em uma ampla variedade de programas, cursos e atividades extracurriculares oferecidas pelas IES do país, um questionário eletrônico foi enviado para 270 IES (Gimenez *et al.*, 2018), dentre as quais 66 relataram ter alguma atividade EMI em seu *campus*. Uma visão mais refinada dos dados pode ser vista na tabela abaixo:

Tabela 1 - Programas, cursos e atividades em inglês e português para estrangeiros

	2017	2018.1	2017-2018.1	2018.2/2019	AVERAGE	
					TOTAL	(2017-2018.1)
Full undergraduate programme	1	1	2		2	1
Full postgraduate programme	5	5	10		10	5
Undergraduate courses	258	212	470	147	617	235
Postgraduate courses	537	275	812	77	889	406
Extracurricular courses			274	1	275	274
Not specified				7	7	
Other activities in English			90		90	90
Sub-total - English	801	493	1,294	228	1,890	1,011

Fonte: Gimenez *et al.*, 2018, p. 18.

A tabela acima apresenta o tipo de atividade oferecida em inglês. O que se destaca é que, à época da pesquisa, apenas um programa de graduação e cinco de pós-graduação ofereciam o idioma no país. Em relação aos cursos, havia apenas 235 cursos de graduação e 406 de pós-graduação ministrados em inglês. Apesar dos números baixos, houve um aumento substancial em relação a 2016, quando havia apenas 197 cursos de graduação e 44 de pós-graduação sendo ofertados em língua inglesa (Gimenez *et al.*, 2018). No geral, esses resultados indicam que, embora o ensino por EMI tenha crescido no Brasil, ele ainda está em seu estágio embrionário.

Em uma pesquisa de larga escala, conduzida por Baumvol (2018)⁶, com mais de 5.000 professores universitários brasileiros, verificou-se que apenas 13,5% dos professores afirmaram já ter ministrado algum tipo de atividade acadêmica em língua inglesa (Marengo, 2019). Outro dado importante refere-se à principal motivação para a prática do EMI. Diferentemente da nossa expectativa, que seria a atração de alunos estrangeiros, os professores expressaram que melhorar a proficiência dos alunos brasileiros seria a principal razão (63,9% dos respondentes) para a adoção do ensino acadêmico em língua inglesa. Em segundo lugar, vem a atração de alunos estrangeiros (55,4%) e, logo em seguida, temos a possibilidade de o próprio professor aprimorar sua proficiência na língua inglesa (54,9%) (Marengo, 2019). Dessa forma, parece haver um entendimento de que mais possibilidades de prática no idioma inglês são necessárias para que os próprios brasileiros possam circular mais livremente em espaços os quais essa língua se faz necessária.

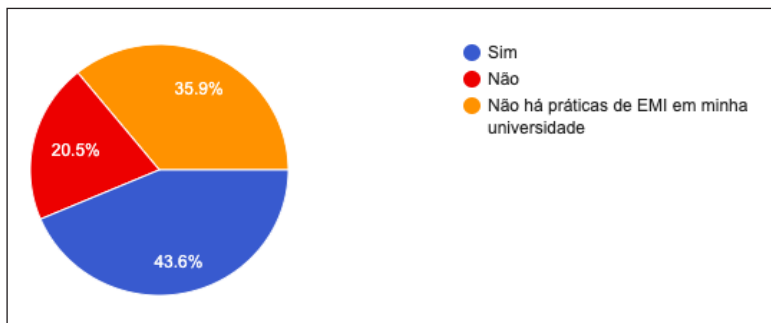
O IsF e as ações de inglês como meio de instrução nas universidades públicas

Para entender se há uma possível relação entre as ações do IsF e as práticas de EMI⁷ nas universidades públicas, um questionário eletrônico foi enviado aos coordenadores IsF de 140 IES participantes do Programa. Um total de 39 respostas foi recebido. Foram realizadas perguntas fechadas e obrigatórias, além daquelas facultativas.

A primeira pergunta buscava verificar se o coordenador IsF tinha participação nas atividades de EMI da IES de que faz parte.

- Você tem alguma relação com as iniciativas de English as a Medium of Instruction (EMI) em sua Universidade?

Gráfico 1 - Respostas de coordenadores ISF sobre suas relações com as iniciativas de *English as a Medium of Instruction (EMI)* nas universidades em que trabalham



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Nota-se que aproximadamente 44% dos coordenadores ISF afirmam ter algum tipo de relação com as práticas EMI na universidade, sendo que cerca de 36% reportaram não existir essas práticas em suas instituições e apenas 20% não possuem relação com atividades de EMI em desenvolvimento na IES.

Aos participantes que afirmaram estar envolvidos com EMI foi solicitado que detalhassem seus papéis nessas práticas. Essa pergunta, por sua vez, não possuía respostas preestabelecidas.

As categorias emergiram a partir da leitura minuciosa de todas as respostas abertas. Os resultados dos dados foram os seguintes:

1. capacitação linguística;
2. ensino e pesquisa em EMI;
3. políticas linguísticas;
4. ensino em inglês;
5. incentivo aos cursos EMI;
6. formação de professores interessados em ministrar disciplinas em inglês.

Capacitação linguística foi a categoria mais emergente, uma vez que o ensino de inglês é o objetivo principal do IsF, e os coordenadores dos núcleos do Programa desenvolvem os professores bolsistas, sob suas supervisões, qualificando-os para o ensino. No entanto, é interessante realçar, também, a emergência de esforços que vão além do aporte linguocêntrico, da ordem não apenas do ensino, mas também de pesquisa em EMI, assim como da organização de políticas linguísticas, para formalizar o trabalho de internacionalização relacionado à LA inglesa. Algumas respostas ilustrativas podem ser vistas a seguir:

Orientei o estudo de práticas de EMI, teorias, elaboração e oferta de cursos-piloto de EAP, preparatório para EMI e depois criação e oferta de cursos preparatórios para EMI juntamente com nossa equipe IsF local. Divulgamos amplamente a oferta entre docentes da instituição e tivemos vários participantes. Pedimos *feedback* e escrevemos artigo sobre todo esse processo.

Trabalho diretamente com os professores IsF na oferta dos cursos preparatórios EMI, faço pesquisa nessa área, oriento trabalho de IC (Iniciação Científica) nessa área e já oferto disciplinas EMI em nível de graduação.⁸

Coordeno um projeto iniciado em 2019 que visa diagnosticar experiências de EMI na IES bem como interesses e demandas por EMI, para propor ações de formação e acompanhamento.

Fizemos evento e convidamos palestrantes para falar sobre o EMI. Propusemos curso com estudante internacional na área de marketing via IsF. Estamos articulando para oferecer disciplinas em inglês.

A segunda pergunta do questionário eletrônico (múltipla escolha e obrigatória) teve a finalidade de identificar a influência do IsF sobre o conhecimento dos coordenadores a respeito do tema:

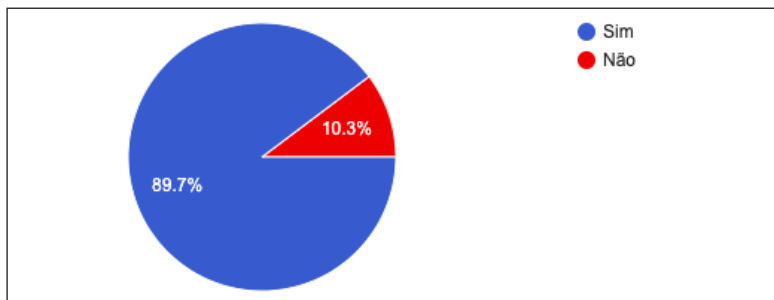
- O Idiomas sem Fronteiras teve alguma influência no seu conhecimento sobre EMI?

Dentre os 39 respondentes, 25 coordenadores (64% dos participantes) afirmam que foi através de palestra ministrada em encontro de coordenadores IsF que conheceram a abordagem EMI ou, pelo menos, tiveram oportunidade de aprofundar seus conhecimentos sobre o assunto. Os outros 36% responderam não ter tido influência do IsF.

A última pergunta obrigatória do levantamento solicitava que os participantes analisassem a possibilidade de conectar o IsF à adoção de EMI nas universidades:

- É possível relacionar o IsF à prática de EMI nas universidades brasileiras? Justifique sua resposta.

Gráfico 2 - Respostas dos coordenadores IsF sobre a possibilidade de relacionar o IsF à prática de EMI nas universidades brasileiras



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Foram obtidas 39 respostas, entre as quais 90% dos participantes afirmaram ser possível relacionar o IsF à prática de EMI nas instituições de ensino superior brasileiras, enquanto 10% disseram não ser possível estabelecer tal conexão.

Para a pergunta aberta sobre a justificativa que dariam a tal relação, obtivemos as seguintes categorias, após a codificação das contribuições dos respondentes:

1. expansão de discussões sobre internacionalização para toda a universidade;
2. oferta de cursos e capacitação em EMI para professores;
3. instrumentalização dos alunos para que possam promover trocas de ideias e participar de projetos de pesquisa no exterior;
4. acesso ao conhecimento acadêmico em inglês para além do inglês geral.

A categoria “expansão de discussões sobre internacionalização para toda a universidade” foi a mais frequentemente mencionada. Parece-nos relevante notar que tal resposta denota um caráter de maior amplitude para a penetração do Programa IsF nas IES do que as atividades estritamente de formação linguística. Afinal, destaca-se um aspecto de influência reflexiva. Por outro lado, também cumpre ponderar que a adoção de EMI não está especificamente contida em tais discussões, mas pode estar relacionada. Os excertos abaixo exemplificam essas contribuições:

Creio que o programa IsF tornou toda a comunidade acadêmico-científica mais sensibilizada para questões de desenvolvimento linguístico em outras línguas e de internacionalização.

Sim, o IsF já oferta cursos para docentes que abordam as questões relacionadas à EMI. Isso é essencial para que o movimento de internacionalização comece de alguma maneira.

Com toda a certeza! O Programa Idiomas sem Fronteiras tem feito as universidades discutirem as línguas e a internacionalização.

Creio que sim, pois, através do IsF, com a internacionalização, os futuros profissionais que se formam em nossas universidades

devem utilizar o inglês para promover uma troca de ideias e informações no ambiente acadêmico, principalmente fora do Brasil, tanto no campo da pesquisa e participação em projetos no exterior.

Certamente. Isso se deve ao fato de que através do IsF é que a comunidade universitária teve conhecimento e acesso a disciplinas de teor acadêmico, para além de General English, mediados em língua inglesa.

Conforme registrado anteriormente, com a pesquisa, buscamos verificar uma possível relação entre as ações do IsF e a prática de Inglês como Meio de Instrução nas universidades públicas do país, pela percepção dos coordenadores. Para além do que as evidências quantitativas acima ratificam, a análise das respostas abertas dos respondentes também reforça a consolidação de uma conexão. Assim sendo, se um direcionamento para fomentar práticas de EMI não era específico dos objetivos iniciais do Programa – afinal pouquíssimo se falava em EMI no Brasil à época da criação do IsF – por extensão, acabou se consolidando. Podemos ponderar que tenha sido efeito de uma conjugação entre ações variadas em prol da internacionalização das IES nacionais, aliadas à produtividade da rede IsF em coconstruir e atender tais ações.

Considerações finais

Mas por que a adoção de EMI seria importante no contexto do Brasil, onde o inglês não é a língua majoritária? Dentre outros motivos, porque, potencialmente, o uso do idioma em situação em que os docentes não são professores de língua e, portanto, não incluem em suas agendas propósitos corretivos relacionados à forma cria um ambiente de promoção de práticas sociais legítimas, em que os indivíduos estão focados em mobilizar recursos comunicativos para coconstruir conhecimentos acadêmicos. Em

tais cenários, aprende-se língua por acréscimo e não como finalidade em si. Além disso, a adoção de EMI é capaz de conduzir a outros eventos de aprendizagem acadêmica autênticos, tais quais a participação em MOOCs (*Massive Open Online Courses*), em COILs (*Collaborative Online International Learning*) e em trocas com parceiros de pesquisa internacionais. Ou seja, sustentamos que as práticas eletivas de EMI adotadas pelas comunidades de alunos das IES brasileiras são capazes de torná-los melhores interagentes, em função das oportunidades de participação que oferecem.

No entanto, para que tais instâncias de uso da linguagem possam se consolidar e render participação legítima e empoderamento em nossas comunidades acadêmicas, destacamos o papel propulsor do IsF para construir, previamente, as bases linguísticas dos participantes. Para tanto, faz-se preponderante manter as principais linhas de ação do programa, quais sejam:

1. aplicação de testes de proficiência;
2. provisão de cursos on-line;
3. oferta de cursos presenciais e, especialmente;
4. oportunidades de formação docente⁹.

Do mesmo modo, defendemos que oferecer aulas de inglês focadas no letramento acadêmico geral, como é feito no Programa, é essencial para (1) potencializar a ampliação da adoção do ensino acadêmico pela língua inglesa, em um contexto em que o idioma não é dominante, como no caso do Brasil e para (2) garantir que a adoção EMI esteja a serviço de promover novas oportunidades de inclusão. Além disso, conforme as respostas do questionário adotado para verificar correlação entre IsF e práticas de ensino acadêmico pelo uso da língua inglesa, o IsF parece também ter outro papel ativo na promoção de EMI no país. Para além da oferta de cursos de línguas e de aplicação de testes de proficiência, a

comunidade participante reconhece no Programa um papel propulsor de reflexões acerca dos processos de internacionalização.

Por fim, correntemente, no Brasil, como mostrado em Gimenez *et al.* (2018), a adoção de EMI tem acontecido por meio de iniciativas isoladas de professores. Frequentemente, esses professores têm ampla experiência em seus campos de especialização, mas contam com poucas oportunidades de reflexão sobre suas práticas de ensino ou mesmo de participação em formações pedagógicas no geral. Dessa maneira, o possível estabelecimento de parcerias entre professores de línguas e professores de conteúdo especializado pode criar ambientes mais propícios para as boas práticas de ensino acadêmico, uma vez que professores de línguas agregam formação metodológica à sua bagagem de conhecimentos, diferentemente da maior parte dos docentes das demais áreas acadêmicas, e estão em posição ótima para promover o uso de práticas que destaquem o papel do aluno como ator central da aprendizagem acadêmica.

Notas

- ¹ Entendida aqui como “o processo intencional de integrar as dimensões internacionais, interculturais ou globais aos propósitos, funções e ofertas da formação superior, a fim de aprimorar a qualidade da educação e da pesquisa para membros das comunidades acadêmicas e contribuir significativamente para a sociedade” (De Witt *et al.*, 2015, p. 29, tradução nossa).
- ² Língua e Conteúdo Integrado.
- ³ Aprendizagem de Conteúdo Integrado.
- ⁴ Instrução baseada no Conteúdo.
- ⁵ Programas de Imersão.
- ⁶ Trata-se de uma pesquisa maior de doutorado que buscou conhecer as práticas de uso da língua inglesa por professores universitários brasileiros (Baumvol, 2018).
- ⁷ Adotamos o termo *práticas de EMI* (grifo nosso) por nos afinarmos com a concepção de que as orientações adotadas nas IES referidas são múltiplas e compreendem uma variedade de procedimentos.

- ⁸ Cabe problematizar, no entanto, o que o participante em questão compreende por EML, já que os coordenadores IsF são professores de língua ou literatura e a adoção dessa abordagem serve aos propósitos do desenvolvimento de outras áreas acadêmicas.
- ⁹ Vide Kirsch (2019) para análise acerca do efeito retroativo de práticas de formação docente promovidas pelo Programa IsF.

Referências

AIREY, J. Content and language integrated learning (CLIL) and English for academic purposes (EAP). In: HYLAND, K.; SHAW, P. (ed.). *Routledge handbook of English for academic purposes*. London: Routledge, 2016. p. 71-83.

BAUMVOL, L. K. *Language practices for knowledge production and dissemination: the case of Brazil*. 2018. 270 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

DALTON-PUFFER, C. A postscript on institutional motivations, research concerns and professional implications. *AILA Review*, n. 25, p. 101-103, 2012.

DE WITT, H. et al. (ed.). *Internationalisation of Higher Education*. Brussels: European Parliament, Directorate-General for Internal Policies, 2015.

GIMENEZ, T. et al. *Guide to English as a medium of instruction in Brazilian Higher Education institutions 2018-2019*. [S. l.]: British Council/Faubai, 2018. Disponível em: <http://faubai.org.br/britishcouncilfaubaiguide2018.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2020.

HOWATT, A. P. R. *A history of English language teaching*. Oxford: Oxford University Press, 1984.

KIRSCH, W. Processos de internacionalização e seus legados involuntários: o caso da formação de professores de inglês como língua adicional dos centros de língua inglesa do programa Idiomas sem Fronteiras. *Organon*, v. 34, n. 66, 2019.

BRASIL. Idiomas sem Fronteiras. 2012b. Disponível em: <http://isf.mec.gov.br/>. Acesso em: 17 dez. 2020.

BRASIL. Portaria nº 1.466, de 18 de dezembro de 2012. Institui o Programa Inglês sem Fronteiras. *Diário Oficial da União*, Brasília, 19 dez. 2012a.

MARENCO, L. H. F. *EMI no ensino superior brasileiro: um estudo da percepção de docentes*. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

MUÑOZ, C. *Intensive exposure experiences in second language learning*. London: Multilingual Matters, 2012.

SARMENTO, S.; ABREU-e-LIMA, D. M.; MORAES, W. B. *Do Inglês sem Fronteiras ao Idiomas sem Fronteiras: a construção de uma política linguística para a internacionalização*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016.

WINDLE, J; NOGUEIRA, M. A. The role of internationalisation in the schooling of Brazilian elites: distinctions between two class fractions. *British Journal of Sociology of Education*, v. 36, n. 1, p. 174-192, 2015.

SOBRE OS AUTORES

DENISE MARTINS DE ABREU-E-LIMA (org.) – Presidente do Programa Idiomas sem Fronteiras, Coordenadora Nacional da Rede Andifes IsF e docente da UFScar.

WALDENOR BARROS MORAES FILHO (org.) – Vice-presidente de Tecnologias de Ensino de Línguas do Programa Idiomas sem Fronteiras, Coordenador Nacional de Ensino de Línguas e Tecnologia da Rede Andifes IsF e docente da UFU.

CHRISTINE NICOLAIDES (org.) – Coordenadora pedagógica da Rede Andifes IsF e docente da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

GLADYS QUEVEDO-CAMARGO (org.) – Coordenadora pedagógica da Rede Andifes IsF-UnB e docente da UnB.

ELAINE MARIA SANTOS (org.) – Coordenadora-geral do Idiomas sem Fronteiras do NuLi-UFS, Coordenadora Nacional de Língua Inglesa da Rede Andifes IsF e docente da UFS

ADRIANA DE CARVALHO KUERTEN DELLAGNELO – Coordenadora Pedagógica Nacional a Distância junto ao Núcleo Gestor do Programa Idiomas sem Fronteiras e docente da UFSC

Ákila Júnia Arruda Arcanjo – Ex-professora bolsista IsF-NuLi da UFV e tutora do Curso de Desenvolvimento Profissional IsF-Inglês.

ANA CAROLINA BASTOS – Atuação no IsF-UFPB e docente da UFPB.

ANA LUIZA PIRES DE FREITAS – Coordenadora do Idiomas sem Fronteiras do NuLi da UFCSPA, Coordenadora Pedagógica da Rede Andifes IsF-UFCSPA e docente da UFCSPA.

ANA RAQUEL AIRES MONTENEGRO – Consultora do Núcleo Gestor IsF e analista de sistemas.

AVRAM STANLEY BLUM – Coordenador de Ações e Fluxos do IsF-Inglês no Núcleo Gestor IsF, Coordenador Geral do Idiomas sem Fronteiras do NucLi da UnB, Coordenador Pedagógico da Rede Andifes IsF-UnB e docente da UnB.

BEATRIZ GAMA RODRIGUES – Coordenadora-Geral do Idiomas sem Fronteiras do NucLi da UFPI, Coordenadora Pedagógica Geral da Rede Andifes IsF-UFPI e docente da UFPI.

EVA CAROLINE DA CUNHA – Coordenadora-Geral do Idiomas sem Fronteiras do NucLi da UFPE, Coordenadora Pedagógica Geral da Rede Andifes IsF-UFPE e docente da UFPE.

GABRIELA ROSSETTI MONTINI – Consultora do IsF e docente do IFSULDEMINAS.

JUNIA DE CARVALHO FIDELIS BRAGA – Coordenadora pedagógica nacional a distância junto ao Núcleo Gestor do Programa Idiomas sem Fronteiras, Coordenadora Pedagógica da Rede Andifes IsF e docente da UFMG.

LAURA K. BAUMVOL – Docente na University of British Columbia.

MARIANA PÉREZ – Ex-coordenadora-geral do IsF da UFPB, Coordenadora Pedagógica da Rede Andifes IsF e docente da UFPB.

MARINE LAÍSA MATTE – Ex-professora IsF-Inglês e doutoranda pela UFRGS.

MÁRIO NUNES – Consultor do Núcleo Gestor e mestre em Linguística Aplicada pela Unicamp.

MATEUS MARIANO DUARTE MARQUES – Ex-professor bolsista IsF-NucLi UFU e tutor do Curso de Desenvolvimento Profissional IsF-Inglês.

RODRIGO BELFORT GOMES – Coordenador pedagógico do Idiomas sem Fronteiras-Inglês do NucLi da UFS, Coordenador Pedagógico da Rede Andifes IsF-UFS e docente da UFS.

SÉRGIO IFA – Coordenador-geral do Idiomas sem Fronteiras do NucLi da UFAL, Coordenador Pedagógico Geral da Rede Andifes IsF-UFAL e docente da UFAL.

SIMONE SARMENTO – Ex-presidente do IsF-Inglês, ex-coordenadora-geral do Idiomas sem Fronteiras do NucLi da UFRGS, Coordenadora Pedagógica da Rede Andifes IsF-UFRGS e docente da UFRGS.

TATIANA VASCONCELOS BRICK – Consultora do Núcleo Gestor e mestranda vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Letras e Linguística da UFU.

VALESKA VIRGÍNIA SOARES DE SOUZA – Coordenadora Pedagógica Nacional a Distância junto ao Núcleo Gestor, Coordenadora Pedagógica da Rede Andifes IsF-UFU e docente da UFU.

VÂNIA SOARES BARBOSA – Coordenadora Pedagógica do Idiomas sem Fronteiras-Inglês do Núcleo da UFPI, Coordenadora Pedagógica da Rede Andifes IsF-UFPI e docente da UFPI.

VIRGILIO PEREIRA ALMEIDA – Vice-presidente do IsF-Inglês e docente da UnB.

VIVIANE BAGIO FURTOSO – Vice-presidente do IsF-Português, Coordenadora Nacional de Língua Portuguesa da Rede Andifes IsF e docente da UEL.

WILLIAM KIRSCH – Ex-coordenador pedagógico IsF-Inglês e docente da UFCS-PA.

A presente edição foi composta pela Editora UFMG e impressa pela Imprensa Universitária UFMG, em sistema offset, papel offset 90g (miolo) e cartão supremo 300g (capa), em outubro de 2021.